

2º CICLO DE ESTUDOS

HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

A sacristia do convento de São Francisco de Olinda

Rafael Ferreira Costa

M

2017



Rafael Ferreira Costa

A sacristia do convento de São Francisco de Olinda

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa, orientada pela
Professora Doutora Ana Cristina Correia de Sousa.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Novembro de 2017

A sacristia do convento de São Francisco de Olinda

Rafael Ferreira Costa

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa, orientada pela
Professora Doutora Ana Cristina Correia de Sousa.

Membros do Júri

Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Leonor César Machado de Sousa Botelho
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Ana Cristina Correia de Sousa
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 19 valores

Sumário

Agradecimentos.....	8
Resumo.....	10
Abstract	11
Índice de ilustração	12
Índice de tabelas	16
Introdução	17
1. O convento de Olinda.....	37
1.1 Brasil: da fortuna açucareira aos conflitos indígenas.....	39
1.2 O padroado no Brasil colonial.....	42
1.3 Jesuítas e franciscanos no Brasil	45
1.4 As fundações do Nordeste brasileiro.....	53
1.5 A estrutura conventual franciscana de Olinda.....	55
1.6 A “escola arquitetônica franciscana”	65
2 A sacristia.....	74
2.1 Os corredores de acesso	74
2.2 A estrutura da sacristia do convento	92
2.3 A função da sacristia	96
2.4 Os sacramentos	101
2.5 O sacristão e o ritual que envolve a sacristia	105
2.6 A evolução da sacristia: Momento pré-tridentino	110
2.7 O Concílio de Trento.....	113
2.8 A sacristia em Portugal na Época Moderna	114
3 O aparato artístico da sacristia	118
3.1 A ornamentação barroca	120
3.2 O lavabo e a purificação do corpo.....	121
3.3 O oratório: Paixão e meditação	123
3.4 O mobiliário: monumentalidade e preparação	127
3.4.1 A mesa central.....	127
3.4.2 O amituário-contador	128
3.4.3 O arcaz	132
3.5 A azulejaria: hagiografia e decoração	141
3.6 O teto: hagiografia franciscana e iconografia mariana.....	151

3.6.1 As pinturas octogonais	157
3.6.2 As pinturas losangulares	165
3.7 O conjunto da sacristia: o jardim da memória espiritual.....	170
Considerações finais.....	194
Referências bibliográficas	200
Fontes impressas	200
Bibliografia	202
Apêndices	210

Agradecimentos

Agradeço às forças divinas, que guiaram meus caminhos para que alcançasse esse momento de minha vida. Em especial, a São Francisco de Assis, cujo comprometimento com a sua fé permitiram, não só para esta dissertação, como para a expansão de seus princípios pelo mundo. Aos meus familiares e amigos que estiveram presentes durante esse processo e principalmente aos meus pais, Marcos Roberto Nunes Costa e Rosilda Silva Ferreira, por terem investido e me dado todo apoio necessário para que eu alcançasse esse momento. Sem eles, não seria possível estar aqui.

Agradeço a Portugal e aos portugueses que me receberam com todo respeito e hospitalidade. Em especial a José Meirinhos e Zilda Costa, que me acolheram e apadrinharam minha estadia. Aos meus colegas de turma que acompanharam esse processo junto comigo e me auxiliaram nas dificuldades e adaptações a esse novo mundo. Agradeço também aos meus professores, que ampliaram meus horizontes e abriram portas para novos conhecimentos. Em especial, agradeço ao Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, cuja atividade de inventariação das igrejas de Olinda, para sua disciplina de História da Arquitetura Moderna, me levaram a redescobrir o convento de São Francisco de Olinda. Ao mesmo professor, ainda é necessário ressaltar o apoio no momento inicial, quando este trabalho ainda era um projeto, e que muito contribuiu com informações e direcionamentos para o prosseguimento deste trabalho. Agradeço a Professora Doutora Ana Cristina Correia de Sousa, que, com paciência e exemplaridade, esteve a me ajudar nessa longa jornada. Sua dedicação e atenção foram essências para que esse trabalho alcançasse sua qualidade e me mantivesse confiante de que estaria seguindo pelo caminho certo.

Agradeço por fim, a todas as instituições que me acolheram e se disponibilizaram a me ajudar. O convento de São Francisco de Olinda que me permitiu acessar seu interior, assim como o convento de Santo Antônio do Recife, onde Frei Marcos Almeida, com humildade e simpatia, ofereceu indicações e esclareceu dúvidas

sobre o convento. Aos autores que consultei, por terem realizado suas obras. Sem elas não poderia realizar minha investigação. Em especial, agradeço a disponibilidade da Professora Doutora Bartira Ferraz, pelas orientações e sugestões, assim como a liberação de suas pesquisas para que eu obtivesse mais informações.

Resumo

Patrimônio de referência da cidade de Olinda, o convento de São Francisco constitui um conjunto artístico da maior valia que merece um estudo mais aprofundado. Primeiro convento da Ordem no Brasil reflete a prodigiosa arte religiosa franciscana luso-brasileira. Seu conjunto arquitetônico, pictórico, azulejar entre outros, preserva marcas da arte barroca no país. O enfoque dado à sua sacristia, nesta dissertação, resulta de opções sensíveis à qualidade artística da peça e à escassez de estudos relacionados com estes espaços. Este trabalho se divide em três momentos fundamentais que partem de temas gerais para específicos: contextualização político-social e geográfica da presença dos franciscanos na antiga vila pernambucana; o desenvolvimento arquitetônico-litúrgico da sacristia e a integração do aparato artístico no interior da mesma na igreja de Nossa Senhora das Neves de Olinda.

Palavras-chave: Olinda; Convento de São Francisco; Sacristia; Barroco; Iconografia.

Abstract

The convent of San Francisco - a reference patrimony of the city of Olinda - is an artistic set with the greatest value, deserving a further study. The first convent of the Order in Brazil reflects the prodigious luso-brazilian franciscan religious art. Its architectural, pictorial, tile sets, among other ones, preserves baroque art in the country. The focus given to its sacristy, in the dissertation, results from the sensitive options to the artistic quality of the piece, and to the scarcity of studies related to these rooms. This work is divided into three fundamental moments for relatives from general to specific themes: geographic and political-social contextualization of the presence of the franciscans in the old village of Pernambuco; the architectural-literary development of the sacristy and an integration of the not interior artistic apparatus of the sacristy in Our Lady of the Snow Church.

Keywords: Olinda; Convent of San Francisco; Sacristy; Baroque; Iconography.

Índice de ilustração

Figura 1 - Mapa de Olinda de Johannes Vingboons com indicação das ruas e edifícios civis e religiosos.....	38
Figura 2 – Delimitação do Estado do Grão Pará e Maranhã e do Estado do Brasil	53
Figura 3 – Localização dos conventos da Custódia de Santo Antônio do Brasil, situado-os nos respectivos Estados.	54
Figura 5 – Planta baixa do térreo do convento de São Francisco de Olinda	56
Figura 7 – Planta baixa do segundo piso do convento de São Francisco de Olinda	57
Figura 8 – Claustro do convento de São Francisco de Olinda.....	59
Figura 9 – Capela de Santana do convento de São Francisco de Olinda.....	60
Figura 10 – Sala do Capítulo do convento de São Francisco de Olinda	61
Figura 11 – Mirante do convento de São Francisco de Olinda, vista leste (a) e oeste (b). .	62
Figura 12 – Antigo refeitório (a) do convento e sua pia de lavar as mãos (b).	62
Figura 13 – Sala de estudos do convento de São Francisco de Olinda	63
Figura 14 – Igreja de Nossa Senhora das Neves do convento de São Francisco de Olinda	64
Figura 15 – Capela de São Roque da Ordem Terceira.	64
Figura 17 - Claustro franciscano de Igarauçu. Frans Post, meados do século XVII.....	67
Figuras 18 – Conventos franciscanos do Nordeste.....	73
Figura 19 – Pormenor da planta do Corredor Nobre (1), Corredor dos Mortos (2), sala de depósito (3), escadaria (4), capela-mor (5) e sacristia (6) da Igreja de Nossa Senhora das Neves..	75
Figuras 20 – Corredor dos Mortos (a) e túmulos de frades franciscanos (b)	76
Figuras 21 – Sala abaixo do trono do retábulo (a) e pormenor de azulejos desprendidos de paredes do convento (b).....	76
Figura 22 – Corredor Nobre.	77
Figura 23 – Azulejos do Corredor Nobre: homem com instrumento (a); homem a pescar (b) e homem com cesto (c).....	78
Figura 24 - Viajante montado em cavalo e seu escudeiro. Azulejos do Corredor Nobre ...	79
Figura 26 - Mãe e filhos junto de um lago. Azulejos do Corredor Nobre.....	81
Figura 27 – Pia de água benta do Corredor Nobre	82
Figura 28 – Pormenor do interior da pia de água benta do Corredor Nobre	82
Figura 29 – Retrato do Papa Sisto IV do Corredor Nobre do convento de São Francisco de Olinda	83

Figura 30 – Retrato do Papa Nicolau IV (a) com pormenores do brasão (b), rosto (c) e nome de batismo (d)	85
Figura 31 – Retrato do Papa Alexandre V(a) com pormenores do brasão (b), rosto (c) e nome de batismo (d)	88
Figura 32 – Retrato do Papa Sisto V(a) com pormenores do brasão (b), rosto (c) e nome de batismo (d).....	89
Figura 33 – Escadaria do convento de São Francisco de Olinda.....	91
Figura 34 – Azulejos de tapete, padrão de “massaroca”	91
Figura 35 – Parede leste da sacristia do convento de São Francisco de Olinda.....	93
Figura 36 – Piso cerâmico da sacristia.	94
Figura 37 – Abcides da sacristia do convento de São Francisco de Olinda com lavabo ao sul (a) e oratório ao norte (b).	95
Figura 38 – Atual sacristia do convento de São Francisco de Olinda.	96
Figura 39 – Localização geral das sacristias em relação ao corpo das igrejas e, em específico, das sacristias em relação a cabeceira.....	115
Figura 40 – Sacristia do convento de São Francisco de Olinda vista para o norte. Fotografia do autor.	119
Figura 41 – Planta da sacristia com indicação da localização das suas peças.....	119
Figura 42 – Pormenor do lavabo da sacristia do convento de São Francisco de Olinda...	122
Figura 43 – Lavabo da sacristia do convento de São Francisco de Olinda e lavabo da sacristia da Ordem Terceira do convento de Santo Antônio de Recife.	122
Figura 44 – Oratório com imagem de Bom Jesus da Coluna, presente na abside norte da sacristia do convento de São Francisco de Olinda	124
Figura 45 – Mesa octogonal da sacristia do convento de São Francisco de Olinda.....	128
Figura 46 – Armário-contador da sacristia do convento de São Francisco de Olinda	129
Figura 47 – Pormenor das almofadas do armário-contador.	131
Figura 48 – Pormenor de portas do armário-contador abertas	131
Figura 49 – Ático do armário-contador.	132
Figura 50 – Arcaz da sacristia do convento de São Francisco de Olinda.....	134
Figura 51 – Almofadas do arcaz.....	135
Figura 53 – Puxador oval do arcaz.	137
Figura 54 – Pinturas de São José (a) e Virgem Maria com Menino Jesus (b) do arcaz ...	138
Figura 55 – Espelho do arcaz.	139
Figura 56 – Altar em talha dourada no centro do arcaz.....	141
Figura 58 – Pannel de azulejo de <i>Aparição do Menino Jesus a Santo Antônio</i>	143

Imagem 59 – Painéis de azulejos hagiográficos da sacristia do convento de São Francisco de Olinda, onde se delimitam os volumes da composição das cenas de São Francisco recebendo os estigmas do Cristo Seráfico e do Menino Jesus aparecendo a Santo Antônio	145
Figura 60 – (a) <i>Estigmatização de São Francisco</i> . Gentile da Fabriano; (b) <i>São Francisco recebe os estigmas</i> . Ludovico Cigoli.....	146
Figura 61 - <i>Santo António de Pádua com Menino Jesus</i> . Giambattista Tiepolo.....	148
Figura 62 – Azulejos acima da porta sul (acesso ao Corredor Nobre) da sacristia do convento de São Francisco de Olinda.....	149
Figura 64 – Pormenor de azulejo dos transeuntes na sacristia	151
Figura 65 – teto da nave da Igreja de Nossa Senhora de Olinda e teto da Capela de São Roque da Ordem Terceira de Olinda.....	153
Figura 66 – Modelo do programa seguido no teto da sacristia franciscana de Olinda.....	154
Figura 67 – Modelo de Sebastiano Serlio para teto em caixotão de ordem compósita.....	154
Figura 68 – Pormenor dos buquês de flores do teto em caixotões da sacristia	155
Figura 69 – Teto em caixotões da sacristia do convento de São Francisco de Olinda.....	156
Figura 70 – esquema do teto da sacristia com a indicação das pinturas no espaço.....	157
Figura 71 – Painéis de azulejo e pintura do teto da sacristia, de acordo com a distribuição no espaço, formando o arco Natividade (b), Paixão (a) e Altar (c).....	172
Figura73 – Pormenor da pintura <i>Presépio de Greccio</i>	174
Figura 75 – Pormenor da natureza morta 2, com rosas, cravos, tulipas, jasmims, geniparanas etc	176
Figura 76 – Geniparanas (<i>Gustavia Augusta</i>).	176
Figura77 – Pormenor da pintura <i>Palavras pias convertidas em rosas</i>	178
Figura 78 – Pormenor do demônio com a cobra enrolada ao pescoço na cena <i>O demônio da ganância</i>	179
Figura80 – Pormenor da Virgem conversando com frei Conrado de Ancona na cena <i>A fraternidade franciscana</i>	182
Figura 81 – Pormenor do possível São Bernardo com mitra e hábito franciscano acima do altar da Virgem na cena da <i>Oração aos santos</i>	183
Figura 82 – Pormenor dos santos e santas da Igreja reunidos no céu na cena da <i>Oração aos santos</i>	183
Figura 83 – Pormenor da Virgem com dois Frades Menores e paisagem da cena <i>As missões franciscanas</i>	184
Figura 84 – Pormenor da cena <i>O ataque aos franciscanos</i>	185
Figura 85 – Pormenor da cena do <i>Incêndio de Olinda</i>	185

Figura 88 – Pinturas dos tetos da Sala de Estudos (a), Capela de São Roque (b) e Capela de Santana (c) com o retrato de João Duns Escoto	188
Figura 89 – Pormenor do anjo recolhendo as lágrimas do frade na cena <i>As lágrimas</i>	189
Figura 90 – Pormenor de frutos do armário-amituário da sacristia.....	191
Figura 91 – Pormenores de índios, frutos e pássaros do arcaz da sacristia.	192

Índice de tabelas

Tabela 1 – Lista de obras da historiografia franciscana a partir das investigações de Tania Conceição Iglesias.....	26
Tabela 2 – Sequência dos painéis octogonais pintados do teto em caixotões da sacristia com descrição. Fotografias do autor.	165
Tabela 3 – Esquema dos painéis losangulares pintados do teto em caixotões da sacristia com descrição. Fotografias do autor.	169
Tabela 4 - Igrejas da Cidade de Olinda	210
Tabela 5 – Cronologia	213

Introdução

O nosso interesse pelo convento de São Francisco partiu dos desdobramentos de investigações prévias acerca do patrimônio artístico religioso da cidade pernambucana de Olinda, no Nordeste brasileiro. Trata-se do primeiro convento a ser fundado pela Ordem dos Frades Menores no Brasil, tendo encabeçado a Custódia de Santo Antônio. A Custódia possuía, ao todo, treze conventos no Nordeste, enquadrados pelo historiador francês Germain Bazin na “escola arquitetônica franciscana”¹, logo na primeira metade do século XX. Em 1982² a urbe foi inserida na lista da UNESCO, nos critérios II e IV³, classificação que integra o convento de Olinda juntamente com dezenove igrejas da cidade. Essa definição serviu de base para Anna Maria de Carvalho defender a proposta do IPHAN de enquadrar os conventos franciscanos do Nordeste na lista de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 2006⁴, objetivo que não veio a ser alcançado.

O convento franciscano olindense é um exemplo que permite nortear a história patrimonial pernambucana, cujas características servem ao legado brasileiro, assim como contribui para o entendimento do passado português e de sua atuação em seus antigos domínios. Apesar da incapacidade de anular por completo a essência dos povos que dominou, sejam eles nativos ou africanos, a cultura europeia marcou profundamente o cenário brasileiro. Diferentes regiões do país guardam em si essas marcas desse domínio colonial português. José Mattoso assinala a sensível atribuição de autorias ou identidades ao patrimônio de origem luso-brasileira. A forma como o coletivo interage com o patrimônio desenvolve o sentimento de apropriação. Para consolidar tal relação é necessário criar argumentos e elementos que comprovem a individualidade de um povo em relação aos demais. O patrimônio possui um valor inestimável: afirmação individual e

¹ BAZIN, Germain (1983). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 137.

² UNESCO. *Historic Centre of the Town of Olinda*. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/189/>. Acesso em 28 de junho de 2017.

³ Os critérios são utilizados para distinguir o patrimônio de acordo com suas características. Atualmente existem dez critérios, sendo o caso do *Historic Centre of the Town of Olinda* dividido em dois: II *to exhibit an important interchange of human values, over a span of time or within a cultural area of the world, on developments in architecture or technology, monumental arts, town-planning or landscape design* e IV *to be an outstanding example of a type of building, architectural or technological ensemble or landscape which illustrates (a) significant stage(s) in human history*. UNESCO. *The Criteria for Selection*. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/criteria/>. Acesso em: 28 de junho de 2017.

⁴ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESSE, p. 18.

preservação da memória histórica própria. Dessa maneira, alarga-se a tudo o que permite preservar a identidade humana, tanto no seu sentido micro quanto macro, seja ele material, imaterial ou natural⁵.

Levando-se em consideração a dupla contribuição ao passado do Brasil e de Portugal, povos que estiveram intimamente interligados por mais de três séculos, direcionamos nosso olhar para aquilo que nos despertou o interesse por estudar esse edifício em particular. Dentre as edificações religiosas de Olinda, o conjunto franciscano se revela como um dos mais exuberantes e imponentes pela sua pluralidade de elementos artísticos vinculados em um único espaço. Sua arquitetura barroca abarca azulejos portugueses, mobiliários e pinturas únicas presentes em grande parte do edifício. Para tanto, fez-se necessário eleger um desses espaços para centrar nossa análise, que acabou por ser a sacristia.

O fascínio que a sacristia do convento de São Francisco de Olinda nos gerou levou ao interesse por explorá-lo e identificar até que ponto já havia sido estudado. Como resultado, constatamos uma carência de informações, não apenas para a sacristia do convento, mas para o edifício como um todo e, acima de tudo, a desatenção que é dada pela própria historiografia da arte quanto às sacristias de um modo geral. É mais frequente encontrarmos pesquisas acerca da fachada, nave e capelas, mas a sacristia acaba por ser esquecida.

As pesquisas mais recentes sobre o convento de São Francisco de Olinda constataam essa superficialidade. A historiadora Bartira Ferraz Barbosa, que organizou um projeto de pesquisa no convento em 2006, limitou-se à catalogação do espólio do convento. O curto espaço de tempo e a falta de recursos para dar continuidade e avançar na análise do edifício levou a que o trabalho parasse por aí. Como resultado, além de um inventário, a autora publicou o artigo *Acervos históricos e artísticos: Convento de São Francisco em Olinda*⁶. Entre 2008 e 2012, através do CEPESE, a historiadora portuguesa Natália Marinho Ferreira-Alves organizou três publicações sobre *Os franciscanos no mundo português*,

⁵ MATTOSO, José (2010). *Património de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo. América do Sul*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 21.

⁶ ASSIS, Maria Helena; BARBOSA, Bartira Ferraz; MENDES, Débora (2008). “Acervos históricos e artísticos: Convento de São Francisco em Olinda”. Lisboa: *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, Ano VII, n. 13/14, p. 289-309.

cujos subtítulos seriam: *Artistas e obras*⁷, *As Veneráveis Ordens Terceiras*⁸ de São Francisco e *O legado franciscano*⁹. Neles foram selecionados artigos de pesquisadores originários de países dominados pelos portugueses em época colonial, que tratam de temas ligados aos franciscanos. Dentre eles, autores brasileiros como Anna Maria Fausto Monteiro de Carvalho, Cybele Vidal Neto Fernandes, Eugénio de Ávila Lins, Maria Berthilde Moura Filha e Sílvia Barbosa Guimarães Borges contribuem para um primeiro contato com o tema em questão. Dentre estes, destacamos as investigações de Anna Maria de Carvalho, cujo artigo *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial: Urbanismo-Arquitetura-Arte Plásticas*¹⁰ é fundamental para a nossa dissertação. Traça um parâmetro do contexto urbano do convento, ou seja, uma explanação histórico-geográfica de Olinda, conjugando-a com a história do próprio convento. Segue pela estrutura do edifício e finaliza com uma breve análise do seu aparato pictórico-azulejar. Parte de temas gerais e contextuais para os específicos explorando seus pormenores. Nossa dissertação procura ultrapassar o ponto inicial de inventariação, de forma a realizar análises mais profundas acerca de temas ligados ao aparato artístico da sacristia. Através de uma estrutura de três capítulos apontamos: o contexto histórico-geográfico-social da Ordem dos Frades Menores no Brasil, a sacristia enquanto espaço litúrgico e arquitetônico e o conjunto artístico da sacristia do convento de São Francisco de Olinda.

Numa tentativa de tornar mais fluida a leitura e facilitar a compreensão do espaço, comungando texto e imagem, optamos por inserir fotografias no decorrer do texto por considerarmos pertinentes a observação imediata e concomitante. Da mesma maneira, o caso se aplica às tabelas.

Realizamos, a princípio, o levantamento dos treze conventos franciscanos do Nordeste. Procuramos nos ambientar na presença da Ordem no Nordeste e estabelecer paralelos, cujo resultado foi a constatação de uma similaridade estrutural e decorativa.

⁷ FERREIRA-ALVES, N. M. (2008). *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPESE.

⁸ FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (2011). *Os franciscanos no mundo português II. As Veneráveis Ordens Terceiras de São Francisco*. Porto: CEPESE.

⁹ FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (2012). *Os franciscanos no mundo português III. O legado franciscano*. Porto: CEPESE.

¹⁰ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial. Urbanismo-Arquitetura-Artes Plásticas*. FERREIRA-ALVES, N. M. *Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I*. Porto: CEPESE, p. 17-35.

Logo em seguida, passamos à investigação historiográfica acerca do convento e da própria Ordem.

“A própria opção de regra que professavam e as dificuldades económicas sentidas obrigava-os a silenciar os seus feitos e as obras que produziam, o que dificulta a obtenção de testemunhos da sua actividade, tão profícua, quanto esquecida. As dificuldades impostas à edição dos seus textos, quer fossem relatos de viagem, vocabulários e gramáticas das línguas autóctones ou da «língua geral», sermões, panegíricos e todo o tipo de literatura espiritual, levaram a que grande parte - se não a maior - da sua produção literária tenha ficado irremediavelmente perdida”¹¹.

Apesar de constatarmos a ausência de grande parte da documentação afeta ao edifício, dois segmentos de fontes foram identificados. O primeiro refere-se ao convento enquanto parte integrante do património brasileiro. O segundo, ao convento enquanto património da Ordem dos Frades Menores no Brasil. Ambos os casos contribuem profundamente para o primeiro capítulo desta dissertação, cujo objetivo é estabelecer os parâmetros sociais, religiosos, históricos e até mesmo físicos que levaram a que esses frades se estabelecessem na antiga vila de Olinda em detrimento de outros sítios.

Quanto ao património brasileiro, em muitos casos, a extensa quantidade de obras artísticas espalhadas pelos seus vinte e seis estados obriga os historiadores a optar por: realizar uma obra ampla e superficial ou dar foco a alguns exemplares e deixar de lado outros. Esse problema não se limita ao Brasil. A sua dimensão, por vezes, obriga-nos a tomar estas decisões. Em 1980, Maria Eliza Carrazzoni organiza o *Guia dos bens tombados*¹²; em 2002, Leonardo Dantas Silva escreve o *Pernambuco preservado: histórico dos bens tombados no Estado de Pernambuco*¹³, enquanto que, em 2006, este mesmo autor se reúne com Sebastião Galvão e Marcelo Maciel para realizarem o *Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco*¹⁴. Reconhecemos uma similaridade entre as obras, onde se verifica uma explanação superficial do convento, em muitos casos, levando a repetição das informações. Consequentemente, a sacristia passa muito rapidamente ou mesmo despercebida pelos autores. O historiador José Mattoso organiza o *Património de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo*, cujo resultado foi uma fonte ampla acerca do património português pelo mundo. No nosso caso, nos interessa

¹¹ AMORIM, Maria (1999). “A formação dos franciscanos no Brasil-Colônia à luz dos textos legais”. Lisboa: *Lusitania Sacra*, 2ª série, 11, p.

¹² CARRAZZONI, Maria Eliza (1980). *Guia dos bens tombados*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.

¹³ SILVA, Leonardo Dantas (2002). *Pernambuco preservado: Histórico dos bens tombados no Estado de Pernambuco*. Recife: Edição do Autor.

¹⁴ SILVA, Leonardo Dantas; GALVÃO, Sebastião Vasconcellos; MACIEL, Marcelo (2006). *Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco*. Recife: CEPE, vol. 1.

o exemplar referente à América do Sul¹⁵. Apesar de limitar-se àquilo que o grupo de pesquisadores considerou relacionado a Portugal, sua referência ao convento franciscano de Olinda nos permite enquadrá-lo nessa dupla nacionalidade luso-brasileira. Além disso, em conjunto com a professora Renata Malcher de Araujo, realiza uma breve cronologia acerca da historiografia do patrimônio artístico brasileiro. Fundamental para a compreensão do seu processo de reconhecimento e revalorização desse patrimônio, que tem como marco a fundação do IPHAN.

Em muitos casos, nos valem da historiografia realizada na primeira metade do século XX que se reverberou na segunda metade do mesmo. Surge do sentimento nacionalista de redescobrimento da própria história com o fim da monarquia brasileira que tem seu auge no movimento modernista. A atitude antropofágica de auto reconhecimento levou a jornadas pelo país em busca de tradições, festividades, artes e artesanatos. Resulta dessas campanhas a recuperação do patrimônio artístico brasileiro, encabeçado pelo antigo SPHAN – atualmente conhecido como IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Anterior ao IPHAN, José Mattoso constata a existência de obras historiográficas sobre o Brasil desde o século XVI, quando Pêro de Magalhães Gândavo escreve a *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, em 1576. Em 1587, Gabriel Soares de Sousa redige o *Roteiro Geral, ou Tratado Descritivo do Brasil*, enquanto Fernão Cardim (jesuíta) realiza o *Tratado da Terra e da Gente do Brasil*, entre as décadas de 1580 e 1590. Enquanto que, no século XVII, os textos mais importantes seriam: *História do Brasil*, logo nas décadas de 1620 e 1630, de Frei Vicente de Salvador; o relatório de Diogo de Campos Moreno, *Livro que dá Rezão do Estado do Brasil*; o atlas da União das Coroas, *Relaciones Topográficas de Castilla y Geográficas de las Índias*; e por fim, os relatórios de Diogo de Campos Moreno sobre *Relação das praças fortes, povoações, e cousas de importância que Sua Magestade tem na costa do Brazil... No anno de 1609*¹⁶.

No século XVIII, temos *História da América Portuguesa, desde o ano de mil quinhentos do seu descobrimento, até o final de 1724*, escrita em 1730, por Sebastião da

¹⁵ MATTOSO, J. (2010). *Patrimônio de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo. América do Sul*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

¹⁶ MATTOSO, J. (2010). *Patrimônio de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo. América do Sul*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 26.

Rocha Pitta e, no século XIX, *A Corografia Brasília, ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil* por Manuel Aires do Casal. A partir de 1822, com a independência do Brasil, o patrimônio é então entendido como um projeto nacional desvinculado de Portugal. Portanto, até ao século XIX, é necessário levar em conta o papel de Portugal na construção histórica brasileira. Renata Malcher de Araujo destaca que antes do surgimento do IPHAN – ou mesmo da Semana de Arte Moderna de 1922 – a história da arte brasileira limitava-se a entender como rústico tudo aquilo que viera antes de D. João VI. Com a vinda do rei para a colônia, a arte francesa veio com ele e dá início ao nascimento da arte de “qualidade” e digna de “admiração”¹⁷.

Nas décadas de 1910 e 1920, o neo-colonial surge por meio de obras do arquiteto português Ricardo Severo e cresce com campanhas pelo país em busca do colonial. Tem como patrono o médico José Mariano Filho e promove campanhas de inventariação e identificação do patrimônio de origem colonial, que se intensifica com a Semana de Arte Moderna de 1922. A Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, publicada pelo IPHAN, deu visibilidade à questão patrimonial, com publicações periódicas. Da mesma forma, autores nacionais e internacionais dedicaram seus esforços em trazer à luz esse patrimônio tão rico. Entre 1940 e 1960, os autores Germain Bazin, John Bury e Robert Chester Smith desenvolvem trabalhos fundamentais para a historiografia da arte brasileira¹⁸.

O historiador norte-americano Robert Chester Smith publica, em 1939, *The colonial architecture of Minas Gerais in Brazil*. A partir desse momento desenvolve uma massiva investigação pela arte brasileira com as seguintes obras: *O caráter da arquitetura colonial no Nordeste*, em 1940; *Jesuit buildings in Brazil*, em 1948; *Arquitetura colonial bahiana: alguns aspectos da sua história*, em 1951; *The seventeenth and eighteenth century architecture of Brazil*; *Arquitetura colonial*, em 1955; *Arquitetura civil do período colonial*, em 1969; *Colonial town of Spanish and Portuguese America*, em 1955, e *Urbanismo colonial no Brasil*, em 1958.

¹⁷ MATTOSO, J. (2010). *Patrimônio de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo*. América do Sul. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 30.

¹⁸ MATTOSO, J. (2010). *Patrimônio de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo*. América do Sul. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 32.

Em 1950, o britânico John Bury dá início à sua investigação pela *Jesuit Architecture on Brazil*. Dois anos depois escreve *Estilo Aleijadinho and the Churches of XVIIIth Century Brazil* e, em 1955, *The Borrominesque Churches of Colonial Brazil*.

O francês Germain Bazin realiza, entre 1956 e 1958, o *La'rchitecture Religieuse Baroque au Brésil*, onde, além de contextualizar o processo histórico-artístico religioso no território, aponta a questão da “escola arquitetônica franciscana”¹⁹, referencial para nossa dissertação, por direcionar seu olhar diretamente para o caso franciscano. Também escreve outras obras mais direcionadas para a arte mineira como *O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil*, em 1971, tendo em vista ter sido Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, a despertar para o seu encantamento com o barroco brasileiro²⁰. Renata Malcher de Araujo afirma que, apesar de seguirem pela mesma ideia de que a arte brasileira colonial possui características próprias, Germain Bazin entende como uma arte mestiça, enquanto Robert Smith e John Bury interpretam como uma pequena diferenciação. Ou seja, enquanto o primeiro considera a interação mais intensa, os outros demais colocam como uma arte majoritariamente portuguesa com algumas peculiaridades locais. A partir dos investimentos em estudos e pesquisas sobre a arte brasileira, muitas instituições seguiram seus paços, principalmente universidades, apesar de ainda carecer de mais estudos²¹.

Dividido em três perspectivas, o primeiro capítulo desta dissertação trata inicialmente da vila de Olinda: sua formação e o processo de ordenação urbana; seu espólio arquitetônico religioso; os sobressaltos que os colonos tiveram ao lidar com os nativos e a relação entre a Coroa portuguesa e a Igreja. Logo em seguida, trataremos especificamente dos franciscanos e dos jesuítas. Suas características (formação e princípios), assim como as motivações que os levaram a se estabelecer na vila de Olinda. O paralelo com os jesuítas é sentido com intensidade no contexto brasileiro, pelas suas semelhanças, tanto nos princípios que os regem, quanto na atuação nas colônias portuguesas. Portanto, torna-se necessário ao estudo da arquitetura franciscana pelas suas semelhanças, servindo-nos diretamente quando explanarmos a terceira parte desse capítulo.

¹⁹ BAZIN, G. (1983). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 137.

²⁰ Como aponta Roberto Marinho no prólogo da edição de 1983 do livro *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*, Germain Bazin foi um emissário francês que veio ao Brasil entre 1945 e 1955 para promover sua pátria após o fim da Segunda Guerra Mundial. Não esperava ele que a sua visita lhe renderia um profundo interesse pela “miragem Barroca” brasileira. BAZIN, G. (1983). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record.

²¹ MATTOSO, J. (2010). *Patrimônio de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo. América do Sul*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 33.

Para tratar do convento de São Francisco de Olinda, nos utilizamos particularmente de Germain Bazin, por considerarmos que seu contributo para a história da arte brasileira é sentido em diversas obras acessadas sobre o tema. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil* será explorado no primeiro capítulo para analisar as características arquitetônicas do convento franciscano a partir de dois aspectos: as suas características físicas e, em seguida, a sua análise histórico-artística. No primeiro ponto optamos por realizar um breve percurso pelo convento, abordando seus espaços e os elementos que podemos encontrar ali. No segundo, procuramos apontar as semelhanças e diferenças dos conventos franciscanos do nordeste e levantar algumas características tipológicas que sugerem a ideia de uma escola artística individualizada.

Durante todo o processo de explanação foi necessário acessar à historiografia dos franciscanos. Tania Conceição Iglesias nos serve de apoio nessa questão ao apresentar, através de três artigos, as fontes documentais e historiográficas fundamentais ao tema. Em cinco anos de investigação (2005-2010), a pesquisadora recolheu ao todo 32 produções realizadas desde 1500 até 2010.

Do levantamento, onde foram considerados livros, artigos, teses e dissertações, 22 produções classificam-se como Historiografia dos Franciscanos no Brasil, escrita ordinariamente pelos membros da Ordem; seis produções como Historiografia Brasileira, escrita por autores que abordaram o tema em relação à história do Brasil e, quatro produções como Historiografia da Educação Brasileira.²²

Devido à quantidade de informação, a autora divide os resultados em três artigos sobre: os clássicos²³; a historiografia moderna²⁴ e as fontes indiretas juntamente com temas da de natureza educativa dos franciscanos no Brasil²⁵. Neles são listados de forma cronológica os textos que tratam, de forma direta ou indireta, o percurso histórico dos franciscanos e destaca quais as suas contribuições para o tema. De maneira a facilitar a explanação, optamos por catalogar (Tabela 1), a listagem feita pela autora. Pontuaremos nessa introdução os casos que consideramos pertinentes a essa dissertação.

Obra	Ano	Autoria
História da Missão Capuchinha na Ilha do Maranhão e Circunvizinhança.	1614	Frei Claude d'Abbeville

²² IGLESIAS, Tania Conceição (2011). "Fontes Franciscanas: Historiografia clássica da Ordem do Brasil Colonial". Campinas: *Revista Histedbr On-line*, n. 41, p. 125.

²³ IGLESIAS, T. C. (2011). "Fontes Franciscanas: Historiografia clássica da Ordem do Brasil Colonial". Campinas: *Revista Histedbr On-line*, n. 41, p. 125-135.

²⁴ IGLESIAS, Tania Conceição (2011). "Fontes Franciscanas: Historiografia franciscana brasileira". Campinas: *Revista Histedbr On-line*, n. 42, p. 23-38.

²⁵ IGLESIAS, Tania Conceição (2011). "Fontes Franciscanas: Os franciscanos na historiografia do Brasil e na história da educação brasileira". Campinas: *Revista Histedbr On-line*, n. 43, p. 254-267.

Viagem ao norte do Brasil.	1615	Frei Yves d'Evreux
Crônica da Custódia do Brasil. (desaparecida)	1618	Frei Vicente do Salvador
Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil: 1584-1621.	1637	Frei Manuel da Ilha
Epítome da Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil.	1730	Frei Apolinário da Conceição
Primazia Seráfica na Região da América, Lisboa.	1732	Frei Apolinário da Conceição
Pequenos na Terra e Grandes no Céu.	1732-1754	Frei Apolinário da Conceição
Claustro Franciscano.	1740	Frei Apolinário da Conceição
Eco Sonoro: Biografia de Frei Fabiano de Cristo.	1748	Frei Apolinário da Conceição
Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores do Brasil.	1752-1761	Frei Antônio de Santa Maria Jaboaão
A Ordem dos Frades Menores no Brasil: Resumo Histórico-Chronológico 1500-1924.	1924	Frei Samuel Tetteroo
Capuchinhos em Terras de Santa Cruz nos Séculos XVII, XVIII e XIX.	1936-1937	Frei Fidelis M. de Primerio
Resumo histórico do Convento de Santo Antonio e do santuário do Sr. Santo Cristo de Ipojuca.	1938	Frei Venâncio Willeke
Historia dos Franciscanos no Brasil.	1940	Frei Dagoberto Romag
Ordem Franciscana no Brasil.	1942	Frei Basílio Röwer
Franciscanos Espanhóis na Costa do Brasil.	1943	Frei Odulfo Van Der Vat
Nas Selvas dos Vales do Mucuri e do Doce.	1945	Frei Jacinto de Palazzolo
Introdução à História das Bandeiras	1947-1949	Jaime Cortesão
As Missões da Custódia de Santo Antonio do Brasil 1585-1619.	1957	Frei Venâncio Willeke
Os Descobrimentos Portugueses	1958	Jaime Cortesão
A Propósito dos Frades: sugestões em torno da influência de religiosos de São Francisco e de outras Ordens sobre o desenvolvimento de modernas civilizações cristãs, especialmente das hispânicas nos trópicos.	1959	Gilberto Freyre
Escolas Franciscanas do Brasil.	1961	Frei Venâncio Willeke
São Francisco das Chagas de Canindé.	1962	Frei Venâncio Willeke
Crônica dos Capuchinhos do Rio de Janeiro.	1966	Frei Jacinto de Palazzolo
Os Franciscanos e a Formação do Brasil.	1969	Maria do Carmo Tavares de Miranda
Estudo Documental da Atuação Jesuítica e Franciscana na Educação do Brasil - Colônia (1500-	1974	Ailene Contreiras dos Santos

1808)		
Antologia do Convento da Penha.	1974	Frei Venâncio Willeke
Missões Franciscanas no Brasil 1500-1975.	1974	Frei Venâncio Willeke
Laguna: Uma Esquecida Epopéia de Franciscanos e Bandeirantes	1975	Alice Bertoli Arns
Franciscanos na História do Brasil.	1977	Frei Venâncio Willeke
Franciscanos no Maranhão e Piauí 1600-1878.	1952-1977	Frei Venâncio Willeke
São Francisco de Assis e o Brasil.	1978	Sophia Albuquerque Lyra
Entre Memória e Utopia.	1994	Frei Hugo Fragoso
Brasil Franciscano.	1998	Frei Alfredo Sganzerla (org.)
Formas de Representação Religiosa no Brasil e no México do Século XVI.	1998	Leandro Karnal
Perfil Franciscano ano 2000: 500 anos de presença no Brasil.	2000	Frei Silvestre Gialdi (org.)
História do Brasil	2000	Bartolomé Bennassar e Richard Marin
Colonização, catequese e educação no Grão-Pará.	2003	Anselmo Alencar Colares
Missão e Cultura dos Franciscanos no estado do Maranhão e Grão-Pará, século XVII: ao serviço de Deus, de sua Majestade e bem das almas.	2005	Maria Adelina de Figueira Batista Amorim
Expedições: Santa Catarina na Era dos Descobrimentos Geográficos: 1501-1600	2005	Amílcar D'Avila de Mello
Gênese do Pensamento único em Educação	2006	Luiz Fernando Conde Sangenis

Tabela 1 – Lista de obras da historiografia franciscana a partir das investigações de Tania Conceição Iglesias.

Ao que se refere à Custódia de Santo Antônio do Brasil, a fonte mais antiga que se tem notícia seria a *Crônica da Custódia do Brasil*, datada de 1618 e escrita pelo Frei Vicente do Salvador. Apesar de seu desaparecimento, é referenciada por diversos autores franciscanos. Teria realizado também a *História do Brasil*, em 1627, que seria um dos mais antigos relatos da colônia brasileira entre 1500 e 1627.

A *Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil: 1584-1621*, feita pelo conselheiro e guardião do Convento de Lisboa, Frei Manuel da Ilha (1637)²⁶, teria sido elaborada à distância, com base em relatos e crônicas vindas do Brasil – levanta-se a

²⁶ ILHA, Fr. Manuel da (1975). *Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil: 1584-1621*. Petrópolis: Editora Vozes.

hipótese de ser especificamente do Frei Vicente do Salvador²⁷ – entre 1584 e 1621. Apesar de algumas imprecisões, é uma obra com peso para a historiografia franciscana por descrever como ocorreu a fundação de nove conventos e a atuação política e catequética na colônia.

Apesar da prolixa produção de Frei Apolinário da Conceição, muitos dos seus textos se perderam ou mesmo não chegaram a ser publicados. Sendo elas: *Epítome da Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil*, em 1730; *Primazia Seráfica na Região da América, Lisboa*, de 1732; *Pequenos na Terra e Grandes no Céu*, escrita entre 1732 e 1754; *Claustro Franciscano*, de 1740 e *Eco Sonoro: Biografia de Frei Fabiano de Cristo*, de 1748. Tania Conceição Iglesias aponta que em grande parte seriam compilados de outras obras²⁸.

Dentre as fontes clássicas *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*²⁹ é a mais exaustivamente utilizada pela historiografia franciscana, sendo referenciada por Germain Bazin, Frei Venâncio Willeke, Anna Maria Fausto Monteiro de Carvalho, entre outros. Seu amplo e pormenorizado trabalho foi realizado entre 1752 e 1761 pelo frade Antônio de Santa Maria Jaboatão (1695-1779) – também muito citado apenas como Fr. Jaboatão. Dividida em dois volumes, trata do processo de formação e consolidação dessa Ordem no Brasil, o território colonial, as nações indígenas, a formação de Capitânias e conventos, dentre eles o Convento de São Francisco de Olinda. Sua importância para a historiografia franciscana e a facilidade para acessá-lo tornou-o uma fonte recorrente nesta dissertação.

Com o início do século XX, ressurgem as obras historiográficas sobre os franciscanos no Brasil, quando Frei Samuel Tetteroo escreve em 1924 *A Ordem dos Frades Menores no Brasil: Resumo Histórico-Chronológico 1500-1924*, “em comemoração aos sétimo centenário da impressão das cinco chagas de Jesus Cristo ao Corpo de São Francisco”³⁰. Em 1940, Frei Dagoberto Romag escreve a *Historia dos Franciscanos no Brasil*. Esta obra difunde a necessidade de realização de investigações

²⁷ IGLESIAS, T. C. (2011). “Fontes Franciscanas: Historiografia clássica da Ordem do Brasil Colonial”. Campinas: *Revista Histedbr On-line*, n. 41, p. 126-127.

²⁸ IGLESIAS, T. C. (2011). “Fontes Franciscanas: Historiografia clássica da Ordem do Brasil Colonial”. Campinas: *Revista Histedbr On-line*, n. 41, p. 128.

²⁹ JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense.

³⁰ IGLESIAS, T. C. (2011). “Fontes Franciscanas: Historiografia franciscana brasileira”. Campinas: *Revista Histedbr On-line*, n. 42, p. 24.

quanto ao tema em questão, estimulando autores como Frei Basílio Röwer (que conta com diversas obras sobre os franciscanos, muitos deles direcionados ao Sudeste brasileiro), a escrever, em 1942, a *Ordem Franciscana no Brasil*. Seu cuidado com a segurança das informações o torna um trabalho bem fundamentado e pertinente.

Entre 1938 e 1977, o frade alemão Venâncio Willeke desenvolve uma série de investigações ligadas à Ordem no Brasil que o tornam um dos principais referenciais para qualquer investigação sobre os franciscanos. Dentre as suas obras estão: *Resumo histórico do Convento de Santo Antonio e do santuário do Sr. Santo Cristo de Ipojuca*, de 1938; *As Missões da Custódia de Santo Antonio do Brasil 1585-1619*, de 1957; *Escolas Franciscanas do Brasil*, de 1961; *São Francisco das Chagas de Canindé*, de 1962; *Antologia do Convento da Penha e Missões Franciscanas no Brasil 1500-1975*, ambos de 1974; *Franciscanos na História do Brasil*, de 1977 e *Franciscanos no Maranhão e Piauí 1600-1878*, escrito entre 1952-1977.

Por ser grande estudioso da historiografia franciscana, Frei Willeke procurou em seu trabalho imprimir uma visão mais crítica a respeito dos fatos históricos sobre a Ordem, descritos pelos escritores anteriores. Para ele, os frades, sempre animados pelo fervor missionário, deixaram transparecer certa visão de defesa apaixonada, subjetiva e apologética sobre os acontecimentos históricos. [...] Entretanto, é possível perceber que ele não foge muito à regra dos demais autores franciscanos. A questão de fundo que transparece na obra do autor é a mesma abordada por seus confrades anteriores, qual seja, a primazia seráfica no Brasil, porém ele imprime ao tema um tratamento mais objetivo e sistematizado. Confronta os dados oferecidos pelas crônicas com os documentos existentes e tenta situá-los em um contexto mais amplo que permita a compreensão dos processos históricos constitutivos.³¹

No final do século XX e já na década de 2000, alguns autores continuam a tratar do tema como Frei Alfredo Sganzerla que organiza, em 1998, o *Brasil Franciscano*, enquanto Frei Silvestre Gialdi organiza o *Perfil Franciscano ano 2000: 500 anos de presença no Brasil no ano 2000*.

Como já constatamos, muitos historiadores europeus vieram ao Brasil e ali se debruçaram sobre o seu manancial de informações por estudar. O português Jaime Cortesão realiza duas obras relevantes ao tema que revelam o interesse pelo Brasil. A primeira seria *Introdução à História das Bandeiras*, escrita entre 1947 e 1949, e *Os Descobrimentos Portugueses*, de 1958. Nelas são feitos apontamentos também sobre a presença franciscana na colônia. Mais recentemente, as publicações do CEPESE sobre *Os*

³¹ IGLESIAS, T. C. (2011). “Fontes Franciscanas: Historiografia franciscana brasileira”. Campinas: *Revista Histedbr On-line*, n. 42, p. 28.

franciscanos no mundo português, já mencionadas, revelam o interesse pelo que o Brasil tem a mostrar.

No segundo capítulo desta dissertação, damos atenção à sacristia enquanto espaço arquitetônico e litúrgico. Para tanto, optamos por explanar logo a princípio as características da sacristia do convento de São Francisco de Olinda, assim como do corredor que a antecede, cuja função agrega-lhe valor. Essa opção é feita para manter o ritmo descritivo do espaço que já vinha ocorrendo no capítulo anterior e deixa o leitor atento às características espaciais que será destrinchado em seguida. Passamos então por um breve esclarecimento da definição daquilo que de fato constitui uma sacristia. Tendo consciência do seu apoio para a igreja, torna-se mais claro o modo como se desenvolve esse espaço desde o relato mais antigo que tivemos notícia até à atualidade. Deixamos claro o papel preponderante que teve o Concílio de Trento, e em particular São Carlos Borromeu, para a fundamentação da sacristia e sua normatização em Época Moderna.

Cybele Vidal Neto Fernandes publica, pelo CEPESE, o artigo *As sacristias franciscanas no Brasil. Uma contribuição ao estudo do tema*³². Cátia Teles Marques trata do mobiliário religioso na dissertação *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*³³. Ambas oferecem informações essenciais acerca da evolução histórico-arquitetônica da sacristia. O primeiro caso, assim como os demais artigos do CEPESE, nos permitem traçar um ponto de partida para o tema. No segundo caso, a opção da autora por privilegiar o mobiliário da sacristia aproxima este trabalho da nossa escolha metodológica. Dessa maneira, Cátia Teles Marques introduz a sacristia, desde os primeiros relatos de que se tem notícia até ao fim da Idade Moderna, passando pelo período Tridentino. Além disso, identifica e enquadra as tipologias arquitetônica-ornamentais de sacristias encontradas em Portugal. Retornaremos a esta autora no terceiro capítulo, quando tratarmos do mobiliário. No momento, o que vale ressaltar é que tanto o mobiliário litúrgico quanto a sacristia lidam com a mesma dificuldade: a falta de estudos formais e particulares quanto ao tema que nos levam a recolher informações dispersas em obras não específicas. Através de crônicas, tratados e

³² FERNANDES, Cybele Vidal N. (2008). *As sacristias franciscanas no Brasil. Uma contribuição ao estudo do tema*. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras*. I. Porto: CEPESE, p. 59-69.

³³ MARQUES, Cátia Teles e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1.

visitações, assim como fontes secundárias, Cátia Teles Marques consegue reunir essas informações, tornando-as inestimáveis para o estudo sobre a sacristia.

Tendo em vista a ausência de fontes primárias, como visitas, que façam referência à sacristia do convento de São Francisco de Olinda, optamos por fazer paralelos com fontes que tratem do assunto no contexto luso-brasileiro. Tendo em vista que as regulamentações estabelecidas pela Igreja e bispados são replicadas em grande parte do território católico, utilizamo-nos desses recursos para entender a dinâmica litúrgico-social da sacristia. Através de *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*, escrita em 1572 por São Carlos Borromeu, encontramos paralelos com a sacristia do convento de Olinda. Seus esforços resultaram numa obra de regulamentação dos edifícios religiosos difundida por toda a Europa, alcançando a América. Esta obra resulta das determinações do Concílio de Trento, como apontaremos no decorrer do segundo capítulo. Antes disso, já se realizavam, em Sínodos diocesanos, determinações que influenciavam este espaço. Em muitos casos, não se fazia referência direta ao compartimento, mas sim àquilo que ali se guardava. Trata-se de um lugar de acomodação de aparatos e alfaías litúrgicas, tal como surge regulamentado nas Constituições de Braga, Guarda, Porto, Lisboa, Coimbra, Valença do Minho, Portalegre etc. Muitas dessas fontes estão atualmente reunidas no *Synodicon Hispanum*³⁴, obra realizada por Antonio Garcia y Garcia, em 1984. No contexto brasileiro, a *Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia*³⁵, realizada em 1707 com excelência e solenidade, nos é essencial. Não apenas por ser a primeira Constituição Sinodal brasileira a retomar temas já vistos naquelas realizadas em Portugal, mas também por dedicar uma atenção específica ao sacristão e, conseqüentemente, à sacristia.

Consideramos necessário, antes de entrarmos no percurso histórico da sacristia, salientarmos a questão da liturgia que envolve os aparatos que guarda, tendo em vista que os rituais realizados no interior da igreja determinam diretamente o espaço e justificam os objetos ali encontrados. Os sacramentos e, principalmente, a Eucaristia se destacam nesse contexto, envolvendo o ápice da cerimônia litúrgica e sacralizando os objetos, como o cálice, patena e ostensório.

“(...) para su comprensión por los historiadores de nuestra época encontramos que la ignorancia de cuanto supone la ciencia litúrgica es uno de sus mayores escollos. La visión formalista de la Historia del Arte fue una reducción simplista, que dejó al historiador en la mera consideración del montaje del

³⁴ GARCIA, Antonio Garcia y (Dir.) (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

³⁵ VIDE, D. Sebastião Monteiro de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes.

escenario y le privó del contenido de la obra representada. [...] Quedaría incompleta nuestra visión de la arquitectura cristiana si no conociéramos el misterio de la celebración litúrgica, que precisó un escenario adecuado. Esta necesidad de estudio de la liturgia es obligada para la comprensión de la arquitectura y del arte medievales”³⁶.

Culminamos, no terceiro capítulo, com o aparato artístico que preenche a sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Nesse ponto, todos os aspectos tratados nos capítulos anteriores se encontram, desde a espiritualidade mendicante dos Frades Menores ao sentido político do padroado e da Província de Santo Antônio do Brasil, assim como o papel desempenhado pelo mobiliário, azulejos e pinturas para a liturgia. Portanto, faz-se necessário destrincharmos cada um dos elementos de maneira pormenorizada, explanando suas características e reconhecendo suas funções até alcançar um entendimento conjugado entre as partes. Ou seja, buscamos integrar o aparato de maneira a encontrar algum sentido comum e individual das peças artísticas ali presentes. Para isso, optamos por iniciar com um breve enquadramento do espaço para, em seguida, pontuarmos os seus elementos em particular. Seguimos pelo provável percurso realizado pelos sacerdotes, assim como por uma ordenação dos objetos partindo do funcional para o simbólico. Portanto, os dois primeiros a serem descritos serão o lavabo e o oratório, cuja característica comum é a localização nas absides e serem os primeiros pontos onde o sacerdote atua. Em seguida tratamos do mobiliário, onde se incluem a mesa de pedra central, o armário-contador e o arcaz. Os dois últimos a serem tratados são os azulejos e o teto. Nesse ponto, sobressai o sentido simbólico, principalmente no caso do teto em caixotões, onde se faz necessário descrever cada uma das cenas ali encontradas e por fim procurar encontrar o seu conectivo com as demais peças da sacristia.

Para realização do terceiro capítulo foi necessária a visita ao espaço em diversas ocasiões. O mesmo foi medido, os elementos identificados e cuidadosamente fotografados. Apesar dos restauros na década de 1980, percebemos alguns danos e desgastes. Muitos ambientes do convento possuem pouca iluminação, o que dificulta o registro visual, principalmente no Corredor Nobre, assim como o arcaz e o armário-contador feitos de madeira escura, cujo enquadramento ainda é interferido pela mesa octogonal ao centro do recinto. No que concerne às fontes primárias sobre o aparato da sacristia, constatamos a sua inexistência. Em muitos casos, não temos notícias de autores ou datas precisas, e a sua datação é geralmente atribuída pela historiografia recente de maneira aproximada. Em 1984, Antônio de Menezes e Cruz realizou, para o IPHAN, *As mais belas sacristias das*

³⁶ SEBASTIAN, Santiago (1994). *Mensaje simbólico del Arte Medieval*. Arquitectura, Liturgia e Iconografía. Madrid: Ediciones Encuentro, p. 79.

*igrejas de Recife e Olinda*³⁷ onde fez uma breve análise das sacristias de alguns edifícios religiosos de Olinda e Recife, entre elas o convento de São Francisco de Olinda e de Santo Antônio do Recife. A sua passagem pelos conventos foi claramente breve, tendo em vista a sucinta informação que apresenta e, em alguns casos, no nosso entender, imprecisa. No entanto, trata-se do único trabalho até agora publicado que se debruça especificamente sobre o estudo da sacristia em Pernambuco.

Para o estudo do aparato artístico algumas obras foram essenciais. Para o lavabo, Cátia Teles Marques faz algumas considerações, enquanto as Constituições Sinodais e a obra de São Carlos Borromeu, anteriormente mencionadas, contribuem para o entendimento desse objeto ainda pouco estudado. Da mesma forma, o oratório possui poucos dados historiográficos. Optamos por analisar a imagem do Bom Jesus da Coluna presente no interior do oratório e assimilar o seu provável sentido funcional-simbólico. José Manuel López Vázquez faz um estudo pormenorizado do arcaz da Catedral de Tui, *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*³⁸. Sua análise dos elementos ornamentais presentes no espaldar do arcaz nos serviu de apoio e, não apenas para o oratório, dando-nos indícios de possíveis significados para algumas representações feitas no convento de São Francisco de Olinda.

Quanto ao mobiliário, Cátia Teles Marques é nossa base para a reflexão sobre o entendimento de como o arcaz e o armário-contador se consolidaram dentro da sacristia. *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII* analisa a evolução histórica desde os mais antigos móveis que se tem notícia em sacristias portuguesas, e alcança o período rococó, comentando acerca dos materiais, técnicas, desenhos e produção (encomenda, encomendante e artífice). Em muitos casos, o estudo sobre o mobiliário recai sobre o design, de maneira que a história da arte ainda tem muito a desenvolver nesse campo.

Os azulejos de gênese portuguesa foram objeto de estudos exaustivos no contexto luso-brasileiro. Seus estudos começam na primeira metade do século XX, como aponta Suely Cisneiros Muniz na dissertação *Cronologia histórica e patologias dos azulejos em*

³⁷ CRUZ, Antônio de Menezes e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN.

³⁸ VÁZQUEZ, José Manuel B. López (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercâmbio Científico.

*Pernambuco, entre os séculos XVII e XVIII*³⁹, que apresenta de uma maneira sintética, as principais obras sobre a azulejaria no Brasil e no mundo. Da mesma forma, elabora um catálogo exaustivo de todas as obras azulejares do território pernambucano com base nesses autores.

Em 1943, José Valladares, Carlos Ott e Frei Pedro Sinzing publicam, respectivamente, os *Azulejos da reitoria*, *Os azulejos do convento de São Francisco da Bahia* e *Maravilhas da religião e da arte na igreja e no convento de São Francisco da Bahia*. Em 1944, D. Clemente da Silva Nigra publicou os *Temas pastoris na arte tradicional brasileira*. No entanto, segundo Suely Cisneiros Muniz, foi o professor lusitano Reynaldo dos Santos o primeiro a tratar da azulejaria brasileira no artigo *A arte luso-brasileira do século XVIII*, escrito em 1948. Pal Keleman escreve, em 1951, *Baroque and Rococó in Latin América*. José Wasth Rodrigues publica, em 1945, *A casa de moradia no Brasil Antigo* e, em 1946-1947, *Documentário arquitetônico*⁴⁰.

“Em 1946 e 1947, J. Wasth Rodrigues divulgou observações importantes, ilustradas com desenhos apurados de sua autoria, sobre certos padrões empregados em edificações civis e religiosas do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Paraíba e maranhão, impressas nos três últimos fascículos do Documentário Arquitetônico, de autoria daquele insubstituível conhecedor das artes decorativas do Brasil”⁴¹.

Em 1955, o professor Mário Barata escreve *Azulejos no Brasil*. Sobre essa obra Santos Simões considera que:

“trouxe a primeira grande contribuição para o conhecimento do conjunto da azulejaria presente no Continente Americano (...) até o aparecimento da síntese de divulgação do Ex.mo Sr. Dr. Reynaldo dos Santos – O Azulejo em Portugal (Lisboa 1957/8) – a monografia de Mário Barata era o repositório mais completo sobre a arte do azulejo português”⁴².

Em 1955, a professora Wanda de Ranieri edita *A cerâmica artística na arquitetura do século XIX*. Frei Bonifácio Müller editou, em 1956, o *Convento franciscano do Recife*. Em 1959, José Antonio Gonsalves de Mello escreve *Azulejos holandeses no convento de Santo Antonio do Recife*. Santos Simões é uma das maiores referências no que se refere a azulejaria brasileira. Sua obra *Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)*, escrita em

³⁹ MUNIZ, Suely Cisneiros (2009). *Cronologia histórica e patologias dos azulejos em Pernambuco, entre os séculos XVII e XVIII*. Recife: Dissertação de Mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

⁴⁰ MUNIZ, S. C. (2009). *Cronologia histórica e patologias dos azulejos em Pernambuco, entre os séculos XVII e XVIII*. Recife: Dissertação de Mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 22.

⁴¹ SIMÕES, João Miguel dos Santos (1965). *Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. XII-XIII.

⁴² SIMÕES, J. M. dos S. (1965). *Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. XII-XIII.

1965, realiza um pormenorizado trabalho de inventariação do patrimônio azulejar brasileiro que é constantemente citado em autores mais recentes. Em 1982, Antônio de Menezes e Cruz escreveu *O livro dos azulejos*. Em 1984, José Antonio Gonsalves de Mello publica também o *Calendário histórico do Recife*. Em 1986, foi a vez do alemão Hort Udo Knoff escrever o *Azulejos da Bahia*. Em 1994, José Meco escreve *Azulejos e talha dourada em Pernambuco – séculos XVII e XVIII*⁴³.

Com o início do século XXI, Dora Alcântara escreve *Patrimônio azulejar brasileiro: aspectos históricos e de conservação. Azulejo, documento de nossa cultura*, em 2001. Sylvia Tigre de Hollanda Cavalcanti escreve para a IPHAN *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*⁴⁴, onde dá prosseguimento a sua investigação pelo patrimônio azulejar religioso em Pernambuco. Teve por base Santos Simões, Mário Barata, Dora Monteiro de Alcântara, José Meco e Antônio de Menezes e Cruz.

Como último item a ser analisado nessa dissertação, o teto em caixotões adentra em três aspectos: a tipologia de teto em caixotões, os temas e a conexão com a sacristia. No primeiro caso, tivemos por base o texto de Ana Rita Duarte Carqueja Rodrigues, intitulado *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*⁴⁵. Apesar de seu enfoque recair sobre a identificação das cenas do teto do convento do Salvador, em Braga, e em questões de conservação e restauro das pinturas desse teto, a autora realiza um panorama geral da evolução histórica dos tetos em caixotão e classifica as tipologias temáticas presentes por todo o território Português. Em 1989, Vítor Serrão realiza *Estudos de Pintura Maneirista e Barroca*, e, em 2003, dedica uma parte da *História da Arte em Portugal: O Barroco*, para tratar dos azulejos e pinturas.

No que concerne aos temas presentes nas pinturas do teto, procuramos nos adentrar no mundo das crônicas franciscanas, tendo êxito na identificação de algumas cenas presentes nas primeiras hagiografias do Seráfico Fundador São Francisco⁴⁶. A primeira de

⁴³ MUNIZ, S. C. (2009). *Cronologia histórica e patologias dos azulejos em Pernambuco, entre os séculos XVII e XVIII*. Recife: Dissertação de Mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 23.

⁴⁴ CAVALCANTI, Sylvia Tigre de Hollanda (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros.

⁴⁵ RODRIGES, Ana Rita Duarte Carqueja (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa.

⁴⁶ Todas essas obras estão traduzidas por Frades Menores e disponíveis online pela Editorial franciscana. Disponível em: <http://www.editorialfranciscana.org/porta/index.php?id=5661>.

que se tem notícia seria a *Carta de Frei Elias*, escrita pouco depois da morte de São Francisco, no ano de 1226. Logo em seguida, foi a vez de Tomás de Celano escrever a *Vida Primeira*, entre 1228 e 1229, e, em 1230, o mesmo autor escreve a *Legenda ad usum Chori*. Entre 1232 e 1235 foi escrita a *Vita de Julião de Espira*. Tomás de Celano retorna com a *Legenda da Úmbria*, escrita entre 1237 e 1244. Entre 1240 e 1241, temos notícia do *Anónimo Perusino*. Entre 1244 e 1246, foi escrita a *Legenda dos Três Companheiros*. Entre 1246 e 1247, Tomás de Celano escreve a *Vida Segunda* e, entre 1247 e 1253, o mesmo autor escreve o *Tratado dos Milagres*. São Boaventura, Seráfico Doutor da Igreja, escreve a *Legenda Maior*, em 1260, enquanto que, entre 1262 e 1263, escreve a *Legenda Menor*. A segunda se trataria de um resumo da primeira, e a sua função seria substituir a *Legenda ad usum Chori* de Tomás de Celano nos Ofícios Divinos. O *Espelho da perfeição*, foi escrito em 1318, enquanto as *Florinhas de São Francisco*, escritas por Fr. Hugolino de Monte Jorge, entre 1328 e 1343. Entre 1556 e 1557, Frei Marcos de Lisboa, escreve as *Chronicas da Ordem dos Frades Menores*. Essa obra reúne muitas narrativas vividas por São Francisco e membros de sua Ordem, tendo como referência as hagiografias anteriores como Tomás de Celano e São Boaventura. Entre 1995 e 1996, a Editorial Franciscana publicou as Fontes Antonianas, onde tratam de algumas das obras essenciais sobre a vida de Santo Antônio de Lisboa. Nessa obra constam: a *Bula da Canonização*, de 1232; *Vida Primeira* ou *Legenda Assídua*, de cerca de 1232; a *Vida Segunda*, de cerca de 1235; o *Diálogo*, de cerca de 1246; as *Benignitas*, de cerca de 1280; a *Legenda Raimondina*, de cerca de 1295; a *Legenda Rigaldina*, de cerca de 1300 e o *Livro dos Milagres* ou *Florinhas de Santo Antônio de Lisboa*, escrita no final do século XIII ou início do século XIV. Para esta dissertação consultamos especificamente a *Vida Primeira* e *Segunda* de Tomás de Celano, a *Legenda Maior* e *Menor* de São Boaventura, as *Florinhas de São Francisco*, a *Legenda dos Três Companheiros*, o *Espelho da Perfeição* e as *Florinhas de Santo Antônio*.

No final do terceiro capítulo a integração das formas, sentidos e funções se entrelaçam em razão da sacristia. Nesse ponto, as fontes hagiográficas franciscanas, o sentido político da Custódia de Santo Antônio do Brasil e a espiritualidade mendicante que tem em São Francisco o exemplo da pobreza sustentarão a análise do conjunto. Para isso, foi fundamental a consulta das fontes hagiográficas, a simbologia por trás das naturezas-mortas, apoiadas em Frei Isidoro de Barreira⁴⁷ e Sónia Talhé Azambuja⁴⁸, e o sentido

⁴⁷ BARREIRA, Frei Isidoro de (1622). *Tractado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na sagrada Escritura*. Lisboa: Pedro Craesbeeck.

simbólico do mobiliário em sacristia realizado pelo espanho José Manuel López Vásquez⁴⁹ e a espiritualidade franciscana de Aldir Crocoli⁵⁰. Esses autores contribuem para o enquadramento temático da sacristia e justificam a utilização de determinados temas no interior desse espaço.

⁴⁸ AZAMBUJA, Sónia Talhé (2015). *A iconografia da natureza e da paisagem na pintura portuguesa dos séculos XV e XVI: imagens e significados*. Lisboa: Tese de Doutoramento em História pela Universidade de Lisboa.

⁴⁹ VÁZQUEZ, José Manuel B. López (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercâmbio Científico.

⁵⁰ CROCOLI, Aldir (2004). *“Dado e nascido por nós à beira do caminho”: A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio.

1. O convento de Olinda

“Não há novidade nenhuma em dizer-se da gente brasileira que uma das influências decisivas em sua formação vem sendo a da Igreja, nem que, dessa influência, a que aqui madrugou, para nunca mais deixar de fazer-se sentir sobre essa mesma gente, ora de modo mais intenso, ora com menor vibração, foi e é a franciscana”⁵¹.

Capital da Capitania de Pernambuco, Olinda foi fundada em 1535. A povoação logo foi elevada a categoria de vila em 12 de março de 1537 e alcança a categoria de cidade em 16 de novembro de 1676, quando a Coroa Portuguesa estabelece ali a sede de um Bispo⁵². A ascendente produção açucareira sofreu com os impactos das atribulações sofridas pela invasão holandesa no território durante a primeira metade do século XVII, cujo resultado foi a queda na economia colonial portuguesa – afinal, mesmo após a saída dos invasores, o cenário tornara-se desfavorável para Portugal em decorrência das competições no mercado internacional. Posteriormente, já no século XVIII, a descoberta do ouro mineiro direciona a atenção da Coroa ao Sudeste brasileiro. Essas turbulências refletem-se também nos edifícios civis e religiosos de Olinda que ainda guardam cicatrizes desse longo processo.

Das dezenove igrejas de Olinda, doze foram erguidas durante os séculos XVI e XVII, quando ainda era vila. As primeiras seis igrejas a serem edificadas foram: Nossa Senhora do Monte, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Luz (Misericórdia), São Salvador do Mundo (Sé) e Nossa Senhora do Carmo (antigo convento de Santo Antônio). A ermida de Nossa Senhora das Neves, deu continuidade a esta sequência de edificações constituindo o ponto de partida para o futuro convento franciscano fundado em 1585. O convento de São Francisco foi o primeiro convento da Ordem dos Frades Menores nas Terras de Santa Cruz, sendo edificado em “hum levantada eminencia sobre o mar para a parte do Nascente, coberta de verde, e frondoso arvoredado”⁵³. A invocação de todos estes edifícios demonstra a intensa devoção

⁵¹ FREYRE, G. AMORIM, M. (1999). “A formação dos franciscanos no Brasil-Colônia à luz dos textos legais”. Lisboa: *Lusitania sacra*, 2ª série, 11, p. 362.

⁵² NASCIMENTO, E. M. V. (2008). *Olinda: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade*. Salvador: Tese de Doutorado Pela Universidade Federal da Bahia, p. 177.

⁵³ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 138.

mariana na região. As restantes construções religiosas foram construídas mais tarde, entre os séculos XVII e XIX (ver tabela 4).

As mais antigas edificações religiosas surgiram no cimo do morro, a parte mais alta da vila onde nasce a Rua Nova, seguindo um percurso que vai da Sé à Misericórdia. Apenas a Igreja do Carmo encontra-se localizada próxima ao mar, em uma elevação enquanto as mais tardias foram construídas nos limites da cidade, num plano mais abaixo, percorrendo mais de 1 km da costa entre a Entrada Norte e o Rio Beberibe – rio que divide Olinda e os portos do Recife, acessíveis pelas entradas ao Sul –, tal como se observa no mapa de Johannes Vingboons (Figura 1).

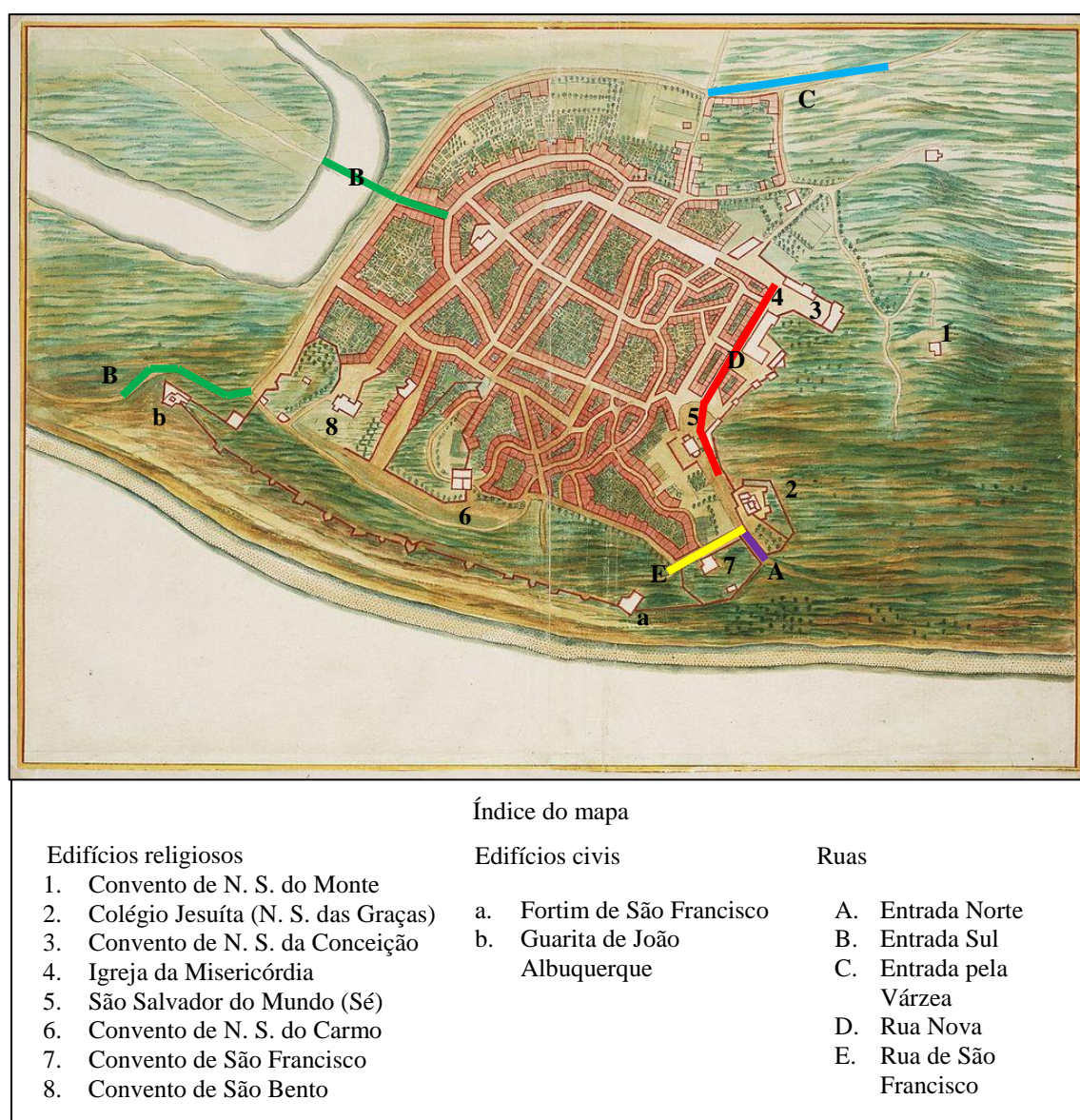


Figura 1 - Mapa de Olinda de Johannes Vingboons com indicação das ruas e edifícios civis e religiosos (elaboração própria). Johannes Vingboons (c. 1665). Disponível em: <http://www.labtopope.com.br/cartografia-historica/>. Acesso em: 14 de novembro de 2016.

1.1 Brasil: da fortuna açucareira aos conflitos indígenas

Não há dúvidas de que a presença franciscana marca os momentos iniciais da formação do Brasil português⁵⁴. Entre os inúmeros motivos que levaram o convento a ser erguido 85 anos depois da chegada dos portugueses ao Brasil, após nove tentativas de fixação frustradas⁵⁵, podemos considerar o contexto em que o Brasil se encontrava nas primeiras décadas do quinhentos.

A presença do domínio português estabelece-se logo após a chegada do belmontense Pedro Álvares Cabral, em abril de 1500. A primeira fase da ocupação foi marcada pelo reconhecimento do território realizado pelas esquadras de Américo Vespúcio e Gonsalo Coelho⁵⁶, tendo sido determinante para a demarcação das terras brasileiras. Iniciam-se também análises das possibilidades agrícolas (solo, hidrografia, relevo) e o interesse pela flora e fauna local – aspectos que se perpetuam durante os séculos XVII e XVIII, interesse continuado pelos holandeses. As primeiras décadas limitaram-se à construção de fortalezas⁵⁷ e à exploração do pau-brasil.

No ambicioso, e até certo ponto desesperado, projeto português de sanar as dificuldades econômicas, o Brasil acabou por se tornar uma importante oportunidade de salvação para seus “reis mercadores”⁵⁸. Oriundo da Ilha da Madeira, o açúcar (do sânscrito *scharkara*), luxuosa iguaria⁵⁹ asiática atribuída até mesmo como remédio, encontrou solo fértil e extremamente produtivo na costa brasileira. Apesar dos avanços tecnológicos na Época Moderna, as viagens náuticas ainda representavam risco financeiro e de vida. A cana-de-açúcar surge como promessa que se cumpre de prosperidade para um império em crise⁶⁰ convertendo-se no principal produto da exportação portuguesa alcançando, em

⁵⁴ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 7-8.

⁵⁵ WILLEKE, Frei Venâncio (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 40.

⁵⁶ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 21.

⁵⁷ WILLEKE, F. V. (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 19.

⁵⁸ GOMES, Geraldo (2006). *Engenho e arquitetura*. Recife: Editora Massangana, p. 25.

⁵⁹ Fernando T. F. Pires se refere ao açúcar dessa forma pelo seu exotismo e raridade na época, tornando-o um produto consumido apenas pelas elites. Cf. GOMES, G.; PIRES, F. T. F. (1994). *Antigos engenhos de açúcar do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. 10. Joel Serrão revela que o açúcar era um produto exótico que era produzido originalmente em tão pequena escala que encarecia-o e tornava-se item restrito aos ricos, sendo enquadrada até mesmo em testamentos de reis. Cf. SERRÃO, J. (1999-2000). *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Figueirinha, vol. 1, p. 24.

⁶⁰ GOMES, G. (2006). *Engenho e arquitetura*. Recife: Editora Massangana, p 24-25.

1576, Pernambuco possuía 36 engenhos que produziam 50 000 a 70 000 arrobas de açúcar, enquanto que em 1583, passa para 66 engenhos e, junto aos 36 engenhos da Bahia, produziam por volta de 200 000 arrobas de açúcar⁶¹.

A qualidade do solo e a abundância de rios para a moagem com roda d'água, levou Pernambuco, dentre as catorze capitanias, a ser a mais próspera. Enquanto Salvador, por sua centralidade territorial e produção açucareira inferior à Pernambuco, tornou-se o Governo Geral⁶². As governações das capitanias foram entregues a membros da nobreza militar portuguesa, aclamados em campanhas pelas Índias, através de cartas de doação e foral. Procurava-se desta forma garantir uma administração mais autônoma das mesmas. Limitada pelos rios São Domingos (ou Igarçu) e São Francisco, Pernambuco foi então entregue pelo rei D. João III ao militar de Miragaia Duarte Coelho Pereira (c. 1485-1554). Este fixou-se inicialmente na ilha de Itamaracá e, em 1530, segue para o sul de maneira a marcar presença no território ameaçado.

Fundador de Olinda, Duarte Coelho Pereira deparou-se com uma dificuldade comum a grande parte dos donatários na colônia: as comunidades autóctones. Agrupados pelo território, da costa ao interior, sintetizam o terror dos colonos e constituem um desafio à instalação das ordens religiosas no Brasil. No contexto pernambucano, o conflito se dava com os *Cayetés* (Caetés), descritos por Frei Jaboatão como violentos e traiçoeiros⁶³. Instigados por corsários franceses, ingleses e holandeses, que prejudicaram a consolidação do espaço pela fragilidade das defesas ao incentivar os indígenas à revolta, contribuíram para tornar o processo longo e moroso.

⁶¹ SERRÃO, J. (1999-2000). *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Figueirinha, vol. 1, p. 25-26.

⁶² MATTOSO, J. (2010). *Património de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo*. América do Sul. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 53.

⁶³ *Era Gentio este muy guerreiro, mas muito mais falso, e atraído que outro algum, sem palavra, nem lealdade, e fizeraõ naquelles primeiros tempos grandes males aos Portuguezes, e particularmente a Duarte Coelho na fundação da sua Capitania de Pernambuco, e lhes não escapava Portuguez, que colhessem ás mãos, que o não comessem*. Após atacarem o primeiro Bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, *Parece não quiz o Céu deixar sem o justo castigo semelhante traição, e sacrilegio; porque confederados depois os Tapynambás do Rio de S. Francisco caril os Tupynás Tapuyas do Sertão, dando-lhes estes pelas costas, aquelles por hum lado, e pelo outro os Putygoarés de Pernambuco, que ja haviaõ chegado por alli com a sua conquista, e retirando-se os Cayetés para as beiradas, e costas do mar, assim quasi encurralados, excepto alguns poucos, que puderaõ fugir para a Serra do Aquitibá, todos os mais foraõ mortos, e cativos. Destes hiaõ os vencedores nos dias das suas festas comendo alguns dos mais esforçados, e vendendo os antros aos moradores da Bahia, e Pernambuco, a troco de qualquer cousa. Tambem Duarte Coelho, e os que se lhe foraõ seguindo, os extinguiu muito, e só vieraõ a ficar aquelles, que se uniraõ aos contrarias, sendo seus escravos, e casando depois entre eles, assim se veyo a extinguir das Castos maritimas de Pernambuco a má casta deste Gentio, não só crueis para os outros mas até para os seus mesmos parentes, e amigos*. Cf. JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 16-18.

No entanto, não eram apenas os índios e os corsários estrangeiros os únicos que ameaçavam o poder português na sua colônia. As fragilidades políticas suscitadas pela integração de Portugal ao Império Espanhol, em 1580, as guerras entre a Espanha e as Províncias Unidas e as dificuldades diplomáticas com a França e a Inglaterra refletiram-se sobre o Império Português. Em específico, o Brasil sofreu profundos danos, sendo no Nordeste mais visíveis as cicatrizes. Os portos de Salvador foram atacados pelos holandeses entre 1624 e 1625. Após várias investidas frustradas de conquistar a capital da colônia, bem protegida por uma eficiente força militar e respectivas fortalezas, os holandeses voltaram-se para Pernambuco. Em 15 de fevereiro de 1630, 67 navios da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais tomam de assalto Olinda e Recife sob o comando de Hendrick Lonck.

Sete anos se passam até à chegada de um dos mais importantes personagens desse período, o conde João Maurício de Nassau Siegen. Este aporta em Pernambuco, em 1637, e dá início a uma fase administrativa de estabilidade e controle diplomático no interior da província. Durante o período da sua governação verificou-se um importante desenvolvimento a nível da produção artística e da historiografia brasileira, particularmente no tocante aos estudos étnico, geográfico e de biodiversidade. A declaração da independência de Portugal face a Espanha em 1640 e a guerra entre nações que se seguiu, agravaram as dificuldades sentidas nas colônias portuguesas⁶⁴.

D. João IV, primeiro monarca da nova dinastia nascida desse conflito, encontrou nas Províncias Unidas uma forte aliada contra o domínio da monarquia espanhola. Em fase de afirmação, seu governo necessitava do apoio diplomático de outros reinos. Nesse sentido, o apoio da coroa na defesa e manutenção do Nordeste brasileiro foi diminuto, uma vez que a prioridade era a luta contra a Espanha. Como consequência, os colonos tiveram de realizar a investida contra os holandeses de maneira independente, pois para aqueles que dependiam das terras era emergencial recuperar o domínio da colônia⁶⁵.

Tentativas de apoio da França mostraram-se frustradas com o passar do tempo, tendo sido na Inglaterra que o reino luso viu suas esperanças restauradas. A partir de acordos diplomáticos, o casamento de Catarina de Bragança com Carlos II da Inglaterra,

⁶⁴ GABRIELLI, Cassiana Maria Mingotti (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 17.

⁶⁵ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 17-18.

em 1661, permitiu firmar um tratado onde as duas partes estabeleciam relações político-comerciais. Dentre elas a garantia de apoio diplomático para por fim aos conflitos com as Províncias Unidas, assim como liberdade comercial nos portos portugueses⁶⁶.

Entretanto estragos haviam sido feitos. Para além do incêndio de 1631, em Olinda, a produção açucareira havia sofrido severamente com a presença holandesa. Grande parte dos engenhos haviam sido destruídos ou danificados e, tendo a cultura açucareira sido absorvida pelos holandeses, serviu-lhes para investirem em novos empreendimentos nas Antilhas. A saída dos holandeses custou ainda a Portugal uma indemnização de 4 milhões de cruzados e duas colônias, Ceilão e as Ilhas Molucas. Como resultado, a produção de açúcar a menor preço nas Antilhas conduziu a uma queda na procura do açúcar brasileiro e uma crise financeira no final do século XVII. Esta só será solucionada com a descoberta do ouro no sudeste brasileiro, direcionando a partir de então a coroa portuguesa a atenção para as Minas Gerais, o que levou consequentemente a um enfraquecimento do poder do Nordeste, no século XVIII.

1.2 O padroado no Brasil colonial

É evidente a força que a tradição católica teve, e ainda tem, no contexto ibérico. Apesar da instabilidade gerada pelas ramificações protestantes na Época Moderna, a Igreja Católica Apostólica Romana exerceu, junto à Coroa Portuguesa, importante participação política através do padroado régio. Este poder reflete-se, portanto, também ao nível das colônias, uma vez que “a aliança entre a Coroa e o altar constituiu um dos fundamentos da estruturação e consolidação dos impérios ibéricos”⁶⁷, garantindo o controle e manutenção das demarcações territoriais.

D. Afonso V recebeu, em 1455, a autorização de Nicolau V para “erigir igrejas e enviar missionários para os territórios conquistados e que ainda estavam por conquistar”⁶⁸, através da bula *Romanus Pontifex*. Pouco depois, o Papa Alexandre VI edita, em 1493, a

⁶⁶ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 21.

⁶⁷ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 38.

⁶⁸ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 38.

bula *Inter cætera*, determinando os limites territoriais entre Portugal e Castela, “encarregados das ações de povoar e de evangelizar as terras ‘descobertas’ e as por ‘descobrir’”, processo que já ocorria na “África, explorada pelos portugueses, onde, também, ocorriam ações missionárias”⁶⁹. A assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 1494, e a partilha das terras descobertas e “a descobrir” entre Portugal e Espanha, garante a Portugal o poder sobre o futuro território do Brasil e põe fim a conflitos territoriais entre os dois reinos⁷⁰.

As medidas dos pontífices em dar tamanho poder ao rei português refletem a concordância de interesses das duas partes. Para o Brasil, e particularmente para os franciscanos, isso ressalta algo fundamental: a sua instalação na colônia justificou-se não só por motivações espirituais mas também por interesses políticos.

Tendo início na política régia de D. Manuel I, em 1484, enquanto administrador da Ordem de Cristo, a acentuação da relação entre as duas esferas de poder tornou-se mais clara. Em 1551, é erigido em Salvador, através da bula *Super specula militantes ecclesiae*, o primeiro bispado no Brasil. Dessa forma, era possível obter maior controle sobre os recursos da Igreja. Enquanto administrador público, o bispado assegurava a lealdade eclesiástica e a soberania sobre o Ultramar – motivo de temor para Castela no momento da Restauração (1640-1668), por ver na revolução uma ameaça aos seus domínios⁷¹. Como destaca Cassiana Gabrielli, ao citar José Pedro Paiva:

“Em suma, os bispos tinham-se tornado criaturas do rei e este usava-os ao seu serviço, transformando-os, simultaneamente, em servidores da Igreja e agentes políticos da monarquia. Com isso lucravam os prelados em prestígio, honras e poder, enquanto os reis conseguiam aumentar significativamente o seu domínio sobre uma importante elite, usufruindo em paralelo de um valioso meio de dominação sobre as populações e o território”⁷².

Não apenas a demarcação territorial era garantida pelo padroado como também “uma série de direitos e privilégios, exercidos através da ‘mesa de Consciência e Ordens’”. Ou seja, permitia-lhes o recolhimento do dízimo e o seu bom uso, assim como participante ativo nas tomadas de decisões políticas internas eclesiásticas. “Em consequência foram os próprios leigos que, desde os primeiros tempos e mais caracteristicamente no século XVIII, assumiram na prática o ônus financeiro da edificação das inúmeras igrejas e capelas

⁶⁹ ASSIS, M. H.; BARBOSA, B. F.; MENDES, D. (2008). “Acervos históricos e artísticos: Convento de São Francisco em Olinda”. Lisboa: *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, Ano VII, n. 13/14, p. 289.

⁷⁰ SERRÃO, J. (1999-2000). *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Figueirinhas, vol. 9, p. 175-176.

⁷¹ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 43.

⁷² Apud GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 40.

construídas em todo o território nacional”⁷³. Assim e no entender Frei Venâncio Willeke “aqui se manifesta também a faceta negativa do padroado. Pois a obra de propagação da fé, muitas vezes, teve que andar de mãos dadas com os interesses políticos da metrópole, ficando sujeita às tristes consequências de guerras, perseguições e outras anormalidades”⁷⁴.

Apesar das dificuldades dos bispados em conhecer plenamente o seu território, gerando conflitos com o poder civil, foi com a *Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia*⁷⁵ que foram determinadas as orientações para os mais diversos fins da vida religiosa colonial.

Outro papel marcante e interligado a essa demarcação de terra e recorrente na história colonial brasileira é a relação com as nações indígenas. Apesar de Geraldo Gomes considerar que “o verdadeiro sentido da colonização europeia nos trópicos (...) tratava-se de tirar o maior proveito econômico de um território virgem e não de ocupar terras sob pretextos civilizadores e até religiosos”⁷⁶, a relação com os nativos passou de tentativas de escravização para uma busca de introduzir na sua cultura o conceito civilizacional europeu. Tal medida resultou que ordens religiosas se fixassem no Brasil com um objetivo muito claro. A catequese foi, sem dúvida, um eficiente mecanismo de controle desses povos.

O reconhecimento dos índios enquanto “gentios”⁷⁷, não mais animais sem alma, percebendo-os enquanto povos perdidos no paganismo e ausentes da Palavra, foi o estímulo necessário às instituições para garantirem aos gentios abrir “suas almas para um universo exclusivamente cristão”⁷⁸. Tal mudança perspectiva ganha impulso através da bula *Sublimis Deus* realizada em 1537 pelo Papa Paulo III onde reconhece a “racionalidade plena e o seu livre acesso aos sacramentos, incluindo a Eucaristia” e defende os direitos dos índios, proibindo a sua escravização, recebendo apoio de ordens mendicantes⁷⁹. A ignorância causava temor e o sentimento de acolhimento proselitista serviu de argumento para o objetivo do padroado no controle desses “selvagens”.

⁷³ OLIVEIRA, M. A. R. De (2003). *O Rococó Religioso no Brasil: e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 165.

⁷⁴ WILLEKE, F. V. (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 21.

⁷⁵ VIDE, D. Sebastião Monteiro de (1707). *Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes.

⁷⁶ GOMES, G. (2006). *Engenho e arquitetura*. Recife: Editora Massangana, p. 25.

⁷⁷ O termo deriva da palavra latina *gens*, ao designar grupos familiares não israelitas. Êxodo 12: 48-49.

⁷⁸ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 78.

⁷⁹ SOUSA, Ana Cristina Correia de (2017). *A presença dos metais nos altares dos séculos XV e XVI: uma leitura a partir da iconografia da “Missa de São Gregório”*. RODAS ESTRADA, Juan Haroldo; SALAZAR SIMARRO, Nuria; PANIAGUA PÉREZ, Jesús. El tesoro del lugar florido. Estudios sobre la plata ibero-americana. Siglos XVI-XIX. León: Ed. El Forastero, 2017, pp. 116.

“Os indígenas foram utilizados como elementos verdadeiramente *participantes* da colonização, fosse como *trabalhador* aproveitável, fosse como um *povoador* das extensas áreas coloniais. Para Caio Prado Jr., a intenção da metrópole era incorporar contingentes populacionais para afirmar a sua soberania no território”⁸⁰.

Portanto, civilizar os indígenas seria um interesse da Coroa portuguesa cujo padroado e colonos careciam. Se, durante o século XVII, dar conta desses gentios apresenta-se como necessário, faz sentido a presença de ordens capazes de “domar” esses selvagens e, através da catequese, incorporar a civilidade dessa empresa colonial.

Nos sertões, a solução para os problemas dos pecuaristas (criadores de gado) foi “amansar os selvagens” através de acordos comerciais com Frades Capuchinhos Bretões. É criada, neste, uma “aliança introdutória”⁸¹ que contribuiu para a segurança dos currais e para a estabilização das fronteiras coloniais, delimitando-as⁸². No litoral, o papel de controle foi exercido por diversas ordens religiosas. Entretanto, duas, em particular, fazem-se necessárias a essa dissertação por compartilharem aspectos tanto da espiritualidade mendicante⁸³ quanto da arquitetura colonial: os jesuítas e os franciscanos.

1.3 Jesuítas e franciscanos no Brasil

Partilhando ideais de fé, caridade, educação e evangelização, germinou em Paris a Companhia de Jesus, encabeçada pelo santo basco Inácio de Loyola (1491-1556), junto aos seis companheiros do Colégio de Santa Bárbara, na igreja de *Saint-Denis*, em 15 de agosto de 1534. Entre 1537 e 1569, a disponibilidade e atuação desta congregação nas missões da Igreja levaram o Papa Paulo III (1534-1549) a confirmar a *Fórmula do Instituto da Companhia de Jesus*, em bula *Regimini militantes Ecclesiae*, de 27 de setembro de 1540⁸⁴. Muito antes já se estabelecia na Europa a ação missionária dos Frades Menores do Seráfico

⁸⁰ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 48.

⁸¹ GALINDO, GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 45.

⁸² GALINDO, GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 47.

⁸³ SANGENIS, Luiz Fernando Conde (2014). “Controvérsias sobre a pobreza: franciscanos e jesuítas e as estratégias de financiamento das missões no Brasil colonial”. Rio de Janeiro: *Est. Hist.*, vol. 27, nº 53, p. 29.

⁸⁴ PINTO, Rooney Figueiredo (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Patrimônio e Turismo Cultural, p. 81-82.

Francisco (1209). No entanto e no contexto brasileiro, foram os Jesuítas os primeiros a fundarem e estabelecerem um modelo de atuação (atitude) doutrinária e catequética na colônia portuguesa.

Em 1550, o Papa Júlio III (1550-1555) aprova a segunda redação da fórmula jesuítica, na bula *Exposcit debitum*. Logo a companhia popularizar-se-ia e os Jesuítas receberiam o reconhecimento necessário para que, em Portugal, o pedagogo humanista Diogo de Gouveia, o Velho, usasse de suas influências junto da corte de D. João III (1521-1557) para potencializar a evangelizadora nos territórios portugueses ultramarinos⁸⁵. Em 1551, é então fundada a primeira sede jesuíta na vila de Olinda, no ponto mais alto do terreno, dedicado a Nossa Senhora das Graças. O momento político-cultural da primeira metade do século XVI⁸⁶ conciliava junto aos Jesuítas a forte tradição humanista portuguesa que se reflete na sua atuação no Brasil. O compromisso de difundir o cristianismo andava em paralelo com o de formar índios e colonos no ensino formal da cultura humanista cristã através da fundação dos colégios.

Para tanto, era necessário vencer barreiras culturais e estabelecer um vínculo com as nações indígenas, partindo do reconhecimento e articulação comunicativa acessível. O latim tinha um papel fundamental na formação dos colonos, enquanto que o teatro foi o artifício necessário para atrair o interesse dos gentios. Nas tribos, o enfoque era dado aos “mistérios”, vida dos santos e verdades do dogma, enquanto que nos colégios também utilizavam clássicos da tragédia ou comédia. Como salienta Germain Bazin, “de acordo com o público que queriam atingir usavam o latim, o português ou o tupi-guardani”⁸⁷. Afinal, para se aproximar da cultura indígena e dela tirar proveito antes era necessário dominar a sua língua para transmitir-lhes a Palavra dos Evangelhos.

Portanto, o que torna os Jesuítas personagens fundamentais nessa história do Brasil foi o encabeçamento na catequização, ao estabelecerem as bases estruturais institucionais e

⁸⁵ PINTO, R. F. (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, p. 82-83.

⁸⁶ SERRÃO, Vítor (2002). *História da Arte em Portugal: o Renascimento e o Maneirismo*. Lisboa: Editorial Presença, p. 49.

⁸⁷ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 79.

teológicas adotadas na colônia⁸⁸. Dá-se então continuidade a esse trabalho por outras ordens, dentre elas os Frades Menores.

Três séculos antes da fundação do convento franciscano de Olinda, um jovem aspirante à vida militar defronta-se com o crucifixo de São Damião e essa passagem muda completamente o rumo de sua vida. Admirando a pobreza, vendo-a como verdadeiro caminho até Cristo, Giovanni di Pietro di Bernardone⁸⁹ abandona sua vida de opulência e desprende-se de tudo o que tinha e dedica-se aos marginalizados. Atitude essa imitada por muitos que ganha a admiração e o desejo de compartilhar esse caminho. Nesse dia, o então Frei Francisco dá início ao que viria a ser a ordem daqueles que se colocam menores perante todos e atentos à Palavra e à Regra⁹⁰.

Em geral, os frades eram direcionados dois a dois para as diversas regiões da Europa. Em 1216, chegam a Portugal os frades Zacarias e Gualter. Fundam eremitérios em Alenquer e Guimarães e os posteriores conventos da ordem ficam sob administração da Custódia de Portugal, pertencente à Província de Santiago. Divide-se posteriormente em duas custódias, a de Coimbra e a de Lisboa – esta que acaba por ser repartida, surgindo a Custódia de Évora em 1331⁹¹. Em 1384, frei Fernando de Astorga começa a exercer governo das Custódias de Portugal de maneira independente à de Santiago, ainda de maneira informal. Foi então oficializada em 1421.

⁸⁸ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 53.

⁸⁹ São Francisco nasceu em Assis, centro da Itália, em 5 de julho de 1182. De origem burguesa, nasceu em família de comerciantes, tendo uma vida de luxos e ostentação, dedicou a primeira fase de sua vida à carreira militar na guerra com a Perúgia, onde acaba preso. Após um sonho mal interpretado foi a Apúlia e logo, por mensagem divina, retorna para Assis. Parando na igreja de São Damião, defronte do crucifixo, São Francisco reconhece o seu caminho. Passa a se comportar de maneira diferente e seguir pelo caminho da humildade. Após conflito com o pai, abstêm-se de toda a sua fortuna e até mesmo as vestes e é acolhido pelo Bispo de Assis. Reforma a igreja de São Damião e dá início ao seu trabalho com os pobres e, principalmente, com os leprosos a quem teve muito respeito. Aos poucos recebe a presença de outros que desejavam seguir os seus passos, sendo o frei Bernardo o primeiro. Logo se juntavam vários seguidores que eram enviados as mais diversas partes da Europa levando a Palavra. Na igreja de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula funda sua ordem, que é admitida pelo papa Inocêncio III oralmente. Em 29 de novembro, de 1223, a sua Regra é bulada pelo papa Honório III em bula *Solet annuere*. Dois anos antes de sua morte recebe os estigmas do Jesus Cristo Seráfico, marcando suas mãos, pés e a lateral do torço. Faleceu em 3 de outubro de 1226, em Assis, e foi canonizado em 16 de julho de 1228 pelo papa Gregório IX.

⁹⁰ *Foi ele, com efeito, quem fundou a Ordem dos Irmãos Menores e lhe conferiu esse nome nas circunstâncias que seguidamente se referem: Estavam a ser escritas na Regra estas palavras: “E sejam menores”, quando, apenas as ouviu, exclamou de imediato: “Quero que a nossa Fraternidade se chame dos Irmãos Menores”. E, realmente, menores eram porque a todos submetidos, buscando sempre o último lugar e os ofícios a que estivesse ligada alguma humilhação a fim de merecerem, fundamentados na verdadeira humildade, sobre ela erguer o edifício espiritual de todas as virtudes.* Cf. CELANO, Tomás de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(1C\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(1C)_4af850265f034.pdf), p. 40-41.

⁹¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O Maravilhoso no mundo franciscano português na Baixa Idade Média*. Porto: Mestrado em História Medieval, p. 25.

Em Coimbra, no eremitério de Santo Antão dos Olivais, o cônego regrante Fernando de Bulhões torna-se uma das figuras mais emblemáticas, não pela trajetória frustrada em Marrocos, em 1220, mas sim pela elevada “pregação e sapiência” e poder de conquistar o coração dos fiéis. Torna-se assim o Santo Antônio de Lisboa⁹², ou Pádua, primeiro Doutor da Igreja franciscana⁹³.

No século XIII, aos poucos, inúmeras contendas entre os Frades Menores e as dioceses portuguesas são solucionadas, principalmente com o apoio do Papa Honório III (1216-1227) e Inocêncio IV (1243-1254). A adesão da Corte portuguesa à causa mendicante – tanto franciscana quanto dominicana – levou a que fossem estreitados os seus laços políticos. Participam ativamente na vida diplomática, por exemplo, junto ao rei D. Afonso III (1248-1279) representando-o em diversas ocasiões. Por outro lado, são muitos os membros da nobreza que aceitam a pobreza e se desfazem dos títulos e riquezas. É o caso da D. Leonor Afonso (†1259), filha de D. Afonso III, sepultada na igreja de Santa Clara de Santarém.

Verificou-se no século XIV o relaxamento da Regra do *Povorello* com a secularização da ordem e uma maior atuação política e ganhos financeiros que, à vista de muitos de seus membros, a desvirtuavam dos princípios de seu fundador. Os Observantes⁹⁴ (ou Capuchos, como também são conhecidos) surgem em Itália no ano de 1368, como uma ramificação espiritual da família franciscana. As discursões sobre a “questão da pobreza”,

⁹² Batizado Fernando de Bulhões, Santo Antônio possui uma linhagem familiar obscura e pouco se sabe de seus pais e até mesmo sua data de nascimento é incerta, atribuindo-se por volta da década de 1190, em Lisboa. Iniciou sua vida religiosa entre os cônegos regrantes de Santo Agostinho, primeiramente na Igreja de Santa Maria Maior e posteriormente no mosteiro de São Vicente de Fora. Entretanto, vai a Coimbra, no mosteiro de Santa Cruz para fugir das tentações mundanas. Após infrutífera ida a Marrocos, acabou por retornar para Portugal acometido por uma doença. Segue para a Itália e lá participa de Capítulo da Ordem de São Francisco e lá entra em contato com o *Povorello*. Opta por tornar-se um Frade Menor onde recebe grande prestígio após pregar em cerimônia revelando seu prodigioso talento e domínio para a pregação. Torna-se um dos mais importantes membros da Ordem e segue sua vida dedicada a Regra. Faleceu em 13 de junho de 1231, em Pádua, e no ano seguinte foi canonizado pelo papa Gregório IX, sendo uma dos processos de canonização mais rápidos da História da Igreja.

⁹³ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517): História, cultura e patrimônio de uma Experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Tese de Doutorado em História Medieval, vol.1, p. 26.

⁹⁴ O termo “Conventual” refere-se ao controle eclesiástico da ordem, semelhante ao clero secular, que era feito por igrejas conventuais definidas assim pelo papa Inocêncio IV. Enquanto os “Observantes” seriam aqueles que observavam estritamente a Regra de São Francisco, seguindo uma vida disciplinar de retidão eremita, pobreza e mendicância. A palavra Capucho refere-se ao capuz duro e curto utilizado pelos frades, diferenciando-se dos Capuchinhos de capuz mole e longo. Cf. TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517): História, cultura e patrimônio de uma Experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Tese de Doutorado em História Medieval, vol. 1, p. 55.

instigados pelo Joaquimismo⁹⁵, levaram a uma contestação da secularização, hierarquização e monetarização dos Conventuais. Os conflitos que se seguem entre os ramos culminam na separação definitiva dos ramos em 1517, confirmada pelo Papa Leão X (1513-1521), através da bula *Ite vos*.

Com a bula *Vestrae devotionis*, de 6 de abril de 1392, o Papa Bonifácio IX (1389-1404) autoriza os frades observantes castelhanos, frei Gonçalo Mariño, frei Diogo Arias e frei Pedro Diaz a se fixarem em Portugal e ali seguirem a Regra Seráfica⁹⁶. A sua primeira casa foi em Santa Maria de Mosteiró, irradiando a expansão deste ramo do Norte para o Sul do país. Contudo, e refletindo as diretrizes da instituição no século XV, a tendência conventual, a institucionalização e a clericalização dominou o *modus vivendi* desses frades que, até 1447, ainda viviam imersos na busca pela penitência, contemplação, eremitismo e pauperismo. Como Vitor Teixeira assinala, esses Observantes já não seguiam plenamente o modelo de vida do *Povorello* – como aqueles que deram início à ramificação em Trezentos – tendência sentida não só em Portugal, mas em toda a Europa⁹⁷, e posteriormente nas colônias.

De acordo com a afirmação de D. Sebastião de Vide no prólogo da sua obra: “se bem acreditamos no que dizem as Chronicas daquela epocha, não forão os Jesuitas os primeiros, que pisarão neste continente. Os Religiosos Franciscanos, que com Pedro Alves Cabral marchavão para a India, desembarcárão em Porto-Seguro, e ahi celebrárão a primeira Missa aos 26 de Abril de 1500”⁹⁸. Neste sentido e tal como confirma Frei

⁹⁵ O Joaquimismo corresponde a uma segmentação teológica, de caráter profético e escatológico apocalíptico, iniciada pelo abade cisterciense italiano Joaquim de Fiore, falecido em 1202. Seus princípios subdividem o tempo em três fases: do Pai, do Filho e do Espírito Santo. No último caso, trataria de uma época onde o amor e a liberdade viriam a superar o direito e a hierarquia, quando um “papa angélico” que receberia do “anjo do sexto selo” um sinal marcado no próprio corpo que fundaria uma *nova ordem*. São Francisco foi então associado a esse líder e os seus princípios da pobreza, amor e humildade foram reconhecidos como as bases para a *nova ordem*. Cf. TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517): História, cultura e patrimônio de uma Experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Tese de Doutorado em História Medieval, vol. 1, p. 60-62.

⁹⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517): História, cultura e patrimônio de uma Experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Tese de Doutorado em História Medieval, vol. 1, p. 113.

⁹⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517): História, cultura e patrimônio de uma Experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Tese de Doutorado em História Medieval, vol. 1, p. 162-163.

⁹⁸ VIDE, S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, p. 7.

Antônio Jaboatão foram Observantes⁹⁹, os primeiros religiosos franciscanos a entrar em território brasileiro.

Frei Henrique Soares e outros sete frades menores são enviados, juntamente com nove diocesanos, na missão em direção às Índias liderada por Pedro Álvares Cabral. Realizam, em abril de 1500, a primeira Missa oficializada pelo Frei Henrique Soares. A admiração deste é evidente perante a interação dos Tupiniquins à liturgia aplicada naquele momento de completo improviso¹⁰⁰ e só a contragosto irá prosseguir a viagem para o Oriente.

Retornos espaçados ocorreram durante a primeira metade do século XVI, e, só após nove tentativas frustradas provocadas pela violência dos nativos¹⁰¹, foi possível a fixação dos Frades Menores no solo de Olinda. A autorização surge na sequência do pedido do governador da Capitania de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, filho de Duarte Coelho, ao superior geral da ordem Frei Francisco Gonzaga¹⁰² e ao rei Filipe I (1581-1598)¹⁰³. Frei Melchior de Santa Catarina e mais seis frades partem de Portugal no dia 1 de janeiro de 1585 e chegam a Olinda a 12 de abril do mesmo ano. Numa primeira fase, ocupam as instalações de um orfanato feminino e ermida dedicada a Nossa Senhora das Neves, cedidas por D. Maria Rosa, viúva de Pedro Leitão e irmã Terceira¹⁰⁴. A doadora

⁹⁹ Frei Jaboatão confirma que seriam os Observantes aqueles que chegaram ao Brasil no momento do primeiro contato dos primeiros Portugueses com o Brasil, não restando dúvidas quanto a origem dos franciscanos brasileiros nessa época. “*E supposto que ainda naquelle tempo não estava a Provincia de Santo Antonio de Reformados em Portugal, de que sahio esta do Brasil, separada da Observancia, não embaraça isto dizer-se que a influxos da soberana luz de Antonio fizeraõ seus filhos este espiritual descobrimento, e obraraõ o mais; porque para congruencia do dito basta fossem os Religiosos Menores da Provincia de Portugal Observante, da qual havia descender por linha recta esta do Brasil, e ser Santo Ahtonio Alumno della*”. Cf. JABOATÃO, F. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 8.

¹⁰⁰ WILLEKE, F. V. (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 18-19.

¹⁰¹ WILLEKE, F. V. (1978). *Missões franciscanas no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 18-22.

¹⁰² WILLEKE, F. V. (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 40.

¹⁰³ LINS, E. de A. (2008). *A vida temporal e espiritual das Casas Franciscanas em face aos estatutos da província de Santo Antônio do Brasil*. FERREIRA-ALVES, N. M.. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras. Porto: CEPESE, p. 95.

¹⁰⁴ Pouco se sabe acerca do casal, por ausência de referências maiores, seriam ricos e desprovidos de herdeiros. Devido a forte relação com ordens religiosas no Brasil, tendo ajudado jesuítas como intérpretes, posteriormente a viúva funda um orfanato feminino em suas terras e em seguida as sede aos franciscanos. Frei Jaboatão afirma que *era Maria da Roza, irmã Terceira de N. P. S. Francisco, que tornara o habito da Penitencia desta Veneravel Ordem na Capellinha de S. Roque, coma fica dito. Era viuva honesta, exemplar, e rica, e fora casada com Pedro Leitão. Morto este, por particular devoção, que tinha á mãy de Deos, e não haver herdeiros forçados aos seus bens, edificou em terras proprias huma Capella á Rainha dos Anjos debaixo do seu especioso titulo de Senhora das Neves, com intento de levantar á sombra desta Mãe de Piedade, e dos homens, hum Recolhimento para si, e oulras devotas mulheres, quando não houvesse effeito o particular voto seu de fazer doação de tudo aos Frades Menores, como ella mesmo declara em sua escritura*. Cf. JABOATÃO, F. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 135.

desloca-se juntamente com outras irmãs terceiras do orfanato para o convento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda, enquanto os Frades Menores começam a erguer o seu convento, em 27 de setembro de 1585, nos limites da vila, “dentro de uma articulação urbana à moda medieval portuguesa”¹⁰⁵. Na realidade “era mais fácil instalarem-se numa ermida ou capela abandonada e arruinada do que num lugar sem referência alguma em termos patrimoniais e eclesiásticos; seria mais fácil reconstruir – como Francisco em S. Damião... – do que partir do nada [...]”¹⁰⁶. Recebem então autorização do pontífice Sisto V (1585-1590), em 1586, para ali ficarem definitivamente.

Frei Melchior de Santa Catarina assume a administração da Custódia de Santo Antônio do Brasil, dedicada ao popular santo franciscano português, submetida à Província de Santo Antônio, em Lisboa. Alguns meses após a fundação do convento, Frei Melchior dá início a catequização dos índios e no ano seguinte ergue um internato para os mesmos. Também procura construir um noviciado no convento para as vocações dos colonos, sendo o primeiro Frei Gaspar de Santo Antônio que, em 1585, trocou “a farda militar pelo burel da penitência”¹⁰⁷.

Até 1647, já tinham sido edificadas em todo o território doze conventos franciscanos. Esta profusão de edificações justificou a ida de Frei Daniel de São Francisco a Lisboa no sentido de tornar a Custódia do território brasileiro independente da Província portuguesa, pedido autorizado pelo Papa Inocêncio X no dia 18 de abril desse ano. Dez anos depois, em 24 de agosto de 1657, o Papa Alexandre VII eleva-a à categoria de Província¹⁰⁸. Em 1659, a Província brasileira divide-se em duas: Santo Antônio (Nordeste) e Imaculada Conceição (Sudeste), numa primeira fase dependente da primeira. Em 1675, a Província da Imaculada Conceição torna-se independente da Província de Santo Antônio.

Assim como os Jesuítas, os Frades Menores atuavam na catequização dos índios e educação dos colonos. No primeiro caso, as ações eram feitas diretamente nas tribos

¹⁰⁵ A autora refere-se a uma disposição urbana muito similar à encontrada em cidades portuguesas, onde a urbe dispõem-se em zona elevada da região enquanto o convento segue a tradição franciscana de se alojar nas áreas periféricas ou mesmo extramuros devido ao seu caráter eremítico. CARVALHO, A. M. F. M. de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M.. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras. Porto: CEPSE, p. 20.

¹⁰⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517): História, cultura e património de uma Experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Tese de Doutoramento em História Medieval, vol. 1, p. 125.

¹⁰⁷ WILLEKE, F. V. (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 41-42.

¹⁰⁸ Poderia ter ocorrido muito antes, em 1614, por iniciativa do custódio Frei Vicente do Salvador, mas foi interrompida pela presença holandesa da colônia.

ou nas proximidades de seus conventos. Para serem integrados, os índios eram então educados na Palavra e na Liturgia, deixando para trás seus costumes, particularmente a antropofagia, que causava grande assombro aos portugueses¹⁰⁹. Aprendiam nos seminários a tradição cristã e esse método permitia expandi-la através dos índios convertidos. O ensino da música para as crianças indígenas foi de grande valia para atrair os pais “amigos da música”¹¹⁰, ou seja, o objetivo era assimilar aspectos da cultura indígena de modo a facilitar a infiltração da tradição cristã. A doutrinação das crianças facilitava o acesso aos seus familiares, tornando-as instrutoras dos seus semelhantes.

Para os colonos funda-se no convento olindense, em 1596, o Curso de Artes, voltado para o ensino de Filosofia. Em 21 de julho de 1607, o capítulo provincial, atendendo à grande dimensão do convento de Olinda, capaz de receber uma boa quantia de alunos, ordena o início do curso de Artes e Teologia. Os estudantes deveriam realizar primeiro o curso de Artes e depois o de Teologia, não podendo estes serem feitos em simultâneo. No caso de serem brancos, segundo Maria Amorim, poderiam continuar e concluir estudos na Universidade de Coimbra¹¹¹.

No caso de Olinda e numa primeira fase, os professores eram todos de origem portuguesa, mas aos poucos foram sendo inseridos os frades ordenados na colônia. Seguiam com rigor o regulamento dos estatutos, conciliando os horários dos estudos com os dos ofícios divinos. Os alunos precisavam dominar o latim e a gramática. A qualidade da sua formação era garantida pela criação de ricas biblioteca, o castigo era severo e muitas vezes sujeitos a cobranças.

“Os estatutos de 1683 estabeleciam como prerrogativa para frequentar os cursos que os colegiais tivessem pelo menos seis anos de hábito. Seriam examinados anualmente por dois letrados da província, «e se acharem que algum não dá sufficiente conta do que se lhes ensinou, não será admitido a ouvir theologia, e será lançado fora do curso (...). Continuarão os Estudantes tres annos de Artes, e dous de Theologia com duas lições cada dia; o qual tempo acabado serão outra vez examinados por dous Religiosos Letrados da Província; e dos que melhor souberem (segundo parecer dos ditos Examinadores, dado por escrito) se escolherá o Lente para o Curso futuro por votos da mesa da Diffinição»”¹¹².

¹⁰⁹ WILLEKE, F. V. (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 47.

¹¹⁰ WILLEKE, F. V. (1978). *Missões franciscanas no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 33-34.

¹¹¹ AMORIM, M. (1999). “A formação dos franciscanos no Brasil-Colônia à luz dos textos legais”. Lisboa: *Lusitania sacra*, 2ª série, 11, p. 369.

¹¹² AMORIM, M. (1999). “A formação dos franciscanos no Brasil-Colônia à luz dos textos legais”. Lisboa: *Lusitania sacra*, 2ª série, 11, p. 371.

1.4 As fundações do Nordeste brasileiro

No atual território do Brasil existiram quatro ramos franciscanos: Província de Santo António do Brasil, Província da Imaculada Conceição do Brasil, Comissariado da Província de Santo António de Portugal no Maranhão e Pará e Comissariado da Província da Piedade de Portugal no Maranhão e Pará. As duas províncias situam-se no Estado do Brasil, os Comissariados pertencem ao Estado do Grão Pará e Maranhão (Fig. 2). Dos vinte e seis conventos construídos entre os séculos XVI e XVIII no Estado do Brasil, restam atualmente dezenove. A Província da Imaculada Conceição agrupou treze conventos na região Sudeste do Brasil, enquanto a Província de Santo Antônio reuniu treze conventos na região do Nordeste. A atenção da nossa dissertação está voltada para estes últimos.

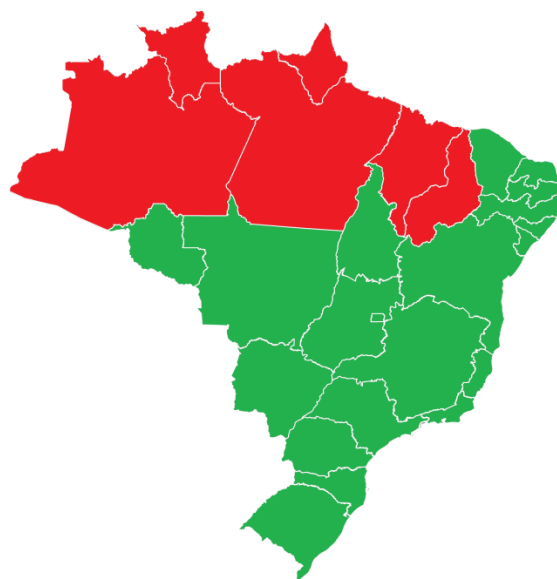


Figura 2 – Delimitação do Estado do Grão Pará e Maranhã (vermelho) e do Estado do Brasil (verde) (elaboração própria). Disponível em: <https://openclipart.org/detail/226709/mapa-brasil>. Acesso em: 11 de setembro de 2017.

Depois da fundação de Olinda, em 1585, Frei Melchior de Santa Catarina recebe convite do bispo D. Antônio Barreiros para ir à capital brasileira, Salvador, edificar convento em 1586. Seguem-se as fundações de Igarçu, em 1587, e Filipéia – atual João Pessoa, na Paraíba –, em 1588. O último convento feito sob tutela do custódio seria no Estado do Espírito Santo, em 1570. A partir desta data os demais custódios ergueram os seguintes conventos: Recife (PE) e Ipojuca (PE) em 1606; São Francisco do Conde (BA) em 1629; Sirinhaém (PE) em 1630; Cairu (BA) em 1650; Paraguaçu (BA) e São Cristóvão

(SE) em 1658; Marechal Deodoro (AL) em 1660 e, por fim, Penedo (AL) por volta da década de 1680.

Alguns pontos precisam ser ressaltados logo a princípio. O primeiro é que a grande maioria encontra-se no estado de Pernambuco, ao todo cinco, seguido pela Bahia com quatro, Alagoas com dois e apenas um na Paraíba e em Sergipe, como é possível observar no mapa (Fig. 3). Segundo, que apenas quatro seriam levantados no século XVI, enquanto os demais estariam distribuídos no século XVII e nenhum no XVIII. O último convento construído antes da invasão holandesa seria o de Sirinhaém, que não se viu concluído por esse motivo, sendo retomado após a saída dos invasores em 1654. Esta data também marca um ponto crucial para a arquitetura franciscana com a fundação do convento de Cairu, na Bahia.



Figura 3 – Localização dos conventos da Custódia de Santo Antônio do Brasil, situados nos respectivos Estados (elaboração própria). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Northeast_Brazil_location_map.svg. Acesso em: 5 de outubro de 2016.

1.5 A estrutura conventual franciscana de Olinda

Com uma área total construída de 6.294 m², o Convento de São Francisco de Olinda está distribuído em três blocos (Fig. 4). A primeira é a Igreja de Nossa Senhora das Neves (a vermelho), a segunda seria a área conventual que pode ser subdividida entre aquela que envolve o claustro e varanda (a azul) e a nova portaria (a verde). Por fim, o espaço da Ordem Terceira (a amarelo).



Figura 4 – Planta do convento de São Francisco de Olinda com os blocos da igreja (Vermelho), claustro (Azul), portaria nova (Verde) e da Ordem Terceira (amarelo) (elaboração própria). Versão digital a partir de planta de abril de 1974. Sem escala. AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 82.

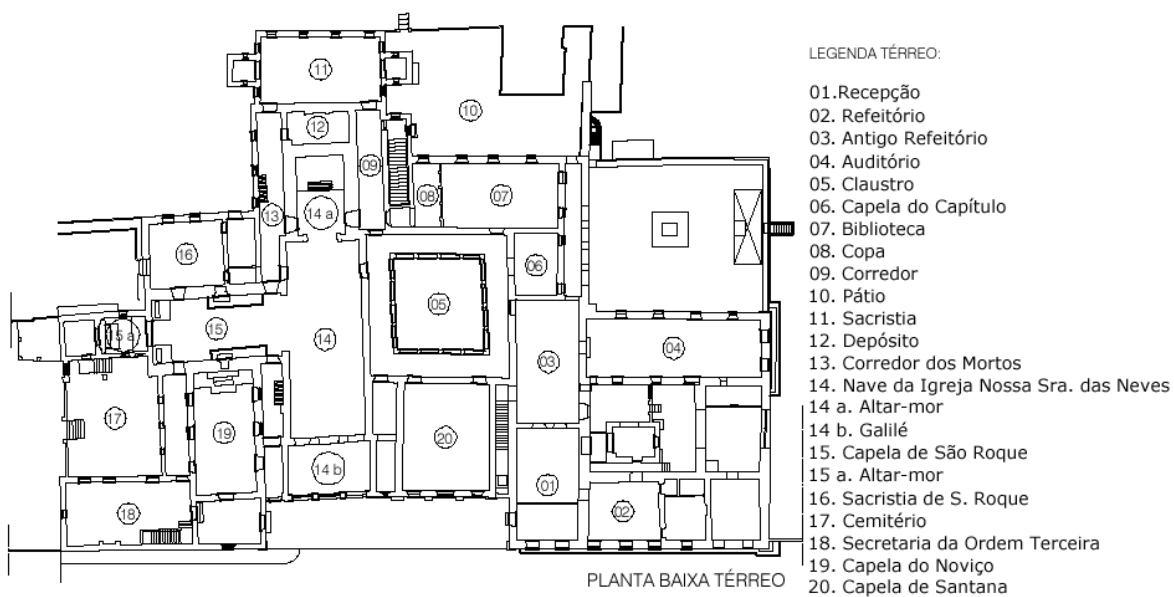


Figura 5 – Planta baixa do térreo do convento de São Francisco de Olinda. Esquema do arquivo pessoal de Bartira Barbosa.

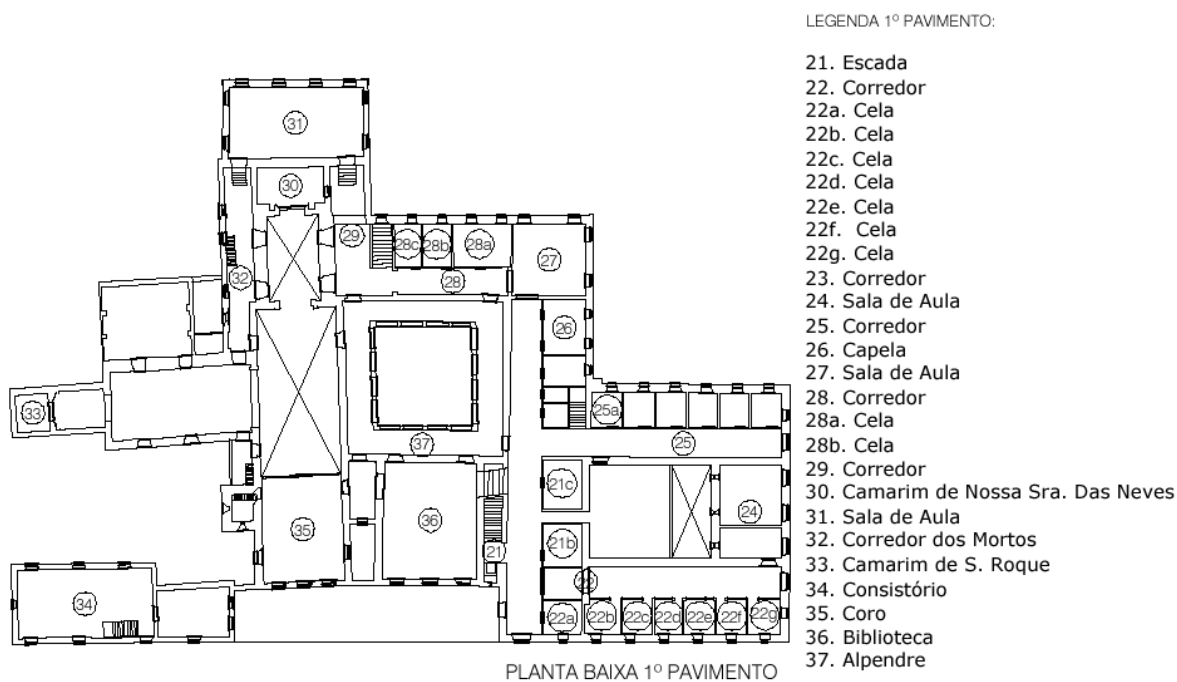


Figura 6 – Planta baixa do primeiro piso do convento de São Francisco de Olinda. Esquema do arquivo pessoal de Bartira Barbosa.

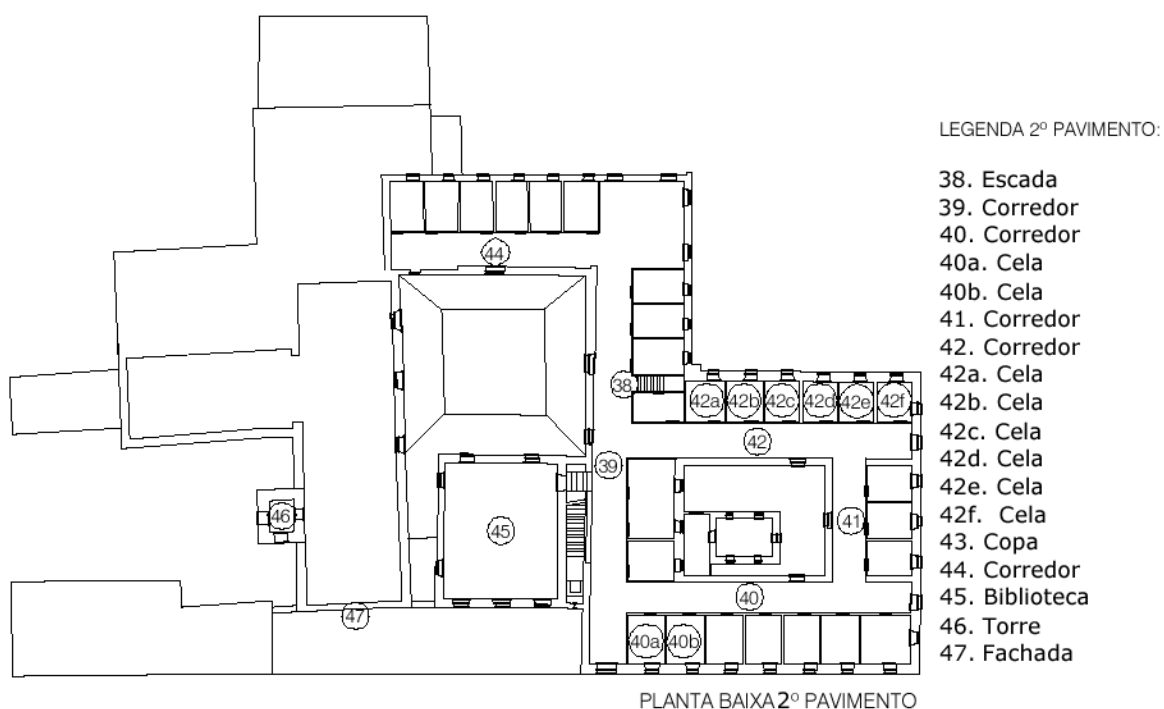


Figura 7 – Planta baixa do segundo piso do convento de São Francisco de Olinda. Esquema do arquivo pessoal de Bartira Barbosa.

A fachada conventual está orientada para oeste, na direção da Catedral da cidade, enquanto os fundos estão direcionados ao mar (leste), com vista para a parte litorânea da cidade. A disposição oeste-leste assenta em tradições anteriores ao cristianismo, e perpetuadas por estes; voltando a entrada para o ocidente, os que entram no recinto caminham para o oriente. De acordo com princípios de morte e renascimento “no templo correctamente orientado, o eixo principal está dirigido no sentido oeste-leste, o coro e o altar estão do lado de onde vêm os raios do Sol visível e dos do ‘Sol de justiça’, cuja luz ‘ilumina todo o homem que vem a este mundo’”¹¹³. Dessa forma “a construção de um edifício religioso devia seguir em pormenores a orientação cósmica, de forma que pudesse refletir na terra a grandeza de Deus”¹¹⁴. Nota-se que este padrão mantém-se nos regulamentos tridentinos conforme atesta São Carlos Borromeu:

“Ahora bien, el sitio de esta capilla debe elegirse en la cabeza de la iglesia, en el lugar más elevado por cuya región esté la puerta principal; su parte posterior mire en línea recta hacia el oriente, aunque

¹¹³ HANI, J. PINTO, Rooney Figueiredo (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, p. 89.

¹¹⁴ PINTO, R. F. (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, p. 90.

los domicilios del pueblo estén por la parte de atrás. Y no se sitúe nunca completamente hacia el oriente solsticial, sino hacia el equinoccial”¹¹⁵.

Entende-se o edifício religioso enquanto uma cidade que envolve no seu interior toda a vida conventual¹¹⁶. O claustro se coloca enquanto epicentro desse universo ordenando a disposição dos espaços no conjunto edificado e permitindo a socialização e repouso dos residentes. Elemento fundamental ao edifício religioso, Bernardo de Claraval vai atribuir-lhe o sentido místico de uma *Paradisium Clausstralis*¹¹⁷. O “paraíso celeste”, ou “Jerusalém Terrestre”¹¹⁸, é a abertura de luz natural que, muitas vezes preenchido com plantas, aproximando o local de um jardim celestial. Esse teor divino é atestado pela forma quadrangular, como aponta Sílvia Borges, através de George Duby: “(...) é quadrado como a cidade de Deus, e essa quadratura evoca para o espírito meditativo simultaneamente os quatro rios do jardim do Éden, as quatro fontes que são os Evangelhos, as quatro virtudes cardeais, enfim, a quaternidade primordial que reside no ser mesmo de Deus”¹¹⁹. Esse caráter solene exige dos frades transitar, ler e interagir com diligência e meditação. Ceio do conjunto conectando a Deus, Eugênio de Ávila Lins aponta acerca da sua distribuição no espaço através de Saint-Gall:

“Percebe-se que a organização espacial do traçado pretende refletir as estritas hierarquias celestes, por exemplo: ao centro está o lugar de Deus, o templo; “a direita do Pai”, o abade, isolado, o *aba*, o pai da família; à esquerda, no terceiro escalão, os filhos, os irmãos, todos iguais, os monges. Esse traçado do Saint-Gall será o arquétipo para as construções monásticas a partir do século IX, com alterações – adições e subtrações – do modelo espacial inicialmente proposto”¹²⁰.

O claustro do convento franciscano de Olinda (Fig. 8) é de planta quadrangular, com dois pisos, sendo o térreo constituído por arcos abatidos apoiados em arcada de ordem toscana. O segundo andar é coberto por uma mesma estrutura alpendrada coberta por telhas, suportada por colunas de ordem toscana. Germain Bazin atribui esse modelo a um gosto comum na arquitetura franciscana pelo “estilo da primeira Renascença, como se havia manifestado em Portugal no fim do século XVI”¹²¹. As paredes da galeria térrea possuem

¹¹⁵ BORROMEU, São Carlos. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 15.

¹¹⁶ ROCHA, M. J. M. da (2011). *A memória de um Mosteiro, Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX): Das construções e das reconstruções*. Porto: Afrontamento, p. 50.

¹¹⁷ SOUSA, A. C. C. de (2015). *O claustro do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa: uma arquitetura “senza tempo”*. RESENDE, N.; SEBASTIAN, L. Cister no Douro, p. 99-100.

¹¹⁸ ROCHA, M. J. M. da (2011). *A memória de um Mosteiro, Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX): Das construções e das reconstruções*. Porto: Afrontamento, p. 51-52.

¹¹⁹ DUBY, G. BORGES, S. B. G. (2008). *Azulejaria portuguesa no Convento de Santo Antônio de Recife*. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I. Porto: CEPES, p. 229.

¹²⁰ ARIÉS; DUBY. LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 105.

¹²¹ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 144-145.

painéis azulejares que, a semelhança dos da igreja, datam de 1735 e 1745, sendo de provável origem portuguesa¹²². Enquadram-se na tipologia do azulejo barroco azul e branco, da primeira metade do século XVIII, descrevendo cenas da vida do Seráfico fundador e seus seguidores.



Figura 8 – Claustro do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

Anna Maria de Carvalho explica esta organização conventual na perspectiva de uma realidade epicêntrica que abarca as dimensões sociais, biológicas, intelectuais e espirituais¹²³. A dimensão social, ligada a relação do convento com a vida social interna ou externa, tem como exemplos expressivos a portaria original, posteriormente elevada à categoria de Capela de Santana (Fig. 9), sendo repassada essa função para um espaço ao seu lado direito. A capela recebe uma suntuosa decoração, sendo composta por um altar barroco dedicado a Santana, ladeado por portas rematadas por sanefas do mesmo gosto, que dão acesso ao claustro. As paredes são revestidas com painéis azulejares barrocos em azul e branco, datados de 1754¹²⁴, com narrativas dedicadas à vida de Santana e Maria. Por

¹²² ASSIS, M. H.; BARBOSA, B. F.; MENDES, D. (2008). “Acervos históricos e artísticos: Convento de São Francisco em Olinda”. Lisboa: *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, Ano VII, n. 13/14, p. 302.

¹²³ CARVALHO, A. M. F. M. de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial. Urbanismo-Arquitetura-Artes Plásticas*; In FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. P. 22.

¹²⁴ CAVALCANTI, S. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 70.

fim, a complexidade decorativa do espaço é marcada pela representação da Orbe Seráfica no teto da capela, onde São Francisco e Cristo envolvem o mundo com medalhões referentes a frades da Ordem. Nas extremidades do recinto anjos com trombetas representam os quatro continentes.



Figura 9 – Capela de Santana do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

A Sala do Capítulo (Fig. 10), único espaço não destruído pelo incêndio de 1631, apresenta um altar dedicado a Santana, expondo imagens em cerâmica (Santana) e madeira (São Francisco e Santo Antônio). As paredes são revestidas de azulejos de tipo “maçaroca” em azul, amarelo e branco, datados por Santos Simões entre 1650 e 1670 ¹²⁵. No teto, o tema da “Fuga para o Egito” é envolvido por quatro *putti* junto a flores, frutos e animais. No piso, uma pedra tumular brasonada com inscrições referentes ao capitão Francisco de Rego Barros e sua esposa Dona Arcângela da Silveira, prováveis patrocinadores dos franciscanos.

¹²⁵ CAVALCANTI, S. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 67.



Figura 10 – Sala do Capítulo do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

Entre o segundo e o terceiro bloco, foi edificado um pátio com uma cisterna ao centro para socorrer as necessidades de água do convento. Esta cisterna veio colmatar as dificuldades de acesso a água que antes era necessário recolher em local afastado uma vez que a acumulada no claustro não era suficiente e pouco limpa. Dessa maneira foi feita a cisterna com um poço no centro e um relógio solar na extremidade voltada para o mar (Fig. 11a). Não se sabe a data de construção, mas Frei Antônio Jaboatão relata uma reforma feita em 1714 que acabou por danificar o seu sistema de alimentação, sendo corrigido em 1748 pelo Frei Gervasio do Rosário¹²⁶. Dela os frades lavavam suas túnicas e hábitos e por cima servia de mirante com bancos de pedra para socialização e descanso¹²⁷.

¹²⁶ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. (Vol 1), p. 233.

¹²⁷ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 142.



Figura 11 – Mirante do convento de São Francisco de Olinda, vista leste (a) e oeste (b). Fotografias do autor.

Na dimensão biológica estão as necessidades essenciais como o refeitório (Fig. 12a), a cozinha, os serviços e as celas. Este último está localizado no primeiro e segundo piso do conjunto conventual, enquanto os outros estão localizados próximos da atual portaria. Esses espaços foram reformados em 1753, sob a tutela de Frei João de Jesus e Maria¹²⁸.



Figura 12 – Antigo refeitório (a) do convento e sua pia de lavar as mãos (b). Fotografias do autor.

Quanto à intelectual, consta as salas de estudo (Fig. 13) e oficinas, além da Biblioteca monumental, distribuída pelo primeiro e segundo piso, armazenando na totalidade cerca de 11.803 mil volumes, versando os mais variados temas como arte, religião, história, ética, biografias, economia, psicologia etc. Segundo Bartira Barbosa,

¹²⁸ CARRAZZONI, M. E. (1980). *Guia dos bens tombados*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, p. 99-100.

grande parte das obras existentes datam dos séculos XIX e XX, pelo fato de os frades terem optado por atualizar seus volumes e tendo se desfeito dos antigos¹²⁹.



Figura 13 – Sala de estudos do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

Por fim a questão espiritual, realidade que abarca os aspectos mais complexos e que levanta as maiores discussões artísticas, e tema fulcral da nossa dissertação. Nela se inclui a Igreja de Nossa Senhora das Neves (Fig. 14) e sua sacristia. Importa também referir a Capela de São Roque (Fig. 15), pertencente ao conjunto da Ordem Terceira, ricamente ornamentada. Salienta-se o arco revestido a madeira entalhada que limita a nave da igreja a capela, os tetos da nave e da cabeceira revestidos de caixotões pintados com temas hagiográficos, e altar-mor, colaterais e laterais, assim como varandins e púlpito, de talha barroca.

¹²⁹ ASSIS, M. H.; BARBOSA, B. F.; MENDES, D. (2008). “Acervos históricos e artísticos: Convento de São Francisco em Olinda”. Lisboa: *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, Ano VII, n. 13/14, p. 304-306.



Figura 14 – Igreja de Nossa Senhora das Neves do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.



Figura 15 – Capela de São Roque da Ordem Terceira. Fotografia do autor.

1.6 A “escola arquitetônica franciscana”

Popularizou-se, no início do século XX, a ideia de que existiria no Brasil uma “escola arquitetônica franciscana no Nordeste do Brasil”¹³⁰, tese que acolheu forte apoio do francês Germain Bazin. Através da obra *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*¹³¹, o autor debruçou-se profundamente sobre algumas das expressões artísticas como a arquitetura e a talha presentes nas mais diversas regiões do país.

Podemos observar a presença de algumas características muito comuns à maioria dos conventos nordestinos: a presença de um adro com cruzeiro à sua frente; fachada vertical com galilé no piso térreo; apenas uma torre sineira recuada em relação ao nível da fachada; nave única e capela-mor mais estreita; conjunto conventual no lado da Epístola; presença de mirante; Ordem Terceira no lado do Evangelho; portaria e parlatório com oratório próximo à igreja e sacristia por trás da capela-mor de igual largura à igreja com dois corredores ladeando a capela-mor. Esses elementos não constituem exatamente regras estritas e as suas diferenciações dão pistas do percurso que se fez para que atualmente, e no nosso entender, os conventos apresentem quatro linguagens próprias.

A primeira e única tipologia seria a do convento de Salvador (Fig. 18b) cuja fachada, planta e, em alguns aspectos, recheio são as que mais se diferem das demais, sendo única representante. A principal particularidade reside nas duas torres sineiras inscritas no nível da fachada que a ladeiam, enquanto o corpo central é marcado por uma porta maior no eixo central e duas laterais menores, e todos os registos dos vãos de abertura são discriminados através de pilastras. O frontão muito elevado recebe cantaria com ornamentação mais próxima da linguagem barroca. Sua planta em três naves com capelas laterais, coro alto, transepto e cabeceira profunda é recoberta com soberbo trabalho em talha e pintura. Segundo Germain Bazin, esta igreja procurava seguir o modelo da igreja de São Francisco do Porto, tanto na sua estrutura arquitetônica quanto, e sobretudo, no seu esplendor ornamental¹³². No entanto, entendemos tratar-se de um gosto da época, uma vez que muitas outras igrejas adotaram uma planta semelhante¹³³.

¹³⁰ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 137.

¹³¹ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record.

¹³² BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 143.

¹³³ Tal como o convento carmelita de Olinda e do colégio jesuíta de Salvador.

A segunda linguagem adotada nos conventos é comumente encontrada em Pernambuco. Nesse caso as linhas firmes, limpas e honestas traçam a sua fachada, sem uso de ornamentação. Resultam de um gosto maneirista português incorporado pelos jesuítas no século XVI, inspirado na capela da Conceição, em Tomar, e na igreja de Santiago, em Portalegre¹³⁴. Como atesta Germain Bazin, a fachada da igreja de Nossa Senhora das Graças, em Olinda, teria sido inspirada na igreja de São Roque em Lisboa (Fig. 16). O interior seguiu o modelo português em “nave única com capelas laterais e tribunas no pavimento superior, o vestíbulo em forma de nártex definido pelos suportes do coro alto na entrada da nave, a cobertura em abóbada de berço e a fachada compartimentada, lembrando os retábulos do período”¹³⁵. Entretanto, aos poucos essa estrutura sofreria modificações, inclusive no Brasil, segundo Myriam de Oliveira:

“A evolução posterior do partido tenderia a uma maior unificação do espaço da nave, pela progressiva redução da profundidade das capelas laterais, até sua total supressão em meados do século XVIII, desenvolvendo em contrapartida corredores externos para circulação. Os volumes exteriores e as fachadas revelam a mesma tendência à forma unitária e compacta, a decoração concentrando-se na zona central da portada e as demais superfícies ritmadas pelos elementos estruturais e molduras em pedra nua, em destaque contra as paredes caiadas de branco”¹³⁶.



Figura 16 – (a) Igreja de São Roque de Lisboa. Disponível em: <http://www.allaboutportugal.pt/lisboa/monuments/igreja-de-sao-roque-4>. Acesso em 5 de setembro de 2017.
(b) Igreja de Nossa Senhora das Graças de Olinda. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.010/1385>. Acesso em 5 de setembro de 2017.

¹³⁴ SOUSA, Alberto (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, p. 28-29.

¹³⁵ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de (2003). *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 107-108.

¹³⁶ OLIVEIRA, M. A. R. de (2003). *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 107-108.

Um exemplo seria a igreja de Igarassu, onde sua fachada refletia a modéstia franciscana adaptando-se “às exigências da colônia, sendo as plantas elaboradas, *in loco*, pelo arquiteto Frei Francisco de Santos, enquanto outras ordens, como p. ex., a Companhia de Jesus, recebiam as plantas minuciosamente traçadas na Europa”¹³⁷. Em geral, era “fundamentalmente econômica e utilitária, que era uma versão simplificada do já despojado estilo chão português”¹³⁸ o desenho da sua fachada era em retângulo vertical com triângulo pousado em cima. Possuía uma porta de entrada para a igreja, muitas vezes com pórtico ou alpendre, no primeiro piso haveria um ou mais vãos de iluminação e remate em frontão triangular (Fig. 17). Quanto a torre sineira, o recuo em relação à fachada era evidente.



Figura 17 - Claustro franciscano de Igaracu. Frans Post, meados do século XVII. Óleo sobre madeira, 48x70 cm, Historisches Museum (Frankfurt, Alemanha) (Elaboração própria). Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24414/claustro-franciscano-de-igaracu>. Acesso em 5 de setembro de 2017.

Constam em pinturas e cartografias do período holandês, hoje dispersas entre museus brasileiros ou estrangeiros, representações de edifícios religiosos pernambucanos e uma Olinda arruinada. O incêndio de 1631 destruiu não apenas vidas, como também edifícios civis e religiosos. Neles constam edificações que muito poderiam ser o seráfico edifício aqui estudado. Entretanto é delicada a questão das pinturas holandesas pelas incoerências arquitetônicas encontradas e já muito discutidas¹³⁹. Mas o que importa ressaltar é a confirmação dessa arquitetura no contexto colonial pelo menos no início do século XVII.

¹³⁷ WILLEKE, F. V. (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 44.

¹³⁸ SOUSA, A. (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, p. 27.

¹³⁹ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 140.

Atualmente, apenas a igreja do convento de Sirinhaém (Fig. 18h) mantém essa formatação. Frei Jaboatão atribui ao mesmo Frei Francisco dos Santos o risco do convento de São Francisco de Olinda e João Pessoa teria se fixado em Salvador, onde assumiu o cargo de custódio em 1608¹⁴⁰. Essa notícia nos faz indicar que, em um primeiro momento, a proposta de estabelecer um modelo construtivo é coerente e pertinente, principalmente quando atentamos para os exemplares nordestinos que temos, onde as semelhanças permitem agrupá-los. Gradualmente, o coro das igrejas foi se ampliando sobre o alpendre/pórtico em galilés com arcadas, modelo certamente muito antigos, trazido para o Brasil pelos beneditinos, tal como afirma Antônio Santos¹⁴¹. Nesta tipologia incluem-se as igrejas dos conventos de Ipojuca (Fig. 18f), Sirinhaém, Penedo (Fig. 18l), São Cristóvão (Fig. 18k) e Marechal Deodoro (Fig. 18m). Particularmente as duas últimas igrejas possuem uma torre sineira no mesmo nível da fachada. O relato de Frei Venâncio Willeke também nos atenta para uma questão fundamental: a quem se deviam as obras? Como eram executadas? Quais eram as suas fontes? De acordo com o mesmo autor, compreende-se que a arquitetura franciscana possui em sua essência o referencial europeu com as necessárias adaptações ao ambiente e ao gosto daqueles que ali participavam. A vivência do espaço se reflete no modo construtivo e o seu edifício absorve esse teor autóctone¹⁴². Solo, clima, matérias primas (pedras, madeira, minerais, argamassas), todos esses elementos precisam ser pensados, está na base dos princípios fundamentais da arquitetura, pensados já por Vitruvius em finais do século I a.C. Reconhecer que o autor do risco estava no Brasil, e não na Europa, representa um ganho muito grande para a arquitetura e isso se reflete nos edifícios existentes tanto quanto nos já desaparecidos. O meio e o encomendador, por vezes, molda muito mais o edifício do que o próprio arquiteto ou o mestre de obras.

Foi com o fim da presença holandesa no Brasil que não apenas a arquitetura franciscana, mas de todo o território nacional viveu momentos de transformação e inovação. Foi construído, em 1650, o convento de Cairu (Fig. 18i), voltado para o rio, com uma linguagem inovadora e original. Inscrita em um triângulo, a sua fachada escalonada com “superposição de três pavimentos de larguras decrescentes”¹⁴³ apresenta uma composição de corpos de 5:3:1, sendo que o espaço preenchido da transição do segundo

¹⁴⁰ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 137.

¹⁴¹ SOUSA, A. (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, p. 28.

¹⁴² BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 138.

¹⁴³ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 148.

para o terceiro é feito através aletas. O térreo possui galilé com cinco arcos de volta perfeita, separadas por pilastras de ordem toscana. O primeiro piso, mais estreito, é dominado por três janelas e o segundo expõe um nicho com imagem de vulto de Santo Antônio sendo rematado por frontão curvo assinalado por cruz. Manteve-se a opção por recuar a torre para não interferir no equilíbrio da fachada.

Germain Bazin argumenta que esta tipologia de galilé em arcada de três ou cinco aberturas tem origens muito antigas, e que foram utilizadas em simultâneo por franciscanos e beneditinos no Brasil. Segundo o mesmo autor, o campanário recuado, por sua vez, viria dos jesuítas. E essa estrutura de três arcos com torre recuada foi replicada em outras igrejas de Olinda, como a nas de Santa Tereza, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

O arquiteto paraibano Alberto Sousa¹⁴⁴, na sua obra “*A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*” expõe novos argumentos sobre uma possível origem do modelo barroco de Cairu: “uma fusão de influências alemãs, italianas e portuguesas, habilmente integradas, com grande engenhosidade e bom gosto, numa criação inédita e de forte personalidade própria”¹⁴⁵. O frade menor Frei Daniel de São Francisco terá sido o provável arquiteto que com tanta engenhosidade elaborou o projeto do convento de Cairu. Originário de Penafiel, veio fazer o noviciado no Brasil onde ficou durante grande parte de sua vida realizando o importante feito de tornar independente a Custódia do Brasil de Portugal. Esteve em Olinda durante o período holandês, enquanto os invasores ainda permitiam a presença das ordens na região, e posteriormente esteve em Recife quando se finalizou esse período. Para Alberto Souza, foram as experiências visuais colhidas em Lisboa e Roma, enquanto esteve na busca por tornar a custódia independente, que contribuíram para a linguagem barroca de Cairu¹⁴⁶. Essas influências poderiam vir de diversas obras já existentes ou que estavam em andamento antes ou na época da construção do convento. O autor faz alguns paralelos com edifícios portugueses, espanhóis, italianos e dos Países Baixos, encontrando semelhanças e possibilidades. Motivado pelo provável desejo de distinguir os conventos franciscanos dos demais edifícios religiosos, Frei Daniel de São Francisco teria assimilado a fachada de diversos edifícios civis alemães em um

¹⁴⁴ SOUSA, A. (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB.

¹⁴⁵ SOUSA, A. (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, p. 89.

¹⁴⁶ SOUSA, A. (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, p. 22-24.

“frontão de dois ou mais andares”. Com a difusão da galilé em Portugal, esse elemento de origem italiana foi ampliado para cinco arcos para abarcar adequadamente a forma triangular com volutas que vai do primeiro ao segundo piso. Derivam de elementos arquitetônicos maneiristas¹⁴⁷, difundidos por Wendel Dietterlin, com volutas quebradas por uma ponta¹⁴⁸, assumindo uma linguagem “Barroca, por seu caráter cenográfico, pela agitação dos seus contornos, por sua dramaticidade e pelo papel nela desempenhado pela decoração”¹⁴⁹.

Posteriormente, foi a vez do convento de Paraguaçu (Fig. 18j) replicar o modelo, aperfeiçoando-o. O mesmo se verifica nos do Recife (Fig. 18e) e João Pessoa (Fig. 18d), evidenciando este último já um gosto rococó¹⁵⁰. Os de Olinda (Fig. 18a) e Igarassu (Fig. 18c), por sua vez, assumem um hibridismo entre o modelo barroco de Cairu e o clássico jesuíta. Por fim, o convento de São Francisco do Conde da Bahia (Fig. 18g), assume outro hibridismo que leva G. Bazin como obra “bastarda”¹⁵¹. Com galilé em arcada de cinco aberturas e frontão barroco, recebe duas torres sineiras niveladas com a fachada que se assemelha a de Salvador. Talvez a proximidade com a capital colonial tivesse influenciado de alguma forma o arquiteto.

Em síntese, o conjunto franciscano no Nordeste, pertencente à Província de Santo Antônio do Brasil, nos faz considerar quatro tipologias: linguagem colonial pré-holandesa baiana; linguagem colonial pré-holandesa clássica pernambucana; linguagem barroca escalonada e linguagem híbrida. Sendo a última o resultado da interação entre as três primeiras linguagens, resultando na “escola arquitetônica”, cujo complexo patrimônio franciscano reflete os momentos histórico pelos quais passou o Brasil no período colonial.

¹⁴⁷ SOUSA, A. (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, p. 67.

¹⁴⁸ SOUSA, A. (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, p. 88.

¹⁴⁹ SOUSA, A. (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, p. 11.

¹⁵⁰ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 149.

¹⁵¹ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 150.



(a) Convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.



(b) Convento de São Francisco de Salvador, Bahia. Paulo Elísio. Disponível em: <http://historiacomgosto.blogspot.pt/2016/06/artes-barroca-igreja-e-convento-sao.html>. Acesso em: 5 de setembro de 2017.



(c) Convento de Santo Antônio de Igarassu. Disponível em: <http://mapio.net/pic/p-28112317/>. Acesso em: 6 de setembro de 2017.



(d) Convento de Santo Antônio de João Pessoa. Leandro Freitas (2007). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/leandrofreitas/2092628669>. Acesso em: 6 de setembro de 2017.



(e) Convento de Santo Antônio do Recife. Disponível em: <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=1098>. Acesso em: 6 de setembro de 2017.



(f) Convento de Santo Antônio de Ipojuca. Disponível em: <https://www.google.pt/search?q=convento+de+santo+antonio+ipojuca&tbm=isch&source=Int&tbs>

[=isz:l&sa=X&ved=0ahUKEwilnLe9ibXWAhVGtBQKHcErCGYQpwUIHQ&biw=1366&bih=638&dpr=1#imgsrc=WaZRD2jzI2ICMM:](#). Acesso em 6 de setembro de 2017



(g) Convento de Santo Antônio de São Francisco do Conde. Silvana Amaral e Derivaldo Sales. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/historia/>. Acesso em: 6 de setembro de 2017.



(h) Convento de São Francisco de Sirinhaém. Disponível em: <http://freiosmardasilva.blogspot.pt/2014/09/visitar-hoje-o-convento-de-sirinhaem-e.html>. Acesso em: 6 de setembro de 2017.



(i) Convento de Santo Antônio de Cairu. Carla Barreto (2013). Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/94057227>. Acesso em: 6 de setembro de 2017.



(j) Convento de Santo Antônio de Paraguaçu. Disponível em: <https://patrimonioespiritual.org/2016/02/17/igreja-e-ruinas-do-convento-de-santo-antonio-do-paraguacu-cachoeira-bahia/>. Acesso em: 6 de setembro de 2017.



(k) Convento de São Francisco de São Cristóvão. Disponível em: <http://www.eufuierecomendo.com.br/sergipe/brasil/>. Acesso em: 6 de setembro de 2017.



(l) Convento de Nossa Senhora dos Anjos de Penedo. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Penedo_\(Alagoas\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Penedo_(Alagoas)). Acesso em: 6 de setembro de 2017.



(m) Convento de São Francisco de Marechal

Deodoro. Disponível em:

http://fotostrada.com.br/blog/2013/12/04/as_igrejas_de_marechal_deodoro/. Acesso em: 6 de setembro de 2017.

Figuras 18 – Conventos franciscanos do Nordeste.

2 A sacristia

Localizada por trás da capela-mor, a sacristia da igreja de Nossa Senhora das Neves, em Olinda, está apoiada em três contrafortes devido ao desnível do solo. É acessível através de dois corredores que ladeiam a cabeceira. Pelo Evangelho, o corredor dos mortos conecta-a com a Ordem Terceira e suas dependências; pela Epístola, o corredor da sacristia permite ter acesso aos espaços conventuais. Seu projeto aproxima-se muito das recomendações tridentinas. Sua planta retangular dispõe, entre as duas portas, o arcaz ao oeste, em oposição ao armário de amitos ao leste e duas absides, uma com o lavabo ao sul e outra com oratório ao norte. Todo o recheio é composto por obra de talha, pintura, azulejaria, marcenaria e cantaria. Respeitam as necessidades do local e adequam-se ao seu público e à liturgia cristã que dá sentido e direciona a existência desse espaço.

2.1 Os corredores de acesso

Pensar um edifício não é apenas seguir modelos, é necessário dar atenção a cada parte e respeitar a sua funcionalidade e importância para o conjunto arquitetônico. Por vezes numa igreja damos especial atenção ao corpo e à capela-mor. Mas a sacristia acaba por ficar em segundo plano. O caso é ainda mais evidente para os corredores. Quando não se tratam de palácios opulentos e cercados por pinturas e esculturas de renomados artistas, essas estruturas de acesso por vezes passam despercebidas. No entanto, ali se guardam muitas vezes preciosos trabalhos artísticos de vital significação para o seu contexto.

O convento franciscano de Olinda constitui um exemplo concreto da realidade exposta. Quase não se comenta sobre esses corredores, e quando se faz menção, é referido o corredor do lado da Epístola, que aqui trataremos como Corredor Nobre, devido à sua carga simbólico-artística-social. Enquanto o do lado do Evangelho será aqui tratado como Corredor dos Mortos, pela presença de túmulos nas suas paredes (Fig. 19).

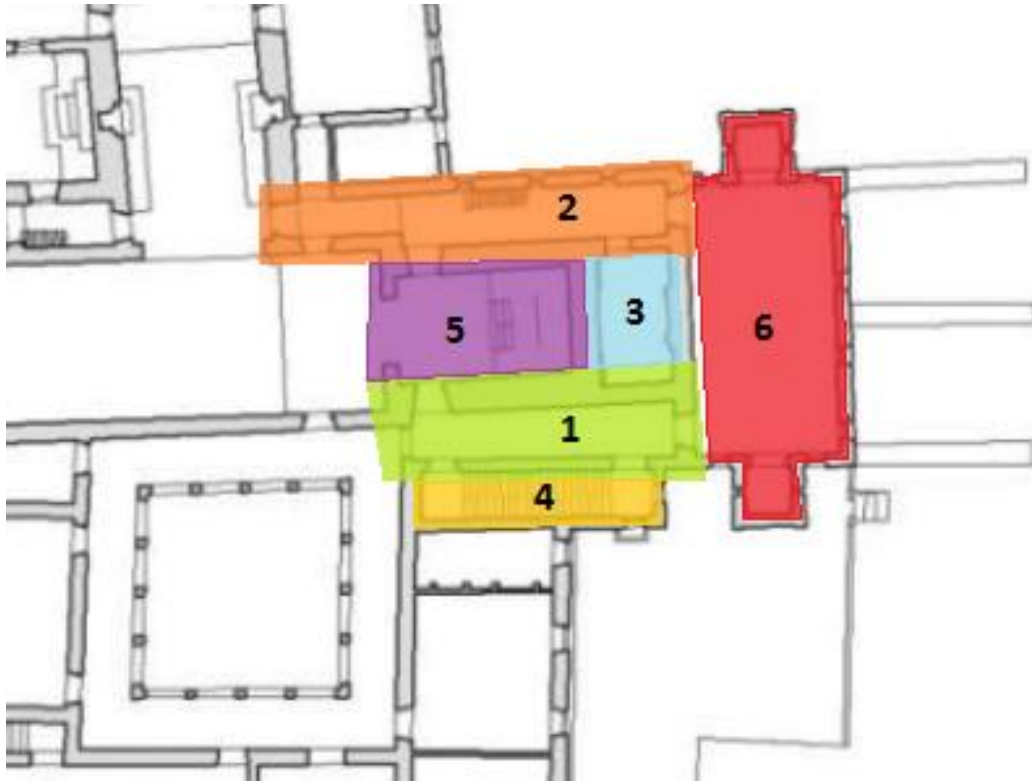


Figura 19 – pormenor da planta do Corredor Nobre (1), Corredor dos Mortos (2), sala de depósito (3), escadaria (4), capela-mor (5) e sacristia (6) da Igreja de Nossa Senhora das Neves. Versão digital a partir de planta de abril de 1974. Sem escala. AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 82.

Pelo seu despojamento, começamos a análise pelo Corredor dos Mortos que liga a sacristia à capela-mor, nave da igreja e Capela de São Roque, bem como à sacristia dos Terceiros. Mesmo em frente à porta da capela-mor estão os túmulos de 10 frades menores (Fig. 20b) que dão nome ao corredor. Também encontramos uma escadaria de madeira que dá acesso à sala do primeiro piso (Fig. 20a), acima da sacristia. O corredor é iluminado através de três vãos rasgados na parede norte e dá acesso ainda a uma pequena sala (Fig. 21), situada entre a capela-mor e a sacristia, por baixo do trono do retábulo da igreja, sendo possível observar parte da sua estrutura portante. Atualmente o espaço serve de depósito, guardando inclusive azulejos desprendidos das paredes do convento (Fig. 21b). O Corredor dos Mortos distingue-se dos restantes espaços pela sua sobriedade ornamental, destoando claramente da carga simbólica que ocorre no Corredor Nobre.



Figuras 20 – Corredor dos Mortos (a) e túmulos de frades franciscanos (b). Fotografias do autor.



Figuras 21 – Sala abaixo do trono do retábulo (a) e pormenor de azulejos desprendidos de paredes do convento (b). Fotografias do autor.

Pelo lado da Epístola, o Corredor Nobre (Fig. 22) conecta a sacristia à capela-mor da igreja, claustro, escadaria e antiga copa (atual sacristia). Composto por um rico acervo pictórico e azulejar, suas paredes receberam um silhar de azulejos barrocos azuis e brancos, enquanto o teto possui quatro pinturas. Os painéis de azulejos representam cenas da vida cotidiana da corte europeia emolduradas por folhas de acanto e as pinturas retratam quatro pontífices ligados à ordem.



Figura 22 – Corredor Nobre. Fotografia do autor.

Datados por volta de 1720 e 1725, segundo Sylvia Cavalcanti¹⁵², esses azulejos seriam posteriores aos dois painéis encontrados na sacristia – como será posteriormente detalhado – e atribuídos ao misterioso azulejador P.M.P.¹⁵³ Mestre azulejador do século XVIII, não se identificou qual seria o seu verdadeiro nome. Luísa d’Odrey C. Arruda e Teresa Campos Coelho consideram a sigla P.M.P. referente ao Padre Manuel Pereira, enquanto Vítor Serrão sugere outras hipóteses, como o ladrilhador António Antunes e o pintor Dionísio Pacheco. Apesar das incertezas, é seguro dizer que seria um azulejador das oficinas lisboetas, tendo sido colaborador de outros mestres, dentre eles António de Oliveira Bernardes¹⁵⁴. Ressaltamos que atribuem à oficina de António de Oliveira Bernardes a autoria dos azulejos da sacristia, como será abordado posteriormente, mas essa relação reforça a atribuição de autorias para os azulejos de ambos os espaços e de uma preferência dos encomendantes por essa oficina. Apresenta uma cercadura de folhagens de

¹⁵² CAVALCANTI, S. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 69.

¹⁵³ CARVALHO, A. M. F. M. de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 29.

¹⁵⁴ CARVALHO, R. S. de. *AZ Sistema de Referência & Indexação de Azulejos: P.M.P.s, Mestres*. Disponível em: http://redeazulejo.fl.ul.pt/pesquisa-az/autor_ficha.aspx?id=263.

acanto de desenho farto, em tom mais intenso de azul em relação às cenas apresentadas no interior dos painéis. Tratam-se das únicas cenas da vida mundana encontradas nos demais espaços do convento. Os temas são alusivos a cenas bucólicas verificando-se, num dos painéis, um homem com um instrumento de sopro (Fig. 23a) e, do lado oposto, um outro a pescar sobre uma encosta (Fig. 23b). Próximo à porta da sacristia ainda localizamos um homem a caminhar com cesto às costas (Fig. 23c). Seguindo pelo corredor, à esquerda e em direção à sacristia, seguem-se as seguintes cenas/personagens: *Fidalgo com camponeses*; *Fidalgo, seu cachorro e os pescadores*; *Flautista pastoreando ovelhas*; *Casal em passeio no bosque* (Fig. 25); *Caça aos patos* (bastante danificado com ausência de 23 azulejos) e *Mãe e filhos junto de um lago* (Fig. 26). No lado direito do corredor, entre a porta da nova sacristia e o acesso para a escadaria, outro painel recebe a mesma moldura barroca que a anterior, sendo possível observar outro conjunto de narrativas: *Fidalgo e seu filho caminham próximos ao mar*; *Viajante chega a estalagem*; *Descanso de soldados* e *Viajante montado em cavalo e seu escudeiro* (Fig. 24).



Figura 23 – Azulejos do Corredor Nobre: homem com instrumento (a); homem a pescar (b) e homem com cesto (c). Fotografias do autor.

Ressaltamos alguns pormenores. O primeiro seria a questão das vestimentas, cuja caracterização dos personagens exprimem num nível social abastado e refletem certamente as influências da gravura europeia na arte azulejar¹⁵⁵. O segundo, são os cenários onde se destacam animais como patos, peixes, cavalos, cães, ovelhas e cabras; vegetações tipicamente europeias; assim como a geografia acidentada e rochosa entremeada por rios e mares; os edifícios militares e civis e instrumentos e meios de transporte (caravelas e

¹⁵⁵ Estudo que está por fazer e que é fundamental para o estudo do azulejo no território brasileiro.

barcos pesqueiros) da época. O terceiro seria a semelhança entre o flautista e o viajante, por sua vestimenta, chapéu de aba larga, vara e uma peculiar cabaça. Assim como os meninos, os cinco fidalgos são muito similares, com exceção de um que veste um tabarro. Estas constatações parecem sugerir sequências narrativas e não representações isoladas dos temas. Tais aspectos levam-nos a variáveis considerações e reflexões. Seriam os fidalgos a mesma pessoa? Seria a história de algum personagem histórico português ou mesmo brasileiro? Seria a história do donatário de Pernambuco, Duarte Coelho ou mesmo seu filho Jorge de Albuquerque Coelho? Estaria narrando sua vinda ao Brasil? Afinal, seu papel para a consolidação da capitania é indubitável, sendo que seu filho foi quem pediu ao superior da Ordem dos Frades Menores que enviasse frades à vila de Olinda. Possibilidades podem ser levantadas, mas não podemos avançar mais devido a ausência de documentação.



Figura 24 - Viajante montado em cavalo e seu escudeiro. Azulejos do Corredor Nobre. Fotografia do autor.

Os temas profanos são muito populares na azulejaria da Época Moderna. Os temas alegóricos e as representações mitológicas aludem a questões simbólicas (cinco sentidos, tempo, quatro elementos). As cenas de costumes, retratando a vida social cotidiana de uma aristocracia ganham espaço não apenas nos edifícios civis como também nos religiosos. Os ciclos narrativos profanos, em contexto religioso, são o ponto central dos estudos da historiadora Diana Santos. Sua investigação, direcionada para o fabrico de azulejos em Coimbra, serve a esta investigação quando aborda os motivos que levam os membros da Igreja a selecionarem estes temas. Momentos de lazer, equitação, cortejo ou festivos,

comuns à vida aristocrática, dividem espaço com caça, pesca ou trabalhos rurais em paisagens bucólicas que rompem as cenas. Sua aplicação nos ambientes de um edifício não é feita aleatoriamente. Os temas são escolhidos de acordo com a função que esse espaço tem. Portanto, assim como a Casa do Cabido da Sé de Viseu¹⁵⁶ recebe esses temas levando em conta a elite diocesana que adentra no recinto, no corredor do convento de São Francisco de Olinda, os azulejos sugerem a hierarquia dos sacerdotes que circulam ali.



Figura 25 - Casal em passeio no bosque. Azulejos do Corredor Nobre. Fotografia do autor.

¹⁵⁶ SANTOS, D. (2013). *Azulejaria de fabrico coimbrão (1699-1801). Artífices e artistas. Cronologia. Iconografia*. Porto: Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa pela Universidade do Porto, p. 554.



Figura 26 - Mãe e filhos junto de um lago. Azulejos do Corredor Nobre. Fotografia do autor.

Pela qualidade técnica e decorativa, a pia de água benta (Fig. 27) merece uma atenção particular. Está inserida na parede entre a porta do claustro e a capela-mor, tendo sido ignorada até hoje pela historiografia. É de pedra calcária, lavrada em formato de vaso, com superfície externa estriada, decorada com folhas e flores e revestida no interior por azulejaria com decoração vegetalista (Fig. 28). Desconhecemos sua origem e datação. Pela qualidade e resistência dos materiais escolhidos, é evidente a importância dessa peça, provavelmente ligada ao circuito de preparação dos sacerdotes para a entrada na capela-mor.



Figura 27 – Pia de água benta do Corredor Nobre. Fotografia do autor.

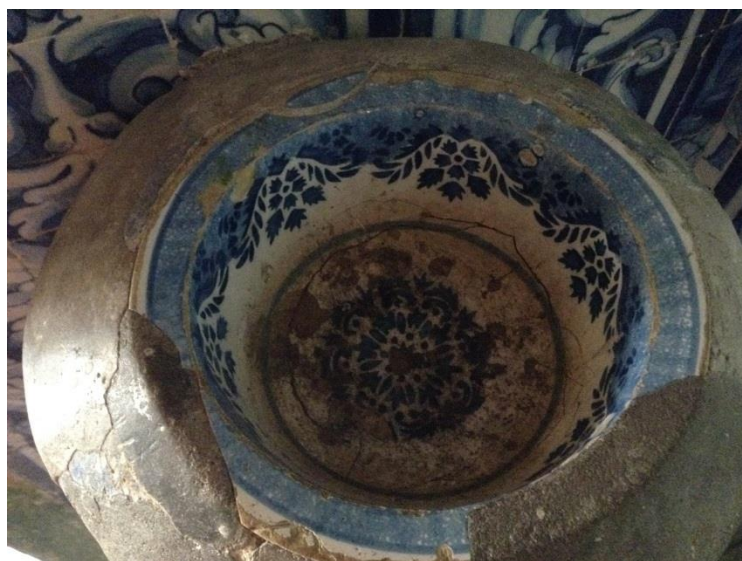


Figura 28 – Pormenor do interior da pia de água benta do Corredor Nobre. Fotografia do autor.

O ultimo aspecto desse corredor a ser ressaltado, e nele reside a motivação para a nossa intitulação de “Nobre”, é o teto. Nele encontramos quatro retratos pintados a óleo sobre madeira, apoiados por molduras retangulares, onde foram representados quatro papas de origem franciscana. Apesar do escurecimento, danos e desgastes, é possível reconhecer a sua elevada qualidade no que se refere ao desenho, escolha de cores, proporção anatômica e composição. A partir do claustro e indo em direção à sacristia, foram representados na seguinte ordem: Nicolau IV, Alexandre V, Sisto IV e Sisto V. Apesar da terceira pintura estar quase completamente arruinada (Fig. 29), sendo possível ver apenas

no nível superior um rosto muito danificado, consideramos que o retrato se refere ao Papa Sisto IV. Seguindo a ordem de pontificado apresentada, a seguir a Alexandre V e anterior a Sisto V, Sisto IV foi eleito em 9 de agosto de 1471. Conhecido por mandar construir a Capela Sistina, Francesco della Rovere (1414-1484), através da bula *Æterni regis*, garantiu a Portugal a posse sobre as terras descobertas ao sul das Ilhas Canárias, pondo fim à Guerra de Sucessão de Castela. Também desempenha importante papel para a história da própria ordem. Canonizou, em 1482, São Boaventura. Este santo foi declarado, em 1587, Doutor da Igreja pelo Papa Sisto V, o que faz todo o sentido no contexto desse convento que tanto exalta a tradição intelectual da própria Ordem.

“Dans le domaine ecclésiastique, Sixte IV privilégia vainement de réformer les conventuels (les Statuta Sixtina ne furent jamais appliqués) et la Curie romaine. Il fit preuve d’une grande vénération pour la Vierge, accorda sans doute trop généreusement des indulgences, des faveurs et des privilèges. Il persécuta les sectes hétérodoxes et hérétiques, autorisa l’Inquisition (1478) et à créer l’Inquisition contre les marranes et les apostats et à nommer les inquisiteurs, intervenant ensuite à plusieurs reprises pour en limiter les abus”¹⁵⁷.



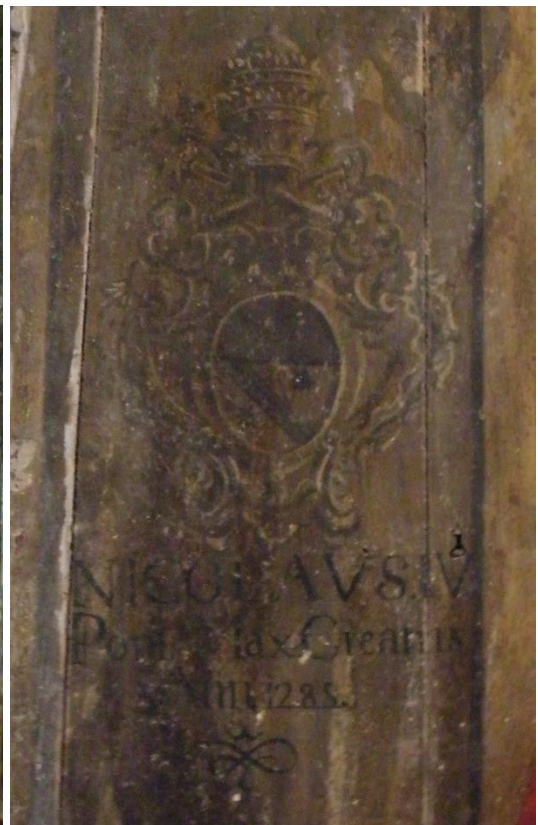
Figura 29 – Retrato do Papa Sisto IV do Corredor Nobre do convento de São Francisco de Olinda. Fotografias do autor.

Quanto às pinturas identificáveis, a primeira refere-se a Girolamo Masci de Ascoli (1227-1292), eleito Papa em 22 de fevereiro de 1288, assumindo o nome de Nicolau IV (Fig. 30). Primeiro pontífice de origem franciscana após um ano de Sede Vacante, atuou em campanhas de cruzadas principalmente no Oriente (tártaros, mongóis e chineses) e aprovou o Estudo Geral de D. Dinis, que permitiu fundar em Lisboa a primeira Universidade em Portugal. Vestido adequadamente como pontífice, segura um livro na mão direita e aponta para o alto com a mão esquerda, em um ambiente austero e pouco

¹⁵⁷ LEVILLAINS, P. (1994). *Dictionnaire historique de la papauté*. Paris: Fayard, p. 1593.

desvelado, sendo visível apenas uma cortina e um pilar de fuste liso com seu nome e brasão (Fig. 30b). Segundo Philippe Levillains:

“Le premier pape franciscain, d’origine modeste (son père est qualifié d’écrivain ou cleric) (...) Le nouveau pape, sans doute docteur en théologie, a fait une longue carrière chez les frères mineurs. (...) Cette dernière année, il succède à saint Bonaventure comme général de l’ordre (...) Du conclave qui s’ouvre à la mort d’Honorius IV, dans le nouveau <<palais>> de celui-ci, les factions hostiles ne parviennent pas à tirer de candidat acceptable. Un été torride survient, qui cause la mort de six cardinaux et le départ des autres pour des résidences moins périlleuses. Seuls le cardinal Girolamo est demeuré à Rome. À leur retour, les cardinaux se mettent d’accord sur son nom le 15 février 1288. (...) Les problèmes de Nicolas IV sont ceux de ses prédécesseurs, et comme Martin IV et Honorius IV (...) Les négociations avec l’empereur de Germanie Rodolphe de Habsbourg languissent jusqu’à la mort de celui-ci en 1291 et le pape tourne toute son attention vers le conflit France-Aragon-Sicile. (...) En mai 1291, Acre, dernière place forte chrétienne de Terre sainte, tombe aux mains des musulmans, entraînant en quelques mois dans sa chute les dernières implantations latines (...)”¹⁵⁸.



¹⁵⁸ LEVILLAINS, P. (1994). *Dictionnaire historique de la papauté*. Paris: Fayard, p. 1166-1167.



Figura 30 – Retrato do Papa Nicolau IV (a) com pormenores do brasão (b), rosto (c) e nome de batismo (d).
Fotografias do autor.

Pietro Filargi da Candia ou Pedro de Cândia (1340-1410) foi eleito Papa Alexandre V (Fig. 31) em 26 de junho de 1409. Sua representação nesse corredor é incomum. Sua nomeação para assumir o pontificado foi cercada de polêmicas. Entre 1378 e 1417, instaurou-se o Grande Cisma do Ocidente, quando a sede do papado foi transferida de Roma para Avignon, na França. Tal mudança acarretou numa série de entraves políticos da Igreja que culminou na existência de três papas com sede em lugares diferentes: Gregório XII, em Roma, Bento XIII, em Avignon, e Alexandre V, em Pisa. Durante o Concílio de Pisa, realizado em 1409 para pôr fim ao cisma, apenas o Alexandre V compareceu. Com o apoio dos bispos, Alexandre V foi legitimado. Gregório XII não concordou com essa

decisão e convoca Concílio em Cividale del Friuli. Apesar de não receber o apoio do bispado, o papa romano acusa os outros dois de provocarem o cisma e, com isso, prejudicarem a Igreja. Dessa forma, Alexandre V fica conhecido como o “antipapa” e governa por dois anos. Com o Concílio de Constança, entre 1415 e 1417, Gregório XII assume o papado unificado e Bento XIII foi preso e destituído de seu cargo. Philippe Levillains nos dá pistas das motivações que levam a que esse papa tenha sido escolhido para estar no corredor:

“Sans famille, mais non sans patrie, Pierre Philargès reçut de la Crète le nom de Pierre de Candie el la pratique de la langue grecque. Recueilli par un frère mineur qui lui apprit le latin, i lenta lui-même en 1357 dans l’ordre franciscain, lequel l’envoya faire ses études de théologie en Occidente. D’Italie, il passa en Angleterre, et c’est à Oxford qu’il prit son grade de bachelier. (...) Son commentair sur les Sentences le rendit fameux; (...) En bon franciscain, il y développait le dogme de l’Imaculée Conception de Maria. (...) En 1395, Jean Galéas Visconti l’envoya en ambassade à Prague auprès de l’empereur Wenceslas. Flanké de son ami l’humaniste Uberto Decembri comme secrétaire, il s’acquitta au mieux de sa mission, obtenant pour Visconti le titre de duc; le discours d’investiture qu’il prononça à son retour à Milan fut un vrai triomphe el souleva l’admiration des auditeurs. Le nouveau duc, qui n’eut qu’à se louer de ses services en plusieurs autres circonstances, s’entremet pour lui faire obtenir l’archevêché de Milan en 1402; quelques mois plus tard, Jean Galéas mourait, laissant Pierre Philargès parmi les membres du conseil de régence. (...) Le concile s’ouvrit à Pise le 25 mars 1409. (...) Élu le 26 juin, Pierre de Candie fut consacré sous le nom d’Alexandre V le 7 juillet el reçu pout pape par les nations qui avaient participé au concile. (...) À Bologne où l s’était installé avec les services d’une curie renaissante, il fut frappé par la mort el fit une fin édifiante. Il fut inhumé chez les franciscains de la ville”¹⁵⁹.

Foi representado com os devidos paramentos papais, com a mão direita erguida e palma aberta indicando a fécula de cruz papal que segura na esquerda. Ao fundo uma cortina vermelha está amarrada por uma corda dourada e um pilar de fuste liso com moldura e o nome e brasão do papa gravados. Sobre o pilar observa-se o início de um arco.

¹⁵⁹ LEVILLAINS, P. (1994). *Dictionnaire historique de la papauté*. Paris: Fayard, p. 69-70.

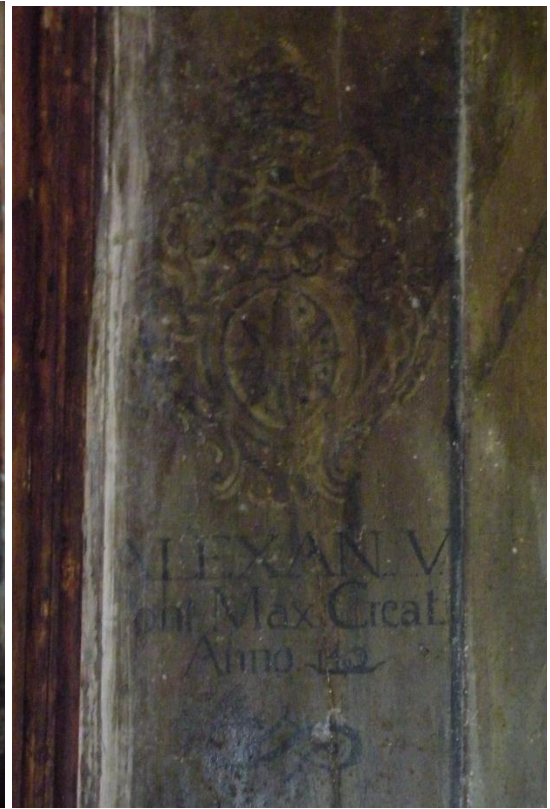




Figura 31 – Retrato do Papa Alexandre V(a) com pormenores do brasão (b), rosto (c) e nome de batismo (d).
Fotografias do autor.

Por último, Felice Peretti (1521-1590), nomeado Papa Sisto V (Fig. 32), em 24 de abril de 1585, é retratado no último quadro do corredor, acima da porta da sacristia. Também devidamente vestido, assemelha-se a Nicolau IV em postura, enquanto que no fundo ocorre a mudança com a cortina azul e cordão dourado virado para a esquerda da pintura e a coluna com embasamento e fuste liso com nome e brasão do pontífice. Sabemos que Sisto V teria autorizado, em 1586, a fixação dos frades menores em Olinda, encabeçados por Frei Melchior de Santa Catarina. Portanto, levantamos a hipótese que estas razões possam justificar a escolha de Sisto V na última das pinturas do corredor. Pelo contributo prestado pelos demais tanto para a Igreja, quanto para Portugal, é coerente a escolha dos quatro para compor o percurso. Em especial, Sisto V que esteve à frente das perseguições violentas àqueles que corrompiam a fé cristã (prostitutas e ladrões).





Figura 32 – Retrato do Papa Sisto V(a) com pormenores do brasão (b), rosto (c) e nome de batismo (d).
Fotografias do autor.

Ao observar com atenção cada uma das pinturas ainda visíveis, notamos que, além do seu nome papal e brasão, abaixo de cada pintura foi escrito o nome de batismo em latim, algo pouco comum em retratos dessa natureza. Além disso, percebemos o domínio do pintor no desenho dos retratos. Apesar de também não termos acesso a documentação que confirme a datação ou autoria, nos detemos a considerar que o encomendante viria do próprio convento. Afinal, apenas alguém que vive e entende o espaço e sua função teria competência para refletir o melhor enquadramento temático para essas obras. Portanto é

fascinante considerar a amplitude do intercâmbio visual que essas obras testemunham e o impacto que tem a sua presença nesse espaço específico.

A presença de azulejos, que implicam custos dispendiosos para o encomendante¹⁶⁰, mas que muito contribuem para a animação do espaço, garantem a valorização plástica do corredor. Mas quando observamos as pinturas do seu teto torna-se evidente o interesse em atribuir-lhe valor e nobilitação. Trazer para o teto a imagem de figuras tão importantes como papas não passa despercebido, tão pouco estariam ali atoa. Sua função é reconhecível a todos aqueles que observarem os pontífices recobertos com ricas vestimentas sagradas acima dos transeuntes. Recorde-se que a mesma escolha não foi feita para o Corredor dos Mortos. Além disso, esse corredor permite o acesso dos sacerdotes pelo claustro do convento. Havia, portanto, o interesse de distingui-lo, indo além do seu sentido decorativo-funcional, para reforçar a identidade daqueles que transitavam cujo papel era litúrgico e político.

Por fim, esse corredor conecta-se ainda a outra estrutura cujo papel litúrgico é claro. Junto à porta da sacristia abre-se um portal para a escadaria que a liga ao primeiro piso. O primeiro patamar é de planta quadrangular com janela no sentido leste iluminando a escadaria no oeste e uma porta de acesso ao exterior do edifício ao sul. Com teto em abóbada de berço caiada de branco (Fig. 33), o aspecto decorativo de maior expressão é o painel de azulejos que ocupa o registo inferior da parede de tipo tapete, padrão de “massaroca” (Fig. 34). É semelhante ao da Sala do Capítulo com uso do azul e amarelo sobre o fundo branco em dois motivos vegetalistas. Sua datação, portanto, seria também entre as décadas de 1650 e 1670¹⁶¹.

¹⁶⁰ CAVALCANTI, S. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 15.

¹⁶¹ CAVALCANTI, S. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 67-68.



Figura 33 – Escadaria do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.



Figura 34 – Azulejos de tapete, padrão de “massaroca”. Fotografia do autor.

Os azulejos indicam o grau de importância que o corredor, enquanto estrutura arquitetônica privilegiada no acesso à igreja, oferece para compreender seu papel no conjunto edificado. A sequência corredor-escadaria-púlpito/coro facilita a circulação no espaço conventual e o acesso à sua igreja, solucionando desta forma problemas da

mobilidade interna que tanto preocupou instituições e autores de risco nos mais diversos países¹⁶². Enquanto espaço funcional ele atende a necessidades litúrgicas do edifício, permitindo aos sacerdotes acessá-la com maior facilidade ao púlpito, tribunas e coro alto sem ser preciso realizar um longo trajeto. O espaço sacraliza-se não apenas por estar localizado dentro de um edifício sagrado mas sim por atuar de maneira direta no processo cerimonial que dele necessita. A azulejaria, presente na escadaria, contribui para a leitura do espaço de passagem e continuidade ao mesmo tempo que o nobilita. Assim como no corredor já descrito, o azulejo tem seu sentido funcional de revestir e assegurar a proteção das paredes mas também assume um sentido plástico e simbólico.

2.2 A estrutura da sacristia do convento

Partimos então para a sacristia (Fig. 35). Para isso, atestamos a força das determinações tridentinas sobre esse local, tendo na obra de São Carlos Borromeu um produto final, uma pedra que sofreu lapidação durante gerações de sínodos diocesanos anteriores. Podemos assegurar à partida que *Instruktionen Fabricae Ecclesiaslicae et Supeilectiis Ecclesiasticae* é um referencial visível no convento de São Francisco em Olinda.

Atestamos que esse espaço baseou-se nas orientações de Borromeu. A obra foi muito difundida por toda a Europa, e em particular na Península Ibérica. Cátia Teles Marques assinala que teriam chegado a Portugal versões de 1577 (original) e de 1747 (reedição), ambas originárias de Milão e escritas em latim¹⁶³. Atualmente estão localizadas na Biblioteca Nacional de Lisboa e seria a partir da primeira edição que o alto-clero – a quem essas obras eram direcionadas pelo seu domínio sobre a tradições e preceitos reformistas da Igreja¹⁶⁴ – se baseou para a formulação de seus edifícios religiosos no território português. Portanto, é possível que suas orientações tenham servido de bases para a organização do convento em questão.

¹⁶² BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 127-128.

¹⁶³ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 9.

¹⁶⁴ BAROCCHI, E. (1962); in MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 9.

Como já foi dito, a sacristia está localizada atrás da capela-mor, ao fundo da igreja, no sentido leste, alinhando com as palavras de São Carlos Borromeu quando considera que “toda sacristía mire completamente hacia el oriente y hacia el mediodía, hasta donde esto sea posible”¹⁶⁵. Tal disposição é esclarecida como uma solução para a obtenção de luz e ventilação para sua preservação, afinal “teniendo por donde salga el aire, su lugar no sea húmedo, ni uliginoso”¹⁶⁶. Constatamos essa preocupação pela quantidade de janelas abertas na sacristia em questão e pelos azulejos que revestem as paredes. Suas janelas seriam protegidas por grades de ferro “con rejas férreas dobles o al menos sencillas más densas y más firmes”¹⁶⁷. Esta preocupação com a iluminação é claramente sentida pelas oito janelas retangulares da sacristia – duas na parede sul, duas na do norte e quatro a leste entre dois painéis e o armário de amitos – que possuem gradeamento de ferro fundido com quatro barras verticais.



Figura 35 – Parede leste da sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Arquivo Fotografia do autor.

A preocupação com os paramentos, objetos litúrgicos, tesouros e livros que ali são armazenados, leva ainda a que São Carlos Borromeu considere necessário que o piso esteja elevado em relação ao terreno: “constrúyase todo ampliamente abovedado, algo más alto

¹⁶⁵ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 77.

¹⁶⁶ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 78.

¹⁶⁷ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 78.

desde el suelo”¹⁶⁸. Dessa forma a sacristia foi construída em uma área muito íngreme que a levou a ser sustentada por três contrafortes que dão apoio a um piso feito de laje. Esse comedimento é orientado pelo bispo como sendo outra medida para evitar a humidade que podia danificar os objetos sacros, assim como sugere que se evitasse os pisos em madeira e “luego cúbrase el suelo con cascajo y consolídese con ripios y con cal”¹⁶⁹. Este princípio foi cumprido através da utilização do revestimento cerâmico sobre o piso da sacristia (Fig. 36).

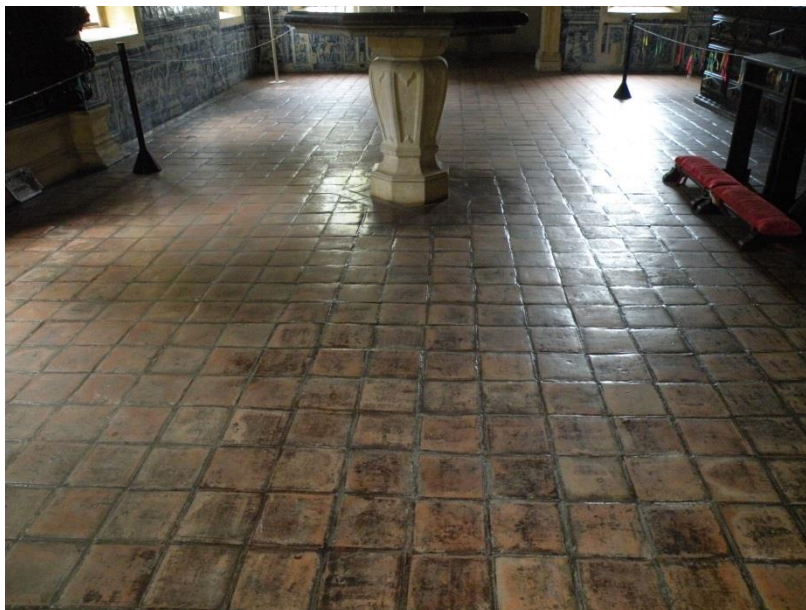


Figura 36 – Piso cerâmico da sacristia. Fotografia do autor.

Quanto ao acesso de entrada na sacristia opta-se para que “esté abierto en línea recta no a la capilla mayor”¹⁷⁰ e, caso seja necessário realizar outro percurso, deve ser decidido pelo bispo e que seja “bien cercado con firmísimas batientes, pestillo sólido, cerrojo y llave igualmente firme”¹⁷¹. Tais aspectos são perceptíveis no convento de Olinda, com a construção dos dois corredores de acesso direto à capela-mor mas tornando visualmente inacessível aos fiéis a observação do interior da sacristia através da porta¹⁷². Medida que garante a intimidade do sítio e demonstra o cuidado arquitetônico empregado em Olinda.

¹⁶⁸ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 78.

¹⁶⁹ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 78.

¹⁷⁰ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 78.

¹⁷¹ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 78.

¹⁷² BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 78.

Com planta retangular maior que a largura da igreja, coberta com teto plano ornamentado e com duas absides (Fig. 37) ao norte e sul de planta quadrada de teto em abobada de berço, segue a recomendação de que “la misma sea amplia y de tal modo que se extienda un poco más largamente, según la magnitud de la iglesia catedral, colegial y parroquial, y según el número de ministros, y según la abundancia del sacro ajuar”¹⁷³. Assim percebemos que não é por acaso que a sacristia é ampla e o seu mobiliário monumental. Tais dimensões são reflexo da quantidade de membros que adentravam no recinto, motivando que tenha sido edificada por trás da capela-mor e não ao lado. Edificar sobre um desnível de terreno tão elevado, cuja construção torna-se mais dificultosa, só pode ser justificado pela maior disponibilidade de terreno e consequentemente pelo alargamento do espaço da sacristia.



Figura 37 – Absides da sacristia do convento de São Francisco de Olinda com lavabo ao sul (a) e oratório ao norte (b). Fotografias do autor.

Quanto ao seu recheio será posteriormente aprofundado. No momento procuramos apenas ressaltar que há uma constante preocupação com a disposição dos objetos no espaço para melhor se adequar à dinâmica da liturgia. Esta preocupação é notória pela presenta do mobiliário que satisfaz todas as necessidades litúrgicas, um altar e oratório para a realização de orações e um lavabo.

¹⁷³ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 77.

Esta sacristia encontra-se atualmente desativada. A dinâmica cerimonial cotidiana fragilizava as peças restauradas nos anos 1980, razão que justificou o abandono da sua função inicial. Dessa forma, suas atividades foram transferidas, entre 1987 e 1988, para uma sala menor (Fig. 38), no início do corredor nobre, próximo às portas que dão acesso ao claustro e capela-mor. Em planta L, a nova sacristia resulta de uma recente adaptação. Junto aos ostensórios, turíbulos e navetas, as caixas de sons e microfones dividem espaço e refletem essa contemporaneidade.



Figura 38 – Atual sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Arquivo pessoal.

2.3 A função da sacristia

Podendo se apresentar com variáveis designações como *secretarium*, *diaconicum*, *sacrarium*, *custodia*, *condiitorium*, *vestiarium*, *armarium*, *câmera* ou mesmo *biblioteca*¹⁷⁴, enquanto “parte integrante das igrejas cristãs”, as sacristias evoluíram de espaços anexos de apoio para indispensáveis “espaços de grande aparato, onde a preparação e o encerramento das cerimônias litúrgicas encontravam a ordem e o esplendor necessários à sua prossecução sagrada”¹⁷⁵.

¹⁷⁴ COSTANTINI, C.. MARQUES, C. T. e (2007) *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 422-423.

¹⁷⁵ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 6.

Tal definição não se alterou com o tempo, tendo em vista que, no século XVIII, Antonio de Moraes Silva a definiu como sendo “casa junta com o corpo da Igreja, onde estão as vestiduras sacerdotais, os vasos para a Missa, onde os Sacerdotes se revestem”¹⁷⁶. Em 1832, Luiz Silva Pinto refere-se à sacristia como “casa, onde se guardão os paramentos sagrados, etc.”¹⁷⁷, ou seja, a função da sacristia é conservar as alfaías litúrgicas tais como paramentos, cálices, ambulas, patenas, galhetas, sinetas, lavabos, castiçais e velas, caldeiras e aspersórios, turíbulo, navetas e dois dos três óleos sagrados (crisma e unção), livros sagrados a saber bíblias, missais e livros de tombo (registros de nascimento, casamento e morte).

Quando se observa a cerimônia religiosa realizada na igreja não se percebe a profundidade litúrgica exercida pela sacristia, de onde parte o rito e onde o mesmo se encerra¹⁷⁸. Seu papel é muito preciso indo além do visível ao público, uma vez que a arte sacra vai muito além do aspecto físico diretamente percebido e adentra nos mistérios da fé¹⁷⁹. Dessa forma, cada elemento que integra a sacristia tem um papel nos ritos, festividades, práticas religiosas que resultam na liturgia. Esta consiste nos ritos e cerimônias de maneira geral mas, no caso da Igreja Católica, enfatiza-se a celebração eucarística¹⁸⁰, ou seja, os mistérios de Cristo, e as cerimônias sagradas e espirituais, de cunho pio e de consagração¹⁸¹, aspectos tão queridos a São Francisco.

O rito compõe-se no conjunto específico de normas práticas e formais através de gestos e materiais, distribuídos em cerimônias (partes do rito) compostas por regulamentos¹⁸², na busca pela sacralização do tempo humano permeado de momentos sagrados pela presença divina. A aproximação do tempo divino ao humano gera as atividades da Igreja que tem em Cristo, enquanto divino na história humana, o epicentro do

¹⁷⁶ SILVA, A. de M. (1728). *Diccionario da lingua portuguesa*. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/2/sacristia>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

¹⁷⁷ PINTO, L. M. da S. (1832). *Diccionario da lingua brasileira*. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/3/sacristia>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

¹⁷⁸ SANTOS, V. dos (2012). *Organizar sua sacristia: o que é e como se faz*. São Paulo: Editora Loyola, p. 16.

¹⁷⁹ SEBASTIAN, S. (1994). *Mensaje simbólico del Arte Medieval. Arquitectura, Liturgia e Iconografía*. Madrid: Ediciones Encuentro, p. 11.

¹⁸⁰ O termo “Liturgia” deriva do grego, já empregado na cultura bizantina, teria sido introduzida no final do século XVI. Seu significado é entendido estritamente como celebração eucarística. Deriva de um sentido amplo de serviços públicos junto à coletividade para cultuar Deus. SEBASTIAN, S. (1994). *Mensaje simbólico del Arte Medieval. Arquitectura, Liturgia e Iconografía*. Madrid: Ediciones Encuentro, p. 80.

¹⁸¹ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 33.

¹⁸² SEBASTIAN, S. (1994). *Mensaje simbólico del Arte Medieval. Arquitectura, Liturgia e Iconografía*. Madrid: Ediciones Encuentro, p. 83.

microcosmos¹⁸³ cristão. As cerimônias da Igreja acabam por demarcar seu tempo e seus ritos em favor do divino, sacralizando-o ao resgatar a memória de Cristo e os momentos históricos, onde, de maneira hierofânica, a presença divina se faz presente¹⁸⁴.

Nas Horas Canônicas¹⁸⁵ (Ofícios Divinos) demarcam-se os últimos momentos de Cristo, enquanto os dias, meses e anos marcavam o tempo divino (Natal/Encarnação, Páscoa/Morte/Ressureição, dia dos santos etc.). Essas demarcações fazem parte da rotina franciscana, desde sua gênese com grande intensidade¹⁸⁶. A Paixão alcança, na vida do *Povorello* a essência de sua vida, culminando no “*alter Christus*”¹⁸⁷ ao receber de Cristo Seráfico os seus estigmas, poucos anos antes de sua morte. Inserido nessas determinações, o tempo do ser humano é marcado pelos sacramentos, do nascimento até à morte, através de momentos e lugares específicos para a liturgia, onde todo o espaço e objetos são pensados e aplicados em virtude de aproximar Deus dos fiéis, de forma a manter viva a memória e o tempo de Cristo¹⁸⁸.

Segundo Silvano Maggiani, em seu sentido simbólico, os ritos aglutinam aspectos cerimoniais que, no âmbito religioso e cristão, o homem enquanto “animal simbólico”¹⁸⁹ vai além de um mero meio de comunicação, adentra no âmbito do reflexo cultural que agrega um sentido completo da sua cultura e conduz a um significado próprio. Nesse sentido, o ritual cristão se apresenta como um conjunto de ações que tem como ponto de

¹⁸³ SEBASTIAN, S. (1994). *Mensaje simbólico del Arte Medieval. Arquitectura, Liturgia e Iconografía*. Madrid: Ediciones Encuentro, p. 25.

¹⁸⁴ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 35.

¹⁸⁵ *Mandamos que no Coro de nossa Sé Cathedral se rezem todos os dias as sete Horas Canonicas, convêm a saber, Matinas, Laudes, Prima, Terça, Sexta, Nono, Vesperas, e Completas, sem se poderem deixar por impedimento algum, ainda que seja de Procissão solemne, Pregação, ou Missa: e se guardará o que dispoem os seus Estatutos*. VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Terceiro, p. 35.

¹⁸⁶ Tomás de Celano descreve no Capítulo 62, intitulado “Celebração devota das horas canônicas” que São Francisco: *Recitava as horas canônicas com tanta reverência como devoção. E embora estivesse doente dos olhos, do estômago, do baço e do fígado, jamais procurava apoios durante a salmodia, antes cumpria a obrigação das horas sempre de pé, a cabeça descoberta, sem vaguear os olhos e sem interrupções. Quando caminhava a pé, parava sempre para recitar as horas; se a cavalo, apeava-se da montada. Um dia, voltava ele de Roma sob uma chuva incessante. Apeou-se do animal para rezar o Ofício, e esteve tanto tempo a descoberto que ficou inteiramente encharcado. «Se o corpo – dizia – come tranquilo o alimento que um dia há-de ser, como ele, pasto de vermes, com quanta paz e descanso há-de a alma tomar o alimento que lhe é próprio: o seu Deus!»*. Cf. CELANO, T. de (s/d). *Vida Segunda*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_2Celano_\(2C\)_4af8503f020f1.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_2Celano_(2C)_4af8503f020f1.pdf), p. 86-87.

¹⁸⁷ CROCOLI, A. (2004). “*Dado e nascido por nós à beira do caminho*”: *A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio, p. 137.

¹⁸⁸ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 36-37.

¹⁸⁹ SEBASTIAN, S. (1994). *Mensaje simbólico del Arte Medieval. Arquitectura, Liturgia e Iconografía*. Madrid: Ediciones Encuentro, p. 19.

partida o “evento Jesus Cristo”, onde se desenvolvem os processos ritualísticos¹⁹⁰. Por isso faz-se necessário o uso de utensílios mediadores, como os objetos e os paramentos sagrados.

A partir de programas e modelos litúrgicos (*Ordines* e *Rúbricas*)¹⁹¹, Maggiani estabelece relações com questões linguísticas. Os componentes presentes na linguagem simbólica-ritual são compreendidos como “códigos”. Esses códigos são sistemas de sinais, signos ou símbolos que, por convenção, são destinados a transmitir informações comunicativas. Ou seja, “forman una lenguaje, que viene a prolongar e intensificar la palabra, y su poder facilita la comprensión del mensaje”¹⁹² entre os membros da comunidade cristã. O ato de transmitir informações através da linguagem, por parte de um transmissor, onde os códigos pré-estabelecidos são compreendidos pelo receptor, culminam em um entendimento entre as partes, gerando participação e integração.

A Igreja utiliza a liturgia divina para dar forma à linguagem e transmitir ao público através da “dinâmica do ouvir a Palavra, ver a Glória e experimentar o Mistério”¹⁹³. A construção da divina liturgia realiza-se na confluência da interação coletiva e individual (íntima) através da linguagem escrita (Bíblia), a oral (orações, sermões) e gestual (ritos). Ela transmite o divino e o ser humano a recebe e se conecta, entendidos não como ações meramente humanas mas como palavra de Deus e ação divina da Salvação. Inserido nesses códigos, três são os subcódigos que o compõem: o silêncio, a palavra e o sonoro-musical¹⁹⁴.

Apesar de fundamentais para o entendimento da liturgia, aqueles que são necessários ao entendimento dos objetos litúrgicos são os sonoros-musicais, onde o verbal e o não verbal se entrelaçam. Nele se combinam aspectos da “voz, palavra, música e gestos”. No seu pragmatismo dos códigos sonoros particulares, com vasta amplitude de utilização, vinculam-se as emoções e as necessidades litúrgicas da cerimônia que levam a uma grande multiplicidade de possibilidades de estabelecimento com a realidade pela

¹⁹⁰ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 39.

¹⁹¹ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 41.

¹⁹² SEBASTIAN, S. (1994). *Mensaje simbólico del Arte Medieval. Arquitectura, Liturgia e Iconografía*. Madrid: Ediciones Encuentro, p. 86.

¹⁹³ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 41.

¹⁹⁴ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 41.

capacidade humana de “ser e pensar”. No âmbito dos códigos não verbais, o “gesto que se torna ação” desenvolve significados e sentidos com propósitos específicos seguindo expressões do indivíduo¹⁹⁵. A linguagem não verbal repercute no indivíduo experiências que a palavra não consegue fazer sozinha. As formas, os sons, as cores e demais experiências sensoriais produzem efeitos físicos e psicológicos fundamentais no ritual, transformando a forma como os fiéis se comportam e entendem os rituais. A liturgia se serve de todos esses aspectos. Eles interagem entre si e a palavra por si só transmite suas ideias. Mas a contribuição do não verbal é fundamental para que ganhem força.

Através do código cinético, os movimentos (gestos mímicos) relacionam a percepção do espaço e os sentidos (tato, visão, paladar, olfato) e distinguem a postura (ereto, sentado, joelhos). Dessa forma, assemelha-se a uma dança, onde o indivíduo se desloca (código cinético) fluidamente, seguindo o som (código sonoro), estabelecendo uma relação transcendente¹⁹⁶.

O código icônico estabelece uma relação muito forte com o código topográfico. Ou seja, planeia-se o espaço de maneira funcional, como também simbólica-cenográfica, sem meros acasos, onde as imagens são dispostas de maneira a desenvolver uma relação comunicativa com o observador. O código icônico segue, dessa forma, um programa iconográfico mas também um sentido simbólico em si mesmo, independentemente da envolvente¹⁹⁷. Gregório o Grande “dizia que a imagem era um meio de conhecimento, especialmente de conhecimento das coisas da fé e, por conseguinte, um meio de ensinar a religião e seus mistérios”¹⁹⁸. Nesse código incluem-se as pinturas, os azulejos ou as esculturas, com seus programas narrativos e hagiográficos que resgatam a memória e consolidam valores e princípios.

No código óptico¹⁹⁹, as dinâmicas da luz determinam os significados ao interagir com o espaço, criando jogos de luz e sombra através de emissões naturais (vãos), como

¹⁹⁵ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 44.

¹⁹⁶ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 45.

¹⁹⁷ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 46.

¹⁹⁸ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 47.

¹⁹⁹ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 48.

exalta a metafísica do Pseudo-Dionísio Areopagita²⁰⁰ ou artificiais (lanternas e velas). A luz é símbolo sensível da espiritualidade²⁰¹ que estabelece o contato com a cor. Esta é fundamental quando entendida no sentido simbólico, pois é na distinção das vestes sagradas que o tempo também é demarcado²⁰².

Quanto ao código olfativo, muito requisitado, permite estimular sentidos, sensações e experiências. Evoca memórias e satisfaz os sentidos. Impondo seu simbolismo, surge de diversos elementos: dos óleos sagrados aplicados na pele, das flores e dos perfumes do incenso. Neste caso em particular a naveta e o turíbulo marcam presença obrigatória²⁰³.

Finalmente, o código gustativo, expressa-se através do Santíssimo Sacramento, papel central da liturgia e ápice da cerimônia. Através do paladar, o fiel encontra Cristo. Para isso, o cálice, a patena, a píxide e custódia convertem-se nas alfaías litúrgicas de excelência²⁰⁴. O fiel entra em contato com Cristo através da hóstia e do vinho, devidamente armazenados em utensílios de uso exclusivo para a cerimônia litúrgica.

2.4 Os sacramentos

A utilização dos objetos sagrados é fundamental para a realização das cerimônias litúrgicas. Estas determinam o tempo divino que se faz presente no tempo humano. Ao longo da História da Igreja, a liturgia sofreu inúmeras transformações, correções e

²⁰⁰ COSTA, R. da (2009). ““A luz deriva do bem e é imagem da bondade”: a metafísica da luz do Pseudo Dionísio Areopagita na concepção artística do abade Suger de Saint-Denis”. Curitiba: *Scintilla. Revista de Filosofia e Mística Medieval (FFSB)*. Vol. 6. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/luz-deriva-do-bem-e-e-imagem-da-bondade-metafisica-da-luz-do-pseudo-dionisio-areopagita-na>, p. 39-52.

²⁰¹ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 12.

²⁰² O branco empregado às vestes se remete à pureza, o que justifica a cobrança por parte das Constituições Sinodais em garantir a limpeza e manutenção das peças que eram utilizadas em grande parte das cerimônias. O roxo, que, assim como o preto, se relaciona aos momentos fúnebres, mas também é indicado para a Quaresma, nos Adventos e confissões, por se remeter à penitência e à serenidade. O verde é utilizado nas Missas de Tempo Comum, por simbolizar a esperança. O vermelho representa o martírio, o sangue e o fogo purificador e, portanto, utilizado no Pentecostes, festas dos mártires e na Sexta-Feira da Paixão. Enquanto o rosa, por ser o intermédio entre o vermelho e o branco, acaba por ser utilizado no Terceiro Domingo do Advento e no Quarto Domingo da Quaresma. SANTOS, P. V. dos (2012). *Organizar sua sacristia. O que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, p. 87-88.

²⁰³ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 49.

²⁰⁴ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 49.

adaptações. No tempo humano, o arco da vida religiosa é marcado desde o nascimento, com o batismo até à morte, com a extrema unção. Como se sabe, ao todo existem sete sacramentos que seguem uma ordem crescente de afirmação de fé, de acordo com o tempo e os caminhos que se pretendem seguir. Com exceção da Ordem e Casamento, os demais são obrigatórios²⁰⁵, sendo sua ausência sentida no afastamento da comunidade cristã. A Eucaristia, enquanto núcleo do conjunto cerimonial temporal, acaba por expor com maior nitidez esse cenário ao cruzar o tempo humano com o divino. Junto com a penitência, a eucaristia é para São Francisco uma das formas de aproximação a Cristo.

“A imagem de Jesus Cristo Crucificado nunca lhe saía do espírito, como o *ramalhete de mirra* da Esposa dos Cantares; e na veemência do seu amor extático suspirava por transformar-se inteiramente em Cristo Crucificado. (...) O sacramento do Corpo do Senhor inflamava-o de amor até ao mais íntimo do coração: pasmava de admiração perante uma misericórdia tão amante e um amor tão misericordioso. Comungava com frequência e com uma devoção irradiante que contagiava quem o ouvia. Ao saborear o *Cordeiro Imaculado*, como inebriado, era muitas vezes arrebatado em êxtase”²⁰⁶.

A Eucaristia marca o decorrer da História da Igreja ao passar de uma cerimônia aparentemente discreta para outra de grande aparato. Dentre os sacramentos, esta é entendida como o “Augustíssimo Sacramento (...) na ordem o terceiro dos Sacramentos; mas nas excellencias o primeiro, e na perfeição o ultimo”²⁰⁷. Reveste-se de aparatos e nela se compartilha a mística do corpo e sangue materializado no pão de trigo e no vinho de vide. A Eucaristia realiza o sacrifício simbólico de Cristo (a morte mística na imagem do *Agnus dei*) no outrora altar pagão²⁰⁸, reunindo todos em comunidade, a *domus ecclesiae*²⁰⁹.

O latim, por sua vez, é um elemento unificador nas diferentes vertentes litúrgicas, patente numa literatura especializada que codificou os sacramentos. No século VIII, a liturgia romana toma forma, consolidando-se em todo o Ocidente a partir de Gregório VII (1073-1085). A partir desta data, vai sofrendo alterações culminando no Concílio de

²⁰⁵ MARQUES, A. H. de O.. PINTO, R. F. (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, p. 21.

²⁰⁶ SÃO BOAVENTURA (s/d). *Legenda Maior*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_\(LM\)_4af84ffa4a4a6.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_(LM)_4af84ffa4a4a6.pdf), p. 81-82.

²⁰⁷ *Nas excellencias o primeiro; porque entre todos é o mais excellente, Divino, e soberano pois não só contém a graça, como os mais Sacramentos, mas encerra em si real, e verdadeiramente o Autor da mesma graça, e instituidor de todos os Sacramentos. E' tambem na perfeição o ultimo; porque a perfeição de todos os mais se ordena como disposição para este, que é o complemento da perfeição de todos os Sacramentos.* VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Primeiro, p. 35.

²⁰⁸ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 53.

²⁰⁹ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 55.

Trento, onde se processa uma síntese e uma fundamentação de muitos rituais litúrgicos, que irão permanecer até o Concílio do Vaticano II.

Através das alfaías litúrgicas como os cálices, patenas e custódias, Ana Cristina de Sousa aponta o processo de transformação que se seguiu, durante a Idade Média, na Eucaristia. Segundo a autora, todos esses itens de uso litúrgico adequam-se à necessidade de realizar o contato dos fiéis com Cristo. Durante o século XII, “sustained the real presence of the Lord in the Eucharist when bread becomes ‘real meat’ and wine the ‘true Blood of Christ’”. Para isso, fazia-se necessário o uso de cálices e patenas feitos em metais nobres (ouro, prata e, no caso de a paróquia não possuir muitos recursos, latão) devido à sacralidade da hóstia e do vinho. Apesar de que “up to this point, believers rarely watched closely the Sacred Host. It happened only when they received the Viaticum and in the few communions they participated throughout their lives”²¹⁰. Desde o século XI, as discussões teológicas sobre a “presença de Cristo” e as necessidades práticas de atender à quantidade de fiéis principiam o ritual de elevação da hóstia consagrada quando o Bispo Odo de Sully afirma no Sínodo de Paris (1198-1203):

“It is ordained to priests that, when they begin the canon of the mass, at *Qui pridie*, holding the host, they should not immediately raise it too high so that it can be seen by the people; rather, only keep it in front of their chests while they say *hoc est corpus meum* and then they should elevate it so that it can be seen by all”²¹¹.

No início do século XIII, a elevação da hóstia consagrada é regulamentada através do Quarto Concílio de Latrão, realizado em 1215, onde o Papa Inocêncio III estabelece a doutrina da Transmutação “which demanded that priests should internalize the principle that, during the celebration of the Holy Eucharist, they would represent Christ offering to God their own Sacrifice and, therefore, should have a pure soul, full of love and devotion”²¹². Com o passar do tempo, o ritual de Elevação envolve-se de rituais teatralizados com uso de diversos objetos sagrados para estimular os sentidos.

“The moment of Elevation extended itself, the Sacred Species were shown to all sides, songs and prayers were sang, candles were lit to better see the miraculous instant, incense was avoided not to

²¹⁰ SOUSA, A. C. C. (2014). “In the Name of the Lord: The Affirmation of the Cult of the Blessed Sacrament and the Liturgical Objects in the Late Medieval Period in Portugal”. Madrid: *Anales de Historia del Arte*, p. 545.

²¹¹ SOUSA, A. C. C. (2014). “In the Name of the Lord: The Affirmation of the Cult of the Blessed Sacrament and the Liturgical Objects in the Late Medieval Period in Portugal”. Madrid: *Anales de Historia del Arte*, p. 545.

²¹² SOUSA, A. C. C. (2014). “In the Name of the Lord: The Affirmation of the Cult of the Blessed Sacrament and the Liturgical Objects in the Late Medieval Period in Portugal”. Madrid: *Anales de Historia del Arte*, p. 545.

hinder observation, bells were rung at the proper moment and the church bells were tolled as an invitation for the believers to enter the temple and worship the Sacred Host”²¹³.

As custódias recebem nesse ponto especial destaque, afinal dão suporte ao sacerdote para que eleve a hóstia consagrada. Assim como o cálice e a patena, exige-se que seja feita de metal nobre pela sagrada função que exerce. Na festa do *Corpus Chirsti*²¹⁴, introduzido pelo Papa Urbano IV, em 1264, ocorrem procissões nas ruas para a visualização da hóstia, agregando novos sentidos utilitários para os objetos sagrados. Em Portugal, foi no reinado de D. Manuel I que essa festividade teve grande crescimento²¹⁵.

“This liturgical gesture accentuates the sacredness of the mystery of the Eucharist and responds to the need of the faithful to contemplate and adore the *Corpus Christi* during the Mass. Furthermore, it adds to the belief in the apotropaic action of the consecrated bread, which protects against disease, death and loss of eyesight. The elevation of the species thus became a great motivation for Catholics to attend mass”²¹⁶.

Entre os séculos X e XV, as cerimônias religiosas ganham monumentalidade e a importância decorrente das duas artérias substanciais da Regra Beneditina: Cluny e Cister. Em Cluny, as cerimônias religiosas foram conduzidas “a uma pompa e complexidade nunca vistas na Igreja”, realçando-se o esplendor da casa de Deus através da opulência e da decoração figurativa e simbólica. Em Cister, por sua vez “privilegiava a interioridade, o recolhimento, a austeridade como elementos que guiam o monge no itinerário espiritual à procura do conhecimento de si mesmo para chegar ao conhecimento de Deus”²¹⁷.

É com o surgimento das ordens mendicantes, durante o século XIII, que a “verdadeira crise de consciência religiosa” leva à transformação da liturgia cristã, pressupondo igualmente mudanças na arquitetura dos espaços sacros. Através de Duby, Eugênio de A. Lins comenta sobre a liturgia das ordens mendicantes:

“Para educar o povo no exercício da vida cristã, os religiosos das ordens mendicantes utilizaram-se abundantemente de meios para a conversão e edificação colectivos, particularmente do sermão e do teatro, associando-os estreitamente. Esses agitadores de multidões não se preocupavam de ser acusados de triviais. Desenvolviavam a sua pregação de tal modo que, ao ouvi-los, o povo chorasse. Visavam atingir, nos níveis inferiores da alma, as molas mais profundas da emoção, capazes de

²¹³ SOUSA, A. C. C. (2014). “In the Name of the Lord: The Affirmation of the Cult of the Blessed Sacrament and the Liturgical Objects in the Late Medieval Period in Portugal”. Madrid: *Anales de Historia del Arte*, p. 546.

²¹⁴ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 69.

²¹⁵ SOUSA, A. C. C. (2014). “In the Name of the Lord: The Affirmation of the Cult of the Blessed Sacrament and the Liturgical Objects in the Late Medieval Period in Portugal”. Madrid: *Anales de Historia del Arte*, p. 554.

²¹⁶ SOUSA, A. C. C. (2016). “The power of the Blessed Sacrament: the iconography of the hosts in the 15th and 16th centuries”. Espanha: *De Arte*, vol. 15, p. 64-65.

²¹⁷ LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 71-73.

desencadear as grandes conversões coletivas. Usando da eloquência, mostravam uma imagem de Cristo fraternal e tocante, de maneira a imprimi-la no cerne da alma do povo. Esta imagem tornava-se ainda mais convincente quando o sermão se desenvolvia no interior de um espetáculo ou de uma festa popular. As pregações eram rodeadas de símbolos pintados ou esculpidos, bem visíveis, e de procissões cantadas. Nestas, a imagem ocupava a posição central, pois, deste modo, oferecia a mais eficaz mediação entre a palavra de Deus e a mística fervorosa. Destinada a erguer até Deus um vasto público fácil de comover, a arte religiosa do século XI é fundamentalmente cénica”²¹⁸.

As Constituições Sinodais dos finais da Idade Média e início da Idade Moderna registram a preocupação com os edifícios, com a seriedade do trabalho de seus sacerdotes, assim como com os objetos de uso litúrgico. Pouco se referem diretamente às sacristias. No entanto, é possível estabelecer uma aproximação a esse espaço sacro através das preocupações que demonstram com as vestes e objetos sagrados.

2.5 O sacristão e o ritual que envolve a sacristia

Convertido “numa espécie de bastidor do ‘teatro’ litúrgico”²¹⁹, a sacristia e tudo o que a envolve segue regras e rituais muito específicos. Entendê-los faz-se necessário, pois é a partir do seu conjunto que dará sentido ao aparato artístico presente no seu interior.

Inacessível aos leigos²²⁰, esse “bastidor” possui papéis muito bem definidos, desempenhados com solenidade e diligência pelos sacerdotes, celebrantes e ministros que se reúnem e se preparam para as cerimônias (horas, missas e até capítulos²²¹) em silêncio e respeito para com o espaço e mente purificada. No entanto, a sacristia também pode converter-se em um “salão nobre” de convivência e recepção²²².

²¹⁸ DUBY, G. LINS, E. de A. (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento, p. 74.

²¹⁹ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 17.

²²⁰ “E nam consentira entrar algum leygo dentro da dita sacristia, salvo levando algum recado: ho qual dado logo se sayraa. Ou havendo de ministrar algũa cousa que entam podera nella estar em quanto for necessario” Constituições synodales do Bispado de Coimbra. 1548, fls. 52-52v. MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 15.

²²¹ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Primeiro, p. 523.

²²² MARQUES C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 15-16.

Por trás do sacerdote está o sacristão, que o auxilia antes, durante e após as cerimônias, desde a preparação do espaço, dos sacerdotes e cuidados necessários do dia a dia. Personagens fundamentais e até certo ponto protagonistas da sacristia, os sacristãos – ou tesoureiros, na inexistência do sacristão²²³ – adquirem grande prestígio e sua função faz-se indispensável. Trata-se da pessoa certa, que tem a seu cargo os “vasos sagrados, prata, ornamentos, e mais moveis das Igrejas, acender, e apagar as alampadas, tanger os sinos, ter limpa, e ornada a Igreja, ajudar às Missas, ministrar aos Parochos o necessária quando administrar os Sacramentos”. Para tal, e antes de ser eleito para essa função, é preciso que “se tome informação se tem limpeza de sangue, e é de boa vida, e costumes, e tem fidelidade, diligencia, e cuidado para se lhe entregarem as cousas da Igreja”²²⁴.

Nas Constituições Sinodais da Bahia, de D. Sebastião de Vide, determina-se com precisão todas as obrigações do sacristão, que vão muito além da sacristia. Este tem de fazer inventário de todo o espólio da igreja em que se encontra, assim como tudo aquilo que for sendo adquirido ou eliminado, tornando-se fiador e responsável pelo estado de conservação dos itens. É incumbido de abrir as portas da sua igreja e tanger os sinos nos horários e cerimônias e ainda o único responsável por carregar a cruz nas procissões²²⁵.

D. Sebastião de Vide recomenda que, antes de se realizar a missa, os sacerdotes tenham “toda a diligencia, e cuidado em a dizerem com grande pureza interior de sua alma, e grande piedade, e devoção exterior”²²⁶. Para isso, o sacerdote devia se ter confessado e cumprido as obrigações das Horas Litúrgicas ao rezar as Matinas antes das missas privadas e fora do coro. O sacristão deveria estar atento às obrigações do sacerdote e permitir sua entrada na sacristia quando necessário. O sacerdote deveria selecionar a missa através do missal “e que antes de sahirem, registem O Missal em todas as partes, que forem necessarias, para que não errem depois, nem parem duvidando”²²⁷. Recomenda-se que

²²³ *E porque pera limpeza das Igrejas e guarda dos ornam(en)tos delas he necessario nellas aver tesoureiro, mandamos que se guarde o que atrás temos mandado no titulo das missas e officios divinos.* ALVES, T. (1999). *Constituições sinodais de D. Frei Amador Arrais (1589)*. Portalegre: Cabido da Sé de Portalegre, p. 119.

²²⁴ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Terceiro, p. 229.

²²⁵ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Terceiro, p. 230.

²²⁶ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Primeiro, p. 135.

²²⁷ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Primeiro, p. 135.

tivesse nas sacristias taboas com as Orações, Salmos, Cânticos que serão feitos antes e após a missa²²⁸.

Para dar início à paramentação era então purificado o corpo com a água do lavabo²²⁹. Estes popularizam-se em Época Moderna, adquirindo maior monumentalidade. Ao substituírem as toalhas de linho, seu papel seria o de purificar os sacerdotes para o contato com os objetos sagrados e paramentos em água pura e originária de fonte exclusiva para tais fins²³⁰. Era também incumbência do sacristão garantir que a água fosse benzida aos domingos para prover as pias e caldeirinhas²³¹.

Cátia Teles Marques destaca que “o acto da paramentação envolvia-se de uma grande sacralidade, como se constituísse, por si, o investimento dos poderes divinos no ministro que fosse celebrar”. Para cada paramento deveria ser feita uma oração específica “que encomendamos a todos os que celebrarem em nosso Arcebispado, que nas Sacristias, e lugares, aonde se revestirem, o fação, dizendo as Orações, que estão ordenadas para cada cousa”²³²; além de verificar nos espelhos se haveria algo a corrigir em virtude de não parecer “caricato” e inapropriado²³³.

D. Luís Pires orienta aos “sacerdotes, dyaconos e subdiáconos e acólitos” que devam, ao sair da sacristia, estar devidamente vestidos com “honestidade, gravidade, silencio e asseio de seus gestos”²³⁴. D. Sebastião de Vide corrobora ao dizer que “depois de revestidos não fallem, nem escutem praticas, que os divirtão, e tirando o pensamento, e os olhos de tudo, que os possa distrahir”²³⁵.

Independente de qual seja a cerimônia, quanto à obrigatoriedade do uso de algum item do vestuário litúrgico, D. Luís Pires afirma que “nem seja algum clérigo ousado star

²²⁸ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Primeiro, p. 134-135.

²²⁹ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 14.

²³⁰ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 11.

²³¹ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Terceiro, p. 231.

²³² VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Primeiro, p. 135.

²³³ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. vol. 1, p. 15.

²³⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 86.

²³⁵ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Primeiro, p. 135.

no coro e na igreja ou fora della em algum officio divino sem sobrepelizia vestida”²³⁶. Enquanto que D. Diogo de Sousa ressalta que, no caso dos abades e priores das ordens de São Bento e Santo Agostinho, estivessem devidamente vestidos para realização de Sínodo, indo com “suas mitras e bagos e com os outros ornamentos necessários pera se revestirem em pontifical, porque assi devem todos hir da see connosco atee o lugar do sinado e estarem em elle”²³⁷.

Ressalta-se ainda, nesse mesmo capítulo, que a “clerizia toda venha com suas sobrepelizias limpas e sãs, e nom as cobriram com mantões nem com outra cobertura no dito dia do sinado”. Preocupação esta que se repete em diversas ocasiões em distintas constituições. A responsabilidade com a limpeza tanto da igreja, seu altar e as alfaias era do sacristão – no segundo caso apenas se fosse de Ordem Sacra, do contrário deveria dirigir-se a um clérigo para realizar a sua limpeza –, assim como adequar os frontais aos ofícios e festas litúrgicas. Tudo deveria ser dobrado e devidamente armazenado. Sua limpeza deveria ser executada em pias batismais com água corrente ao menos três vezes ao ano²³⁸:

“(…) ordenamos que todallas vestimentas brancas, frontaes, mantees daltar, cortinas, se lavem duas vezes no anno, e os corporaes outras duas per mão do abade ou capellam que nella estiver. E mandamos que cada hũu abade tenha em sua igreja hũa arca fechada em a qual estem gardadas as vestimentas, livros e ornamentos da igreja, e nom os leixem ficar sobre o altar como se costuma fazerem”²³⁹.

Pela sacralidade dos objetos, estes também eram armazenados na sacristia, podendo apenas ser tocados por indivíduos ordenados no sacramento da ordem. D. Luís Pires orienta que “nem tome em suas mãos calez nem patena nem corporaes nem ara, porque som cousas consagradas e sanctas e dignas de grande honrra e reverença”²⁴⁰, sendo levado da sacristia pelo diácono ou subdiácono que ia a frente do sacerdote.

“(…) sahirão com o barrete na cabeça, levando nas mãos o Calix com os corporaes em cima, e não porão o barrete em cima do Altar, nem galhetas, nem outra cousa, que não seja precisa para o sacrificio: e não tirararão o barrete passando por outros Altares, senão aonde estiver o Senhor exposto, ou se levantar a Hostia, diante do qual se ajoelharão com o barrete na mão, e aos Altares, onde estiver Sacratio, se ajoelharão com o barrete na cabeça”²⁴¹.

²³⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 87.

²³⁷ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 356.

²³⁸ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 254.

²³⁹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 370.

²⁴⁰ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 86.

²⁴¹ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Primeiro, p. 135.

No final da cerimônia, as alfaías litúrgicas deveriam retornar ao local de origem e guardadas pelo sacristão, detentor das “chaves dos caixões, e armarios”²⁴², em caixas de madeira ou couro de acordo com a quantidade de objetos que possuíssem²⁴³. Estes objetos não podiam ser vendidos ou oferecidos para outras atividades que não sejam as da igreja pelo seu caráter pio, e que estejam sempre bem conservados e concertados, em caso de dano. No tocante à prataria, exigia-se uma investigação minuciosa, por pessoas autorizadas; em caso de ser medida por um judeu, este não pode tocar nos objetos devido à sua sacralidade, sendo necessário que um clérigo os manipulasse²⁴⁴.

“(…) mandem fazer caixas de coiro ou ao menos de pao ou ao menos d’esparto bem fectas, tantas quantos forem os callezes, em cada hũa egreja assy pera guarda dos dictos calezes que nom quebrem como pera poderem seer levados e trazidos, quando necessario for, per homeens ou moços que nom tiverem ordens sacras”²⁴⁵.

D. Sebastião de Vide aponta ainda a obrigação do sacristão no “cuidado que não falem hostias, que renovarão ao menos de quinze em quinze dias, e que da mesma maneira haja sempre cera, e vinho para as Missas por conta da pessoa a que pertencer”²⁴⁶. Tal recomendação retorna à questão da Eucaristia, elemento que centraliza e fundamenta a liturgia. Era então responsabilidade do sacristão garantir a existência de hóstia e vinho em decorrência de serem indispensáveis a cerimônia litúrgica. Traduzida do latim como “vitima”, a hóstia representa o corpo de Cristo transubstanciado que, após séculos de interpretações, querelas e reformulações²⁴⁷, acabou por resultar em uma pequena, fina e redonda massa de trigo e água. D. Luís Pires, na Constituição resultante do Sínodo de Braga realizado em 1477, esclarece o modo como deveria ser confeccionada, assim como a origem e o modo de manipular o vinho e a água.

“Item, mandamos a todollos sobredictos beneficiados que cada huum em sua egreja ou moesteiro sejam muito diligentes e provejam bem sobre os sanchristaaos per tal guisa que senpre tenham as galhetas ou pichos bem lavados de dentro e de fora e em lugar linpo e que, quando tomarem o vinho e auga pera a missa, sejam bem avisados que senpre perguntem se aquelle vinho hé puro e que nom seja augapee nem outra mestura e que doutra guisa o nom tomem e que a auga seja linpa, pura e clara. E que outrossy quando fezerem as ostias façam o polme de farinha de triigo estreme e que senpre pergunte se hé tal e, se tal nom for, que a nom recebam, da qual farinha farom o polme nom com outra cousa senom com auga mui linpa, pura e clara em hũa escudela ou outro vaso novo, linpo, no qual nunca fosse fecta outra cousa, e em lugar linpo que nom caia hy çugidade nem argueiro. E sejam mui

²⁴² VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Terceiro, p. 231.

²⁴³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 86.

²⁴⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 89.

²⁴⁵ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 86.

²⁴⁶ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, Livro Terceiro, p. 231.

²⁴⁷ SOUSA, A. C. C. (2016). “The power of the Blessed Sacrament: the iconography of the hosts in the 15th and 16th centuries”. Espanha: *De Arte*, vol. 15, p. 64.

avisados aquellos que ostias ouverem de fazer que, quando as obradeiras canssarem e por ello as ouverem de encerar, que despois da enceradora quebrem as ostias que dali ficarem atee que venham e saiam limpas e puras e de todo fora da cera”²⁴⁸.

Ana Cristina de Sousa refere as sacristias como locais para a confecção das hóstias²⁴⁹, função patente na existência de chaminés destinadas a liberar a fumaça. No caso de Olinda, é possível que a quantidade de janelas permitisse a ventilação necessária para a sua fabricação sem necessidade de abertura de chaminés.

2.6 A evolução da sacristia: Momento pré-tridentino

Adentrar pelo percurso histórico desse espaço requer cuidado. Muitas são as lacunas e poucos os autores que voltaram seu olhar para a sacristia e seu “espólio decorativo” em detrimento de outros espaços da igreja. De uma maneira geral, a ausência de registros descritivos que assegurem as suas características na Época Medieval, é possível que as sacristias se tratassem de espaços de pouca expressividade, ou inexistentes, nas igrejas. Contudo podemos reconstituí-la de maneira sutil através do cruzamento de informações esparsas encontradas em registros e espólios.

Em muitos casos as sacristias se aproximavam de “locais de arrumo”. Em outras igrejas, as arcas e os armários nas proximidades do altar assumiam essa função; “a preparação da celebração era feita sobre uma credência, do lado da Epístola, e os ministros paramentavam-se no altar”²⁵⁰.

Em diversas ocasiões as Constituições Sinodais portuguesas nos dão pistas desses possíveis espaços/mobiliários com a função de armazenamento e preparação para a liturgia. Em meados do século XV e início do XVI, antes do Concílio de Trento, referências podem ser encontradas, como no caso do Sínodo realizado por D. Frei Justo Baldino, em Valença do Minho, onde informa a necessidade de ter “em sua igreja oleo sancto, crisma e oleo enfermorum e que ho tenha bem guardado e honrado em lugar

²⁴⁸ *De como os sacristaaos ham de fazer as ostias e aparelhar o vinho e auga pera missa* GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 95-96.

²⁴⁹ SOUSA, A. C. C. (2016). “The power of the Blessed Sacrament: the iconography of the hosts in the 15th and 16th centuries”. Espanha: *De Arte*, vol. 15, p. 66.

²⁵⁰ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 6-7.

honesto”²⁵¹. No Porto, D. Diogo de Sousa²⁵² realiza Sínodo em 1496 onde manda “que cada hũu abade tenha em sua igreja hũa arca fechada em a qual estem gardadas as vestimentas, livros e ornamentos da igreja, e nom os leixem ficar sobre o altar como se costuma fazerem”. Em 1505, o mesmo bispo reafirma essa necessidade em outro Sínodo, agora em Braga²⁵³. Como destaca Cátia Marques:

“(…) no que respeita à concepção do espaço da sacristia, a Reforma católica não terá constituído o impulso criativo directo, mas sim o culminar de uma orientação precedente, apoiando-se em agentes de influência mais periféricos, como a liturgia celebrativa, o zelo pelas alfaías e paramentos, e a identificação de usos sagrados, por oposição aos profanos, que normalizam a utilização do espaço em referência”²⁵⁴.

Desde o Édito de Constantino de 313, se encontram indícios da existência desses primitivos espaços preparatórios nos primórdios das basílicas cristãs com a mesma função das sacristias. No século III, a guarda dos objetos litúrgicos, paramentos e tesouro poderia ser feita na ábside²⁵⁵, como também, em regiões do Adriático, Grécia, Síria o *secretarium* poderia ser encontrado no nártex da basílica. No século VI, era o local onde o papa se preparava para a liturgia, se paramentava e partia dali em direção à capela-mor, percorrendo toda a nave²⁵⁶. Além de assumir uma função muito próxima à sala do capítulo, a sacristia era um espaço de reunião e debate, e sua localização, próxima ao nártex, responde às necessidades litúrgicas realizadas nas procissões e na entrada para a igreja.

Cátia Teles Marques põe em discussão o relato de São Paulino de Nola onde descreve a reedificação da Basílica de São Félix na Itália, relatando a existência de duas “secretarias” com funções distintas, preparação para os ofícios divinos e guardar livros sagrados²⁵⁷. Segundo a autora, o relato pode ser o indício da translação desse espaço sagrado para a proximidade com o altar, e assim “sacraliza o espaço e confere-lhe a

²⁵¹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 453.

²⁵² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 370.

²⁵³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 153.

²⁵⁴ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 10.

²⁵⁵ FERNANDES, C. V. N. (2012). *As sacristias franciscanas no Brasil. Uma contribuição ao estudo do tema*. FERREIRA-ALVES, N.. Os franciscanos no mundo português III: O legado franciscano. Porto: CEPESE, p. 59.

²⁵⁶ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 7.

²⁵⁷ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 7.

gravidade ritual da abertura e encerramento das celebrações litúrgicas”²⁵⁸. Eram conhecidas nas basílicas paleocristãs da Síria e Bizâncio como *pastoforias*²⁵⁹, constituídas pela *prothesis* – ao norte, onde partia a procissão das oferendas para a missa e se guardavam as relíquias – e o *diaconicon* ou *secretarium* – ao sul, onde se guardavam as hóstias, livros, objetos e paramentos.

Até o início do século XVI, eram constantes as sacristias construídas em pequenas dimensões, mesmo “en los grandes conjuntos cistercienses, las sacristías eran de reducido tamaño, se cubrían con bóvedas de cañón y contaban con armarios y nichos horadados en el espesor de los muros”²⁶⁰. Foi com a transformação da planta das igrejas que a sacristia também se adaptou. Como afirma Cátia Teles Marques, no século V seria entendida como um espaço exógeno anexado no entorno da capela-mor da igreja. As determinações das Constituições Sinodais, a partir de finais do século XV, repetem a necessidade de se construir sacristias destinadas a preservação de objetos litúrgicos. Com as soluções arquitetônicas modernas as sacristias passam a ser planejadas em projetos ambiciosos por parte de arquitetos.

Apesar de o Concílio de Trento ter estabelecido normatizações construtivo-arquitetônicas, a preocupação com os edifícios já ocorria muito antes e em diversos reinos. Os sínodos refletem as necessidades pelas quais os edifícios em Portugal, assim como em outros territórios, vinham sofrendo com o descaso tanto do povo quanto de suas autoridades, tal como exemplifica as constituições sinodais de Braga, realizadas em 1477²⁶¹. D. Luís Pires refere preocupações no sentido de preservação do patrimônio religioso da sua diocese. Logo de início destaca que os membros das igrejas e conventos não residirem nos edifícios religiosos, votando tanto os edifícios quanto os fiéis ao abandono. O povo via-se desamparado, muitas cerimônias religiosas não eram realizadas, enquanto os edifícios sacros se aproximavam mais de “estrebarias de bestas e pocirgões de porcos”²⁶² por conta do seu mal estado. Com isso, percebe-se a necessidade de que os responsáveis pelas igrejas e conventos retornem ao lugar onde deveriam estar e realizem sua função.

²⁵⁸ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 8.

²⁵⁹ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1993). *O Românico*. Lisboa: Alfa, vol. 2, p. 23-24.

²⁶⁰ GRACIA, R. F. (1999). *La sacristía de la catedral de Pamplona: uso y función. Los ornamentos*. Espanha: Príncipe de Viana, nº 60, p. 350.

²⁶¹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 75.

²⁶² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 76.

2.7 O Concílio de Trento

É com São Carlos Borromeu, conhecido como protetor de Portugal²⁶³, que se enquadra o ponto de virada da sacristia enquanto espaço arquitetônico sagrado ao redigir, em 1577, o primeiro e único texto de arquitetura com referencial tridentino²⁶⁴, a *Instructiones Fabricae Ecclesiarum et Supellectilium Ecclesiasticarum*. De origem abastada, o santo dedicou-se com afinco ao trabalho da Igreja, tendo se formado em direito canônico e se tornado Bispo de Milão. Opondo-se à Reforma Protestante, direcionou seus esforços na busca pelo fortalecimento da Igreja e dos trabalhos voltados para a caridade e transmissão da Palavra. Nesse sentido, esteve fortemente vinculado a instituições voltadas para o auxílio ao povo, dentre elas os jesuítas e franciscanos.

Como vimos, a Igreja encontrava-se fragilizada estrutural-moralmente. Entre o final do século XV e início do XVI, eram muitas as oposições ao comportamento moral de membros da Igreja. Na Alemanha, o monge Martinho Lutero “revelava o descontentamento e divergências que se alargava no interior da Igreja”, posicionando-se em “defesa de uma Igreja iconoclasta, condenando, inclusive, os programas decorativos que adotavam ícones marianos” e “condenavam o culto aos santos e relíquias, bem como as peregrinações”²⁶⁵.

Apesar da lentidão em reagir a essas propagandas, entre 1545 e 1563 realizou-se o Concílio de Trento, organizando-se em três fases, durante os papados de Paulo III (1545-1547), Júlio III (1551-1552) e Pio IV (1562-1563). Ressaltamos que o espaço entre esses acontecimentos resulta de problemas políticos europeus ocorridos durante esse período, como os embates entre Francisco I e Carlos V, e que retardaram a sua conclusão²⁶⁶. Era necessário solucionar problemas internos, regulamentar práticas e traçar estratégias de ação

²⁶³ Segundo Cátia Teles Marques, São Carlos Borromeu seria protetor de Portugal. MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 8.

²⁶⁴ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 8.

²⁶⁵ PINTO, R. F. (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, p. 36-37.

²⁶⁶ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. XII.

contra-reformista. Dentre essas estava a preocupação com os espaços sagrados e a forma como eram projetados, construídos e conservados. Cardeal-Infante D. Henrique participou ativamente desde o início no longo processo que foi o Concílio de Trento. As duas primeiras fases foram principalmente dedicadas ao pecado original, o valor doutrinal das escrituras sagradas e questões sobre os sacramentos. No entanto a maior participação de D. Henrique ocorreu na terceira fase na qual se retoma a questão dos sacramentos, da missa, do culto dos santos e indulgências. Uma grande atenção recaiu igualmente nas questões de natureza pastoral e às obrigações do clero, bispos, seculares e regulares, para residências, ordenações e formação pastoral²⁶⁷. Em virtude de não poder estar ele mesmo presente no Concílio, enviou comitiva com o Arcebispo de Braga, Frei Bartolomeu dos Mártires, o Bispo de Braga, Frei João Soares, D. Frei Gaspar do Casal etc, que lhe enviam constantemente relatórios das decisões conciliares. Como resultado, logo que recebe as decisões tridentinas torna-as públicas ao incentivar a publicação dos decretos tridentinos em Portugal²⁶⁸. Nesse momento, a preocupação se concentrava nas relíquias e imagens, enquanto se mantém “omissos nas questões da edificação e decoração dos templos”²⁶⁹ centrando em uma “normalização” das atividades da Igreja tanto no aspecto litúrgico como no estrutural.

2.8 A sacristia em Portugal na Época Moderna

A construção de sacristias torna-se prioridade a partir de então, tal como demonstra o sínodo de Coimbra de 1591, no qual se registra que “não auêdo Sancristia, se mandará fazer logo”²⁷⁰. Com o período moderno e na sequência das recomendações tridentinas dá-se início a projetos arquitetônicos onde a sacristia é integrada. Apesar de ser possível localiza-la anexa ao transepto e à nave, comumente a sacristia encontra-se próxima da cabeceira. Em sua investigação, Cátia Teles Marques dá-nos informações substanciais sobre a localização desse espaço na igreja. Apesar de não englobar

²⁶⁷ POLÓNIA, Amélia (2005). *D. Henrique: o cardeal-rei*. Mem Martins: Círculo de leitores, p. 88.

²⁶⁸ POLÓNIA, A. (2005). *D. Henrique: o cardeal-rei*. Mem Martins: Círculo de leitores, p. 88-89.

²⁶⁹ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 10.

²⁷⁰ CASTELO BRANCO, D. A. (1591). *Constituições Synodales do Bispado de Coimbra*. Coimbra: impressão de Antonio de Mariz. fl. 110 v..

plenamente todos os edifícios religiosos do país, a autora dá seu passo inicial ao selecionar cento e cinquenta e seis edifícios de diversas épocas da história portuguesa. É possível que tal estudo não permita uma conclusão segura, mas seus resultados podem contribuir para o entendimento dos índices quantitativos de sacristias e sua disposição na planta da igreja, como é possível ver no gráfico feito pela autora²⁷¹.



Figura 39 – Localização geral das sacristias em relação ao corpo das igrejas e, em específico, das sacristias em relação a cabeceira. MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. vol. 1, p. 18.

Observa-se (Fig. 39) uma massiva maioria de sacristias localizadas no entorno da cabeceira, compondo 70% dos edifícios por ela estudados. Dessas, a grande maioria encontra-se localizada à esquerda do edifício, enquanto que em menor quantidade à direita. As sacristias por trás da cabeceira acabam por ficar em terceiro lugar na quantidade encontrada, ficando afrente apenas das sacristias duplas.

Na Constituição Sinodal do Bispado da Guarda, realizado por D. Francisco de Castro em 1621, recomenda-se que as sacristias fossem “capazes, segundo o numero dos Ministros, & qualidade das Igrejas”, e fossem edificadas ‘de maneira, que nam tirem a luz à Capella mor, ou Igreja, ou em distancia do Altar mór, que se possa ir dellas para elle precessionalmente’²⁷². Este texto corrobora claramente o relatado por São Carlos Borromeu:

“Así pues em toda iglesia de cualquier género constrúyase una sacristía, que los antiguos alguna vez llaman cámara e igualmente secretario, lugar naturalmente donde se ocultaba el sacro ajuar; la misma sea amplia y de tal modo que extienda un poco más largamente, según la magnitud de la iglesia catedral, colegial y parroquial, y según el número de ministros, y según la abundancia del sacro ajuar. (...) De la capilla o altar mayor esté separada tanto que el sacerdote que haga solemnemente el sacrificio de la Misa, pueda marchar ordenadamente en procesión desde allí hasta el altar, junto con aquellos que le van a servir, como es de antigua costumbre, con el anuncio del misterio. En las demás iglesias parroquiales y otras inferiores, por comodidad, podrá permitirse con el juicio del obispo, que

²⁷¹ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 18.

²⁷² MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 19.

la sacristía está menos separada de la capilla o altar mayor; pero entonces deberá cuidarse que no diste mucho del domicilio del párroco”²⁷³.

Quanto às características arquitetônico-ornamentais das sacristias portuguesas, Cátia Teles Marques distingue as seguintes tipologias: manuelino, monumental ou arquitetônica e ornamental ou cênica. A primeira corresponderia a fase em que esses espaços começam a ser agregados no conjunto edificado. Poucas dessas sacristias chegaram a atualidade. Um modelo representativo seria a do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça que sucumbiu ao terremoto de 1755²⁷⁴.

A segunda tipologia é onde obtemos uma maior quantidade de exemplares a partir do período filipino. Surge com os modelos clássicos renascentistas extraídos de tratados de arquitetura difundidos pela Europa, que alcançam o território português. Com ele são incorporados gostos por uma decoração fortemente arquitetônica, monumental, onde grande parte do aparato decorativo fica por conta da própria estrutura em pedra, com colunas e pilares, abertura de vãos, nichos e espaços para o mobiliário, tetos em abóbadas e toda a dinâmica é realizada pela própria estrutura arquitetônica²⁷⁵. Refletem essas características as sacristias dos conventos de Cristo em Tomar, São Domingos de Benfica, dos mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, São Salvador de Grijó e da Catedral de Lisboa.

Na última tipologia, a dinâmica é de responsabilidade de aparatos decorativos “guarnecendo uma arquitetura pobre e chã”²⁷⁶. Ou seja, talha, tetos, azulejos e o próprio mobiliário adquirem formas dinâmicas, carregando em si agitação, teatralidade e cenografia “formando um núcleo sólido e homogêneo na história da arte portuguesa, que, na intimidade das sacristias, transporta alguma da opulência e sumptuosidade dos espaços seculares para os domínios do religioso”. Vão além da funcionalidade e complementação e passam a ser protagonistas. Sua tipologia surge no seiscentos e perpetuam-se até o setecentos. Em Portugal reconhecemos esse modelo nos conventos de Santo António de Aveiro, Santo António dos Capuchos e de São Francisco de Guimarães, do mosteiro de

²⁷³ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 77.

²⁷⁴ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 21.

²⁷⁵ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 21-22.

²⁷⁶ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 30.

Nossa Senhora da Caridade do Sordoal e da Sé de Bragança. No Brasil, a sua popularidade está patente na sacristia do convento de São Francisco de Olinda sobre a qual recai a nossa dissertação.

3 O aparato artístico da sacristia

A sacristia do convento de São Francisco de Olinda (Fig. 40) representa uma das mais exuberantes e importantes peças do barroco nordestino, possuindo um acervo que integra vários elementos indispensáveis ao funcionamento desse espaço e que vai de encontro aos princípios franciscanos. Dessa forma, parte dos elementos atende diretamente a um sentido prático-funcional de guarda de alfaías litúrgicas ou apoio ao sacerdote. Do ponto de vista ornamental-iconográfico, as obras transmitem mensagens e estimulam a meditação.

Como mencionamos, a sacristia possui planta retangular voltada para leste, por trás da cabeceira da igreja de Nossa Senhora das Neves. Seu recheio está distribuído de maneira a impor grandiosidade sem interferir na mobilidade dos seus frequentadores (Fig. 41). Na parede oeste, duas portas ladeiam um arcaz de jacarandá de linguagem barroca. Ao centro uma mesa de mármore octogonal. Ao sul e ao norte duas absides com cobertura em abóbada de berço são acessíveis pelos arcos de volta perfeita em pedra calcária. No seu interior, duas pequenas janelas iluminam o espaço. A abside sul possui um lavabo instalado no centro e a abside norte apresenta um oratório fixado sobre um altar na parede fundeira. A parede leste é composta pela sequência de: janela-azulejos-janela-amituário-janela-azulejos-janela. No caso, o que ocorre é uma composição equilibrada que intercala os painéis de São Francisco e Santo Antônio com as janelas e armário de amitos. Os demais espaços da parede são revestidos com azulejos de outra tipologia decorativa-arquitetônica, enquanto o teto encerra o conjunto com estrutura de madeira talhada e quinze pinturas octogonais e oito losangulares.



Figura 40 – Sacristia do convento de São Francisco de Olinda vista para o norte. Fotografia do autor.

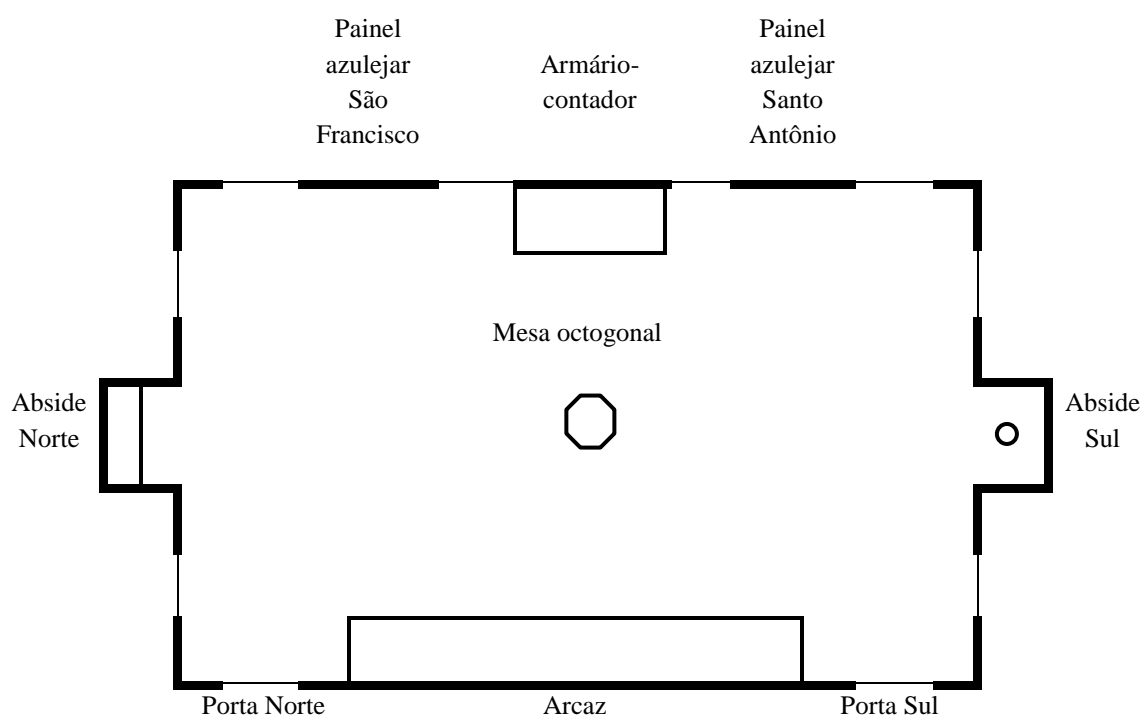


Figura 41 – Planta da sacristia com indicação da localização das suas peças. Esquema do autor.

3.1 A ornamentação barroca

Constatamos anteriormente que a arquitetura luso-brasileira passou por transformações em Época Moderna. Mesmo com o gosto renascentista ou maneirista fortemente influenciado por Flandres e Itália e com o despojamento do estilo chão português, floresce, por entre as atribulações político-religiosas contra-reformistas e as experimentações estéticas europeias, o barroco. As formas arquitetônicas, muitas vezes planas e angulosas, são rompidas pelas ondulações, no fervor das formas poligonais ou orgânicas agitadas.

“A simplicidade estrutural já pressupõe em si mesma a imprescindível complementação dos revestimentos em talha dourada, pinturas ou azulejos, tão caros à sensibilidade artística dos lusitanos. Ultrapassando a função meramente decorativa, essas artes ornamentais assumem em consequência nas igrejas luso-brasileiras a função subsidiária de dinamizar os espaços, rompendo a estaticidade das paredes e tetos e recriando ambientes que integram, em visão unitária, valores formais e simbólicos expressos em técnicas diversas”²⁷⁷.

A arte colonial brasileira percorre um atribulado caminho entre os séculos XVI e XVIII. Em síntese, e referindo-se especificamente à talha dourada, Anna Maria de Carvalho estabelece quatro períodos decorativos: um primeiro que se aproxima do maneirismo tardio indo em direção ao barroco; o segundo que se insere na primeira fase do barroco Português, conhecido como “Barroco Nacional”; o terceiro ciclo correspondendo ao “Barroco Joanino”, em decorrência do período de reinado de D. João V e, finalmente, o último ciclo, onde o gosto *Rocaille* francês, traduzido em Portugal como “Rococó”, se adapta à realidade colonial²⁷⁸. É principalmente no terceiro ciclo que se centra esta dissertação. Com exceção dos painéis de azulejos e do lavabo, o conjunto artístico integra-se no Barroco Joanino.

Não é apenas o sentido plástico que nos interessa nesta dissertação. Buscamos percorrer desde os aspectos funcionais e os simbólicos impregnados em suas obras. Afinal, como observado no capítulo anterior, a liturgia cristã da sacristia assume uma ritualística muito forte e necessária à igreja por guardar itens indispensáveis às cerimônias da mesma. As obras que trataremos a partir desse ponto estão carregadas de espiritualidade cristã e franciscana em todos os seus pormenores.

²⁷⁷ OLIVEIRA, M. A. R. de (2003). *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 13.

²⁷⁸ CARVALHO, A. M. F. M. de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 25.

3.2 O lavabo e a purificação do corpo

Recomenda São Carlos Borromeu que haja na sacristia um “aguamanil” de pedra sólida para a limpeza das mãos. Devendo ser de mármore ou outra pedra semelhante, com abertura para que saia a água e “por la parte inferior haya un seno para agua cóncavo para que reciba el agua que de ahí sale (...) y tenga un agujero, de donde se desvía el agua por una fístula a una pequeña cisterna subterránea o diferente, donde sea más cómodo apartarla lejos de la pared de la sacristía”. Geralmente é aplicado sobre a parede “que no impida el sitio de la sacristía, si sobresale por fuera”, além de que haja uma toalha limpa na proximidade²⁷⁹.

No centro da abside sul o lavabo da sacristia é de “grande elegância e sobriedade”²⁸⁰. Com 1,96 m de altura, sua forma octogonal foi talhada no mármore branco e brecha²⁸¹ e a fonte colocada de maneira a que pudesse ser contornada. Sua base é de brecha reta que alterna com o pilar em forma de urna de mármore branco, sucedida por uma taça de 1,36 m de diâmetro. Esta está organizada num quadrifólio de quatro conchas de brecha que recebe a água de quatro torneiras de latão (duas foram removidas) direcionadas em pontos colaterais, opostas entre si. Essas torneiras estão inseridas nas bocas de quatro mascarões inscritos em uma urna menor rematada por um elemento de brecha em forma de ovo (Fig. 42). Todo o conjunto recebe flores encarteladas em cada um dos níveis, com exceção da taça.

²⁷⁹ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 80.

²⁸⁰ CRUZ, A. de M. e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN, p. 59.

²⁸¹ Tipo de rocha clástica ou detrítica, composta por detritos geológicos de fragmentos de minerais e rochas unidos por ação mecânica e ligados pela sedimentação litificada de materiais mais finos durante a diagénese. Todos os materiais encontrados nessa composição podem se de origens diversas, tanto física quanto quimicamente. Pelo seu aspecto visual multicolorido quando polida, tornou-se popular no contexto português, tendo diversos usos, dentre eles na arte sacra.



Figura 42 – Pormenor do lavabo da sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Fotografias do autor.

Sua autoria é desconhecida, mas Antônio de Menezes e Cruz alega ter origem em Estremoz, datando-a da primeira metade do Século XVIII. Na verdade, o lavabo assemelha-se ao da sacristia da Ordem Terceira do convento de Santo Antônio do Recife (Fig. 43) cuja execução teria sido realizada, segundo Fernando Pio, na cidade de Estremoz em 1731²⁸².



Figura 43 – Lavabo da sacristia do convento de São Francisco de Olinda e lavabo da sacristia da Ordem Terceira do convento de Santo Antônio de Recife. Fotografias do autor.

A opção por dispor o lavatório ao centro da abside é muito particular e pouco comum no contexto colonial. Em outras sacristias de Olinda, como a da igreja da

²⁸² CRUZ, A. de M. e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN, p. 59.

Misericórdia ou a da Sé, ou de igrejas da mesma ordem como a de João Pessoa, Igarassu e Recife, as pias estão integradas na parede. Portanto, é evidente que teriam sido feitas dessa maneira para garantir o espaço e mobilidade para os sacerdotes realizarem suas abluções. Como já constatamos, a dimensão de uma sacristia reflete a quantidade de sacerdotes que a igreja abriga. Aparentemente, a escolha da forma e localização do lavabo também reflete esse aspecto. Regido pela forma octogonal, o lavatório permite que o transeunte o contorne e o contemple de maneira plena. Oferece ao espaço dinamismo e amplia a quantidade de sacerdotes que o utilizam com maior conforto.

Finalmente, percebemos que o lavabo, enquanto objeto artístico, assume uma linguagem clássica, cuja forma leva os sacerdotes a interagirem com o espaço de maneira única durante o cerimonial. A limpeza corporal e espiritual da “purificação do homem, em relação ao pecado original”²⁸³ torna esta peça indispensável aos ofícios divinos. A água, enquanto símbolo de purificação, perpassa entre o tempo divino ao humano com incontáveis narrativas. Na trajetória de São Francisco, muitos são os momentos em que a água se mostra elemento purificador e nutriente à vida espiritual, quando o *Poverello* se banhava em água gelada para conter as tentações da carne.

3.3 O oratório: Paixão e meditação

Ao fundo da abside norte foi feito um altar de forma trapezoidal curva, caiado de branco, com uma flor inscrita ao centro. Sobre o altar está um oratório barroco (Fig. 44), de madeira entalhada e porta de vidro, com a imagem de “Cristo flagelado”, também denominado “Bom Jesus da Coluna” ou “Cristo atado à coluna”. De forma retangular, medindo 1,73 x 0,83 m, e com o coroamento curvado, o oratório recebe um revestimento em ouro e tinta branca. Sua moldura é composta por arestas brancas e douradas e na extremidade elementos vegetalistas.

²⁸³ *Era particularmente rigoroso e vigilante consigo próprio, e se, como é natural, o assaltavam as tentações da carne, arrojava-se para dentro de um poço de água gelada, quando era Inverno, e nele permanecia até se extinguirem os estímulos da carne. Este admirável exemplo de penitência era fervorosamente seguido pelos demais.* CELANO, T. de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(1C\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(1C)_4af850265f034.pdf), p. 44.



Figura 44 – Oratório com imagem de Bom Jesus da Coluna, presente na abside norte da sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

A imagem de Cristo, de corpo desnudo e perizônio branco, expõe uma anatomia musculada e bem modelada. Cristo assume grande expressividade facial e gestual. Apoiado na perna direita, flexionando a esquerda para a frente, e o corpo torcido no mesmo sentido e a cabeça novamente para a direita, a imagem expõe um contraposto dramático que muito contribui para a sua qualidade plástica. Seus braços são amarrados à coluna octogonal azulada em forma de vaso por cordas naturais. Apesar de se referir ao momento da Sua flagelação, seu corpo apresenta-se com discretas marcas de sangue, enquanto a encarnação é feita com grande qualidade. Antônio de Menezes e Cruz data a imagem do século XIX, e o oratório do final do século XVIII²⁸⁴. A dramaticidade patente na tensão do corpo e do rosto que se volta para o céu, e a sensação de exaustão transmitida pela figura de Cristo, parece-nos respeitar mais à linguagem artística do XVIII, podendo a mesma ser contemporânea do oratório.

A inclusão do Bom Jesus da Coluna obedece ao programa do conjunto da sacristia. Localizando-se na abside, espaço privilegiado de oração, respeita às orientações de São Carlos Borromeu:

“Haya además un oratorio por alguna parte de la sacristía, prominente por dentro o por fuera, en un lugar decente, y éste a semejanza de pequeño cubículo en el cual se retire el sacerdote que va a hacer el sacrificio de la Misa, y recogiendo ahí en sí mismo, medite y ore. En tal forma, haya un pequeño

²⁸⁴ CRUZ, A. de M. e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN, p. 65.

altar, en el cual colocada la efigie del crucificado, u otra pía imagen, se rece santamente, así como un escabel donde para orar se doble las rodillas”²⁸⁵.

Episódio da Paixão, a imagem aponta para o momento em que Cristo é condenado, flagelado e humilhado perante seus algozes judeus. Sua escolha é pertinente no caso, por tratar-se de um edifício franciscano. A imagem em questão aproxima aspectos da Flagelação e da Coroação de Cristo.

“Los cuatro evangelistas mencionan la Flagelación; pero se limitan a decir en pocas palabras que Jesús fue azotado o incluso, simplemente, “castigado” (Lucas), sin agregar que fue atado a una columna. La abundante iconografía de la Flagelación nació de esa mera palabra. No se puede citar otro ejemplo de una tan flagrante desproporción entre el laconismo de los textos y la prodigiosa riqueza de la imaginería que produjo”²⁸⁶.

Segundo Lopez Vázquez, o primeiro tema estaria ligado ao vício da Concupiscência, enquanto o segundo se relaciona a Soberba²⁸⁷, corroborando com a liturgia da sacristia enquanto espaço privilegiado de meditação. O apego à vida material fragiliza o sacerdote e consequentemente seus fiéis. Faz-se necessário que desde a sacristia o sacerdote procure acabar com esses vícios através da penitência. A pregação da penitência é tema recorrente na espiritualidade franciscana, desde sua fundação. Tendo como espelho o sofrimento de Cristo no deserto, atado à coluna ou pregado na cruz, São Francisco O via como modelo de desprendimento dos vícios terrenos e o caminho para alcançar a pureza espiritual²⁸⁸. O *Povorello* abandonou os luxos de sua vida secular e seguiu os caminhos da pobreza, descalço, com vestes de tecidos grosseiros amarrados por uma corda, suportando o frio e a fome com alegria. Colocando-se sempre como inferior aos outros, procurava os mais desfavorecidos e marginalizados, sendo os leprosos o principal alvo da sua prática caritativa²⁸⁹. Ou seja, em busca da humildade, se fez menor perante todos e em todos os

²⁸⁵ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 79.

²⁸⁶ REAU, L. (2000). *Iconografía del arte cristiano: iconografía de la Biblia (Nuevo testamento)*. Barcelona: Ediciones del Serbal, p. 470.

²⁸⁷ VÁZQUEZ, J. M. B. L. (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercâmbio Científico, p. 68.

²⁸⁸ *Por ter sido autenticamente pobre e penitente, é que Deus o tratou com tanta bondade e com tanto amor, a ponto não só de o retirar da futilidade da vida mundana, mas de o transformar em discípulo, arauto e pregador da perfeição evangélica, e de o guindar às alturas, como farol para todos os crentes. Assim, dando testemunho da luz, preparou o caminho da luz e da paz pelo qual o Senhor chegaria ao coração dos seus fiéis.* SÃO BOAVENTURA (s/d). *Legenda Maior*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_\(LM\)_4af84ffa4a4a6.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_(LM)_4af84ffa4a4a6.pdf), p. 7.

²⁸⁹ *Dantes, não apenas a companhia de leprosos, mas até o simples facto de os ver, mesmo de longe, já o enchia de horror: agora, perfeitamente despreocupado de si mesmo, prestava-lhes todos os serviços possíveis, com extrema humildade e delicadeza, por amor de Cristo crucificado, que, segundo a expressão do Profeta, foi considerado desprezível como um leproso. Com frequência ia visitá-los aos lazaretos, distribuía por eles boas esmolas, e com todo o afecto lhes beijava as mãos e o rosto.* SÃO BOAVENTURA (s/d). *Legenda Maior*. Disponível em:

momentos preocupava-se em não esquecer seu lugar para não se corromper aos prazeres e desejos mundanos e “por inspiração divina, a convidar outros a abraçarem a vida de penitência”²⁹⁰ para remissão dos pecados. Portanto, conciliando o modelo da vida de São Francisco, a imagem do Bom Jesus da Coluna chama os sacerdotes a lembrar o seu lugar e o seu papel:

“Se comprende entonces que la Penitencia resulte una virtud imprescindible para todos los fieles, pero muy particularmente para los sacerdotes que deben dar ejemplo. Por otra parte, su representación es además muy apropiada para una sacristía, pues al ponérsela a los clérigos ante sus ojos no solo se les recuerda que deben buscar la santidad, sino que, imprescindiblemente, deben estar purificados antes de celebrar la misa; no en vano, van a recibir en su casa al Amor divino y, por tanto, esta tiene que estar limpia de toda impureza o suciedad. De no hacerlo, incurrirían en una temeridad de consecuencias nefastas si en semejante estado dieran en los Novísimos”²⁹¹.

São Francisco enquanto modelo de vida e espiritualidade, busca na imagem de Cristo espelho para sua conduta e Regra. Aspecto que se perpetua e alcança na época barroca quando se populariza, pela *Devotio Moderna*, a prática devocional que se interessa por estimular a meditação²⁹², na busca para atingir a Salvação na Paixão. Desde o crucifixo de São Damião, cresce em São Francisco a necessidade da oração, levando-o a buscar constantemente na reclusão as respostas²⁹³. O Cristo flagelado é a ligação com essa memória da humildade e desapego tão presentes na vida franciscana. Essa imagem, portanto, transparece a esperança da Salvação no olhar de Cristo para o céu, como uma forma de relembrar aos sacerdotes em quem devem depositar as suas certezas no caminho para a Vida Eterna. À semelhança de Cristo, que amarrado à coluna espera a Sua morte, colocando nas mãos de Deus a confiança nos Seus designios²⁹⁴, também o sacerdote, através de Cristo, deverá entregar nas mãos de Deus o seu destino. Os projetos/caminhos de sua vida.

[http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_\(LM\)_4af84ffa4a4a6.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_(LM)_4af84ffa4a4a6.pdf), p. 16-17.

²⁹⁰ SÃO BOAVENTURA (s/d). *Legenda Maior*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_\(LM\)_4af84ffa4a4a6.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_(LM)_4af84ffa4a4a6.pdf), p. 25.

²⁹¹ VÁZQUEZ, J. M. B. L. (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercâmbio Científico, p. 77.

²⁹² VÁZQUEZ, J. M. B. L. (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercâmbio Científico, p. 63-64.

²⁹³ CROCOLI, A. (2004). “*Dado e nascido por nós à beira do caminho*”: *A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio, p. 143.

²⁹⁴ VÁZQUEZ, J. M. B. L. (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercâmbio Científico, p. 73.

3.4 O mobiliário: monumentalidade e preparação

Indispensáveis ao ritual da sacristia, o mobiliário evolui de arcas móveis de madeira ou couro para monumentais armários e arcazes permanentes. São Carlos Borromeu distingue cinco tipologias de armários destinados à sacristia: armário com gavetas e portas para paramentos e alfaia; roupeiro com cabides; armário para livros sagrados, cerimoniais e de tombo; guarda-roupa para as vestes mais preciosas e outro menor para os paramentos do coro das catedrais e colegiados²⁹⁵. O primeiro caso corresponde com maior adequação ao arcaz e o terceiro ao amituário da sacristia do convento de Olinda.

Esses armários teriam origem civil, nos armários embutidos escavados na parede, adaptando-se com excelência ao espaço da sacristia. Temos notícias de armários desde a Idade Média em diversos países. No entanto, em Portugal não subsistiu nenhum exemplar anterior ao século XVI²⁹⁶. Tal como já foi exposto no capítulo anterior, as arcas assumem uma dimensão mais ampla, fixa e recebem gavetas, sendo sua origem muito incerta.

3.4.1 A mesa central

A mesa central (Fig. 45) apresenta 1,17 m de altura. Fixada em uma coluna oitavada em forma de urna, feita em mármore branco, recebe um tampo de pedra negra oitavado com singelo entalhe reto nas bordas. Acima um suporte com catorze filetes de madeira para pôr alfaia, como por exemplo amitos. Consideramos que essa mesa se articula preferencialmente com o amituário. Para além de sua proximidade, dá apoio aos cálices, amitos e demais utensílios.

²⁹⁵ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 80-82.

²⁹⁶ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 43.

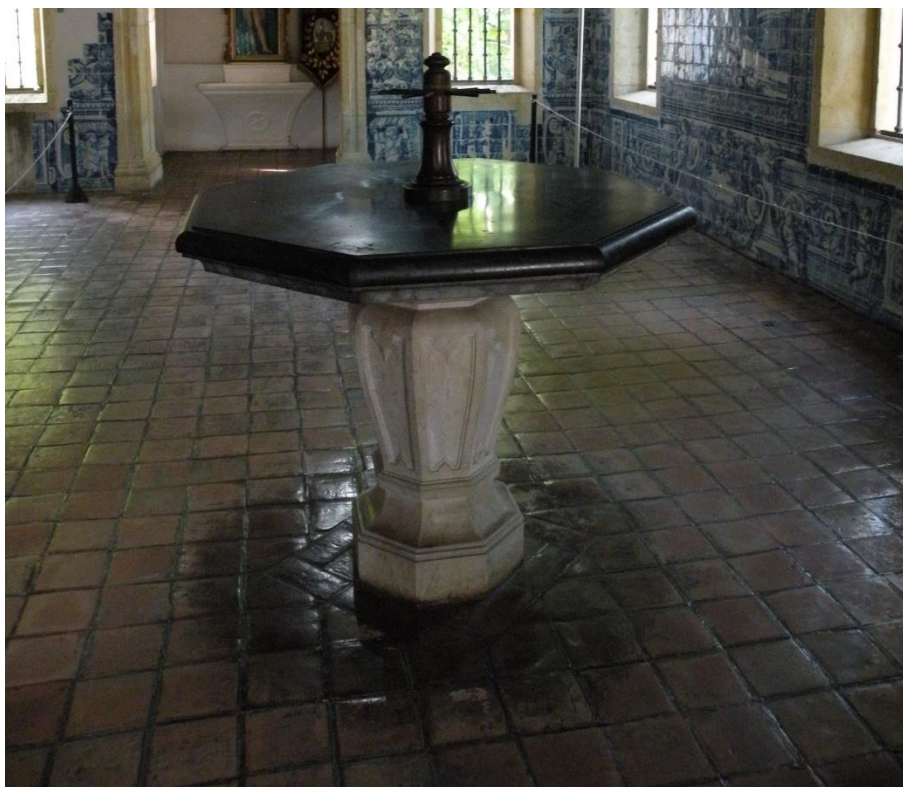


Figura 45 – Mesa octogonal da sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

3.4.2 O amituário-contador

Primeiro paramento a ser colocado, o amito, ou amicto, é pensado para proteger os ombros. Feitos em linho, o fato de serem usados em contato direto com o corpo dos sacerdotes fazia com que se sujassem ou danificassem com facilidade. Neste sentido, impunha-se a sua troca regular e a existência de muitos exemplares, o que levou à existência de móveis nas sacristias que respondessem a essa necessidade. Armários de/dos amitos, armário-contador, armário de sacristia, guarda-roupa ou mesmo amituário, se caracterizariam pela existência de diversas gavetas de pequenas proporções com aberturas maiores para a guarda de alfaías de maiores dimensões.

O exemplar em estudo satisfaz essas exigências. Embutido na parede leste, no eixo central, com 3,135 x 2,32 m, o amituário foi feito em madeira de jacarandá sobre um embasamento de pedra calcária (Fig. 46). É composto por oitenta almofadas com puxadores e um ático barroco sustentado por duas colunas quarteladas nas extremidades do corpo.



Figura 46 – Armário-contador da sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

Segundo Cátia Teles Marques, esses armários embutidos já eram utilizados no século XVI em diversas sacristias, como a do convento de Santa Cruz de Coimbra e na do Convento de Cristo de Tomar. Sua evolução parte de estruturas em pedra escavadas na parede, com portas de madeira, para outras que se aproximam de arcas verticalizadas completamente em madeira para garantir a preservação dos objetos guardados ali da humidade, mofo e do sol²⁹⁷. Segundo a autora, a terminologia “amituário” aparece pela

²⁹⁷ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 42.

primeira vez em 1734, quando o tabelião José da Costa toma nota da sacristia do convento de Santa Marinha da Costa de Guimarães²⁹⁸.

Apesar de ser um amituário, o armário de Olinda não assume essa única função. Na realidade, as oitenta almofadas (Fig. 47) não correspondem sempre a uma abertura individual, mas sim a portas de maiores dimensões que reúnem várias almofadas (Fig.48). Suas funções seriam muito precisas e obrigam-nos a considerar adequado chama-lo de amituário-contador. Adaptação exclusiva portuguesa²⁹⁹, esses armários não guardavam apenas os amitos, mas também os livros da igreja, cálices, turíbulos, ostensórios e demais objetos litúrgicos. A ausência de dados nos impede de assegurar a distribuição dos objetos no armário. A semelhança estrutural com o armário da igreja de Bom Jesus de Goa nos leva a considerar compartimentos no nível inferior, em formato de escaninho, para a guarda de livros sagrados. Acima, portas maiores para os objetos sagrados, sendo as duas laterais para os cálices e um compartimento com duas folhas ao centro para objetos maiores, como ostensórios³⁰⁰. Portanto, esses armários derivariam da fusão dos primeiros tipos descritos por São Carlos Borromeu como sendo “armario de los sacros indumentos” com o terceiro tipo para os “livros”. O primeiro sugere que se ponha na parte superior o espaço para esses indumentos e logo abaixo “cajitas, colocadas por separado, donde se guarden sencilla y comodamente los sacros cálices, las patenas, los corporales, los purificadores, las velas y otros utensílios de este género”³⁰¹. No segundo orienta que haja espaço para guardar livros eclesiásticos e os usados no coro, as escrituras e textos canônicos. Nas igrejas paroquiais, deveriam guardar os livros de batizado, confirmação, matrimônio e óbito, assim como os decretos pontificiais, éditos episcopais, decretos pastorais do bispo e outros livros de uso necessário à igreja. Deveriam ser fechados “seguramente con sendas llaves” e ordenados pela sua função³⁰².

²⁹⁸ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 45.

²⁹⁹ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 45.

³⁰⁰ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 46.

³⁰¹ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 80.

³⁰² BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 81.



Figura 47 – Pormenor das almofadas do armário-contador. Fotografia do autor.



Figura 48 – Pormenor de portas do armário-contador abertas. Fotografia do autor.

O conjunto de almofadas é emoldurado por um friso cordiforme. A estrutura do armário é delimitada por uma exuberante moldura barroca, preenchidas por mísulas, decorada com folhas de acanto, flores e frutos (romãs, uvas, peras). O remate (Fig. 49) é curvo, expondo no centro do ático as armas de Portugal envolvidas por folhas de acanto. Os elementos que preenchem o interior das armas de Portugal estão adaptados ao contexto: para além dos sete castelos e os cinco escudetes, são visíveis também os cinco estigmas de

São Francisco. Nas laterais do brasão duas aves seguram o cordão de São Francisco, enquanto acima do brasão surge o símbolo da Ordem dos Frades Menores, ou seja, o braço descoberto de Cristo cruzado com o de São Francisco, sobreposto por uma cruz. Por fim, dois *putti* seguram juntos um florão enquanto carregam, cada um, uma cornucópia.



Figura 49 – Ático do armário-contador. Fotografia do autor.

3.4.3 O arcaz

A variedade dos objetos e vestes sagradas demandam uma diversidade de formas e dimensões do mobiliário para adequação às suas necessidades. Paramentos como casulas, dalmáticas e pluviais exigem gavetas grandes para evitar que fossem dobrados devido à sua rica qualidade têxtil. Como resultado, acabam por adquirir formas de paralelepípedos, inamovíveis e suficientemente extensos para ocupar grande parte de uma parede, ou

mesmo mais de uma. É o que se verifica com os arcazes³⁰³. “Almareos”, “arcas” ou “caixões”, esses arcazes seguiam o primeiro modelo de armário indicado por São Carlos Borromeu. O cardeal milanês orientava que se “confecciónense com tablas de nogal um armario amplio em el cual se conserven los sacros indumentos. (...) Tenga cajitas movibles, y éstas separadas y muy amplias, em las cuales también de acuerdo con la variedad de los colores se conserven los sacros indumentos tendidos y distribuidos y con orden”³⁰⁴.

Populares na Época Moderna, acompanhando as inovações e gostos de cada período, os arcazes portugueses ainda possuem a forma da arca quinhentista (Sé de Miranda do Douro e Igreja Matriz de Caminha) quando começam a adequar-se à formatação monumental das sacristias do final do século XVI (Mosteiro dos Jerônimos de Lisboa e igreja de São Francisco de Évora). Com o advento do espaldar, que amplia a sua utilidade com a inserção de espelhos e espaços para livros, os arcazes recebem composições arquitetônicas em seu desenho através de colunas e frontões de linguagem clássica.

Ao perpetuar as formas arquitetônicas austeras acima citadas, o período filipino eleva-as através das almofadas marchetadas com marfim e metais com formas geométricas, contrastando com a cor escura da madeira (Igreja de São Roque de Lisboa e Convento de São Romão de Neiva). Com a Restauração, as formas encontradas no período anterior ainda são presentes, mas padronizam e aperfeiçoam o geometrismo e acrescentam-se o vegetalismo e os espaldares com espelhos emoldurados por colunas e mísulas (Convento de São Domingos de Lisboa e São Pedro de Alcântara).

³⁰³ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 54-55.

³⁰⁴ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 80.

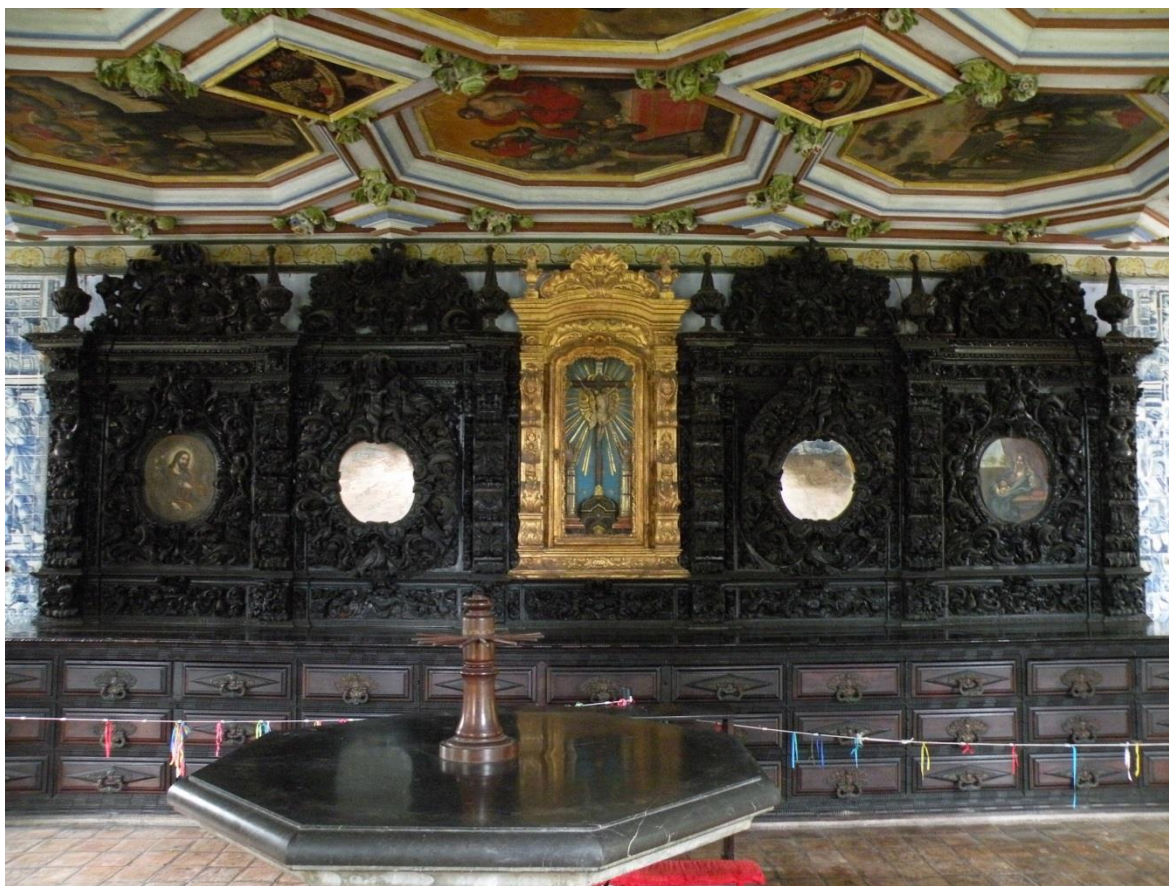


Figura 50 – Arcaz da sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

Com o estilo nacional, a cartela é eleita como principal ornamento dos arcazes com “soberbas variações” e a sua volumetria torna-se cada vez mais proeminente, acentuando-se no início do século XVIII³⁰⁵. Novamente o uso de metais em contraste com as madeiras escuras ampliam esse efeito tridimensional (Convento dos Paulistas e Colégio de Santo Antão o Novo, ambos de Lisboa). Com o período joanino, durante o reinado de D. João V, o espaldar se destaca e as formas arquitetônicas clássicas são substituídas pela linguagem barroca (Sé de Portalegre e Colégio de Santo Antão o Velho). Quartelões apilastrados substituem colunas que seguem as ordens arquitetônicas, enquanto as formas lineares recebem o arrojo do barroco e seus enrolamentos vegetalistas, *puttis* e atlantes, pináculos e medalhões, além de espelhos e pinturas. O arcaz da sacristia o convento de São Francisco de Olinda enquadra-se no período joanino (Fig. 50). Feito em madeira de jacarandá, medindo 8 x 1,18 x 1,08 m e espaldar atingindo 2,66 m, assume a forma paralelepípedica, sendo composto por trinta e nove almofadas retangulares que recobrem a superfície frontal e as laterais. O espaldar é dividido em cinco registos com duas pinturas nas extremidades,

³⁰⁵ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 64.

seguidas por espelhos e um nicho central semelhante ao do Convento das Francesinhas de Lisboa³⁰⁶. Ao contrário das trinta e três gavetas contadas por Antônio de Menezes e Cruz³⁰⁷, que confundiu almofada com gaveta individual, o arcaz é formado por dezoito gavetas de diferentes dimensões. Provavelmente, e como indica São Carlos Borromeu, os paramentos seriam distribuídos por cores dos tempos litúrgicos³⁰⁸. A decoração das almofadas alterna motivos retangulares e losangulares (Fig. 51), com puxadores de latão que se adequam a esses formatos (ovalado e losangular, respectivamente) (Fig. 52 e 53).



Figura 51 – Almofadas do arcaz. Fotografia do autor.

Geralmente importados de Portugal, onde os trabalhos com metais era muito difundido, os puxadores adquiriram formas diversificadas de acordo com a época. No período joanino seus espelhos eram manipulados de maneira a obter formas vegetalistas,

³⁰⁶ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 62.

³⁰⁷ CRUZ, A. de M. e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN, p. 60.

³⁰⁸ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 80.

como é o caso do puxador desse arcaz. De gosto barroco, esses puxadores receberam a forma de *putti* com o corpo retorcido e seu espelho possui um brasão da ordem dos Frades Menores (braço de Cristo que cruza o de São Francisco) coroado e envolto em elementos vegetalistas. Ressaltamos que o uso de prata ou marfim é proibido durante a política de austeridade realizada por Filipe II³⁰⁹. O uso de latão se populariza na segunda metade do século XVIII³¹⁰, provavelmente pela sua facilidade de manipulação, baixos custos de produção e maior resistência à oxidação, uma vez que se trata de uma liga composta por cerca de 70% de cobre e o restante de zinco³¹¹.



Figura 52 – Puxador losangular do arcaz. Fotografia do autor.

³⁰⁹ GONÇALVES, R. M. M. (2011). “O desenvolvimento mobiliário sacro na igreja católica no Brasil dos séculos XVI ao XVIII”. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação - ARC* - Vol. 3 - Edição Especial, p. 1-2.

³¹⁰ GONÇALVES, R. M. M. (2011). “O desenvolvimento mobiliário sacro na igreja católica no Brasil dos séculos XVI ao XVIII”. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação - ARC* - Vol. 3 - Edição Especial, p. 8.

³¹¹ SOUSA, A. C. C. de (2010). *Tytolo da prata (...), do arame, estanho e ferro (...), latam cobre e cousas meudas... Objectos litúrgicos em Portugal (1478-1571)*. Porto: Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa pela Universidade do Porto, p. 87.



Figura 53 – Puxador oval do arcaz. Fotografia do autor.

Quanto ao espaldar, começamos pela análise das pinturas de datação e autoria desconhecidas. As suas características plásticas levam-nos no entanto a supor que poderão ser contemporâneas do arcaz. Localizadas nas extremidades, representam São José com o ramo de lírio na mão (Fig. 54a), ao sul, e a Virgem Maria sentada com o Menino Jesus no colo (Fig. 54b), no lado norte. Esta é a única iconografia de São José na sacristia, repetindo-se várias vezes a da Virgem. Quando interligamos à imagem de Maria e seu filho, logo reconhecemos algo que López Vásquez vai levar em consideração quando analisa o mesmo tema na sacristia da Catedral de Tui³¹². A sua união resulta na sagrada família e nesse contexto assumem a função de ressaltar a obediência. O iconógrafo espanhol refere que São José, enquanto marceneiro, representa a dureza do trabalho e, na qualidade de pai, alude ao amor paternal pelo filho e cumprimento dos seus respectivos deveres. Para além da sua origem humilde, que enfatiza a opção de Cristo por encarnar “pobre nos pobres”³¹³, também remete ao amor do filho pelo pai e pela mãe e a sua devida

³¹² VÁZQUEZ, J. M. B. L. (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercâmbio Científico, p. 106.

³¹³ CANTARILHO, R. M. M. (2012). *A paixão de Cristo na espiritualidade medieval: Lignum Vitae e Meditationes de Passione Iesu Christi*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Teologia, p. 11.

obediência e docilidade. Quando unidos em sagrada família reforçam a obediência aos desígnios de Deus. É coerente considerar essa mensagem, tendo em conta que na sacristia existe uma hierarquia social entre sacerdotes, sacristãos, celebrantes e demais participantes do ritual. Mas essa obediência também é espiritual, voltada para atender aos propósitos de Deus e suas responsabilidades com os fiéis, transportando aos súditos de Deus essa mesma obediência. Portanto, as duas pinturas nos levam à questão da hierarquia em seu sentido social e espiritual.



Figura 54 – Pinturas de São José (a) e Virgem Maria com Menino Jesus (b) do arcaz. Fotografias do autor.

Os espelhos (Fig. 55), enquanto elementos funcionais, garantem o decoro dos sacerdotes nas suas vestimentas. Considera-se necessário a presença de espelhos nas sacristias para que os sacerdotes garantam que estejam devidamente vestidos e se apresentem bem e solenes. Mas outro aspecto pode ser levado em consideração quando observamos toda a intensa interação das obras desse espaço com os seus observadores. Entendendo “como uma forma de “chamá-lo” para a realidade da narrativa”³¹⁴, Germain Bazin compara os espelhos ao ouro, na medida em que ambos são difusores da luz e testemunham “o desejo de romper com todas as referências possíveis aos dados sobre os quais se apóia nossa sensação do real, multiplicando indefinidamente as mudanças de

³¹⁴ FERNANDES, C. V. N. (). *As sacristias franciscanas no Brasil. Uma contribuição ao estudo do tema*, p. 65.

formas, confundindo toda a noção de identidade do espectador, transformando ele mesmo em espetáculo, através de seu próprio reflexo”³¹⁵.



Figura 55 – Espelho do arcaz. Fotografia do autor.

No eixo central, em destaque, encontramos um altar revestido em ouro, contendo no seu interior a imagem de Cristo crucificado e dois relicários em formato de braço (Fig.

³¹⁵ BAZIN, G. (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 12.

56). Em comunicação com os espelhos, o ouro carrega em si um longo processo histórico de nobilitação e simbolismo. Para além da sua qualidade mística curativa e protecionista ou físico-química, que tornam o ouro o metal que melhor se adequa as necessidades modeladoras ou resistência à oxidação, estava associado ao sol, à luz e à nobreza. Portanto não é difícil reconhecer que “pelo facto de ter sido identificado com a luz solar, o ouro foi um dos símbolos de Jesus, Luz, Sol e Oriente” e “símbolo do amor maternal, com expressão máxima em Maria”³¹⁶. Esse metal é objeto de atenção e desejo a partir de meados do século XVII, com a descoberta do ouro no interior do Brasil. O uso de ouro nesse oratório central assume esse carácter simbólico tendo em vista que abriga os relicários, objetos submersos na mística cristã desde sua origem e o crucifixo. Segundo orientação de São Carlos Borromeu:

“En toda sacristía, en el lugar más conspicuo haya un icono sacro, como también, si la amplitud de la sacristía permite, un altar o mesa o armario que represente la forma de altar, preparado con una cruz, cubierto con candelabros y un mantel; ante el cual los sacerdotes que van a celebrar se vistan con los sacros vestidos”³¹⁷.

A inserção do crucifixo ao centro do arcaz é obrigatória em qualquer sacristia. Este permite a exaltação da Paixão, recordando o papel que o sacrifício de Cristo teve para São Francisco. Numa busca pela aproximação às palavras de São Paulo, “estou crucificado com Cristo”³¹⁸, coloca a cruz no “epicentro do mistério do Verbo encarnado”³¹⁹ e recorda o exemplo de Cristo enquanto caminho para a Salvação. De acordo com Jacques Le Goff, trata-se da “dolorização da piedade”³²⁰. Reflete no comportamento diário de busca para se aproximar do Salvador através da penitência, como mencionamos com o Bom Jesus da Coluna. Meditar sobre esse tema é fundamental enquanto o sacerdote realiza a paramentação, principalmente para os frades menores. O tema da Paixão é constantemente reafirmado nesta sacristia e é claramente evidente nas obras que apresentaremos de seguida.

³¹⁶ SOUSA, Ana Cristina (2000). *Metamorfoses do ouro e da prata. A ourivesaria tradicional no noroeste de Portugal*. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais, p. 13.

³¹⁷ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. 79.

³¹⁸ Gálatas 2:19.

³¹⁹ CANTARILHO, R. M. M. (2012). *A paixão de Cristo na espiritualidade medieval: Lignum Vitae e Meditationes de Passione Iesu Christi*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Teologia, p. 26.

³²⁰ LE GOFF, J., CANTARILHO, R. M. M. (2012). *A paixão de Cristo na espiritualidade medieval: Lignum Vitae e Meditationes de Passione Iesu Christi*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Teologia, p. 11.



Figura 56 – Altar em talha dourada no centro do arcaz. Fotografia do autor.

3.5 A azulejaria: hagiografia e decoração

Revestindo as paredes da sacristia, os azulejos formam dois grupos de painéis, com datação, autoria e tipologias particulares que os distinguem. O primeiro corresponde a dois painéis que representam cenas recorrentes da iconografia franciscana: *São Francisco recebe os estigmas do Cristo Seráfico* (Fig. 57) e a *Aparição do Menino Jesus a Santo*

Antônio (Fig. 58). O segundo corresponde a uma falsa arquitetura com presença de *putti* e cariátides que revestem os espaços vazios da sacristia.



Figura 57 – Painel de azulejo de *São Francisco recebe os estigmas do Cristo Seráfico*. Fotografia do autor.



Figura 58 – Painel de azulejo de *Aparição do Menino Jesus a Santo Antônio*. Fotografia do autor.

Os painéis hagiográficos foram datados no primeiro quartel do século XVIII, entre 1717 e 1720³²¹, posteriores aos azulejos da Sala do Capítulo e da escadaria do corredor da sacristia. Sua autoria, segundo Antônio de Menezes e Cruz, fica por conta da Escola de Oliveira Bernardes³²². Antônio de Oliveira Bernardes, artista de referência da azulejaria portuguesa, entre os finais do século XVII e início do XVIII, faleceu em 1732, sendo sua obra continuada pelo seu filho Policarpo de Oliveira Bernardes. Santo Simões atribuiu esses azulejos a um discípulo de Antônio de Oliveira Bernardes, tal como podemos avaliar na seguinte afirmação:

³²¹ CAVALCANTI, S. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 68.

³²² CRUZ, A. de M. e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN, p. 58.

“(…) A pintura é magnífica e certamente executada por um bom discípulo de A. de Oliveira Bernardes, o que se reconhece pela técnica, composição e até pormenores, como o do frade lendo (painel de S. Francisco), onde se diria que houve intervenção do mestre. Aliás, pelo tipo de pintura, coloração, composição – ainda muito clássica na moldura – e presença de óvulos, esta obra parece poder ser de cerca de 1717-20. No entanto a presença da restante decoração – do alizar referido – e a ornamenta das paredes entre os acidentes da arquitectura, forrando pilastras com figuras atlantes, são certamente de época vizinha de 1740. De notar é o friso superior de 2 azulejos que corre em toda a cornija e que julgo poder afirmar ser coevo e da mesma mão dos dois grandes painéis os quais não há dúvida que foram feitos propositadamente para este local”³²³.

Os dois painéis hagiográficos ladeiam o amituário, no intervalo entre as duas janelas. Em formato quadrangular, foram distribuídos em composição de 17 x 17 azulejos. A necessidade de adaptar ao espaço obrigou ao corte de uma coluna de azulejos, o que poderá indicar também a importação destes painéis realizados em Portugal. A localização dos dois painéis em equilíbrio com a parede e a autoria não é o único paralelo possível a ser feito entre ambas. No aspecto plástico, notamos que as duas obras realmente são do mesmo autor, ou pensadas em conjunto. Ao observarmos atentamente a sua composição (Fig. 59) reconhecemos que os dois santos estão no eixo central do painel, de joelhos, com o corpo voltado para a direita onde a imagem de Cristo – seja ele menino ou crucificado – está envolvido em nuvens em um ponto de elevação. À esquerda, demarcado por um volume (árvore e porta com cortina), surge a imagem de um frade em segundo plano. No primeiro caso, entre a bucólica paisagem montanhosa, São Francisco se apresenta de joelhos sobre o Monte Alverne com os braços abertos a receber os estigmas do Cristo Seráfico – conectados por linhas às mãos, pés e tronco – que surge das nuvens; por trás do *Povorello*, uma árvore separa a cena de Frei Leão, eterno companheiro de São Francisco, que lê um livro em segundo plano. No segundo, no interior de um edifício religioso austero, Santo Antônio encontra-se de joelhos perante um altar onde o Menino Jesus emerge das nuvens com anjos que carregam a açucena, seu atributo, enquanto o santo o observa com os braços cruzados ao peito. Em segundo plano, delimitado por uma porta com cortina, um Frade Menor dirige-se para a cena com um objeto não identificado, em formato quadrangular coberto por tecido.

³²³ SIMÕES, J. M. dos S. (1965). *Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 238.

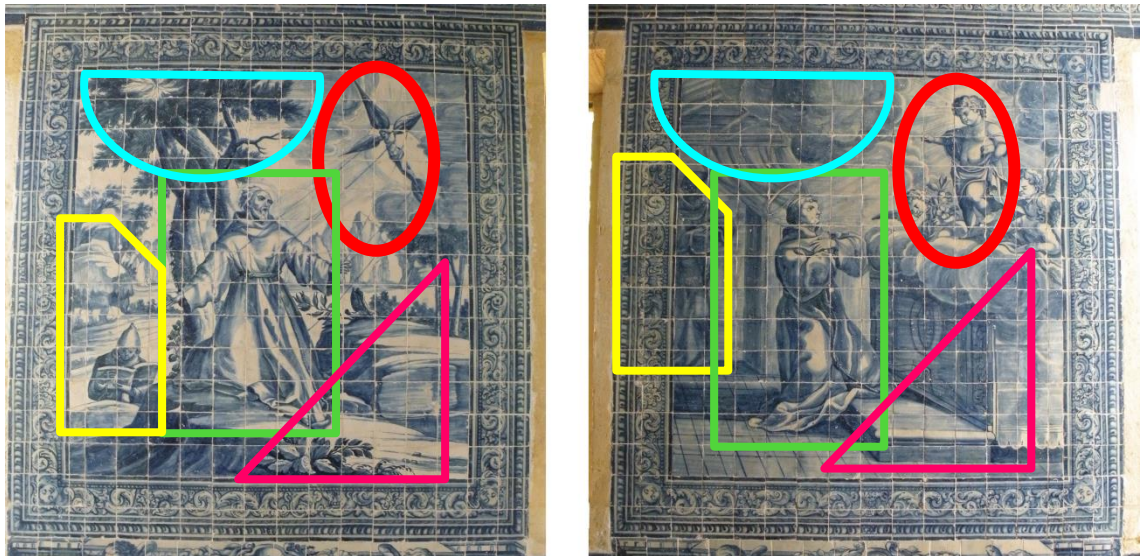


Imagem 59 – Painéis de azulejos hagiográficos da sacristia do convento de São Francisco de Olinda, onde se delimitam os volumes da composição das cenas de São Francisco recebendo os estigmas do Cristo Seráfico e do Menino Jesus aparecendo a Santo Antônio. Fotografias do autor.

Outro paralelo a ser ressaltado é o sentido político que está presente na imagem do Seráfico Fundador, gênese da Ordem dos Frades Menores e seu modelo espiritual máximo, e o do Doutor da Igreja, o arauto da Ordem em Portugal e no Brasil, símbolo da presença portuguesa entre os franciscanos. Criando um paralelo pouco inocente com o brasão acima do amituário, colocado no meio dos dois painéis de azulejos em análise, o conjunto exacerba a relação entre a Ordem dos Menores, a Coroa Portuguesa e a sua presença no Brasil. Representados nos episódios mais emblemáticos da suas vidas de fé, os santos estão em contato direto com Cristo (recebendo seus atributos), representando modelos de devoção e intermediação.

Recorrente à tradição franciscana, o tema da estigmatização de São Francisco pelo Cristo Seráfico remonta o século XIII, formando uma longa linhagem a partir do retábulo de São Francisco de Pescia realizado por Berlinghieri, em 1235, e do Relicário de São Francisco de Assis, sem autoria mas datado de cerca de 1229 a 1240, quando a imagem do serafim ainda não era atribuída diretamente a Jesus³²⁴. Devido às interpretações das obras hagiográficas que relatam a imagem de “um homem em forma de Serafim, com seis asas, preso a uma cruz, os braços estendidos, unidos os pés”³²⁵, surgem representações de Cristo como o serafim com a obra do Mestre de Bardi, entre 1240 e 1260, atualmente na Galeria degli Uffizi. Posteriormente Giotto di Bondone, entre 1295 e 1300, e Frans II Pourbus, em

³²⁴ BONNET, M. C. L. (2008). “A representação do Cristo Seráfico na igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência do Rio de Janeiro”. Belo Horizonte: *Varia história*, vol. 24, nº 40, p. 436.

³²⁵ CELANO, T. de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(IC\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(IC)_4af850265f034.pdf), p. 83.

1620³²⁶, representam a cena da mesma forma. Alcança o Brasil através de pinturas, azulejos e imagens de vulto, caso mais raro, como o retábulo da Igreja da Ordem Terceira da Penitência do Rio de Janeiro, feito nas décadas de 1720 e 1740 pelos entalhadores Francisco Xavier de Brito e Manoel de Brito³²⁷, e o azulejo da sacristia do convento franciscano de Olinda.

Nesse último caso, ainda ressaltamos um aspecto pouco comum e até o momento desconhecido de suas motivações. Em geral, o serafim possui três pares de asas, diferenciando-se de outras classes angelicais. Apesar dessa especificidade, alguns autores optaram por dar-lhe um par de asas a mais, como é o caso de Gentile da Fabriano (Fig. 60a) que fez a pintura de São Francisco recebendo os estigmas cerca de 1419, enquanto Ludovico Cigoli (Fig. 60b) realiza, em 1596, o mesmo tema, também contendo quatro pares de asas. Na sacristia da igreja de Nossa Senhora das Neves de Olinda, a mesma atribuição incomum ocorre. Esse tema exige maior atenção e investigação que vão além dessa dissertação.



Figura 60 – (a) *Estigmatização de São Francisco*. Gentile da Fabriano, c. 1400-1410. 87 x 62 cm. Fondazione Magnani-Rocca, Parma; (b) *São Francisco recebe os estigmas*. Ludovico Cigoli, 1596. Óleo sobre madeira, 247 x 171 cm. Galleria degli Uffizi, Florença.

Retomando ao tema em questão, a estigmatização foi difundida como vimos na arte cristã. A partir dos relatos de Tomás de Celano, São Boaventura e Três Companheiros,

³²⁶ BONNET, M. C. L. (2008). “A representação do Cristo Seráfico na igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência do Rio de Janeiro”. Belo Horizonte: *Varia história*, vol. 24, nº 40, p. 437.

³²⁷ BONNET, M. C. L. (2008). “A representação do Cristo Seráfico na igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência do Rio de Janeiro”. Belo Horizonte: *Varia história*, vol. 24, nº 40, p. 434.

constatamos que na cena do Monte Alverne, ocorrida em 1224, “fora tão grande e profunda a força do amor de Francisco por Cristo, que o amante transformou-se na imagem do seu amado”³²⁸. O “*alter Christus*”³²⁹, em sua vida de pobreza, humildade e penitência, reforça o modelo a ser seguido por aqueles que o observam. Ou seja, a imagem do *Povorello* não está ali por motivos decorativos. A sua imagem é uma constante lembrança aos sacerdotes de qual caminho devem seguir e nunca se desvirtuar, pois São Francisco foi o que mais próximo de Deus esteve pelas escolhas de sua vida à renúncia da carne, do luxo e do poder em nome da pobreza.

Da mesma forma, Santo Antônio de Lisboa ressalta justamente a sua origem portuguesa e o poder que seu nome tem para a Ordem no Brasil. Representado muitas vezes com os atributos da cruz, do livro, dos pães ou da palma, a iconografia em questão aponta para a açucena, símbolo da pureza, temperança e castidade³³⁰, e o Menino Jesus, descrita no capítulo 20 das *Florinhas de Santo Antônio*. O episódio relata o fidalgo que lhe deu hospedagem em sua casa e, por curiosidade, espreitou e viu “um Menino mui formoso e alegre nos braços de Santo Antônio, e o Santo a contemplar-lhe o rosto, a apertá-lo ao peito e a cobri-lo de beijos”³³¹. No painel da sacristia de Olinda, e talvez para uniformizar com a composição de São Francisco e enfatizar a presença dos companheiros e a ideia de comunidade, o fidalgo foi substituído por um Frade Menor. O mesmo relato, aparece também no *Liber miraculorum*, escrito por Arnaldo de Serrano, entre 1369 e 1374, e no *Liber miraculorum* de Lorenzo San Severino, em 1496³³².

“Há uma espiritualidade veiculada nesta associação do Menino Jesus, bem testemunhada nos sermões de Santo Antônio. Os franciscanos meditaram sobre a humanidade de Jesus e valorizaram a devoção ao Menino com a promoção do presépio. O atributo antoniano harmonizava-se com esta linha espiritual e servia a causa da sua difusão, motivando a visualização de um amor ao Menino, ensinado na pregação popular. Há um poder evocador da inocência, candura, humildade, pureza, amor pela humanidade, patentes na vida de Cristo”³³³.

³²⁸ COSTA, A. S. (2013). *O segundo verbo que habitou entre nós: a representação cristológica da estigmatização de Francisco de Assis nas hagiografias franciscanas*. Rio de Janeiro: Revista Plêthos, vol. 3, nº 2, p. 120.

³²⁹ CROCOLI, Aldir (2004). “*Dado e nascido por nós à beira do caminho*”: *A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio, p. 137.

³³⁰ AZEVEDO, C. A. M. (2010). *Variantes iconográficas nas representações antonianas*. Lisboa: Cultura, vol. 27, p. 49.

³³¹ LOPES, Fr. F. F. (1996). *Livro dos milagres ou Florinhas de Santo Antônio de Lisboa*. Braga: Editorial Franciscana, p. 29.

³³² AZEVEDO, C. A. M. (2010). *Variantes iconográficas nas representações antonianas*. Lisboa: Cultura, vol. 27, p. 47.

³³³ AZEVEDO, C. A. M. (2010). *Variantes iconográficas nas representações antonianas*. Lisboa: Cultura, vol. 27, p. 48.

Um dos mais populares temas da iconografia antoniana, entre 1767 e 1769, Giambattista Tiepolo realiza uma pintura da aparição do Menino Jesus a Santo Antônio (Fig. 61) com disposição dos personagens muito semelhante ao painel de Olinda. A mesma posição do Doutor da Igreja com Cristo envolto em nuvens e anjos, à sua esquerda, e à sua direita um frade observa a cena em segundo plano por trás de uma porta. Podemos considerar a existência de uma iconografia comum no século XVIII. Tal como pode ser reforçado pela obra de Mariano Salvador Maella de 1787. Enquanto memorável orador, conhecido por suas conversões, Santo Antônio reafirma o papel dos sacerdotes de comover os pagãos no amor de Cristo. Exalta a Custódia de origem portuguesa no Brasil pelo seu papel desempenhado na colônia.



Figura 61 - *Santo António de Pádua com Menino Jesus*. Giambattista Tiepolo, 1767-69. Museu del Prado.

Quanto aos demais azulejos que preenchem os espaços vazios da sacristia, Sylvia de Hollanda Cavalcanti aproxima a sua datação por volta de 1740³³⁴. São de caráter ornamental e simulam uma arquitetura barroca permitindo maior dinamismo e solucionando a inexistência de elementos arquitetônicos de maior expressividade.

³³⁴ CAVALCANTI, S. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 69.

Entre os elementos arquitetônicos, volutas, concheados, molduras, mascarões e florões, os *putti* preenchem a barra inferior assumindo a função de atlantes, enquanto cariátides com vestes esvoaçantes preenchem os intervalos entre as janelas. Acima da porta do Corredor Nobre, um medalhão com volutas, anjos que seguram florões e dois vasos de flores (Fig. 62). Num claro esforço de horror ao vazio, as paredes da sacristia são rematadas por um friso com pinturas vegetalistas a amarelo e castanho, sem referência alguma na historiografia. Os azulejos da porta do Corredor dos Mortos expõem uma mescla de azulejos soltos, não respeitando qualquer organização temática. Desconhecemos, no entanto, se se trata de um arranjo original, resultante de azulejos sobrados que procuram desta forma preencher um espaço vazio ou se deriva de uma intervenção posterior pouco cuidadosa.



Figura 62 – Azulejos acima da porta sul (acesso ao Corredor Nobre) da sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

Por fim, a barra inferior apresenta duas cartelas emolduradas por elementos arquitetônicos barrocos, com anjos que tocam trombetas e seguram florões. No interior das cartelas estão retratadas duas cenas. A primeira representa pescadores, situado abaixo do painel de São Francisco (Fig. 63), e na segunda um cruzeiro entre transeuntes (um flautista e seu cachorro e um idoso encurvado com uma criança), abaixo do painel de Santo Antônio

(Fig. 64). Sua localização, cruzada com trechos da *Legenda dos Três Companheiros*, nos fazem considerar a sua função simbólica quando observamos que no primeiro os pescadores representam a Ordem dos Frades Menores, enquanto pescadores de almas, que se expandem³³⁵. Os transeuntes refletem a cruz como marco do poder da Igreja no mundo³³⁶.



Figura 63 – Pormenor de azulejo dos pescadores na sacristia. Fotografia do autor.

³³⁵ O bem-aventurado Francisco disse ao irmão Gil: “A nossa família religiosa será semelhante ao pescador que lança a rede, apanha grande quantidade de peixes e, deixando na água os pequenos, põe na sua canastra apenas os grandes”. Foi nestes termos que ele profetizou a expansão da Ordem. *LEGENDA dos Três Companheiros* (s/d). Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Tres_Companheiros_\(TC\)_4af84fce2b757.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Tres_Companheiros_(TC)_4af84fce2b757.pdf), p. 31.

³³⁶ Quando passavam por uma igreja ou uma cruz, inclinavam-se para adorar e diziam devotamente: “Adoramos-te, ó Cristo, e te louvamos em todas as igrejas que há no mundo, porque o remiste pela tua santa cruz”. Eles criam, na verdade, que se encontravam na presença de Deus onde quer que vissem uma cruz ou uma igreja. S.a (c. 1244), tradução Frei António Gonçalves. *LEGENDA dos Três Companheiros* (s/d). Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Tres_Companheiros_\(TC\)_4af84fce2b757.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Tres_Companheiros_(TC)_4af84fce2b757.pdf), p. 34.



Figura 64 – Pormenor de azulejo dos transeuntes na sacristia. Fotografia do autor.

3.6 O teto: hagiografia franciscana e iconografia mariana

O teto da sacristia da igreja de Nossa Senhora das Neves de Olinda apresenta uma estrutura em caixotões de madeira policromada, integrando painéis de pintura. Os caixotões são compartimentos reentrantes de um teto que remontam à Antiguidade, quando tetos retos, abobadados ou em cúpula recebiam os caixotões em pedra ou de argamassa³³⁷. Geralmente a sua forma adequa-se à do teto, como destaca Charles Pierre Normand em seu tratado³³⁸. Também definidos como *lacunaria* ou *laqueata*, Vitrúvio³³⁹ ressalta o uso do

³³⁷ RODRIGES, A. R. D. C. (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa, p. 37.

³³⁸ NORMAND, C. P. (1838). *Le Vignole des Architectes et les élèves en Architecture*. Liège: Avanzo el compagnie, vol. 2, p. 17.

³³⁹ VITRÚVIO. M. (2007). *Tratado de Arquitetura*. São Paulo: Martins, p. 348-349.

estruque como técnica para cobertura dos tetos apainelados, sendo lacunar esse intervalo vazio da parede, eventualmente ornados no seu interior por elementos tridimensionais³⁴⁰.

As pinturas ganham espaço no interior desses caixotões que antes eram prioritariamente esculpidos em mármore ou modelados em estuque³⁴¹. Extremamente popular, tanto em edifícios religiosos como civis, esses tetos recebem temáticas diversificadas, tendo Ana Rita Rodrigues realizado um estudo exaustivo de inventariação no contexto português. Subdivide em tetos decorativos e figurativos, sendo o segundo subdividido em figuras sacras, ciclos historiados, motivos simbólicos e alegóricos e motivos profanos, sendo os que mais se repetem em contexto religioso são de carácter figurativo-sacro³⁴². O tipo decorativo apresenta, em geral, elementos vegetalistas (flores, cornucópias, ramagens etc.) – muitas vezes conjugados aos temas figurativos onde apresentam imagens de carácter sacro ou profano. As figuras sacras dominam esse grupo, com retratos de personagens da Igreja em meio corpo ou corpo inteiro. Os ciclos historiados retratam cenas da vida desses personagens da Igreja. Por sua narratividade, comumente são aplicados nas naves das igrejas por melhor transmitir as suas mensagens. Os motivos simbólicos ou alegóricos são pouco comuns mas podem se apresentar isolados ou associados a elementos fitomórficos ou iconográficos, aludindo aos santos. Por fim, os motivos profanos, em edifícios religiosos, são aplicados em ambientes de função social, onde retratam temas históricos – principalmente da história nacional –, populares, folclóricos ou mesmo paisagens³⁴³.

Refletindo as trocas culturais com Flandres e Itália e o momento político-religioso de contra-reforma, já referido anteriormente, as determinações tridentinas também se refletem nos tetos encaixotados portugueses, quando se redobram os cuidados com temáticas inadequadas e heréticas em edifícios religiosos. A evangelização através das imagens, que doutrina os iletrados, se expande através dessas pinturas e alcança as

³⁴⁰ RODRIGES, A. R. D. C. (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa, p. 39.

³⁴¹ RODRIGES, A. R. D. C. (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa, p. 41.

³⁴² RODRIGES, A. R. D. C. (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa, p. 55.

³⁴³ RODRIGES, A. R. D. C. (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa, p. 55-76.

colônias através das ordens religiosas. Alia-se ao caráter catequético o dinamismo e a cenografia que os tetos em caixotões permitem no período barroco³⁴⁴.

O teto apainelado pode ser encontrado nas naves, capelas, entradas e sacristias. “A presença de pintura nos tectos em caixotões é uma característica da arte portuguesa, mais frequente em igrejas e capelas, principalmente no Norte do país”³⁴⁵. Muitos autores de origem portuguesa ou estrangeira marcaram presença em Portugal, como o italiano Pasquale Parente e o espanhol Damian Rodriguez Bustamante. No Brasil, a ordem franciscana assume especial destaque pelos exemplares de Salvador (incluído entre as sete maravilhas de origem portuguesa), da Ordem Terceira do Recife (Capela Dourada) e em Olinda, onde os localizamos também nas igrejas da Misericórdia e Nossa Senhora da Conceição. No caso do convento de São Francisco de Olinda, localizamos tetos apainelados na nave da igreja (Fig. 65a), Sala do Capítulo (Fig. 65b), biblioteca e sacristia, enquanto na Ordem Terceira encontramos na nave e cabeceira (única em abóbada de berço) da Capela de São Roque. Todos os demais tetos são retos em suportes de madeira policromada e talhada, com caixotões retangulares ou poligonais.

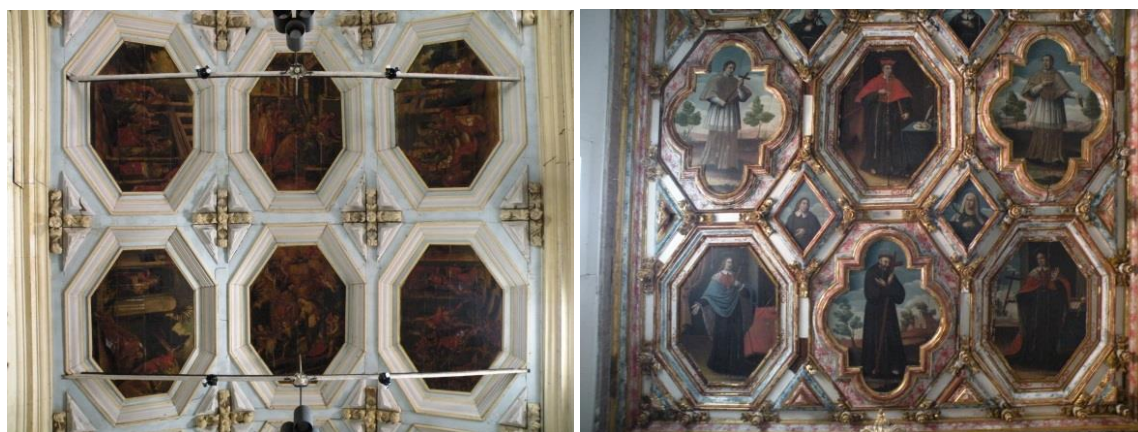


Figura 65 – teto da nave da Igreja de Nossa Senhora de Olinda e teto da Capela de São Roque da Ordem Terceira de Olinda. Fotografias do autor.

A sacristia da igreja de Nossa Senhora das Neves segue a ordem compósita claramente influenciada pelo modelo arquitetônico do italiano Sebastiano Serlio, em sua obra *Tutte l'opere d'architettura, et prospetiva*³⁴⁶ (Fig. 67). Esse refinado desenho baseia-se na alternância entre formas octogonais com losangos encaixados na interseção entre quatro

³⁴⁴ RODRIGES, A. R. D. C. (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa, p. 45-47.

³⁴⁵ RODRIGES, A. R. D. C. (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa, p. 51-52.

³⁴⁶ SERLIO, S. (1619). *Tutte l'opere d'architettura, et prospetiva*. Veneza: Giacomo de'Franceschi, p. 196 r.

octógonos, formando uma linha intermediária, complexificando o espaço e criando um jogo interativo entre as representações hagiográficas dos octógonos com as naturezas-mortas dos losangos (Fig. 66).

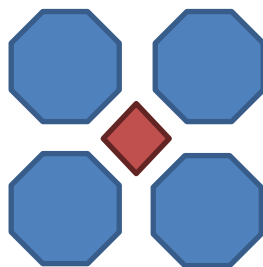


Figura 66 – Modelo do programa seguido no teto da sacristia franciscana de Olinda. Elaboração do autor.



Figura 67 – Modelo de Sebastiano Serlio para teto em caixotão de ordem compósita. SERLIO, S. (1619). *Tutte l'opere d'architettura, et prospetiva*. Veneza: Giacomo de'Franceschi, p. 196 r.

O suporte de madeira – branco com frisos vermelhos, azuis e amarelos – emoldura as pinturas, recebendo trabalhos vegetalistas nos vértices de cada caixotão. Esses motivos

formam buquês policromados de flores do campo, frutos e folhas ao centro com prolongamentos de acanto seguindo pelas áreas abertas do teto (Fig. 68). Ao todo, quinze octógonos se distribuem em três colunas de cinco linhas, e os oito losangos são posicionados em duas colunas de quatro linhas, no intervalo entre os octógonos. No encontro de dois octógonos com a parede, uma forma triangular de talha preenche o espaço.



Figura 68 – Pormenor dos buquês de flores do teto em caixotões da sacristia. Fotografias do autor.

A trajetória descritiva que passaremos a realizar, parte do princípio que o observador, ao se deitar no chão, esteja com a cabeça voltada para o sul e as pernas para o norte. A ordem das pinturas começa pela porta do Corredor Nobre, uma vez que é a partir dela que o sacerdote entra no recinto. Para que o indivíduo compreenda em pleno todas as pinturas tem de estar completamente dentro da sacristia (Fig. 69). Tal ordem narrativa parece adequar-se ao interesse daquele que ali frequenta tendo em vista que se inicia de sul para norte. Outro aspecto era a proximidade do teto, devido o pé direito não ser elevado o suficiente para abarca-lo como um todo. Tal distância do olhar permite a captação acentuada dos detalhes, exigindo do pintor maior cuidado, que se revela na qualidade técnica do rosto dos personagens, principalmente no da Virgem Maria.



Figura 69 – Teto em caixotões da sacristia do convento de São Francisco de Olinda. Fotografia do autor.

Para tornar mais clara a descrição, optamos por primeiro descrever as pinturas de temática hagiográfica e, em seguida, tratar das naturezas-mortas (segue o esquema da figura 70), por considerarmos que a segunda estabelece uma relação de interação simbólica e contribuição com os temas tratados no primeiro caso.

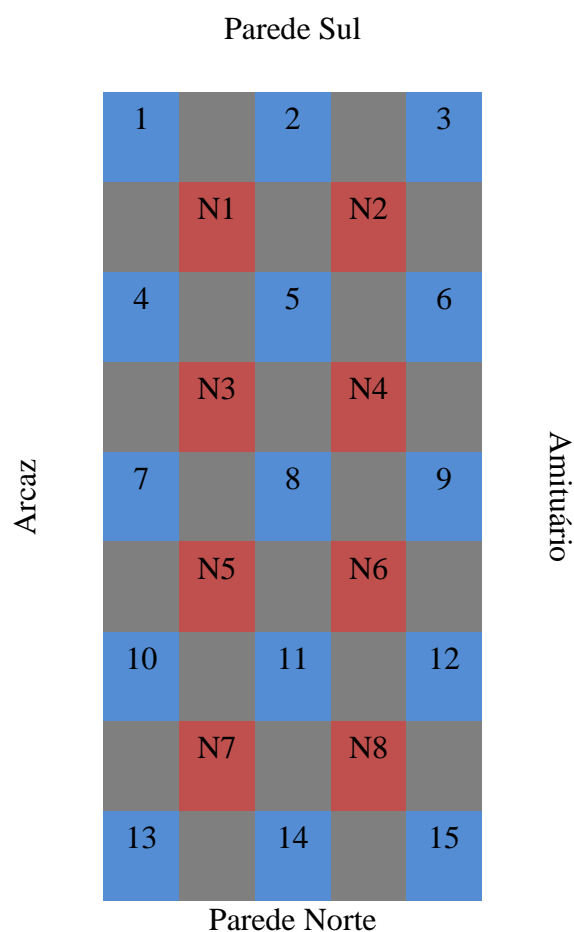


Figura 70 – esquema do teto da sacristia com a indicação das pinturas no espaço. Os quadrados cinza referem-se ao intervalo vazio entre as pinturas, em azul as pinturas octogonais e as vermelhas correspondem as naturezas mortas losangulares. Elaboração do autor.

3.6.1 As pinturas octogonais

As pinturas hagiográficas em moldura octogonal seguem a ordem apresentada no modelo anteriormente apresentado:

Pintura	Descrição
Pintura octogonal 1 - <i>Ofício das Horas Canônicas em cor.</i>	



Inscrito em perspectiva, nove frades realizam o ofício das Horas Canônicas em coro alto com cadeiral e estante coral em madeira escura. Na estante, um livro aberto expõe os escritos da Antífona de Lucas “*Benedicta tu in mulieribus et benectictus fructus*”³⁴⁷ e do Salmo 8: “*Domine Dominus noster quan admirable est nomen tumem in*”³⁴⁸. A Virgem Maria surge por entre nuvens no eixo central do nível superior – orientando o ponto de fuga da cena criando uma composição triangular, junto aos frades –, ladeada por janelas retangulares, e aos seus pés o Menino Jesus que fala com frades da Ordem.

Pintura octogonal 2 - *Palavras pias convertidas em rosas.*



Um Frade Menor ajoelha-se diante da aparição da Virgem Maria, enquanto um anjo recolhe flores da sua boca e um outro lhe coloca uma coroa de flores em sua cabeça. Em segundo plano, um frade observa a cena de uma janela.

Pintura octogonal 3 - *O demônio da ganância.*

³⁴⁷ Lucas 1:24.

³⁴⁸ Salmo 8.



Um Frade Menor é atacado por um diabo preto com patas e chifre de bode, asas de morcego, olhos em chamas e uma cobra ao pescoço, junto a um poço. O frade é acudido pela Virgem Maria que emerge das nuvens no nível superior, enquanto dois frades com sacos nas mãos dirigem-se ao convento em segundo plano.

Pintura octogonal 4 – *Oração aos santos*.



Sacerdote ajoelhado diante da imagem de Nossa Senhora, no nível inferior, com uma mitra e um hábito franciscano no altar. No nível superior, em meio às nuvens, o sacerdote observa a Virgem que aponta para Cristo envolto em santos e mártires da Igreja.

Pintura octogonal 5 – *Electuário divino*.



Frade enfermo sobre a cama é acudido pela Virgem Maria e três santas mártires com electuário divino, enquanto um frade adentra o recinto com alimento.

Pintura octogonal 6 – A fraternidade franciscana.



Frade Menor ajoelhado a falar com a Virgem Maria, que tem seu Filho ao colo. Saem de sua boca as seguintes palavras em latim: “*O Virgo pia dic suplicanti servulo que libi sit oratio gratíssimo Hymnus pulcherrimus o gloriosa Domina*”³⁴⁹. Uma janela no nível superior esquerdo apresenta um frade que aponta para a cena descrita, mostrando a cena a um companheiro.

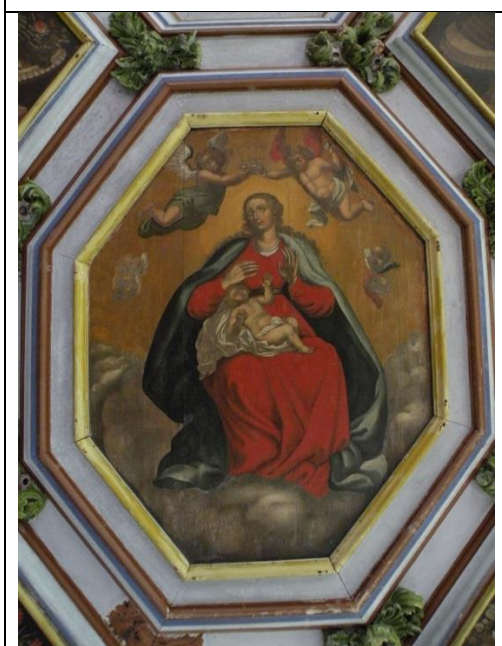
Pintura octogonal 7 - Aparição em Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula.

³⁴⁹ “O GLORIOSA DOMINA” faz parte do Hino “*Quem tera, pontus, aethera*” de Venantius Fortunatus (530-609). Hino mariano muito popular na Liturgia. Hino favorito de Santo Antônio de Pádua e, de acordo com a tradição, era a canção que a mãe cantava repetidamente quando este era criança e que continuou a cantar ao longo da sua vida. MARTIN, M (s/d). *O Gloriosa Domina: O Heaven’s Glourious Mistress*. Disponível em: <http://www.preces-latinae.org/thesaurus/BVM/OGloriosa.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.



São Francisco de Assis de joelhos no altar, com rosas na mão, perante Cristo e a Virgem que aparecem por entre nuvens e anjos da igreja de Nossa Senhora da Porciúncula.

Pintura octogonal 8 - *Coroação de Nossa Senhora das Neves.*



Nossa Senhora das Neves, com o Menino no regaço, é coroada por dois anjos, entre nuvens em céu dourado.

Pintura octogonal 9 - *Presépio de Greccio.*



Adoração do Menino Jesus na manjedoura, numa gruta, com São Francisco de Assis à esquerda, e Santa Clara à direita. Ao centro, e em posição mais elevada, a Virgem Maria olha para os céus.

Pintura octogonal 10 - *As missões franciscanas.*



Dois Frades Menores ajoelham-se diante da Virgem Maria que limpa o rosto do frade mais próximo. A cena representa uma paisagem portuária onde se destacam duas cidades: uma em segundo plano e outra em terceiro plano. Na cidade mais próxima, a bandeira da Inglaterra se destaca sobre um forte, enquanto barcos de bandeiras vermelhas se perdem no horizonte.

Pintura octogonal 11 - *O ataque aos franciscanos.*



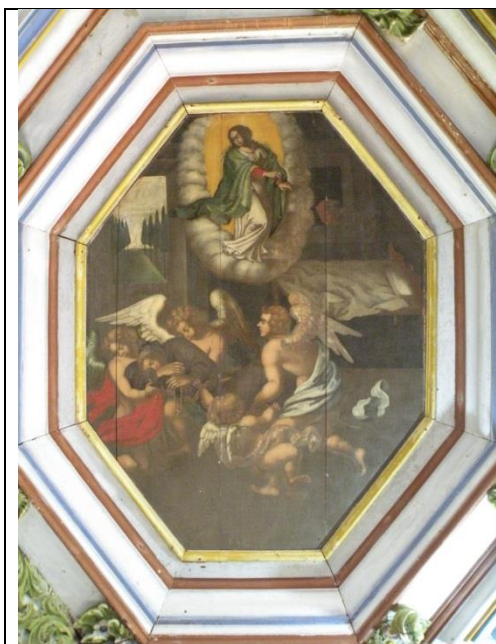
A Virgem Maria acode dois Frades Menores amarrados em árvores. À esquerda dois soldados caem perante a aparição. Um cachorro é visto entre os dois soldados.

Pintura octogonal 12 - *Incêndio de Olinda.*



A Virgem Maria oferece o hábito dos franciscanos ao secular de batina, em primeiro plano, enquanto um incêndio toma uma cidade ao fundo. O mesmo secular observa a Virgem que aponta para a cena.

Pintura octogonal 13 – *O frade desacordado.*



Frade Menor desacordado é acudido por quatro anjos que o levam para uma cama indicada pela Virgem Maria. Um frade observa a cena por uma janela em segundo plano, à direita.

Pintura octogonal 14 - *João Duns Escoto ora pela Virgem.*



No primeiro plano, à direita, quatro Frades Menores param diante da imagem da Virgem inserida num nicho da fachada de uma igreja maneirista. Um deles, João Duns Escoto, conversa com a imagem e da sua boca saem as palavras: “*Dignare me laudare te, Virgo sacrata mihi virtutem contra hostes tuos*”. Referente à antífona mariana que dita no Ofício das Horas:

“*Salve, Reina de los cielos / y Señora de los Ángeles; / salve raíz, salve puerta, / que dio paso a nuestra luz / Alégrate, virgen gloriosa, / entre todas la más bella; / salve, agraciada doncella, / ruega a Cristo por nosotros. / V. Concédeme alabarte, Virgen Santa. / R. Dame fuerza contra tus enemigos. / Oremos: Te rogamos, Señor misericordioso, que nos asistas en nuestra debilidad: que como nosotros conmemoramos ahora a Santa María siempre virgen, madre de Dios, también nosotros con la ayuda de su intercesión renazcamos a una vida nueva. Por Jesucristo nuestro señor. Amén*”³⁵⁰.

Em segundo plano, à esquerda, fidalgos e frades dominicanos seguem em direção ao edifício de planta quadrangular e pátio interno.

³⁵⁰ *Dignare me laudare te, Virgo sacrata mihi virtutem contra hostes tuos* (1701). Sevilla: Biblioteca Universitária de Sevilla. Disponível em: <https://archive.org/details/A1100616>.


Pintura octogonal 15 - <i>As lágrimas</i> .	
	Anjo recolhe as lágrimas de Frade Menor e entrega-as à Virgem Maria, enquanto dois frades adentram o recinto e são surpreendidos com a cena.

Tabela 2 – Sequência dos painéis octogonais pintados do teto em caixotões da sacristia com descrição.
Fotografias do autor.

3.6.2 As pinturas losangulares

No caso das naturezas mortas, com base no modelo apresentado, são identificados flores, frutos, animais, objetos e vasos diversificados, apoiados na mesma base de pedra:

Pintura	Descrição
Natureza morta 1	



Vaso em forma de bacia com pinturas de farol e barcos ampara peras ou figos castanhos; rosas vermelhas e brancas; rosas bravas com listras brancas, vermelhas e negras; tulipas vermelhas e brancas e jasmins. Não identificados: flores brancas ou castanhas com estame negro com seis a sete pétalas.

Natureza morta 2



Cesto de palha trançado com um pêssgo castanho, tulipas brancas manchadas de vermelho, rosas vermelhas, cravos vermelhos e jasmins. Não identificados: flor negra com miolo amarelo de quatro pétalas, flor vermelha de quatro pétalas e flores brancas ou castanhas com estame negro com seis a sete pétalas.

Natureza morta 3



Romã, uvas brancas, uvas dedo de bruxa, rosas vermelhas, tulipas brancas com manchas vermelhas, rosas bravas brancas com estame vermelho e jasmins. Não identificado: flores castanhas de sete pétalas.

Natureza morta 4



Bananas vermelhas, três cajú castanhos e dois vermelhos, um vaso com pinturas de torres contendo rosa vermelha, tulipa castanha com manchas vermelhas, rosas bravas e jasmins. Não identificados: flores castanhas com estame negro.

Natureza morta 5



Vaso com armação contendo cravos vermelhos.

Natureza morta 6



Vaso em gomos com cinamomos ou cajás, tulipas, rosas vermelhas e brancas, rosa brava vermelha e branca e jasmins. Não identificados: flores vermelhas com miolo amarelo e flores castanhas.

Natureza morta 7


	<p>Melancia, papagaio, romã, uvas brancas, tulipa branca com manchas vermelhas, papoula e jasmins.</p>
<p>Natureza morta 8</p>	
	<p>Dois abacaxis ou jacas, cantil, dois nabos ou cenouras brancas, rosas bravas brancas e rosas e jasmins.</p>

Tabela 3 – Esquema dos painéis losangulares pintados do teto em caixotões da sacristia com descrição.
Fotografias do autor.

3.7 O conjunto da sacristia: o jardim da memória espiritual

Ao alcançar esse ponto de nossa dissertação podemos perceber alguns aspectos essenciais do conjunto artístico que compõe o aparato da sacristia. Seja pelo lavabo, oratório, azulejos, mobiliário ou mesmo o teto, reconhecemos individualidades que ressaltam os princípios franciscanos e os da Igreja Católica em geral. Afinal, já evidenciamos que, isoladamente, cada elemento possui as suas próprias linguagens. Cabe a nós agora evidenciar sua comunicação em favor da memória.

Tal como é comum em relação ao estudo da arte no território brasileiro, pouca documentação chegou até nós sobre a construção do edifício, e para a sacristia, não foi possível apurar novas fontes escritas. A ausência documental não impede, no entanto, que um olhar mais atento sobre as suas obras nos permita resgatar sua história e sua função. Em um jogo paradoxal, recordamos seu passado, onde reforçam os valores de sua Ordem e preservam tamanha informação que porventura podem superar os textos e documentos de sua época, perdidos pelas traças, fogo ou desleixo.

Indo muito além da memória histórica, o aparato da sacristia alcança a espiritualidade que transcende o padroado inscrito nos brasões dos puxadores do arcaz e entablamento do amituário, ou mesmo da representação de Santo Antônio de Lisboa. Obreiros da evangelização reavivam o desejo de alcançar o céu, reaquecem corações bem intencionados, alimentam e guiam os seus observadores³⁵¹. A “meditação constante da pessoa e vida de Jesus Cristo” estimula “a imitação do Salvador, na pobreza e na humildade - a pobreza evangélica – corrente a que se veio a chamar ‘pauperismo’, e no âmbito da qual se desenvolvem de forma impar as virtudes da caridade, da humildade, da piedade”³⁵². Foi nesses princípios que a espiritualidade franciscana se moldou.

A construção da imagem de São Francisco sobre Cristo está estampada na sacristia. Na humanidade de Cristo, que optou por nascer entre os marginalizados, e na Paixão, onde dedica especial veneração. No crucifixo de São Damião, Cristo pede a São

³⁵¹ CANTARILHO, R. M. M. (2012). *A paixão de Cristo na espiritualidade medieval: Lignum Vitae e Meditationes de Passione Iesu Christi*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa, p. 11.

³⁵² CANTARILHO, R. M. M. (2012). *A paixão de Cristo na espiritualidade medieval: Lignum Vitae e Meditationes de Passione Iesu Christi*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa, p. 8.

Francisco que repare a sua casa, ao que é atendido. Fato que Jean de Schampheleer analisa como momento que “apaixona Francisco, porque ele sente o Cristo, como o servo (*miles*) perfeitamente obediente, devotado ao seu Senhor”³⁵³.

“A partir deste dia, o seu coração ficou tão ferido e tão profundamente comovido com a lembrança da Paixão do Senhor que, durante toda a vida, guardou na alma a memória das Chagas do Senhor Jesus. Isto ficou bem patente mais tarde, quando os Estigmas do Salvador se reproduziram no corpo de Francisco por um milagre provado com evidente clareza”³⁵⁴.

Portanto, como Aldir Crocoli argumenta, a base da espiritualidade de São Francisco consiste no princípio holístico dividido em três pontos: a Natividade (encarnação), a Paixão (sacrifício) e o Altar (recordação). Três anos antes de sua morte, São Francisco monta o presépio de Greccio, momento de alegria entre ricos e pobres que se unem na solidariedade de Deus que enviou seu filho ao mundo³⁵⁵, e que acabara de nascer *in via*³⁵⁶. No ano seguinte, o arco da Paixão culmina nos estigmas que lhe penetram a carne. Alfa e ômega, o ciclo se conclui, “o Natal é igualmente expressão do mesmo movimento de solidariedade de Deus com toda a humanidade. A Páscoa será o ponto de culminância de uma caminhada iniciada na manjedoura, na periferia social”³⁵⁷.

Esse arco se reflete de maneira peculiar na sacristia. O Bom Jesus da Coluna e o Cristo Crucificado do oratório e arcaz, respectivamente, reafirmam a estigmatização de São Francisco afirmada no painel de azulejo. A cena do Monte Alverne materializa o momento ápice de sua vida, quando a Paixão se impregna em seu corpo e confirmam o assertivo caminho de penitência, humildade e caridade percorrido pelo *Povorello* durante sua vida. Enquanto Santo Antônio ajoelha-se diante do altar, a mesa sacrificial, onde os homens comungam e ali se revestem da sacralidade do tempo divino de Cristo que se faz

³⁵³ CROCOLI, A. (2004). “*Dado e nascido por nós à beira do caminho*”: A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio, p. 148.

³⁵⁴ LEGENDA dos Três Companheiros (s/d). Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Tres_Companheiros_\(TC\)_4af84fce2b757.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Tres_Companheiros_(TC)_4af84fce2b757.pdf), p. 18.

³⁵⁵ CROCOLI, A. (2004). “*Dado e nascido por nós à beira do caminho*”: A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio, p. 114-115.

³⁵⁶ O termo “*in via*” foi adotado por São Francisco de Assis no Salmo da Natividade (atual salmo 15) do seu Ofício da Paixão. Seu sentido é muito nebuloso e exige atenção. Segundo Aldir Crocoli, indicaria a localização onde Jesus nasceu. Ao invés de nascer em estalagem, Cristo nascera *in via*, ou seja, no caminho, a beira, do lado de fora da estalagem, “*literalmente ‘na estrada ou na rua’, no lugar onde transitam as pessoas e animais*”. Dessa forma a manjedoura se apresenta como o lugar dos rejeitados e marginalizados, não aceito entre os ricos, mas sim entre os socialmente inferiores. CROCOLI, A. (2004). “*Dado e nascido por nós à beira do caminho*”: A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio, p. 123.

³⁵⁷ CROCOLI, A. (2004). “*Dado e nascido por nós à beira do caminho*”: A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio, p. 120.

Menino diante do Doutor da Igreja. Falta então o Natal. Sua presença não é sentida nos azulejos, mas sim acima do ambrósio; no exato eixo central entre os dois azulejos, localizamos a pintura de São Francisco e Santa Clara a adorar o Menino Jesus na manjedoura (Fig. 71).

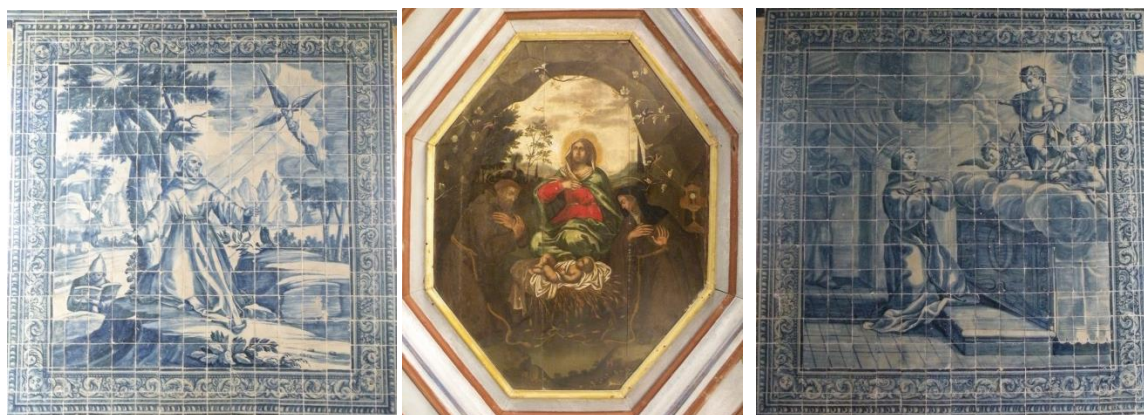


Figura 71 – Painéis de azulejo e pintura do teto da sacristia, de acordo com a distribuição no espaço, formando o arco Natividade (b), Paixão (a) e Altar (c). Fotografias do autor.

Em muitos casos as pinturas da fileira central de tetos apainelados se destacam pela sua importância temática³⁵⁸. Esse padrão se mantém no teto da sacristia, no qual São Francisco aparece representado duas vezes (pinturas 7 e 9). A primeira, retrata o episódio ocorrido na igreja de Santa Maria dos Anjos da Porciúncula (Fig. 72) – sede da Ordem dos Frades Menores –, representando São Francisco em frente a um altar sobre o qual flutuam Cristo coberto com manto vermelho, símbolo de seu sacrifício, e a Virgem. Trata-se de um momento muito particular da vida do *Povorello*, registrada por Bartolomeu de Pisa no *De conformitate vitae Beati Francisci ad vitam Domini Iesu*³⁵⁹. Com o desejo de perdão “a todos quantos arrependidos e confessados virão a visitar esta igreja, lhes conceda amplo e generoso perdão, com uma completa remissão de todas as culpas”, Cristo determina uma visita ao Papa Honório III para que este autorize tal medida por tempo indefinido. De acordo com as palavras de São Francisco – “Pai santo, não peço por anos, mas por almas” –, a sua grande preocupação era salvar almas, tendo como intercessores privilegiados a Virgem Maria, Jesus Cristo e os anjos³⁶⁰. Portanto, a pintura ressalta o desejo franciscano de salvar as almas arrependidas e dedicadas à vida cristã, aspecto que é ressaltado pelos

³⁵⁸ RODRIGES, A. R. D. C. (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa, p. 63.

³⁵⁹ PISA, B. de (1299). *De conformitate vitae Beati Francisci ad vitam Domini Iesu*. Itália: Frati Editori Di Quaracchi.

³⁶⁰ VANBOEMMEL, Fr. F. (2016). *No ano santo da misericórdia, o oitavo centenário da indulgência da Porciúncula*. São Paulo: Comunicações, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, Ano LXII, nº 07, p. 343-344.

pássaros no espaldar do arcaz mais à frente. Na pintura 9, a cena se insere em uma gruta e representa o presépio de Greccio (Fig. 73), momento tão sublime na vida do Seráfico Fundador³⁶¹, quando São Francisco e Santa Clara se ajoelham em oração perante “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”³⁶², ao colo de “la Sacratísima Virgen María. N. Señora; la qual a todas las demás criaturas haze incomparables ventajas; y es la más cercana, y la más parecida al mismo Dios, y la más favorecida y ensalçada dél”³⁶³.



Figura 72 – Pormenor da pintura *Aparição em Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula*. Fotografia do autor.

³⁶¹ *A suprema aspiração de Francisco, o seu mais vivo desejo e mais elevado propósito era observar em tudo e sempre o Santo Evangelho e seguir a doutrina e os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo com suma aplicação da mente e fervor do coração. Reevocava as suas divinas palavras em meditação assídua e jamais deixava de ter presentes, em aprofundada contemplação, os passos da sua vida. Tinha tão vivas na memória a humildade da Incarnação e a caridade da Paixão, que lhe era difícil pensar noutra coisa.* CELANO, T. de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(1C\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(1C)_4af850265f034.pdf), p. 74.

³⁶² João 1:29.

³⁶³ MOLINA, A.. VÁZQUEZ, J. M. B. L. (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercâmbio Científico, p. 28.



Figura73 – Pormenor da pintura *Presépio* de Greccio. Fotografia do autor.

Na sacristia, a pintura norte do arcaz anuncia já a importância que a Virgem Maria tem para os franciscanos. Mas é no teto que verdadeiramente se traduz a exaltação à mãe de Cristo. A sua presença é sentida nas quinze pinturas do teto. Em destaque, ao centro, localizamos a imagem da Nossa Senhora das Neves, ou Maior, sendo coroada pelos anjos (Fig. 74). Diferente dos demais caixotões, que recuam em concavidade, esse é o único onde a estrutura octogonal avança, destacando-a. Nas demais, a Virgem se apresenta como intercessora diante das atribulações que os frades sofrem, em outras responde à intensa devoção por parte dos mesmos. Seja qual for o caso, a Mãe Santíssima apresenta-se em vermelho, branco e verde, sobre nuvens e altares em pontos elevados das cenas. Mas não só. De maneira sutil, também se faz presente nas oito naturezas-mortas (Fig. 75) quando reconhecemos nas rosas, jasmims, rosas bravas e geniparanas (*Gustavia Augusta*) (Fig. 76) – ou outra flor integrante da família *Lecythidaceae* – símbolos marianos. Esta última é uma espécie brasileira de formato muito particular, que se assemelha à roseira-brava por suas pétalas largas e estames volumosos. Sua multiplicidade de cores e exuberância, poderá ter motivado os pintores a optar pelo seu uso no território brasileiro, resultando assim na adaptação de um símbolo a uma nova realidade geográfica. Em todo caso, essas flores têm

como função atribuir à Virgem sua pureza, virtude, formosura e graça³⁶⁴. Considera que “se Deos ouvesse de dar Rey as flores, só a Rosa o seria entre ellas”³⁶⁵, em sua graça se faz presente pela e para a Virgem. Frei Isidoro Barreira atribui à Mãe de Deus todo o teor da graça divina, maior entre todas, imaculada e sem pecado. Assim como a rosa, a Virgem é formosa na beleza espiritual, olhos que exibem a majestade, o odor de suas virtudes se alastra em sinestesia e ressalta a sua pureza.



Figura 74 – Pormenor da pintura *Coroação de Nossa Senhora das Neves*. Fotografia do autor.

³⁶⁴ BARREIRA, Fr. I. de (1622). *Tractado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na sagrada Escritura*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, p. 379.

³⁶⁵ BARREIRA, Fr. I. de (1622). *Tractado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na sagrada Escritura*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, p. 378.



Figura 75 – Pormenor da natureza morta 2, com rosas, cravos, tulipas, jasmíns, geniparanas etc. Fotografia do autor.

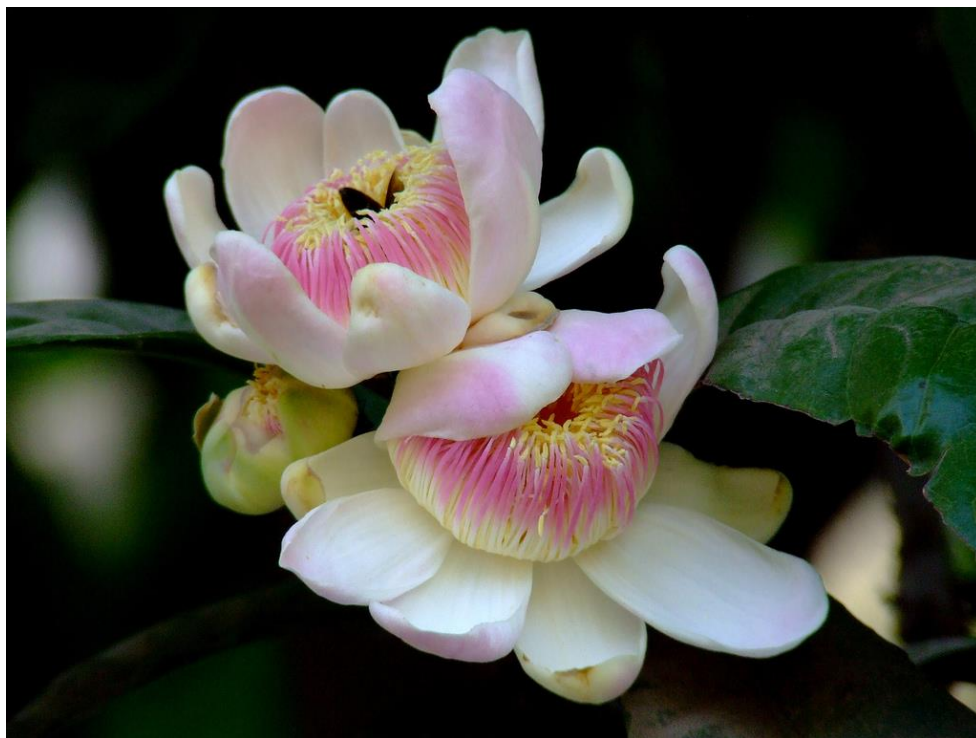


Figura 76 – Geniparanas (*Gustavia Augusta*). Foto de Shubhada Nikharge. Disponível em: <http://picssr.com/tags/gustaviaaugusta/page2>. Acesso em: 14 de agosto de 2017.

Para além das naturezas mortas, onde a rosa se faz evidente, em algumas hagiografias essa flor contextualiza o valor dado ao bom uso da fala, dando importância às palavras pias. Exaltando os que falam coisas santificadas, aspecto que muito agradava São Francisco, eram coroados com flores aqueles que “Do que falla com graça, anda em

proverbio dizerse que lança Rosas pella boca”³⁶⁶. Aspecto reconhecido na pintura 7, onde os diálogos sagrados de São Francisco com Cristo na Porciúncula geram inúmeras rosas (Fig. 72) e na pintura 2, onde vemos um anjo que segura, próximo à boca do frade, uma rosa. A princípio poderíamos interpretar como se o anjo estivesse ofertando a rosa ao frade, mas uma análise mais atenta, a partir de Frei Jaboatão, é possível identificar que, na realidade, o anjo estivesse coletando as palavras pias do frade cheio de graça (Fig. 77). O tema associa-se com perfeição às rosas, geniparanas e cravos vermelhos (amor puro e divino³⁶⁷) presentes no cesto de palha (humildade) na natureza morta 2.

“He certo, dizia o venerando Padre, que ninguem póde chegar ao Pay senão pelo Filho, como diz o Evangelho, e eu sinto, que ninguém póde chegar ao Filho, senão pela Mãe. He a Virgem porta do Ceo, e como poderá entrar no Ceo, quem não entrar por esta porta? Para a ter patente a costumava elle vizitar com repetidos golpes de varias devoçoens, entre as quaes teve o primeiro lugar a da Sagrada coroa dos seus gozos, praticada em a nossa Religião, e ensinada nella pela mesma Senhora ao venturoso Noviço, que a piedosa Mãe coroava com tantas flores, quantas eraõ as sandaçoens Angelicas, que sahiaõ da sua bocca. Era summa a alegria, que lhe entrava, quando via alguma pessoa com o Rosario na mão, e dizia para ella: Depois da Cruz, não ha melhores armas que estas, para lias defendermos do inimigo commum; porque em fim saõ armas, ou prendas da Rainha dos Anjos”³⁶⁸.

A Virgem, enquanto porta do Céu, abre caminho à leitura iconográfica do conjunto na pintura 1, onde surge perante frades que realizam os Ofícios e que se encontram, em sinestesia, ao som do coro que A evoca. A mensagem desta imagem é reforçada na pintura seguinte, em que a Mãe de Cristo abre o caminho para Deus, através das palavras pias materializadas em rosas que um anjo colhe da boca de um frade. Variados temas revestem as pinturas octogonais e as naturezas mortas. Para além da virtude do bom orador, em que Santo Antônio constitui um exemplo máximo, temos questões que envolvem nos princípios franciscanos, necessários à vida de qualquer frade ou sacerdote que dedica sua vida a seguir a Regra.

³⁶⁶ BARREIRA, Fr. I. de (1622). *Tractado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na sagrada Escritura*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, p. 380-382.

³⁶⁷ AZAMBUJA, S. T. (2015). *A iconografia da natureza e da paisagem na pintura portuguesa dos séculos XV e XVI: imagens e significados*. Lisboa: Tese de Doutoramento em História pela Universidade de Lisboa, p. 293.

³⁶⁸ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 265.



Figura77 – Pormenor da pintura *Palavras pias convertidas em rosas*. Fotografia do autor.

Incontáveis são as ‘descrições do modo como São Francisco, esposo da pobreza’³⁶⁹, repudia o dinheiro, exigindo de todos os seus confrades que nunca toquem o dinheiro e que o desprezem. Na pintura 3, identificamos esse tema da renúncia às fortunas através da cena do diabo no poço. O tema do dinheiro não é evidente, mas ao investigar entre as biografias do *Povorello*, nos deparamos com uma narrativa ocorrida na Apúlia descrita por Tomás de Celano da *Vida Segunda*. O Seráfico Fundador esteve junto com um frade nessa região quando o segundo encontra um saco de dinheiro e com boas intenções sugere utiliza-lo para caridade, ao que recebe como resposta: “Filho – diz ele –, não nos é lícito tomar o que é dos outros. Dar o que não nos pertence não é acção meritória; é pecado e merece punição”. Não convencido, o frade deseja retomar, e por astúcia de São Francisco, quando próximo a um poço, pede a um rapaz ali encostado e a mais duas ou três pessoas que testemunhassem o episódio. Após orações, o frade “apanha a bolsa. Apenas lhe toca, salta dela um enorme serpentalho, e é quando se patenteia aos olhos do irmão o ardil diabólico. Comenta o Santo, concluindo: ‘Para os servos de Deus, irmão, o dinheiro é

³⁶⁹ CELANO, T. de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(IC\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(IC)_4af850265f034.pdf), p. 14.

isto que tu vês, nem mais nem menos: um demônio, uma serpente venenosa”³⁷⁰. Ao redor do pescoço do diabo que ataca o frade na pintura, uma cobra se enrola (Fig. 78), enquanto dois frades, em segundo plano, parecem correr com sacos de dinheiro nas mãos em direção ao convento. Nesta cena a Virgem não é relatada, mas na pintura o artista ou encomendante consideraram necessário a sua representação.



Figura 78 – Pormenor do demônio com a cobra enrolada ao pescoço na cena *O demônio da ganância*.
Fotografia do autor.

A pintura 5 tem um teor similar em complexidade e originalidade retratando a questão da humildade. Todavia, a mensagem segue por outro caminho. Nas *Florinhas de São Francisco*, localizamos a cena de um frade não identificado, reverenciado por sua grandeza espiritual, que próximo da sua morte, acometido por uma doença, recusara-se a qualquer tipo de cura ou alimento terreno. Nesse momento foi recebido pela Mãe Santíssima para acudi-lo:

“Estando, pois, de cama, dispondo-se para a morte, de todo o coração e grandíssima devoção, apareceu-lhe a gloriosa e beatíssima Mãe de Jesus Cristo, Virgem Maria, com grande multidão de

³⁷⁰ CELANO, T. de (s/d). *Vida Segunda*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_2Celano_\(2C\)_4af8503f020f1.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_2Celano_(2C)_4af8503f020f1.pdf), p. 65.

Anjos e de santas virgens, envolta em maravilhosa luz; e acercando-se do leito, ele a contemplou e sentiu grandíssimo conforto e alegria, tanto na alma como no corpo. E começou a pedir-lhe humildemente que rogasse ao seu Filho bem-amado o levasse, por seus méritos, da prisão da carne miserável. Perseverando ele neste pedido, com muitas lágrimas, a Virgem Maria lhe respondeu, chamando-o pelo nome, dizendo: “Não desfaleças, filho, porque Ele ouviu a tua prece, e eu vim para te confortar um pouco, antes que partas desta vida”³⁷¹.

As santas virgens presentes na pintura (Fig. 79), reconhecidas pela palma do martírio que carregam – tema pontuado na pintura 4, onde identificamos Santa Catarina no céu junto de Cristo, além de santos mártires como São Sebastião, São Jorge e Santo André –, trazem consigo “electuário de incomparável fragrância e suavidade” cuja função foi reconfortar a alma do frade moribundo. Apesar de não querer aceitar a doçura que a Virgem lhe oferecia, esta o obriga a ingerir tudo. Ao concluir, o frade acabou por ficar aliviado e consolado, passando o tempo que lhe restava em felicidade, sem nem mesmo necessitar de alimento corporal³⁷². A narrativa destaca o desprezo pela matéria, pelo que é mundano em detrimento do que é celestial. Aspecto muito pontuado pelos franciscanos, pois davam mais valor a sua espiritualidade do que ao interesse pelos prazeres da carne, confiando em Cristo para obter suas necessidades.



Figura 79 – Pormenor das santas virgens na cena do *Electuário divino*. Fotografia do autor.

³⁷¹ JORGE, Fr. H. de M. (s/d). *Florinhas de São Francisco*. Disponível em: http://www.editorialfranciscana.org/files/FLORINHAS_4af8509564c02.pdf, p. 107-108.

³⁷² JORGE, Fr. H. de M. (s/d). *Florinhas de São Francisco*. Disponível em: http://www.editorialfranciscana.org/files/FLORINHAS_4af8509564c02.pdf, p. 107-108.

Na pintura 6 (Fig. 80), o tema concilia a iconografia presente no azulejo. Acima do painel do Menino Jesus aparecendo a Santo Antônio de Lisboa, que exalta a importância da Ordem em seu caráter institucional, identificamos a cena de um frade que conversa com a Virgem Maria e o Menino Jesus. Para além da forma como Cristo se apresenta, a pintura exalta a amizade, aspecto fundamental a solidificação da comunidade conventual. Ainda nas *Florinhas de São Francisco*, é descrito que certa vez o frei Conrado de Ancona “começou a orar e a pedir, com grandes e mui devotas lágrimas, à Virgem Maria, que lhe alcançasse de seu bento Filho a graça de sentir um pouco daquela doçura que o santo velho Simeão experimentou no dia da Purificação, ao tomar em seus braços a Jesus Cristo, Salvador bendito”³⁷³. A Virgem permite tal graça, episódio observado por frei Pedro, que posteriormente admite ter visto o ocorrido, prometendo-se mutuamente nunca mais comentar sobre o assunto. A confiança entre os frades, a união e fraternidade é sentida com intensidade através desse acontecimento e relembra aos sacerdotes na sacristia esses valores. Quem escolheu os temas adotados no teto da sacristia tinha forte suporte textual e profundo conhecimento das hagiografias, resultando em representações com temas desconhecidos aos leigos e que exige erudição dos seus observadores. Essas pinturas refletem o nível intelectual dessa sacristia. Em muitos casos, as pinturas nos tetos tem um caráter educacional, catequizador, “iluminando o crente pelo exemplo de vida dos santos”³⁷⁴. Já a sacristia é composta por indivíduos integrados na Ordem franciscana. Dessa forma, as pinturas estariam ali para lembrar e estimular a meditação sobre os temas e manter os sacerdotes firmes no seu compromisso com a Igreja através dos exemplos de São Francisco e seus confrades.

³⁷³ JORGE, Fr. Hugolino de Monte (s/d). *Florinhas de São Francisco*. Disponível em: http://www.editorialfranciscana.org/files/FLORINHAS_4af8509564c02.pdf, p. 97-98.

³⁷⁴ PINTO, R. F. (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, p. 96.



Figura80 – Pormenor da Virgem conversando com frei Conrado de Ancona na cena *A fraternidade franciscana*. Fotografia do autor.

Infelizmente, os demais episódios iconográficos não foram ainda reconhecidos, mas algumas considerações podem ser feitas. Na pintura 4, reconhecemos santos e santas da Igreja, junto a Cristo, entre nuvens e conectados por um arco-íris. Consideramos que a cena poderá representar São Bernardo a orar diante da Virgem, em primeiro plano, com uma mitra sobre o altar, sinal da sua renúncia às dignidades episcopais³⁷⁵, e um hábito franciscano sobre o mesmo (Fig. 81). Na parte superior da composição, a Virgem encontra-se rodeada por santos. Sua fonte ainda nos é desconhecida, mas conseguimos identificar os santos presentes nas nuvens: a direita de Cristo estão São Paulo, São Pedro e São Boaventura; a esquerda de Cristo estão São Francisco, Santo Antônio e Santo André; abaixo São Sebastião, São Jorge, Nossa Senhora, um diácono sem atributos, Santa Catarina, São Gregório e São Domingos (Fig. 82). Muitos desses são recorrentes na tradição franciscana pelos muitos aspectos que contribuem para sua espiritualidade. Como São Domingos, contemporâneo de São Francisco, que teria presenciado alguns acontecimentos da vida do *Povorello* e Santo Antônio.

³⁷⁵ MUELLA, J. C. (2008). *Iconografía de los santos*. Madrid: Akai, p. 53.



Figura 81 – Pormenor do possível São Bernardo com mitra e hábito franciscano acima do altar da Virgem na cena da *Oração aos santos*. Fotografia do autor.



Figura 82 – Pormenor dos santos e santas da Igreja reunidos no céu na cena da *Oração aos santos*. Fotografia do autor.

Nas pinturas 10, 11 e 12, parece estar vinculada a história da Ordem no Brasil. Antônio de Menezes e Cruz considera que a pintura 10 relata a tentativa de Santo Antônio

de ir ao Marrocos, acontecimento inspirado pelos Mártires do Marrocos, mas que acabou por leva-lo a Assis³⁷⁶. Sabemos que era costume que os frades menores fossem enviados aos mais diversos lugares em pares³⁷⁷, como é visto na pintura. Consideramos, no entanto, que a mensagem pode não referir-se a Santo Antônio em particular, mas ao espírito missionário da Ordem em geral, cujos membros tem garantida a proteção de Maria nas suas viagens pelo mundo (Fig. 83).



Figura 83 – Pormenor da Virgem com dois Frades Menores e paisagem da cena *As missões franciscanas*. Fotografia do autor.

Caso semelhante ocorre na pintura 11, onde dois frades menores estão amarrados a árvores por soldados. O socorro vem da Virgem Maria que derrota seus inimigos (Fig. 84). O martírio é algo muito presente na vida dos franciscanos. Em Marrocos, cinco frades encontraram a morte esquartejados pelos árabes, no Japão, foram vinte e seis frades crucificados, em Gorcum, nos Países Baixos, dezenove frades foram enforcados pelos protestantes. No Brasil, temos notícias de que dois que foram mortos pelos nativos junto a uma comunidade colona em Porto Seguro³⁷⁸. É possível que esta pintura se refira a Frei Luiz da Anunciação. Sua trajetória de apoio à resistência contra os holandeses é narrada por Frei Jaboatão, tendo sido preso pelos invasores em determinada altura e depois

³⁷⁶ CRUZ, A. de M. e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN, p. 62-63.

³⁷⁷ CELANO, T. de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(1C\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(1C)_4af850265f034.pdf), p. 32.

³⁷⁸ WILLEKE, Fr. V. (1978). *Missões franciscanas no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 19.

liberto³⁷⁹. A décima segunda pintura dá continuidade ao tema, provavelmente representando o incêndio de Olinda ocorrido em 1631 (Fig. 85).



Figura 84 – Pormenor da cena *O ataque aos franciscanos*. Fotografia do autor.

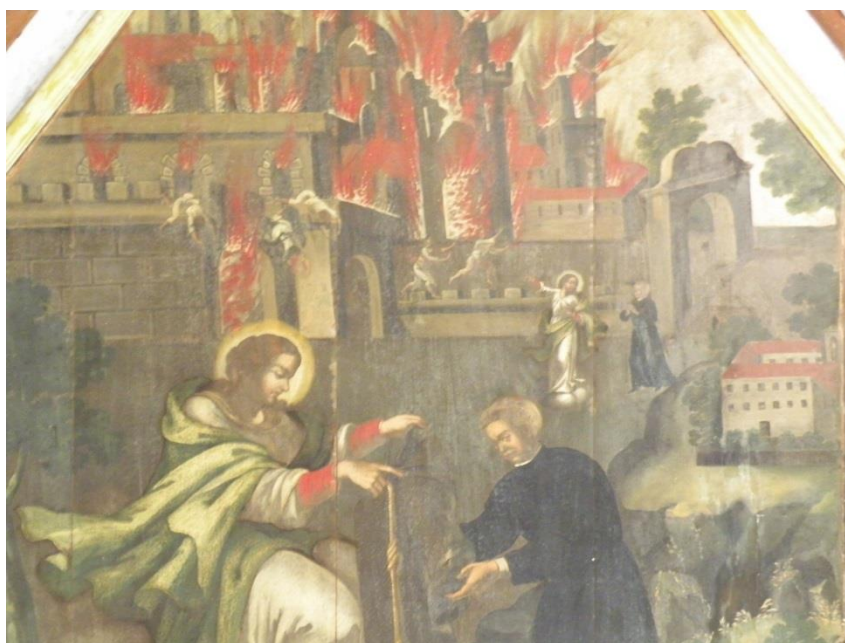


Figura 85 – Pormenor da cena do *Incêndio de Olinda*. Fotografia do autor.

O último trio de pinturas são ainda irreconhecíveis. A décima terceira retrata um frade desacordado carregado por anjos (Fig. 86) que o levam para uma cama segundo orientação da Virgem Maria. Na pintura 14, Antônio de Menezes e Cruz afirma, com base na informação de Frei Aloísio Fragoso, o tema representar uma cena da vida de João Duns

³⁷⁹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 325-326.

Scotus (c. 1266-1308), membro da ordem que teria defendido a tese da Imaculada Conceição no século XIII perante as sumidades teológicas. Esta ideia ganha relevo quando identificamos o mesmo personagem na Capela de São Roque, na Capela de Santana e na Sala de Estudos (Fig. 88). Ao passar pela imagem de Nossa Senhora da Conceição pede: “*Dignare me laudare, Virgo Sacrata, da mihi virtutem contra hostes tuos*”³⁸⁰. Trata-se de uma das antífonas marianas – *Ave Refina Caelorum* (Salve, Rainha dos Céus) – que se cantava nas Horas Canônicas na liturgia das horas, em particular nas completas, a última rezada antes de dormir (Fig. 87). Ressaltamos a qualidade da fachada onde está inserido o nicho com a Virgem, cuja linguagem arquitetônica remonta ao gosto italiano e a presença de dois frades dominicanos ao fundo, reforçando a estreita relação entre as ordens.



Figura 86 – Pormenor da cena *O frade desacordado*. Fotografia do autor.

³⁸⁰ CRUZ, A. de M. e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN, p. 63-64.



Figura 87 – Pormenor da cena de *João Duns Escoto ora pela Virgem*. Fotografia do autor.

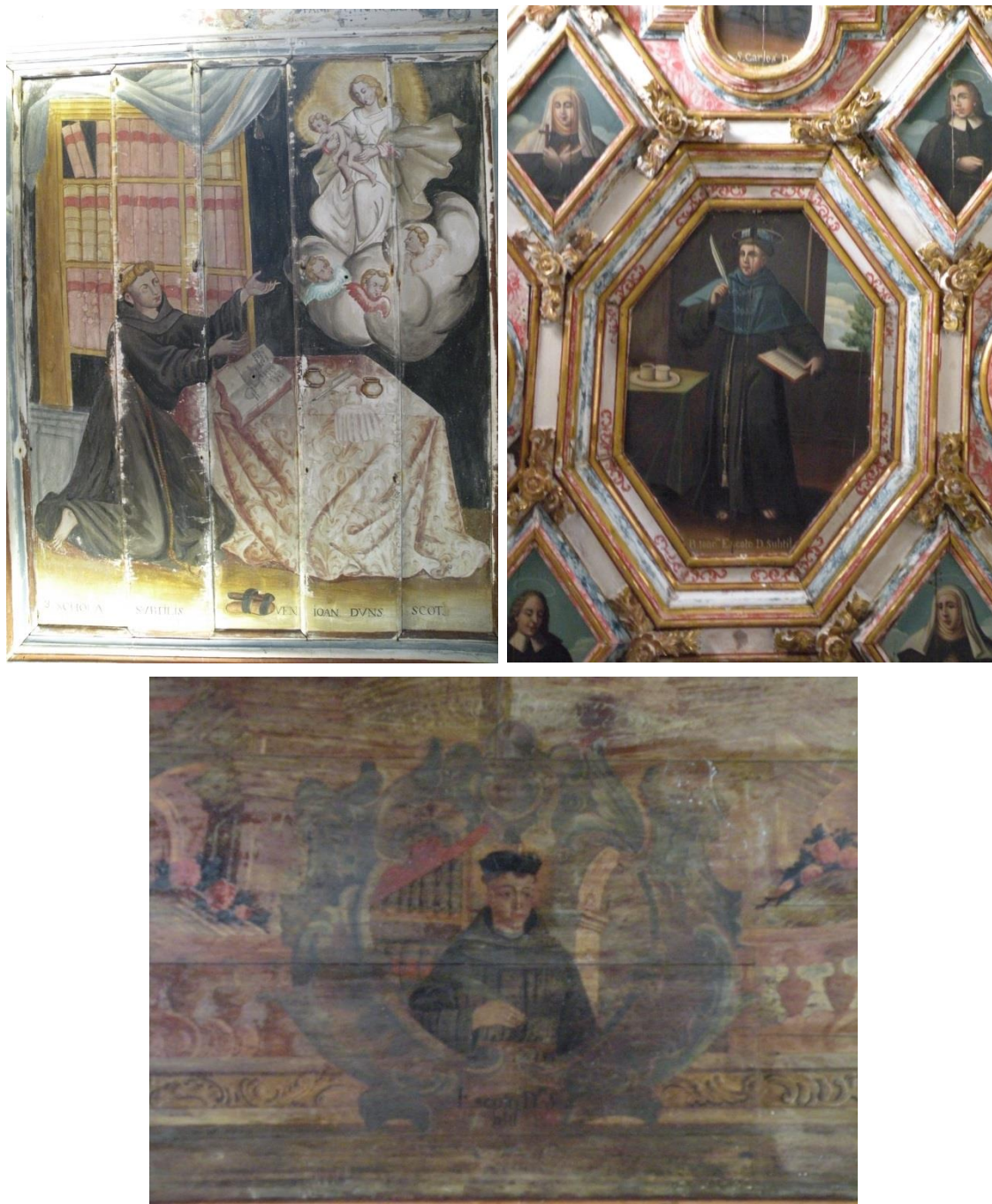


Figura 88 – Pinturas dos tetos da Sala de Estudos (a), Capela de São Roque (b) e Capela de Santana (c) com o retrato de João Duns Escoto. Fotografia do autor.

Por fim, concluímos o percurso pelas pinturas octogonais com a cena de um anjo que recolhe as lágrimas de um frade franciscano (Fig. 89), ajoelhado diante da Virgem Maria, que por sua vez as recebe de um mesmo. Dois frades que adentram ao recinto se surpreendem com o que veem. Trata-se da honesta e emotiva devoção cristã dos frades.



Figura 89 – Pormenor do anjo recolhendo as lágrimas do frade na cena *As lágrimas*. Fotografia do autor.

Como já foi dito, todas as cenas estão alternadas com naturezas mortas que reforçam temas tratados nos octógonos³⁸¹. Entretanto, ressaltamos aqui um aspecto que as conjuga aos demais elementos ornamentais da sacristia. Como um jardim celestial, a sacristia recebe a presença de flores e frutos nos azulejos, na talha do teto, no espaldar do arcaz, e por todo o amituário. De modo geral, esses elementos vegetalistas são frequentes na arte sacra. Para os franciscanos, o peso da vida de São Francisco está presente “qual manancial caudaloso da graça celeste, ele fecundava com as águas vivificantes que fazem desabrochar as flores da virtude no jardim do coração”³⁸². Como um jardineiro, atribui-se a São Francisco o papel de renovar o cristianismo através de alegorias:

³⁸¹ RODRIGES, A. R. D. C. (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa, p. 57-58.

³⁸² *Nobres e plebeus, clérigos e leigos, dóceis todos à divina inspiração, procuravam o Santo na esperança de militarem para sempre com ele, sob a sua orientação e magistério. E a todos, qual manancial caudaloso da graça celeste, ele fecundava com as águas vivificantes que fazem desabrochar as flores da virtude no jardim do coração. Ele foi, na verdade, o glorioso artífice e mestre da vida evangélica: graças ao seu exemplo, à sua Regra e aos seus ensinamentos, a Igreja de Cristo vai-se renovando nos seus fiéis, homens e mulheres, e triunfa a tríplice milícia dos eleitos.* CELANO, T. de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(1C\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(1C)_4af850265f034.pdf), p. 40.

“Assim, nele e por ele, o mundo reencontrou uma nova juventude e uma inesperada alegria. A velha árvore da religião viu reflorir os seus ramos já ressequidos e decrepitos, um espírito novo animou o coração dos eleitos e neles foi derramada a unção salvadora, quando este santo servo de Cristo, como astro no firmamento, apareceu a irradiar a luz da sua original forma de vida e dos seus prodígios. Uma vez mais este mundo estéril viu renovarem-se os antigos milagres, quando Francisco nele plantou a frutuosa vinha da sua Ordem, a qual, graças a um novo modo de vida, fiel todavia ao antigo, está produzindo flores perfumadas de santas virtudes e estendendo por toda a parte os ramos da santa Religião”³⁸³.

Portanto, as frutas estão ligadas ao sentido de martírio³⁸⁴ e da prosperidade nos seus trabalhos missionários que renovam o poder da Igreja. Entre frutos doces e amargos³⁸⁵ a laboriosa vida de conversão é sentida até mesmo no Brasil, quando Frei Jaboatão destaca que “moradores de Olinda do bom cheiro, que respiravaõ estas novas flores do Jardim Serafico transplantadas da Europa para o Brasil”³⁸⁶.

Dentre todas a que se destaca é a romã. Símbolo da perfeição e modéstia, a romã representa a Igreja cristã, por sua característica orgânica de pequenas sementes fechadas em uma casca dura e esférica como os fiéis cercados em união dentro da igreja³⁸⁷. Portanto, mantém a coerência com os frutos franciscanos que buscam semear mais fiéis para sua religião. Quando conciliada às uvas, também fortemente presentes, assimila-se ao sentido da Eucaristia e ao Paraíso³⁸⁸. Da uva se faz o vinho, símbolo do Sangue de Cristo, e quando conectadas com as peras³⁸⁹, que representam as virtudes e o amor de Cristo pela Humanidade, o sentido se fecha e reconhecemos não mais um mero elemento decorativo vazio, mas sim um rico programa que representa a Igreja cercada de fiéis envolvidos no amor de Cristo, que se sacrificou pela humanidade, imagem que deve estar sempre presente na mente dos sacerdotes que frequentam a sacristia (Fig. 90).

³⁸³ CELANO, Tomás de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(1C\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(1C)_4af850265f034.pdf), p. 79.

³⁸⁴ SÃO BOAVENTURA (s/d). *Legenda Maior*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_\(LM\)_4af84ffa4a4a6.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_(LM)_4af84ffa4a4a6.pdf), p. 85.

³⁸⁵ CELANO, Tomás de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(1C\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(1C)_4af850265f034.pdf), p. 31.

³⁸⁶ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 133.

³⁸⁷ AZAMBUJA, S. T. (2015). *A iconografia da natureza e da paisagem na pintura portuguesa dos séculos XV e XVI: imagens e significados*. Lisboa: Tese de Doutoramento em História pela Universidade de Lisboa, p. 303.

³⁸⁸ AZAMBUJA, S. T. (2015). *A iconografia da natureza e da paisagem na pintura portuguesa dos séculos XV e XVI: imagens e significados*. Lisboa: Tese de Doutoramento em História pela Universidade de Lisboa, p. 309.

³⁸⁹ AZAMBUJA, S. T. (2015). *A iconografia da natureza e da paisagem na pintura portuguesa dos séculos XV e XVI: imagens e significados*. Lisboa: Tese de Doutoramento em História pela Universidade de Lisboa, p. 304.



Figura 90 – Pormenor de frutos do armário-amituário da sacristia. Fotografia do autor.

No espaldar do arcaz aves, anjos e índios dividem o espaço (Fig. 91). Segundo López Vázquez, o papel das flores e frutos no mobiliário da sacristia relaciona-se com a esperança terrena, enquanto os pássaros, como vícios que nos circundam e nos levam ao descuido com os compromissos divinos.

“(…) es una metáfora de los viciosos que solo tienen memoria para el mundo y que, estando tan totalmente apegados a él, obran temerariamente teniendo la ‘esperanza’ de que siempre tendrán tiempo para corregir su vida antes del momento de su muerte; así, pasan su vida esperando alcanzar la vida eterna, pero sin prepararse para ella, aplicando erróneamente la máxima *carpe diem* al olvidar

que esta no se reduce a «aprovechar el momento», sino que dicha en su integridad —«*Carpe diem quam minimum credula postero memento mori*» [aprovecha el día, no confíes en mañana, recuerda que morirás]— evidencia que el verdadero aprovechamiento radica en pensar en la muerte y, por consiguiente, en no esperar a mañana para vivir virtuosamente”³⁹⁰.



Figura 91 – Pormenores de índios, frutos e pássaros do arcaz da sacristia. Fotografia do autor.

Tal atribuição aos pássaros como símbolos dos vícios pode ser também atribuído aos índios presentes nesse espaldar que relembram o paganismo e a perdição. Sónia

³⁹⁰ VÁZQUEZ, J. M. B. L. (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, p. 74.

Azambuja ressalta que muitas vezes os pássaros representam os infiéis ou pecadores convertidos³⁹¹. Portanto, esses pássaros provavelmente tratariam dos infiéis perdidos no paganismo e no importante trabalho dos sacerdotes em semear as flores, enquanto virtudes cristãs, através da Palavra. Trabalho esse realizado seguindo os princípios do pauperismo, penitência, amor, união, humildade e tantos outros temas fundamentais à espiritualidade franciscana, reforçados em todos os ângulos da sacristia para que o sacerdote, ao iniciar as atividades litúrgicas, esteja devidamente direcionado mentalmente nos valores franciscanos, consequentemente cristãos.

³⁹¹ AZAMBUJA, S. T. (2015). *A iconografia da natureza e da paisagem na pintura portuguesa dos séculos XV e XVI: imagens e significados*. Lisboa: Tese de Doutoramento em História pela Universidade de Lisboa, p. 312.

Considerações finais

O convento de São Francisco de Olinda, cidade do Estado de Pernambuco, é um exemplo emblemático do patrimônio histórico brasileiro. Sua fundação marca o início da presença da Ordem dos Frades Menores com o estabelecimento da Custódia de Santo Antônio no Brasil, sendo em Olinda sua gênese. Ao todo, a Custódia corresponde a treze conventos no Nordeste que, em conjunto, agrupam um modelo arquitetônico particular e inédito no contexto colonial.

O convento de Olinda se destaca pela monumentalidade e profusão ornamental. Logo a princípio, foi necessário recorrer às fontes mais atuais que tratassem do edifício. As publicações do CEPESE, realizadas entre 2008 e 2012, agrupam diversos artigos sobre *Os franciscanos no mundo português*. Entre as três obras, intituladas *Artistas e obras*³⁹², *As Veneráveis Ordens Terceiras*³⁹³ de São Francisco e *O legado franciscano*³⁹⁴, selecionamos alguns artigos que não apenas tratam do convento de Olinda, mas também nos esclarecem um ponto comum em grande parte da historiografia desse edifício. De maneira geral, os estudos limitam-se a uma breve descrição e inventariação, sem avançar em análises e aprofundamentos teóricos. O que nos estimulou a realizar uma pesquisa mais pormenorizada e profunda sobre o espaço. Para melhor delimitar esta dissertação, foi necessário eleger um espaço para direcionar nossa investigação e a escolha não foi feita por acaso. A sua sacristia reúne obras em talha, azulejaria, pintura, marcenaria, cantaria e entre outras técnicas que, por si, justificavam um estudo. Reconhecemos que a ausência de pesquisas sobre esse espaço não se limita à sacristia da igreja de Nossa Senhora das Neves de Olinda, como também se estende à historiografia geral do convento e das sacristias em geral. Portanto, após selecionar o espaço e reconhecer a necessidade de lhe dar o devido reconhecimento histórico-artístico, optamos por organizar a dissertação em três capítulos. À semelhança de Anna Maria Fausto Monteiro de Carvalho³⁹⁵, os mesmos partiram de

³⁹² FERREIRA-ALVES, N. M. (2008). *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPESE.

³⁹³ FERREIRA-ALVES, N. M. (2011). *Os franciscanos no mundo português II. As Veneráveis Ordens Terceiras de São Francisco*. Porto: CEPESE.

³⁹⁴ FERREIRA-ALVES, N. M. (2012). *Os franciscanos no mundo português III. O legado franciscano*. Porto: CEPESE.

³⁹⁵ CARVALHO, A. M. F. M. de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial. Urbanismo-Arquitetura-Artes Plásticas*. FERREIRA-ALVES, N. M. *Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I*. Porto: CEPESE, p. 17-35.

temas gerais para os específicos. Tal opção foi feita para ambientar o leitor primeiro sobre o território, depois sobre o papel da sacristia no espaço sacro e, finalmente, estudar o aparato decorativo do convento de Olinda em particular.

No primeiro capítulo, consideramos necessário apresentar questões mais gerais, que envolvem o convento como um todo. Fundado nos limites da antiga vila de Olinda, por frades da Ordem de São Francisco de Assis, esses vieram para o Brasil com objetivos específicos e a sua instalação na vila foi realizada de maneira muito particular. São esses objetivos e razões que delineiam essa primeira parte desta dissertação. Para tanto, partimos de um reconhecimento espacial, demarcando as características urbanas de Olinda. Em seguida, fez-se necessário explicar os aspectos político-econômicos que tornaram a Capitania de Pernambuco uma das mais ricas e prósperas da colônia. Também destacamos a interferência dos holandeses quando se estabeleceram na vila e as dificuldades vividas pelos portugueses que tiveram de lidar com os índios. Neste último caso, a relação entre a Coroa e a Igreja, visível através do Padroado Régio, culminou no envio de ordens religiosas ao Brasil para solucionar os problemas com esses gentios. Esses obstáculos foram vencidos através da catequese, que foi principalmente realizada pelos jesuítas e franciscanos. Estabelecer as características históricas e espirituais dessas duas ordens foi fundamental para darmos prosseguimento a nossa análise. Após esclarecer como a Ordem dos Frades Menores Observantes se consolidou, foi a vez de explicar como se fixaram no Brasil, mais precisamente em Olinda, onde se estabeleceu a primeira sede. Nesse ponto, o acesso a fontes como Frei António de Santa Maria Jaboatão e Frei Venâncio Willeke foi indispensável. Ambos os autores realizaram estudos pormenorizados sobre a história da Ordem no Brasil, o primeiro do século XVIII e o segundo do século XX. Seus dados acabam por suprir a ausência de fontes primárias sobre o convento, tendo em vista que a maior parte dos documentos do edifício se perdeu. Ultrapassando o ponto de análise histórica da ordem, passamos para uma descrição do conjunto edificado. Apontamos os espaços e seus respectivos aparatos artísticos. Após esse percurso, dedicamos o último momento desse primeiro capítulo à questão da “escola arquitetônica franciscana”³⁹⁶. Divulgado pelo historiador francês Germain Bazin, entre 1956 e 1958, esse conceito integra os treze conventos franciscanos do Nordeste em um mesmo enquadramento estilístico arquitetônico que se perpetuou até a atualidade. Esse modelo é visível em Olinda na fachada barroca escalonada, inscrita em triângulo, com galilé e torre recuada; adro com

³⁹⁶ BAZIN, G. (1983). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, p. 137.

cruzeiro, planta de nave única, estrutura conventual à esquerda e conjunto da Ordem Terceira à direita e sacristia por trás da capela-mor.

No segundo capítulo, direcionamos nossa análise para a sacristia enquanto espaço litúrgico-arquitetônico. Para isso, partimos de uma exposição pormenorizada da sacristia do convento de São Francisco de Olinda de maneira a manter o ritmo descritivo já realizado no capítulo anterior e ambientar o leitor para os temas a desenvolver nos restantes pontos deste capítulo. Seccionado em dois pontos, esse percurso foi iniciado pelos corredores de acesso à sacristia, onde constatamos a importância que as características físicas e ornamentais oferecem à mesma. Em seguida, especificamos as características deste espaço. Nesse ponto, as determinações do Concílio de Trento, estabelecidas pelo cardeal milanês São Carlos Borromeu, foram fundamentais para constatar o enquadramento dos princípios estabelecidos no projeto da sacristia da igreja de Nossa Senhora das Neves. A liturgia foi o tema subsequente tratado. Nesse ponto, partimos de um esclarecimento do que se constitui enquanto liturgia para adentrar nos aspectos litúrgicos que influenciam diretamente as características da sacristia. Através das Constituições Sinodais portuguesas e da *Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia*³⁹⁷, identificamos o papel que a sacristia tem enquanto local onde a liturgia se inicia e se encerra. A guarda das alfaia litúrgicas dá sentido à sacristia e a distribuição dos elementos no recinto adequa-se ao ritual ali realizado. Deu-se uma ênfase muito particular à Eucaristia enquanto supremo Sacramento e ápice da cerimônia litúrgica. O esclarecimento das práticas realizadas no interior da sacristia foi possível através da identificação do papel desempenhado pelo sacristão e do cuidado com as alfaia. Tendo apontado esse embasamento, direcionamos nosso olhar para o desenvolvimento histórico da sacristia, onde constatamos a sua crescente valorização no conjunto da igreja, evoluindo de locais pouco expressivos ou inexistentes para monumentais estruturas suntuosas. O Concílio de Trento mereceu um especial destaque, por se tratar do período que determinou um ponto chave para a sua consolidação. Este ponto de análise apoiou-se particularmente, nos estudos de Cátia Teles Marques³⁹⁸ que, para além desse processo histórico, também nos forneceu dados suficientes para entender as diferentes tipologias encontradas no

³⁹⁷ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes.

³⁹⁸ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1.

território português. No caso brasileiro, o trabalho de Antônio de Menezes e Cruz³⁹⁹ revelou-se o único a debruçar-se especificamente sobre a sacristia no Estado de Pernambuco, embora muito lacunar.

O terceiro capítulo foi dedicado ao aparato artístico presente no interior da sacristia da igreja de Nossa Senhora das Neves. Distribuído de maneira a apontar cada uma das peças presentes, começamos por analisar a distribuição das obras no espaço e apresentar a periodização estilística sugerida por Anna Maria de Carvalho. A leitura pormenorizada partiu do lavabo, seguida do oratório. O mobiliário corresponde a três peças: a mesa de pedra, o armário-contador e o arcaz. Prosseguimos com os azulejos e finalizamos com o teto de caixotões com painéis pintados. A ausência documental impediu-nos de tecer análises voltadas para autorias e datações precisas. Das fontes consultadas, constatamos a superficialidade da investigação que se limitou à inventariação e descrição de espaços e suas obras. Dessa forma, focamo-nos em cada obra em particular, descrevendo suas funções práticas e simbólicas, que nos permitiu constatar a importância que cada elemento ocupa no espaço que vai muito para além de meros jogos de preenchimento de vazios ou de decoração. Todas as partes estão carregadas de princípios da Igreja Católica e franciscanos, com exaltações à memória da própria Ordem e do modelo de vida patente em São Francisco de Assis. Foi necessário ir além de uma análise técnica das peças e avançar no sentido simbólico.

O andamento desta dissertação exigiu o desenvolvimento de um conjunto abrangente de questões intercomunicantes, mas que requeriam investigações paralelas e distintas. Para dar conta da imensidão de temas e textos, tendo em vista o tempo de realização desta dissertação, foi necessário realizar seleções de textos para cada assunto. Neste sentido, foi nossa preocupação elencar no estado da arte, apresentado na introdução, um levantamento abrangente da bibliografia apurada relativa a nossa dissertação, da qual de fato só nos foi possível trabalhar uma parte.

Assim como fizemos no primeiro capítulo, a fase inicial de investigação demandou o adentramento na história da Ordem dos Frades Menores. Entender seus princípios foi essencial para compreender o convento. Nesse aspecto, além da historiografia da Ordem, o

³⁹⁹ CRUZ, A. de M. e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN.

estudo de Aldir Crocoli⁴⁰⁰ foi fundamental. No que concerne ao convento, foi preciso localizar a sua documentação, ao que, como já comentamos anteriormente, resultou na confirmação de uma ausência de fontes primárias. Essa carência, não nos impediu de realizar análises sobre os elementos artísticos da sacristia. Afinal, a iconografia permitiu transmitir a sua mensagem e a coleta de informações resultou em respostas positivas, e até mesmo inéditas. Assim como as Constituições Sinodais e o regulamento de São Carlos Borromeu foram essenciais para o estudo dos edifícios religiosos, as fontes hagiográficas sobre São Francisco de Assis e Santo Antônio de Lisboa serviram-nos para descobrir elementos até então desconhecidos sobre a sacristia. Os painéis do teto em caixotões da sacristia reúnem cenas da vida franciscana que transmitem princípios fundamentais da Ordem. Pudemos localizar parte dessas narrativas, exigindo um estudo mais aprofundado nas hagiografias para reconhecer as demais passagens das pinturas.

Ainda há muito que fazer quanto ao estudo da sacristia como um todo. O convento de São Francisco de Olinda é um manancial de possibilidades investigativas que nos fez atentar para novas questões que ainda requerem informações, dentre elas: realizar novas buscas pela localização de fontes primárias do convento, não só no Brasil, como em Portugal; realizar análises pormenorizadas dos demais espaços do convento, como a Capela de São Roque e a Capela de Santana; identificar os relicários presentes na sacristia, ou mesmo realizar uma investigação quanto à origem dos azulejos, principalmente às gravuras que serviram de base para a elaboração dos mesmos.

É evidente que a sacristia do convento de São Francisco de Olinda é um valioso exemplar da arte barroca brasileira e um patrimônio que acompanha a evolução de sua cidade. O programa dessa sacristia exemplifica o modelo tridentino, patente em São Carlos Borromeu. É grande o cuidado nela empregue, quando identificamos a sua localização por trás da capela-mor, de maneira a dar conta da boa distribuição do espaço, com atenção à iluminação, limpeza e ventilação, adequando-se às necessidades requeridas pelas alfaías litúrgicas e do público que adentra no recinto, mantendo a sacralidade do espaço. O convento de São Francisco de Olinda estava em concordância com essas determinações e obter tal cruzamento entre a sacristia e São Carlos Borromeu foi de grande valia para assegurarmos o alcance que essas regulamentações tiveram no contexto brasileiro.

⁴⁰⁰ CROCOLI, A. (2004). *“Dado e nascido por nós à beira do caminho”: A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio.

O espólio artístico da sacristia em questão guarda obras que revelam a importância desse espaço. Seu programa iconográfico exalta a memória de sua Ordem, reafirmando a sua grandeza enquanto instituição e, principalmente, os princípios de humildade, caridade, pauperismo, penitência e união. Esses elementos são sentidos em todas as suas perspectivas e refletem uma erudita formação intelectual dos seus encomendantes. Imersas na Paixão e na devoção mariana, as obras ali localizadas acompanham o modelo de vida do *Povorello*, em seu fervor devocional a Cristo e à Virgem Maria. A sua mensagem está bem presente em todos os elementos constitutivos da sacristia e impunha respeito e meditação a todos aqueles que nela entravam. Desde a imagem de Cristo atado à coluna presente no oratório, passando pelo Cristo Crucificado do arcaz, a força do sacrifício do Salvador é sentida nos estigmas deixados pelo Cristo Seráfico ao patriarca franciscano. Da mesma forma, a pureza, docilidade e fé da Virgem se enraíza nas naturezas mortas onde brotam rosas, jasmims e geniparanas. Neste último caso, a tentativa de aproximação da biodiversidade brasileira tornam estas pinturas ainda mais fascinantes para a história da arte – merecendo um estudo específico. Essas flores, conjugadas aos frutos e pássaros entalhados no jacarandá do mobiliário, convertem a sacristia em um jardim celestial carregadas de sentidos espirituais que, isolados, podem acabar por se perder, mas em conjunto agregam sentido ao programa na totalidade. Obras estas de excelente qualidade técnica e de planejamento/disposição dos elementos. Dessa forma, consideramos ter alcançado o objetivo desta dissertação ao ultrapassar a fase inicial de descrição e inventariação do espaço e alcançar uma leitura do conjunto que, apesar de não concluída, nos revela a profundidade simbólica-funcional da sacristia do convento de São Francisco de Olinda.

Referências bibliográficas

Fontes impressas

ALVES, Tarsício (1999). *Constituições sinodais de D. Frei Amador Arrais (1589)*. Portalegre: Cabido da Sé de Portalegre.

ANÓNIMO Perusino (s/d). Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Anonimo_Perusino_\(AP\)_4af84fa79dc31.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Anonimo_Perusino_(AP)_4af84fa79dc31.pdf). Acesso em: 3 de junho de 2017.

BARREIRA, Frei Isidoro de (1622). *Tractado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na sagrada Escritura*. Lisboa: Pedro Craesbeeck.

BORROMEU, Carlos (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

CASTELO BRANCO, D. Afonso (1591). *Constituições Synodales do Bispado de Coimbra*. Coimbra: impressão de Antonio de Mariz.

CELANO, Tomás de (s/d). *Legenda da Úmbria*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_4_Legenda_da_Umbria_\(LU\)_4af8505b5bfe3.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_4_Legenda_da_Umbria_(LU)_4af8505b5bfe3.pdf). Acesso em: 3 de junho de 2017.

CELANO, Tomás de (s/d). *Vida Primeira*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_\(1C\)_4af850265f034.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1Celano_(1C)_4af850265f034.pdf). Acesso em: 3 de junho de 2017.

CELANO, Tomás de (s/d). *Vida Segunda*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_2Celano_\(2C\)_4af8503f020f1.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_2Celano_(2C)_4af8503f020f1.pdf). Acesso em: 3 de junho de 2017.

CELANO, Tomás de (s/d). *Tratado dos Milagres*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_3Celano_Milagres_\(3C\)_4af8505016c73.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_3Celano_Milagres_(3C)_4af8505016c73.pdf). Acesso em: 3 de junho de 2017.

CONCEIÇÃO, Apolinário da (1730). *Epítome da Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil*. Lisboa.

D'ABBEVILLE, Cláudio (2002). *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*. São Paulo: Siciliano.

D'EVREUX, Yves (1864). *Viagem ao Norte do Brasil*. Paris: Ferdinand Denis.

DIGNARE me laudare te, Virgo sacrata mihi virtutem contra hostes tuos (1701). Sevilla: Biblioteca Universitária de Sevilla. Disponível em: <https://archive.org/details/A1100616>. Acesso em: 3 de junho de 2017.

GARCIA, Antonio Garcia y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

ILHA, Fr. Manuel da (1975). *Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil: 1584-1621*. Petrópolis: Editora Vozes.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/182923>. Acesso em: 16 de setembro de 2016.

JORGE, Fr. Hugolino de Monte (s/d). *Florinhas de São Francisco*. Disponível em: http://www.editorialfranciscana.org/files/_FLORINHAS_4af8509564c02.pdf. Acesso em: 3 de junho de 2017.

LEGENDA dos Três Companheiros (s/d). Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Tres_Companheiros_\(TC\)_4af84fce2b757.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_Tres_Companheiros_(TC)_4af84fce2b757.pdf). Acesso em: 3 de junho de 2017.

LOPES, Frei Fernando Félix (1996). *Livro dos milagres ou Florinhas de Santo António de Lisboa*. Braga: Editorial Franciscana. Disponível em: <http://files.santo-antonio.webnode.pt/200001550-c0548c0cf4/Fontes%20Antonianas%20III%20-%20IIIC.pdf>. Acesso em: 3 de junho de 2017.

MARTIN, Michael (s/d). *O Gloriosa Domina: O Heaven's Glourious Mistress*. Disponível em: <http://www.preces-latinae.org/thesaurus/BVM/OGloriosa.html>. Acesso em: 5 de agosto de 2017.

NORMAND, Charles Pierre (1838). *Le Vignole des Archictetes el les élèves em Architecture*. Liège: Avanzo el compagnie, vol. 2.

PISA, Bartolomeu de (1299). *De conformitate vitae Beati Francisci ad vitam Domini Iesu*. Itália: Frati Editori Di Quaracchi.

SANTO, Frei Cosme do Espírito (1709). *Estatutos da Província de Santo Antônio do Brasil*. Lisboa: Oficina de Manoel & Joseph Lopes Ferreyra.

SÃO BOAVENTURA (s/d). *Legenda Maior*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_\(LM\)_4_af84ffa4a4a6.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_1_S_Boaventura_Legenda_Maior_(LM)_4_af84ffa4a4a6.pdf). Acesso em: 3 de junho de 2017.

SÃO BOAVENTURA (s/d). *Legenda Menor*. Disponível em: [http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_2_S_Boaventura_Legenda_menor_\(Lm\)_4_af850082b6ee.pdf](http://www.editorialfranciscana.org/files/5707_2_S_Boaventura_Legenda_menor_(Lm)_4_af850082b6ee.pdf). Acesso em: 3 de junho de 2017.

SERLIO, Sebastiano (1619). *Tutte l'opere d'archittetura, et prospetiua*. Veneza: Giacomo de'Franceschi.

VIDE, D. Sebastião Monteiro de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes.

VITRÚVIO, Marcus (2007). *Tratado de Arquitetura*. São Paulo: Martins.

Bibliografia

AGUIAR, Bárbara Cortizo de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1993). *O Românico*. Lisboa: Alfa, vol. 2.

AMARAL JR., Rubem (2010). “Emblemática Mariana no Convento de São Francisco de Salvador, Bahia, e seus modelos europeus”. Campinas: *Revista Lumen et Virtus*, vol. 1, nº 3, p. 107-130.

AMARAL JR., Rubem (2011). “Emblematica Mariana na Igreja do Antigo Recolhimento de N. S. da Conceição de Olinda (Pernambuco) e seus modelos europeus”. Zafra, Rafael & Azanza, José Javier (Eds.) *Emblemática Trascendente: Hermenéutica de la Imagen, Iconología del Texto*. Pamplona, Sociedad Española de Emblemática/Universidad de Navarra [Anejos de *Imago, Revista de Emblemática y Cultura Visual*, 1], p. 151-162.

AMORIM, Maria (1999). “A formação dos franciscanos no Brasil-Colônia à luz dos textos legais”. Lisboa: *Lusitania sacra*, 2ª série, 11, p. 361-377.

ASSIS, Maria Helena; BARBOSA, Bartira Ferraz; MENDES, Débora (2008). “Acervos históricos e artísticos: Convento de São Francisco em Olinda”. Lisboa: *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, Ano VII, n. 13/14, p. 289-309.

AZAMBUJA, Sónia Talhé (2015). *A iconografia da natureza e da paisagem na pintura portuguesa dos séculos XV e XVI: imagens e significados*. Lisboa: Tese de Doutoramento em História pela Universidade de Lisboa.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira (2010). “Variantes iconográficas nas representações antonianas”. Lisboa: *Cultura*, vol. 27, p. 41-55.

BAZIN, Germain (1956). *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record.

BONNET, Márcia Cristina Leão (2008). “A representação do Cristo Seráfico na igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência do Rio de Janeiro”. Belo Horizonte: *Varia história*, vol. 24, nº 40, p. 433-444.

CANTARILHO, Rui Manuel Matos (2012). *A paixão de Cristo na espiritualidade medieval: Lignum Vitae e Meditationes de Passione Iesu Christi*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa.

CARRAZZONI, Maria Eliza (1980). *Guia dos bens tombados*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.

CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial. Urbanismo-Arquitetura-Artes Plásticas*; In FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPES, p. 17-35.

CARVALHO, Rosário Salema de. *AZ Sistema de Referência & Indexação de Azulejos: P.M.P.s, Mestres*. Disponível em: http://redeazulejo.fl.ul.pt/pesquisa-az/autor_ficha.aspx?id=263. Acesso em: 14 de agosto de 2017.

CAVALCANTI, Sylvia Tigre de Hollanda (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros.

COSTA, Alex Silva (2013). “O segundo verbo que habitou entre nós: a representação cristológica da estigmatização de Francisco de Assis nas hagiografias franciscanas”. Rio de Janeiro: *Revista Plêthos*, vol. 3, nº 2, p. 119-133.

COSTA, Ricardo da (2009). “‘A lus deriva do bem e é imagem da bondade’: a metafísica da luz do Pseudo Dionísio Areopagita na concepção artística do abade Suger de Saint-Denis”. Curitiba: *Scintilla. Revista de Filosofia e Mística Medieval (FFSB)*. Vol. 6. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/luz-deriva-do-bem-e-e-imagem-da-bondade-metafisica-da-luz-do-pseudo-dionisio-areopagita-na>, p. 39-52. Acesso em: 18 de junho de 2017.

CROCOLI, Aldir (2004). “*Dado e nascido por nós à beira do caminho*”: *A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio.

CRUZ, Antônio de Menezes e (1985). *As mais belas sacristias das igrejas de Recife e Olinda*. Recife: IPHAN.

ESTRADA, Nuria; SALAZAR SIMARRO, Jesús; PANIAGUA PÉREZ (2017). “El tesoro del lugar florido. Estudios sobre la plata ibero-americana”. Siglos XVI-XIX. León: *Ed. El Forastero*, p. 109-135.

FERNANDES, Cybele Vidal N. (2008). *As sacristias franciscanas no Brasil. Uma contribuição ao estudo do tema*. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPES.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (2008). *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPESE.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (2011). *Os franciscanos no mundo português II. As Veneráveis Ordens Terceiras de São Francisco*. Porto: CEPESE.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (2012). *Os franciscanos no mundo português III. O legado franciscano*. Porto: CEPESE.

GABRIELLI, Cassiana Maria Mingotti (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social.

GOMES, Geraldo; PIRES, Fernando Tasso Fragoso (1994). *Antigos engenhos de açúcar do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

GOMES, Geraldo (2006). *Engenho e arquitetura*. Recife: Editora Massangana.

GONÇALVES, Regina Maria Monteiro (2011). “O desenvolvimento do mobiliário sacro na Igreja Católica no Brasil dos séculos XVI ao XVIII”. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação - ARC*, Vol. 3, Edição Especial.

GRACIA, Ricardo Fernández. (1999). *La sacristía de la catedral de Pamplona: uso y función. Los ornamentos*. Espanha: Príncipe de Viana, nº 60, p. 349-382.

JIMÉNEZ, Raquel Torres (2002). *Formas de organización y práctica religiosa em Castilla la Nueva. Siglos XIII-XVI*. Madrid: Tese de Doutoramento em História Medieval pela Universidade Complutense de Madrid.

IGLESIAS, Tania Conceição (2011). *Fontes Franciscanas: Historiografia clássica da Ordem do Brasil Colonial*. Campinas: Revista Histedbr On-line, n. 41, p. 125-135.

IGLESIAS, Tania Conceição (2011). *Fontes Franciscanas: Historiografia franciscana brasileira*. Campinas: Revista Histedbr On-line, n. 42, p. 23-38.

IGLESIAS, Tania Conceição (2011). *Fontes Franciscanas: Os franciscanos na historiografia do Brasil e na história da educação brasileira*. Campinas: Revista Histedbr On-line, n. 43, p. 254-267.

- LEVILLAINS, Philippe (1994). *Dictionnaire historique de la papauté*. Paris: Fayard.
- LINS, Eugênio de Ávila (2002). *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Porto: dissertação de doutoramento.
- MARQUES, Cátia Teles e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1.
- MATTOSO, José (2010). *Património de origem portuguesa no mundo: arquitetura e urbanismo. América do Sul*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MUELLA, Juan Carmona (2008). *Iconografía de los santos*. Madrid: Akai
- MUNIZ, Suely Cisneiros (2009). *Cronologia histórica e patologias dos azulejos em Pernambuco, entre os séculos XVII e XVIII*. Recife: Dissertação de Mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco.
- NASCIMENTO, E. M. V. (2008). *Olinda: uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade*. Salvador: Tese de Doutoramento pela Universidade Federal da Bahia.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de (2003). *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify.
- PINTO, Rooney Figueiredo (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural.
- POLÓNIA, Amélia (2005). *D. Henrique: o cardeal-rei*. Mem Martins: Círculo de leitores.
- REAU, Louis (2000). *Iconografía del arte cristiano: iconografía de la Biblia (Nuevo testamento)*. Barcelona: Ediciones del Serbal,
- RODRIGES, Ana Rita Duarte Carqueja (2010). *As pinturas de tectos em caixotões sécs. XVII e XVIII: a nave do antigo convento do Salvador*. Porto: Dissertação de Mestrado em Técnicas de Conservação de Pintura pela Universidade Católica Portuguesa.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da (2011). *A memória de um Mosteiro, Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX): Das construções e das reconstruções*. Porto: Afrontamento.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde (2014). “Controvérsias sobre a pobreza: franciscanos e jesuítas e as estratégias de financiamento das missões no Brasil colonial”. Rio de Janeiro: *Est. Hist.*, vol. 27, nº 53, p. 27-48.

SANTOS, Diana Teresa Fanha da Graça Gonçalves dos (2013). *Azulejaria de fabrico coimbrão (1699-1801). Artífices e artistas. Cronologia. Iconografia*. Porto: Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa pela Universidade do Porto.

SANTOS, Pe. Valdir dos (2012). *Organizar sua sacristia. O que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola.

SEBASTIAN, Santiago (1994). *Mensaje simbólico del Arte Medieval. Arquitectura, Liturgia e Iconografía*. Madrid: Ediciones Encuentro.

SERRÃO, Vítor (2002). *História da Arte em Portugal: o Renascimento e o Maneirismo*. Lisboa: Editorial Presença.

SERRÃO, Vítor (2003). *História da arte em Portugal: O Barroco*. Lisboa: Editora presença.

SILVA, Cesar Augusto Tovar (2012). “Santo Antônio de Lisboa: a construção da santidade e suas fontes hagiográficas”. Rio de Janeiro: *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO*, p. 1-9.

SILVA, Leonardo Dantas (2002). *Pernambuco preservado: Histórico dos bens tombados no Estado de Pernambuco*. Recife: Edição do Autor.

SILVA, Leonardo Dantas; GALVÃO, Sebastião Vasconcellos; MACIEL, Marcelo (2006). *Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco*. Recife: CEPE, vol. 1.

SIMÕES, João Miguel dos Santos (1965). *Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SOUSA, Alberto (2005). *A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB.

SOUSA, Ana Cristina (2000). *Metamorfoses do ouro e da prata. A ourivesaria tradicional no noroeste de Portugal*. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais.

SOUSA, Ana Cristina Correia de (2014). “In the Name of the *Lord*: The Affirmation of the Cult of the Blessed Sacrament and the Liturgical Objects in the Late Medieval Period in Portugal”. Madrid: *Anales de Historia del Arte*, p. 543-558.

SOUSA, Ana Cristina Correia de (2015). *O claustro do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa: uma arquitetura “senza tempo”*. RESENDE, N.; SEBASTIAN, L. Cister no Douro, p. 94-103.

SOUSA, Ana Cristina Correia de (2016). “The power of the Blessed Sacrament: the iconography of the hosts in the 15th and 16th centuries”. Espanha: *De Arte*, vol. 15, p. 63-77.

SOUSA, Ana Cristina Correia de , “A presença dos metais nos altares dos séculos XV e XVI: uma leitura a partir da iconografia da “Missa de São Gregório” in RODAS, Juan Haroldo;

SOUSA, José Antônio de C. R. de (2011). “Características marcantes da espiritualidade de Santo Antônio”. Recife: *Perspectiva filosófica*, v. 1, nº 35, p. 157-179.

TEIXEIRA, Vítor Rui Gomes (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

TEIXEIRA, Vítor Rui Gomes (2004). *O movimento da observância franciscana em Portugal (1392-1517): História, Património e Cultura de uma experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Edição do Autor.

VANBOEEMMEL, Frei Fidêncio (2016). *No ano santo da misericórdia, o oitavo centenário da indulgência da Porciúncula*. São Paulo: Comunicações, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, Ano LXII, nº 07, p. 343-346.

VÁZQUEZ, José Manuel B. López (2015). *Espejo del perfecto sacerdote: un programa iconográfico de la catedral de Tui*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercâmbio Científico.







WILLEKE, Frei Venâncio (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes.






WILLEKE, Frei Venâncio (1978). *Missões franciscanas no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes.

Apêndices

Tabela 4 - Igrejas da Cidade de Olinda

	Igreja	Data		Encomendante	Fachada
		Orig.	Reform.		
1	Igreja e Mosteiro de Nossa Senhora do Monte	1535	-	Monjas Beneditinas	 <p>Fotografia do autor.</p>
2	Seminário de Olinda – Igreja de Nossa Senhora da Graça	1535	1661	Jesuítas	 <p>Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.010/1385. Acesso em: 24 de maio de 2017.</p>
3	Igreja de Nossa Senhora da Luz, do antigo Hospital da Santa Casa de Misericórdia (Igreja da Misericórdia)	1540	1654	Monjas Beneditinas	 <p>Fotografia do autor.</p>
4	Igreja de São Salvador do Mundo (Igreja da Sé)	1548	1584; 1669; 1911; 1939 e 1983	Bispo	 <p>Fotografia do autor.</p>
5	Igreja de Nossa Senhora do Carmo do Antigo Convento de Santo Antônio (Igreja do Carmo)	1580	-	Carmelitas	 <p>Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_Nossa_Senhora_do_Carmo_(Olinda)</p>

					<u>i/Igreja do Carmo de Oli</u> <u>nda</u> . Acesso em: 24 de maio de 2017.
6	Convento de São Francisco	1585	1662; 1700-1754 e 1850-1886	Frades Menores Observantes	 Fotografia do autor.
7	Mosteiro de São Bento	1586	1654 e 1759	Benedictinos	 Fotografia do autor.
8	Igreja de São João Batista dos Militares	1592	-	Benedictinos	 Fotografia do autor.
9	Igreja e Convento de Nossa Senhora da Conceição	Séc. XVI	-	Ordem de Paula Francinete	 Fotografia do autor.
10	Igreja de Nossa Senhora do Amparo	1613	1644	Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos	 Fotografia do autor.
11	Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe	1626 e 1629	-	Irmandade de Nossa Senhora de Guadalupe (Irmandade de Nossa Senhora do Bom Parto até 1854)	 Fotografia do autor.

12	Igreja de Nossa Senhora do Desterro e Convento de Santa Tereza	c. 1645	-	Carmelitas Descalças	 <p>Fotografia do autor.</p>
13	Igreja de São Sebastião	1686	-	-	 <p>Fotografia do autor.</p>
14	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	Segunda metade do séc. XVII	-	Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	 <p>Fotografia do autor.</p>
15	Igreja do Bom Jesus do Bonfim	1758	1801; 1919 e 1934	-	 <p>Disponível em: https://somenteingrejas.blogspot.pt/2013/02/olinda-pernambuco-pedro-leopoldo-mg.html. Acesso em: 24 de maio de 2017.</p>
16	Igreja de São Pedro Apóstolo	Segunda metade do séc. XVIII (após a Restauração Pernambucana)	-	Irmandade de São Pedro Apóstolo	 <p>Disponível em: https://www.flickr.com/photos/ermo/284682897?rb=1. Acesso em: 24 de maio de 2017.</p>




17	Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora	1807	-	-	 <p>Disponível em: http://escolafranciscanade meditacao.blogspot.pt/p/fotos.html. Acesso em: 24 de maio de 2017.</p>
18	Igreja de Santa Cruz dos Milagres	1862	-	Esvoto	 <p>Fotografia do autor.</p>
19	Igreja de São José dos Pescadores ou Ribamar	Início do séc. XX	-	Pescadores	 <p>Fotografia do autor.</p>

Tabela 5 – Cronologia

	Data	Acontecimento
Séc. XII	5 de julho de 1182	Nascimento de Giovanni di Pietro di Bernardone, futuro São Francisco, em Assis.
	15 de agosto de 1191	Nascimento de Fernando de Bulhões, futuro Santo Antônio, em Lisboa.
	16 de julho de 1193	Nascimento de Chiara d'Offreducci, futura Santa Clara, em Assis.

Séc. XIII	Outono (Set-nov) de 1205	Manifestação do Crucificado (Crucifixo de São Damião) a São Francisco ⁴⁰¹ .
	1209-1215	Fundação da Ordem dos Frades Menores em Itália ⁴⁰² .
	1210-1232	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Soeiro Viegas ⁴⁰³ .
	1212	Fundação da Ordem de Santa Clara (Clarissas), autorizada pelo Papa Gregório IX.
	1214	Fundação lendária do primeiro convento da Ordem dos Frades Menores em Bragança ⁴⁰⁴ .
	15 de novembro de 1215	IV Concílio de Latrão, convocado em 19 de abril de 1213 pelo Papa Inocêncio III através da bula <i>Vineam Domini Sabaoth</i> .
	1216	Chegada dos frades Gualter e Zacarias e fundação de conventos em Alenquer e Guimarães ⁴⁰⁵ .
	1217	Os frades Gualter e Zacarias fundam o convento de Lisboa ⁴⁰⁶ .
	1217	Capítulo Geral da Ordem definindo o território fora da Itália a grupos de “fundadores” da Ordem dos Frades Menores ⁴⁰⁷ .
	1217	Instalação da Ordem dos Frades menores em Portugal ⁴⁰⁸ .
	1219	Capítulo Geral instituindo definitivamente as Províncias, dentre elas a da Espanha, onde Portugal ainda era dependente ⁴⁰⁹ .
	1220	Ingresso de Santo Antônio de Lisboa à Ordem Franciscana ⁴¹⁰ .

⁴⁰¹ CROCOLI, A. (2004). “*Dado e nascido por nós à beira do caminho*”: A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Tese de doutoramento em Teologia pela PUC-Rio, p. 142.

⁴⁰² TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da observância franciscana em Portugal (1392-1517): História, Património e Cultura de uma experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Edição do Autor, p. 28.

⁴⁰³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 285.

⁴⁰⁴ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 14.

⁴⁰⁵ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 14.

⁴⁰⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 14.

⁴⁰⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da observância franciscana em Portugal (1392-1517): História, Património e Cultura de uma experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Edição do Autor, p. 25.

⁴⁰⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da observância franciscana em Portugal (1392-1517): História, Património e Cultura de uma experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Edição do Autor, p. 25.

⁴⁰⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da observância franciscana em Portugal (1392-1517): História, Património e Cultura de uma experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Edição do Autor, p. 25.

⁴¹⁰ CASIMIRO, L. A. (2012). “**A iconografia franciscana nos retábulos quinhentistas: Um legado original**”. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. *Os franciscanos no mundo português III. O legado franciscano*. Porto: CEPESE, p. 481.

c. 1221	Nascimento de Giovanni di Fidenza, futuro São Boaventura, em Bagnoregio.
1221	Os frades Gualter e Zacarias fundam o convento de Coimbra ⁴¹¹ .
1224	Provável fundação do convento de Évora ⁴¹² .
1224	São Francisco recebe os estigmas de Cristo no Monte Alverne ⁴¹³ .
3 de outubro de 1226	Falecimento de São Francisco, em Porciúncula ⁴¹⁴ .
1226	Redação do primeiro documento hagiográfico que se tem notícia sobre São Francisco de Assis, a <i>Carta de Frei Elias</i> .
1228-1229	Tomás de Celano escreve a <i>Vida Primeira</i> , hagiografia de São Francisco de Assis.
1230	Tomás de Celano escreve a <i>Legenda ad usum Chori</i> .
13 de junho de 1231	Falecimento de Santo Antônio de Lisboa, em Pádua.
1231-1232	Fundação do convento de Leiria ⁴¹⁵ .
1232	<i>Bula da Canonização</i> de Santo Antônio de Lisboa.
1232	Redação da hagiografia antoniana <i>Vida Primeira</i> ou <i>Legenda Assídua</i> , autor desconhecido.
1232-1235	Redação da hagiografia franciscana <i>Vita de Julião de Espira</i> , autor não identificado.
1233	Doação das terras do convento do Porto aos Frades Menores iniciando a celeuma com o bispado da cidade ⁴¹⁶ .

⁴¹¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 14.

⁴¹² TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 14.

⁴¹³ COSTA, A. S. (2013). “O segundo verbo que habitou entre nós: a representação cristológica da estigmatização de Francisco de Assis nas hagiografias franciscanas”. Rio de Janeiro: *Revista Plêthos*, vol. 3, nº 2, p. 120.

⁴¹⁴ COSTA, A. S. (2013). “O segundo verbo que habitou entre nós: a representação cristológica da estigmatização de Francisco de Assis nas hagiografias franciscanas”. Rio de Janeiro: *Revista Plêthos*, vol. 3, nº 2, p. 131.

⁴¹⁵ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 14.

⁴¹⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 14.

1235	Fundação do convento de Covilhã ⁴¹⁷ .
1235	Redação da hagiografia antoniana <i>Vida Segunda</i> , autor não identificado.
1235-1236	Fundação do convento de Guarda ⁴¹⁸ .
1237-1241	Tomás de Celado escreve a <i>Legenda da Úmbria</i> .
1239	Fundação do convento de Estremoz ⁴¹⁹ .
1240	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Soeiro Viegas ⁴²⁰ .
1240-1241	Redação da hagiografia franciscana <i>Anónimo Perusino</i> , autor desconhecido.
1242	Fundação do convento de Santarém ⁴²¹ .
1244-1246	Redação da hagiografia franciscana <i>Legenda dos Três Companheiros</i> , autor desconhecido.
1246	Redação da hagiografia antoniana <i>Diálogo</i> , autor não identificado.
1246-1247	Tomás de Celano escreve a <i>Vida Segunda</i> .
1247-1253	Tomás de Celano escreve o <i>Tratado dos Milagres</i> .
1247-1260	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. Julião Fernandes ⁴²² .
1247-1267	Sínodo Diocesano de Coimbra, realizado pelo bispo D. Egas Fafes ⁴²³ .
Agosto de 1248	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Aires Vasques ⁴²⁴ .

⁴¹⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 16.

⁴¹⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 16.

⁴¹⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 17.

⁴²⁰ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 285.

⁴²¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 17.

⁴²² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 344.

⁴²³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 193.

⁴²⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 297.

Fevereiro de 1249	Sínodo Diocesano de Guarda, realizado pelo bispo D. Rodrigo Fernandes ⁴²⁵ .
5 de setembro de 1251	Sínodo Diocesano de Viseu, realizado pelo bispo D. Pedro Gonçalves ⁴²⁶ .
1252	Sínodo Diocesano de Lamego, realizado pelo bispo D. Egas Pais ⁴²⁷ .
11 de agosto de 1253	Falecimento de Santa Clara, em Assis.
1256	Fundação do convento de clarissas em Coimbra ⁴²⁸ .
1258	Fundação do convento de clarissas em Entre-os-Rios ⁴²⁹ .
1259	Fundação do convento de clarissas em Santarém ⁴³⁰ .
1260	São Boaventura escreve a <i>Legenda Maior</i> .
1261-1265	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. Vicente Mendes ⁴³¹ .
1262-1263	São Boaventura escreve a <i>Legenda Menor</i> .
1263	Redação da Legenda Maior por São Boaventura.
26 de março de 1264	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Mateus ⁴³² .
1266	Fundação do convento de Portalegre ⁴³³ .
1267-1283	Sínodo Diocesano de Évora, realizado pelo bispo D. Durando Pais ⁴³⁴ .
1268	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Mateus ⁴³⁵ .

⁴²⁵ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 223.

⁴²⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 459.

⁴²⁷ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 279.

⁴²⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 18.

⁴²⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 18.

⁴³⁰ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 18.

⁴³¹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 344.

⁴³² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 300.

⁴³³ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 18.

⁴³⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 203.

⁴³⁵ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 302.

1 de dezembro de 1271	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Mateus ⁴³⁶ .
1271	Fundação do convento de Bragança ⁴³⁷ .
1271-1279	Fundação do convento de Lamego ⁴³⁸ .
1272	Fundação do convento de Beja ⁴³⁹ .
1272	Divisão da custódia de Portugal em duas: Lisboa e Coimbra ⁴⁴⁰ .
15 de julho de 1274	Falecimento de São Boaventura, em Lyon.
1278	O frei Telo, frade franciscano e ministro em Castela, assume o arcebispado de Braga no lugar de D. Ordonho ⁴⁴¹ .
1280	Redação da hagiografia antoniana <i>Benignitas</i> , autor não identificado.
5 de dezembro de 1281	Mais antigo sínodo realizado em Braga por um bispo franciscano, D. Frei Telo ⁴⁴² .
5 de dezembro de 1285	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Frei Telo ⁴⁴³ .
c. 1286	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Frei Telo ⁴⁴⁴ .
22 de fevereiro de 1288	Eleito o primeiro papa franciscano, Papa Nicolau IV (Girolamo Masei de Ascoli).
1288	Fundação do convento de clarissas em Lisboa ⁴⁴⁵ .

⁴³⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 303.

⁴³⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 18.

⁴³⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 18.

⁴³⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 18.

⁴⁴⁰ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 18.

⁴⁴¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 18.

⁴⁴² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 8.

⁴⁴³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 26.

⁴⁴⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 30.

⁴⁴⁵ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 19.

Séc. XIV	1290	Fundação do convento de clarissas no Porto ⁴⁴⁶ .
	4 de abril de 1292	Morte do primeiro papa franciscano, Papa Nicolau IV (4 anos, 1 meses e 13 dias).
	1295	Redação da hagiografia antoniana <i>Legenda Raimondina</i> , autor não identificado.
	1296	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Martinho Pires de Oliveira ⁴⁴⁷ .
	c. 1300	Redação da hagiografia antoniana <i>Legenda Rigaldina</i> , autor não identificado.
	7 de setembro de 1301	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Martinho Pires de Oliveira ⁴⁴⁸ .
	27 de janeiro de 1307	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. João Martins de Soalhães ⁴⁴⁹ .
	9 de setembro de 1307	Sínodo Diocesano de Coimbra, realizado pelo bispo D. Estêvão Anes Brochardo ⁴⁵⁰ .
	1315	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Frei Estêvão ⁴⁵¹ .
	1317	Fundação do convento de clarissas em Vila do Conde ⁴⁵² .
	1318	Redação da hagiografia franciscana <i>Espelho da perfeição</i> , autor desconhecido.
	1320	Fundação do convento de Tavira ⁴⁵³ .
	1 de setembro de 1324	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Gonçalo Pereira ⁴⁵⁴ .
	17 de agosto de 1326	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Gonçalo Pereira ⁴⁵⁵ .
	6 de novembro de 1326	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. João Gomes ⁴⁵⁶ .

⁴⁴⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 19.

⁴⁴⁷ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁴⁸ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 32.

⁴⁴⁹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 304.

⁴⁵⁰ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 194.

⁴⁵¹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 314.

⁴⁵² TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 19.

⁴⁵³ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 19.

⁴⁵⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 315.

⁴⁵⁵ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

1328	Fundação do convento de Loulé ⁴⁵⁷ .
7 de outubro de 1329	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Gonçalo Pereira ⁴⁵⁸ .
1328-1343	Fr. Hugolino de Monte Jorge escreve as <i>Florinhas de São Francisco</i> .
24 de junho de 1330	Divisão da custódia de Lisboa em duas: Lisboa e Évora, em Capítulo de Coimbra ⁴⁵⁹ .
14 de novembro de 1330	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Gonçalo Pereira ⁴⁶⁰ .
1331	Fundação da Custódia de Évora, antes submetida a Custódia de Lisboa ⁴⁶¹ .
6 de setembro de 1333	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Gonçalo Pereira, primeiro sínodo escrito em português ⁴⁶² .
1333	Fundação de um convento de Terceiras Regulares em Amarante ⁴⁶³ .
1340	Fundação do convento de clarissas em Beja ⁴⁶⁴ .
10 de setembro de 1342	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Gonçalo Pereira ⁴⁶⁵ .
1344	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. Pedro Afonso ⁴⁶⁶ .
1344	Fundação do convento de clarissas em Guarda ⁴⁶⁷ .

⁴⁵⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 346.

⁴⁵⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 19.

⁴⁵⁸ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁵⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 19.

⁴⁶⁰ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁶¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O Maravilhoso no mundo franciscano português na Baixa Idade Média*. Porto: Mestrado em História Medieval, p. 25.

⁴⁶² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 47.

⁴⁶³ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 20.

⁴⁶⁴ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 20.

⁴⁶⁵ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁶⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 346.

⁴⁶⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 20.

1 de julho de 1344	Sínodo Diocesano de Évora, realizado pelo bispo D. Martinho Afonso ⁴⁶⁸ .
1352-1355	Sínodo Diocesano de Évora, realizado pelo bispo D. João Afonso ⁴⁶⁹ .
20 de novembro de 1360	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. Afonso Pires ⁴⁷⁰ .
1360	Fundação do convento de Ponte de Lima ⁴⁷¹ .
29 de janeiro de 1364	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. João Cardaillac ⁴⁷² .
1366	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. João Cardaillac ⁴⁷³ .
1368	Sínodo Diocesano de Lamego, realizado pelo bispo D. Lourenço ⁴⁷⁴ .
1368	Surgem movimentos de Observantes na Itália ⁴⁷⁵ .
1370	Fundação do convento de clarissas em Portalegre ⁴⁷⁶ .
25 de julho de 1371	Sínodo Diocesano de Porto, realizado pelo bispo D. Afonso Pires ⁴⁷⁷ .
6 de janeiro de 1372	Sínodo Diocesano de Évora, realizado pelo bispo D. Martinho III ⁴⁷⁸ .
11 de outubro de 1374	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Lourenço Vicente ⁴⁷⁹ .
2 de julho de 1378	Sínodo Diocesano de Évora, realizado pelo bispo D. Martinho III ⁴⁸⁰ .
16 de setembro de 1379	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Lourenço Vicente ⁴⁸¹ .

⁴⁶⁸ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 204.

⁴⁶⁹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 210.

⁴⁷⁰ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 348.

⁴⁷¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 20.

⁴⁷² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁷³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁷⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 280.

⁴⁷⁵ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da observância franciscana em Portugal (1392-1517): História, Património e Cultura de uma experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Edição do Autor, p. 27.

⁴⁷⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 20.

⁴⁷⁷ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 349.

⁴⁷⁸ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 211.

⁴⁷⁹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁸⁰ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 213.

⁴⁸¹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

18 de janeiro de 1383	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Lourenço Vicente ⁴⁸² .
1384	Surgimento da Província Franciscana de Portugal, tornando-se independente da Província de Santiago de Compostela a qual foi dependente até então, pelo ministro da província de Santiago.
16 de novembro de 1387	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Lourenço Vicente ⁴⁸³ .
1391-1399	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. João Afonso Esteves de Azambuja ⁴⁸⁴ .
16 de novembro de 1391	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Lourenço Vicente ⁴⁸⁵ .
6 de abril de 1392	Bula <i>Vestrae devotionis</i> , realizada pelo Papa Bonifácio IX, que autoriza a Instalação da Observância em Portugal por três frades galegos: Frei Diogo Árias, Frei Gonçalo Mariño e Frei Pedro Dias; juntando-se a Frei Afonso Saco, Frei Pedro Alemancos e Frei Garcia Montãos em Viana do Castelo ⁴⁸⁶ .
16 de novembro de 1392	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Lourenço Vicente ⁴⁸⁷ .
1392	Fundação do oratório de Mosteiro ⁴⁸⁸ .
1392	Fundação do oratório de São Paio do Monte (Cerveira) ⁴⁸⁹ .
1392	Fundação do oratório de Nossa Senhora da Ínsua (Caminha) ⁴⁹⁰ .
1392	Fundação do oratório de São Francisco do Monte (Viana do Castelo). ⁴⁹¹
1392	Fundação do oratório de São Clemente das Penhas (atual Quinta da Conceição) ⁴⁹² .

⁴⁸² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁸³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁸⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 350.

⁴⁸⁵ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁸⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da observância franciscana em Portugal (1392-1517): História, Património e Cultura de uma experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Edição do Autor, p. 28.

⁴⁸⁷ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁸⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁴⁸⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁴⁹⁰ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁴⁹¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

Séc. XV	1393-1402	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. João Anes ⁴⁹³ .
	16 de novembro de 1394	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Lourenço Vicente ⁴⁹⁴ .
	15 de novembro de 1398	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Martinho Pires da Charneca ⁴⁹⁵ .
	1402	Fundação do mosteiro de Santo António da Castanheira ⁴⁹⁶ .
	2 de abril de 1402	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Martinho Pires da Charneca ⁴⁹⁷ .
	13 de janeiro de 1403	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. João Afonso Esteves de Azambuja ⁴⁹⁸ .
	1407	Fundação do convento de São Francisco de Orgens, em Viseu ⁴⁹⁹ .
	1407	As casas observantes conseguem sua própria cabeça com um vigário superior pelo ramo conventual ao qual ainda são submetidos ⁵⁰⁰ .
	1407	Instituição da Província da Ordem de São Francisco em Portugal ⁵⁰¹ .
	1408	Fundação do convento de Santa Catarina da Carnota, em Alenquer ⁵⁰² .
	1409	Eleição do papa Alexandre V (Pietro Filargi da Candia).
	1410	Falecimento do papa Alexandre V.

⁴⁹² TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁴⁹³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 317.

⁴⁹⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁹⁵ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁹⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁴⁹⁷ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁴⁹⁸ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 317.

⁴⁹⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁵⁰⁰ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁵⁰¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁵⁰² TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

1410	Fundação do convento de Setúbal ⁵⁰³ .
1415	Concílio de Constança ⁵⁰⁴ .
1419	Fundação do convento de Nossa Senhora das Virtudes, em Azambuja ⁵⁰⁵ .
1422	Fundação do convento de Santa Catarina de Santarém (Ordem Terceira) ⁵⁰⁶ .
1423	Fundação do convento de Santa Cita, em Asseiceira ⁵⁰⁷ .
1424	Fundação do convento de Chaves e de Azurara, em Vila do Conde ⁵⁰⁸ .
c. 1424-1425	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Fernando Guerra ⁵⁰⁹ .
1425	Fundação do convento de clarissas em Estremoz ⁵¹⁰ .
1430	Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores para a extinção dos observantes, autorizado pelo papa Martinho V ⁵¹¹ .
1 de junho de 1430	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Fernando Guerra ⁵¹² .
22 de novembro de 1430	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. Antão Martins de Chaves ⁵¹³ .
1431	O papa Eugénio IV separa novamente os observantes dos seculares, dando a ambos mais vigários gerais e provinciais ⁵¹⁴ .

⁵⁰³ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁵⁰⁴ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da observância franciscana em Portugal (1392-1517): História, Património e Cultura de uma experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Edição do Autor, p. 27.

⁵⁰⁵ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁵⁰⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁵⁰⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁵⁰⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵⁰⁹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁵¹⁰ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵¹¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁵¹² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁵¹³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 350.

1433	Fundação do convento do Espírito Santo, em Gouveia ⁵¹⁵ .
12 de dezembro de 1435	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Fernando Guerra ⁵¹⁶ .
1435-1455	Fundação do convento de São Francisco de Xabregas, em Lisboa ⁵¹⁷ .
1437	Fundação do convento de Santa Cristina de Tentúgal ⁵¹⁸ .
1439	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Fernando Guerra ⁵¹⁹ .
1440	Fundação do convento de São Francisco do Funchal, na Madeira ⁵²⁰ .
5 de fevereiro de 1444	Sínodo Diocesano de Valença do Minho, realizado pelo bispo D. João Afonso Ferraz ⁵²¹ .
1444-1445	Fundação do convento de São Francisco de Caria, da Ordem Terceira ⁵²² .
1446	Bula <i>Ut sacra ordinis</i> , do Papa Eugênio IV, dando autonomia aos Observantes em relação aos Conventuais ⁵²³ .
1446	Fundação do convento de Nossa Senhora das Vitórias, na Vila do Porto, na ilha de Santa Maria, em Açores ⁵²⁴ .
1447	Fundação do convento de Vilares de Marialva, da Ordem Terceira ⁵²⁵ .

⁵¹⁴ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 21.

⁵¹⁵ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵¹⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁵¹⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵¹⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵¹⁹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 8.

⁵²⁰ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵²¹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 421.

⁵²² TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵²³ TEIXEIRA, V. R. G. (2004). *O movimento da observância franciscana em Portugal (1392-1517): História, Patrimônio e Cultura de uma experiência de Reforma Religiosa*. Porto: Edição do Autor, p. 27.

⁵²⁴ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

1447-1453	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. Gonçalo Anes ⁵²⁶ .
1448	Fundação do convento de Nossa Senhora da Estrela, em Marvão ⁵²⁷ .
1448	Fundação do convento de Panela ⁵²⁸ .
1451	Fundação do convento de São Bernardino da Atouguia ⁵²⁹ .
1452	Fundação do convento de Bom Jesus de Peniche em Angra, Açores ⁵³⁰ .
1452	Fundação do convento de Senhora da Guia em Angra, Açores ⁵³¹ .
1453	Frei Roberto de Lício junta 35 veneráveis doutores para revogar a bula de Eugénio IV contra os observantes em Itália, o que se mostrou inverso, favorecendo os observantes ⁵³² .
1454	Fundação do convento de Nossa Senhora do Loreto, no Cacém ⁵³³ .
1455	Bula <i>Romanus Pontifex</i> , realizada pelo Papa Nicolau V, onde autoriza D. Afonso V a enviar missionários da Igreja ao território português ⁵³⁴ .

⁵²⁵ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵²⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 353.

⁵²⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵²⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵²⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵³⁰ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵³¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵³² TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵³³ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 22.

⁵³⁴ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 38.

1458	Fundação do convento de clarissas em Évora ⁵³⁵ .
23 e 29 de maio de 1459	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Fernando Guerra ⁵³⁶ .
1459-1480	Fundação do convento de São Bernardino da Câmara de Lobos, na Madeira ⁵³⁷ .
1459	Fundação de uma casa de clarissas em Beja ⁵³⁸ .
c. 1462	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Afonso Nogueira ⁵³⁹ .
1465-1595	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. João de Azevedo ⁵⁴⁰ .
18 de novembro de 1466	Sínodo Diocesano de Évora, realizado pelo bispo D. Luís Pires ⁵⁴¹ .
18 de novembro de 1467	Sínodo Diocesano de Évora, realizado pelo bispo D. Luís Pires ⁵⁴² .
1467	Fundação de convento de clarissas em Tomar ⁵⁴³ .
1470	Fundação do convento de Santo António do Varatojo ⁵⁴⁴ .
9 de agosto de 1471	Eleito o segundo papa franciscano, Papa Sisto IV (Francesco della Rovere).
1472	Fundação do convento de Tânger e provavelmente de Vila Real ⁵⁴⁵ .
28 de julho de 1472	Sínodo Diocesano de Valença do Minho, realizado pelo bispo D. João Afonso Ferraz II ⁵⁴⁶ .

⁵³⁵ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵³⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 7.

⁵³⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵³⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵³⁹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 339.

⁵⁴⁰ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 353.

⁵⁴¹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 218.

⁵⁴² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 219.

⁵⁴³ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁴⁴ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁴⁵ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

1476	Transferência dos frades observantes de São Clemente das Penas para o de Conceição, em Leça da Palmeira ⁵⁴⁷ .
1477	Constituição sinodal feita em Braga pelo bispo D. Luís Pires ⁵⁴⁸ .
1477	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Luís Pires ⁵⁴⁹ .
1480	Fundação do convento de Nossa Senhora da Conceição de Vila da Praia, nos Açores ⁵⁵⁰ .
1481	Novo convento em Ponte de Lima dos observantes ⁵⁵¹ .
1481	Construção dos eremitérios de Santa Maria da Franqueira, perto de Barcelos e de Azinhoso ⁵⁵² .
1482	Sínodo Diocesano de Valença do Minho, realizado pelo bispo D. Frei Justo Baldino ⁵⁵³ .
12 de agosto de 1484	Morte do segundo papa franciscano, Papa Sisto IV (13 anos e 3 dias).
c. 1484	Sínodo Diocesano de Lisboa, realizado pelo bispo D. Jorge da Costa ⁵⁵⁴ .
21 de setembro de 1486	Sínodo Diocesano de Valença do Minho, realizado pelo bispo D. Frei Justo Baldino ⁵⁵⁵ .
1487-1505	Sínodo Diocesano de Viseu, realizado pelo bispo D. Fernando Gonçalves de Miranda ⁵⁵⁶ .
6 de dezembro de 1488	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Jorge da Costa ⁵⁵⁷ .
1489	Aprovação dos fundamentos da Ordem das Freiras da Conceição, fundada por D ^a . Brites (Beatriz) da Silva, pelo papa Inocêncio VIII ⁵⁵⁸ .

⁵⁴⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 442.

⁵⁴⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁴⁸ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 73-74.

⁵⁴⁹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 73-74.

⁵⁵⁰ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁵¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁵² TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁵³ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 447.

⁵⁵⁴ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 339.

⁵⁵⁵ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 452.

⁵⁵⁶ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 460.

⁵⁵⁷ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 137.

	1490	Fundação do convento de clarissas em Setúbal ⁵⁵⁹ .
	23 de outubro de 1491	Nascimento de Íñigo López, conhecido como Santo Inácio de Loyola, em Azpeitia.
	1493	Bula <i>Inter cetera</i> , realizada pelo Papa Alexandre VI, determinando os limites territoriais entre Portugal e Castela ⁵⁶⁰ .
	1494	Fundação do convento de Santo António de Campo Maior ⁵⁶¹ .
	7 de junho de 1494	Assinatura do Tratado de Tordesilhas definindo o território já descoberto e a descobrir entre Portugal e Espanha ⁵⁶² .
	1495	Fundação do convento de Santa Clara do Funchal, em Madeira ⁵⁶³ .
	1496	Fundação do convento de Montemor-o-Novo ⁵⁶⁴ .
	24 de agosto de 1496	Sínodo Diocesano do Porto, realizado pelo bispo D. Diogo de Sousa ⁵⁶⁵ .
	1497	Fundação do convento de Barcelos na Franqueira (antigo eremitério) ⁵⁶⁶ .
	1498	Fundação do convento de clarissas de Valença do Minho ⁵⁶⁷ .
Séc. XVI	22 de abril de 1500	Pedro Alvares Cabral chega à costa brasileira.
	26 de Abril de 1500	Celebração da primeira missa em território brasileiro, celebrado pelo frade franciscano Frei Henrique Soares ⁵⁶⁸ .

⁵⁵⁸ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁵⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁶⁰ ASSIS, M. H.; BARBOSA, B. F.; MENDES, D. (2008). “Acervos históricos e artísticos: Convento de São Francisco em Olinda”. Lisboa: *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, Ano VII, n. 13/14, p. 289.

⁵⁶¹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁶² SERRÃO, J. (1999-2000). *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Figueirinhas, vol. 9, p. 175-176.

⁵⁶³ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁶⁴ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 23.

⁵⁶⁵ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 354.

⁵⁶⁶ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 24.

⁵⁶⁷ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 24.

1500	Fundação do convento de Olivença ⁵⁶⁹ .
1500	Fundação do convento de Vila Viçosa ⁵⁷⁰ .
12 de maio de 1500	Sínodo Diocesano de Guarda, realizado pelo bispo D. Pedro Vaz Gavião ⁵⁷¹ .
1 de novembro de 1503	Eleito o terceiro papa franciscano, Papa Júlio II (Giuliano della Rovere).
15 de dezembro de 1505	Sínodo Diocesano de Braga, realizado pelo bispo D. Diogo de Sousa ⁵⁷² .
20 de fevereiro de 1513	Morte do terceiro papa franciscano, Papa Júlio II (9 anos, 3 meses e 19 dias).
1517	Fundação da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, pelo Papa Leão X.
1517	Bula <i>Ite vos</i> , realizada pelo Papa Leão X, confirmando a separação definitiva entre os Frades Menores Conventuais e os Observantes.
1532	Criação da Mesa de Consciência e Ordens ⁵⁷³ .
1535	Fundação do povoado de Olinda, por Duarte Coelho.
1537	Bula <i>Sublimis Deus</i> , realizada pelo Papa Paulo III, reconhecendo a humanidade dos índios, proibindo sua escravização e defendendo o seu direito aos sacramentos ⁵⁷⁴ .
12 de março de 1537	O povoado de Olinda é elevada a categoria de vila.
27 de setembro de 1540	Bula <i>Regimini militantes Ecclesiae</i> , realizada pelo Papa Paulo III, confirmando a <i>Fórmula do Instituto da Companhia de Jesus</i> ⁵⁷⁵ .

⁵⁶⁸ VIDE, S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, p. 7.

⁵⁶⁹ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 24.

⁵⁷⁰ TEIXEIRA, V. R. G. (1995). *O maravilhoso no mundo franciscano português da Baixa Idade Média*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 24.

⁵⁷¹ GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 223.

⁵⁷² GARCIA, A. G. y (1984). *Synodicon Hispanum*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 138.

⁵⁷³ OLIVEIRA, M. A. R. de (2003). *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 165.

⁵⁷⁴ SOUSA, Ana Cristina Correia de (2017). *A presença dos metais nos altares dos séculos XV e XVI: uma leitura a partir da iconografia da "Missa de São Gregório"*. RODAS ESTRADA, Juan Haroldo; SALAZAR SIMARRO, Nuria; PANIAGUA PÉREZ, Jesús. El tesoro del lugar florido. Estudios sobre la plata ibero-americana. Siglos XVI-XIX. León: Ed. El Forastero, 2017, pp. 116.

⁵⁷⁵ PINTO, Rooney Figueiredo (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, p. 81-82.

1545-1547	Primeira fase do Concílio de Trento, durante o papado de Paulo III ⁵⁷⁶ .
1550	Bula <i>Exposcit debitum</i> , realizada pelo Papa Júlio III, aprova a segunda redação da fórmula jesuítica ⁵⁷⁷ .
1551	Bula <i>Super specula militantes ecclesiae</i> , que origina o primeiro bispado no Brasil, em Salvador, por ordem de D. Manuel I ⁵⁷⁸ .
1551-1552	Segunda fase do Concílio de Trento, durante o papado de Júlio III ⁵⁷⁹ .
1554	Criação da diocese de Salvador ⁵⁸⁰ .
1554	Publicação dos decretos tridentinos em Portugal, por incentivo do Cardeal-Infante D. Henrique e do Arcebispo de Braga, Frei Bartolomeu dos Mártires ⁵⁸¹ .
31 de julho de 1556	Falecimento de Santo Inácio de Loyola, em Roma.
1556-1557	Frei Marcos de Lisboa escreve as <i>Chronicas da Ordem dos Frades Menores</i> ⁵⁸² .
1562-1563	Terceira fase do Concílio de Trento, durante o papado de Pio IV ⁵⁸³ .
1577	Data mais antiga de que se tem registro sobre a antiga ermida dedicada a Nossa Senhora das Neves, fundada pela Irmã Terceira D. Maria Rosa e que foi doada aos franciscanos ⁵⁸⁴ .
1580	Início da União Ibérica, com a coroação de Filipe I de Portugal.
1584	Fundação da Custódia de Santo Antônio do Brasil, em Portugal ⁵⁸⁵ .

⁵⁷⁶ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. XII.

⁵⁷⁷ PINTO, Rooney Figueiredo (2014). *A Iconografia Mariana no Espaço Jesuíta Português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, p. 81-82.

⁵⁷⁸ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 40.

⁵⁷⁹ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. XII.

⁵⁸⁰ OLIVEIRA, M. A. R. de (2003). *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 166.

⁵⁸¹ MARQUES, C. T. e (2007). *Nos bastidores da liturgia tridentina: o mobiliário monumental e as sacristias em Portugal do século XVI ao XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, p. 9.

⁵⁸² LISBOA, Fr. M. (1557). *Chronicas da Ordem dos Frades Menores*. Lisboa: em casa de Ioannes Blauio.

⁵⁸³ BORROMEU, C. (1985). *Instrucciones de la Fábrica y Del Ajuar Eclesiástico*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, p. XII.

⁵⁸⁴ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 59.

12 de abril de 1585	Chegada de Frei Melchio de Santa Catarina a Olinda ⁵⁸⁶ .
24 de abril de 1585	Eleição do quarto papa franciscano, Papa Sisto V (Felice Peretti).
27 de setembro de 1585	Doação do terreno cedido aos franciscanos por Maria Rosa ⁵⁸⁷ .
4 de outubro de 1585	Estabelecimento definitivo dos Frades Menores no Convento de São Francisco de Olinda (PE) ⁵⁸⁸ .
1587	Fundação do Convento de São Francisco de Salvador (BA) ⁵⁸⁹ .
1588	Fundação do Convento de Santo Antônio de Igarassu (PE) ⁵⁹⁰ .
1589-90	Fundação do Convento de Santo Antônio de João Pessoa (PB) ⁵⁹¹ .
27 de agosto de 1590	Morte do quarto papa franciscano, Papa Sisto V (5 anos, 4 meses e 3 dias).
1590-91	Fundação do Convento de São Francisco de Vitória do Espírito Santo (ES) ⁵⁹² .
1593	Eleição de Frei Leonardo de Jesus, em Santo Antônio de Penella, para novo administrador da Custódia de Santo Antônio ⁵⁹³ .
1594	Chegada de Frei Leonardo de Jesus a Custódia de Santo Antônio ⁵⁹⁴ .
Maio de 1594	Fim da administração de Frei Melchior de Santa Catarina em Olinda ⁵⁹⁵ .

⁵⁸⁵ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 59.

⁵⁸⁶ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 223.

⁵⁸⁷ CAVALCANTI, S. T. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 67.

⁵⁸⁸ CAVALCANTI, S. T. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 67.

⁵⁸⁹ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁵⁹⁰ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁵⁹¹ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁵⁹² CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁵⁹³ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 224.

⁵⁹⁴ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 224.

	1596	Fundação do Curso de Artes no convento de São Francisco de Olinda ⁵⁹⁶ .
	17 de julho de 1596	Eleição de Frei Brás de São Jerônimo, no Capítulo celebrado na Casa de Nossa Senhora do Loreto do Amouro, para administrador da Custódia de Santo Antônio ⁵⁹⁷ .
	1596	Chegada de Frei Brás de São Jerônimo a Custódia de Santo Antônio ⁵⁹⁸ .
	1596	Fim da administração da Custódia de Santo Antônio de Frei Leonardo de Jesus ⁵⁹⁹ .
Séc. XVII	1602	Fim da administração de Frei Brás de São Jerônimo em Olinda ⁶⁰⁰ .
	1602	Início da administração de Frei Antônio da Estrela em Olinda e do seu prelado na mesma custódia, eleito pela Congregação celebrada no Convento de Santo Antônio de Lisboa ⁶⁰¹ .
	1605	Fim da administração de Frei Antônio da Estrela ⁶⁰² .
	14 de julho de 1606	Retorno de Frei Leonardo de Jesus para a administração da Custódia de Santo Antônio ⁶⁰³ .
	28 de outubro de 1606	Frei Leonardo de Jesus fez Junta para eleição de Prelados locais ⁶⁰⁴ .
	1606	Fundação do Convento de Santo Antônio do Recife (PE) ⁶⁰⁵ .
	1606	Fundação do Convento de Santo Antônio de Ipojuca (PE) ⁶⁰⁶ .

⁵⁹⁵ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 223.

⁵⁹⁶ AMORIM, M. (1999). “A formação dos franciscanos no Brasil-Colônia à luz dos textos legais”. Lisboa: *Lusitania sacra*, 2ª série, 11, p. 369.

⁵⁹⁷ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 224.

⁵⁹⁸ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 224.

⁵⁹⁹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 224.

⁶⁰⁰ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 225.

⁶⁰¹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 225.

⁶⁰² JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 226.

⁶⁰³ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 227.

⁶⁰⁴ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 227.

⁶⁰⁵ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁰⁶ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

1606-07	Fundação do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro (RJ) ⁶⁰⁷ .
21 de julho de 1607	Fundação do Curso de Artes e Teologia no convento de São Francisco de Olinda ⁶⁰⁸ .
1608	Eleição de Frei Francisco dos Santos em Congregação realizada na Casa de Nossa Senhora do Amparo para a administração da Custódia de Santo Antônio ⁶⁰⁹ .
1609	Fim da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Leonardo de Jesus ⁶¹⁰ .
1609	Início da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Francisco dos Santos ⁶¹¹ .
1612	Envio de frades capuchinhos franceses para o Maranhão ⁶¹² .
1612	Fim da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Francisco dos Santos ⁶¹³ .
1612	Retorno à administração da Custódia de Santo Antônio pelo Frei Antônio da Estrela ⁶¹⁴ .
Dezembro de 1613	Fim da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Antônio da Estrela, por motivo de falecimento no Convento de Olinda ⁶¹⁵ .
15 de fevereiro de 1614	Eleição de Frei Vicente do Salvador em Capítulo realizado em Santo Antônio de Lisboa para administração da Custódia de Santo Antônio ⁶¹⁶ .
1614	Início da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Vicente do Salvador ⁶¹⁷ .

⁶⁰⁷ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁰⁸ AMORIM, M. (1999). “A formação dos franciscanos no Brasil-Colônia à luz dos textos legais”. Lisboa: *Lusitania sacra*, 2ª série, 11, p. 369.

⁶⁰⁹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 228.

⁶¹⁰ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 227.

⁶¹¹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 228.

⁶¹² GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 9.

⁶¹³ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 228.

⁶¹⁴ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 229.

⁶¹⁵ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 229.

⁶¹⁶ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 230.

⁶¹⁷ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 229.

15 de outubro de 1614	Primeiro Capítulo em território brasileiro, onde se realização as eleições de Definidores da Custódia de Santo Antônio (foram eleitos: Frei Antônio da Ilha, Frei Manuel de Portalegre, Frei Bernardino de Santiago e Frei Simão de Santo Antônio) ⁶¹⁸ .
1615	Expulsão dos frades capuchinhos franceses do Maranhão ⁶¹⁹ .
14 de janeiro de 1617	Eleição de Frei Paulo de Santa Catarina, realizada em Capítulo celebrado em Santo Antônio de Lisboa para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶²⁰ .
1617	Início da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Paulo de Santa Catarina ⁶²¹ .
16 de novembro de 1619	Eleição de Frei Manoel de Cristo, realizada em Capítulo na Província de Santo Antônio de Lisboa para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶²² .
1620	Chegada de Frei Manoel de Cristo a Custódia de Santo Antônio do Brasil ⁶²³ .
1622	Fundação da Sagrada Congregação de Propagação da Fé ⁶²⁴ .
1623	Eleição de Frei Antônio de Braga, realizada em Capítulo em Santo Antônio de Lisboa para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶²⁵ .
1624-25	Salvador é invadido pelos holandeses.
1624	Chegada de Frei Antônio de Braga na Custódia de Santo Antônio do Brasil ⁶²⁶ .
7 de setembro de 1626	Eleição de Frei Antônio dos Anjos, realizada em Capítulo em Santo Antônio de Lisboa para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶²⁷ .

⁶¹⁸ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 230.

⁶¹⁹ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 10.

⁶²⁰ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 230.

⁶²¹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 230.

⁶²² JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 231.

⁶²³ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 231.

⁶²⁴ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 41.

⁶²⁵ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 232.

⁶²⁶ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 232.

⁶²⁷ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 234.

1627	Início da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Antônio dos Anjos ⁶²⁸ .
1629	Fundação do Convento de Santo Antônio de São Francisco do Conde (BA) ⁶²⁹ .
Outubro de 1629	Eleição de Frei Simão de Santo Antônio, realizado em Capítulo de Santo Antônio de Lisboa para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶³⁰ .
Novembro de 1629	Início da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Simão de Santo Antônio ⁶³¹ .
15 de fevereiro de 1630	Sob o comando de Hendrick Lonck, 67 navios da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais tomam de assalto Olinda e Recife.
1630	Fundação do Convento de São Francisco de Sirinhaém (PE) ⁶³² .
24 de novembro de 1631	Incêndio provocado pelos holandeses em Olinda ^{633 634} .
22 de janeiro de 1633	Eleição de Frei Cosme de São Damião, realizado em Capítulo na Província para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶³⁵ .
1633	Início da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Cosme de São Damião ⁶³⁶ .
1637	O conde João Maurício de Nassau Siegen chega a Pernambuco para administrar o território conquistado.
18 de novembro de 1637	Eleição de Frei Manoel de Santa Maria, realizado em Congregação na Província para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶³⁷ .

⁶²⁸ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 234.

⁶²⁹ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶³⁰ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 235.

⁶³¹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 235.

⁶³² CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶³³ CAVALCANTI, S. T. de H. (2006). *O azulejo na arquitetura religiosa de Pernambuco (Séculos XVII e XVIII)*. São Paulo: Metalivros, p. 67.

⁶³⁴ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 61.

⁶³⁵ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 235.

⁶³⁶ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 235.

⁶³⁷ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 236

1639	Fundação do Convento de Santo Antônio de Santos (SP) ⁶³⁸ .
1639	Fim da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Cosme de São Damião ⁶³⁹ .
1639	Impressão, em Roma, dos Estatutos Gerais das Índias ⁶⁴⁰ .
1639	O convento de Olinda é abandonado completamente pelos frades ⁶⁴¹ .
6 de agosto de 1639	Início da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Manoel de Santa Maria, na Bahia ⁶⁴² .
1640-1668	Guerra da Restauração. Independência de Portugal perante a Espanha (fim da União Ibérica) que culmina com a coroação de Pedro de Bragança (Pedro II de Portugal).
1641	Frades capuchinhos bretões são capturados e levados da Angola para o Recife pelos holandeses ⁶⁴³ .
Agosto de 1642	Início da administração da Custódia de Santo Antônio por Frei Francisco das Neves ⁶⁴⁴ .
29 de setembro de 1647	Eleição de Frei Gabriel do Espírito Santo, realizado pela Mesa da Definição na Província em junta para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶⁴⁵ .
18 de abril de 1647	Independência da Custódia do Brasil da Província de Portugal pelo Papa Inocêncio X ⁶⁴⁶ .
24 de fevereiro de 1649	Eleição de Frei João Batista, realizado em Capitulo no Convento de São Francisco na Bahia para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶⁴⁷ .

⁶³⁸ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶³⁹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 235.

⁶⁴⁰ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 234.

⁶⁴¹ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 61.

⁶⁴² JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 237.

⁶⁴³ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 15.

⁶⁴⁴ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 239.

⁶⁴⁵ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 239.

⁶⁴⁶ LINS, E. de A (2008). "A vida temporal e espiritual das Casas Franciscanas em face aos estatutos da província de Santo Antônio do Brasil". FERREIRA-ALVES, N. M.. *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPESE, p. 95. Frei Jaboatão coloca como tendo ocorrido em 14 de agosto deste mesmo ano. JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 240

1650	Início da administração de Frei Sebastião do Espírito Santo, substituindo o falecido Frei João Batista para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶⁴⁸ .
21 de novembro de 1650	Congregação realizada por Frei Sebastião do Espírito Santo para erguer três novos conventos (Cairu, Ilha Grande e Penha) ⁶⁴⁹ .
1650	Fundação do Convento de Santo Antônio de Cairu (BA) ⁶⁵⁰ .
1650	Fundação do Convento de Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo em Vila Velha (ES) ⁶⁵¹ .
1651	Capítulo Geral de Roma, onde o Ministro Geral Frei Pedro Manero pediu a concessão para elevar a Custódia de Santo Antônio do Brasil a Província ⁶⁵² .
14 de setembro de 1653	Eleição de Frei Daniel de São Francisco, realizada em Capítulo no Convento da Bahia para administrar a Custódia de Santo Antônio ⁶⁵³ .
1654	Insurreição Pernambucana (Expulsão dos holandeses).
1654	Retorno dos Frades Menores para o Convento de São Francisco de Olinda ⁶⁵⁴ .
1654	Reconstrução do Convento de Santo Antônio do Recife (PE) ⁶⁵⁵ .
1654	Reconstrução do Convento de Santo Antônio de Ipojuca (PE) ⁶⁵⁶ .

⁶⁴⁷ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 240.

⁶⁴⁸ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 242.

⁶⁴⁹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 242.

⁶⁵⁰ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁵¹ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁵² JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 244.

⁶⁵³ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 243.

⁶⁵⁴ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 61.

⁶⁵⁵ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁵⁶ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

1654	Reconstrução do Convento de São Francisco de Sirinhaém (PE) ⁶⁵⁷ .
1654	Reconstrução do Convento de Santo Antônio de Cairu (BA) ⁶⁵⁸ .
1655	Fundação do Convento de Nossa Senhora da Conceição em Itanhaém (SP) ⁶⁵⁹ .
24 de agosto de 1657	A Custódia do Brasil foi elevada a Província, através da Bula Papal de Alexandre VII ^{660 661} .
26 de agosto de 1657	Eleição de Frei Pantaleão Batista, realizado em Capitulo no Convento da Bahia para administrar a Província de Santo Antônio ⁶⁶² .
1657	Custódia da Imaculada Conceição eleva-se à categoria de província autônoma ⁶⁶³ .
1658	Fundação do Convento de Santo Antônio de Paraguaçu (BA) ⁶⁶⁴ .
1658	Fundação do Convento de São Francisco de São Cristóvão (SE) ⁶⁶⁵ .
1659	Fim da administração da Província de Santo Antônio por Frei Pantaleão Batista ⁶⁶⁶ .
1659	Criação da Custódia da Imaculada Conceição ⁶⁶⁷ “por indulto do Senhor Nuncio Cardial Protetor Francisco Barbarino” ⁶⁶⁸ .

⁶⁵⁷ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁵⁸ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁵⁹ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁶⁰ LINS, E. de A (2008). “A vida temporal e espiritual das Casas Franciscanas em face aos estatutos da província de Santo Antônio do Brasil”. FERREIRA-ALVES, N. M.. *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPESE, p. 95.

⁶⁶¹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 243-244.

⁶⁶² JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 243.

⁶⁶³ LINS, E. de A (2008). “A vida temporal e espiritual das Casas Franciscanas em face aos estatutos da província de Santo Antônio do Brasil”. FERREIRA-ALVES, N. M.. *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPESE, p. 95.

⁶⁶⁴ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁶⁵ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁶⁶ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 234.

1659	Elaboração do Primeiro Estatuto Provincial por Frei Cosme do Espírito Santo ⁶⁶⁹ .
1659	Início da administração da Província de Santo Antônio por Frei Aleixo da Madre de Deus ⁶⁷⁰ .
1660	Fundação do Convento de São Francisco de Marechal Deodoro (AL) ⁶⁷¹ .
1660	Fundação do Convento de São Boaventura em Itaboraí (RJ) ⁶⁷² .
1661	Reconstrução do Convento de Santo Antônio de Igarassu (PE) ⁶⁷³ .
1662	Reconstrução do Convento de São Francisco de Olinda (PE) ⁶⁷⁴ .
1665	Fim da administração da Província de Santo Antônio por Frei Aleixo da Madre de Deus, por processo judicial ocorrido nesse ano ⁶⁷⁵ .
1665	Fundação do hospício dos capuchinhos no Recife ⁶⁷⁶ .
24 de agosto de 1667	Eleição de Frei João da Luz, realizado em Capítulo no Convento de Olinda para administrar a Província de Santo Antônio ⁶⁷⁷ .
22 de novembro de 1670	Eleição de Frei João da Purificação, realizado em Capítulo no Convento da Bahia para administrar a Província de Santo

⁶⁶⁷ LINS, E. de A (2008). “A vida temporal e espiritual das Casas Franciscanas em face aos estatutos da província de Santo Antônio do Brasil”. FERREIRA-ALVES, N. M.. *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPESE, p. 95.

⁶⁶⁸ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 246.

⁶⁶⁹ LINS, E. de A (2008). “A vida temporal e espiritual das Casas Franciscanas em face aos estatutos da província de Santo Antônio do Brasil”. FERREIRA-ALVES, N. M.. *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPESE, p. 95.

⁶⁷⁰ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 245.

⁶⁷¹ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. *Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I*. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁷² CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. *Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I*. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁷³ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. *Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I*. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁷⁴ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. *Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I*. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁷⁵ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 250.

⁶⁷⁶ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 50.

⁶⁷⁷ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 280.

		Antônio ⁶⁷⁸ .
	1676	A vila de Olinda é elevada a categoria de cidade.
	1676	Criação da diocese de Olinda ⁶⁷⁹ .
	1676	Criação da diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro ⁶⁸⁰ .
	1677	Criação da diocese do Maranhão (vinculada diretamente à Lisboa) ⁶⁸¹ .
	1682	Fundação do Convento de Nossa Senhora dos Anjos em Penedo (AL) ⁶⁸² .
	1684	Reconstrução do Convento de São Francisco de Marechal Deodoro (AL) ⁶⁸³ .
	1686	Reconstrução do Convento de São Francisco de Salvador (BA) ⁶⁸⁴ .
	1693	Reconstrução do Convento de São Francisco de São Cristóvão (SE) ⁶⁸⁵ .
Séc. XVIII	1700-1754	Período de reformas e ampliação do Convento de São Francisco de Olinda ⁶⁸⁶ .
	1700	Início da reconstrução do Convento de Santo Antônio de João Pessoa (PB) ⁶⁸⁷ .

⁶⁷⁸ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 280.

⁶⁷⁹ OLIVEIRA, M. A. R. de (2003). *O Rocó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 166.

⁶⁸⁰ OLIVEIRA, M. A. R. de (2003). *O Rocó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 166.

⁶⁸¹ OLIVEIRA, M. A. R. de (2003). *O Rocó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 166.

⁶⁸² CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁸³ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁸⁴ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁸⁵ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁸⁶ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 62.

⁶⁸⁷ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

1702	Saída dos capuchinhos franceses do Brasil ⁶⁸⁸ .
1705	Fundação do Convento do Bom Jesus da Coluna no Rio de Janeiro (RJ) ⁶⁸⁹ .
14 de fevereiro de 1705	Entra em vigor os estatutos compilados pelo Frei Cosme do Espírito Santo, realizado em Capítulo no Convento da Bahia ⁶⁹⁰ .
12 de junho de 1707	Aprovação das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, ocorrida em sínodo diocesano pelo 5º arcebispo D. Sebastião Monteiro de Vide ⁶⁹¹ .
1709	Publicação dos Estatutos da Província de Santo Antônio do Brasil pelo Frei Cosme do Espírito Santo ⁶⁹² .
1710	Finalização da reconstrução do Convento de Santo Antônio de João Pessoa (PB) ⁶⁹³ .
1714	Reformas no Convento de Olinda (dentre elas as que retiraram os canos que alimentavam a cisterna) ⁶⁹⁴ .
1719	Criação da diocese de Belém (vinculada diretamente a Lisboa) ⁶⁹⁵ .
1748	Reformas para recolocar canos para alimentar a cisterna no Convento de Olinda ⁶⁹⁶ .
2 de dezembro de 1752	Determinação dos Padres da Mesa da Definição no Capítulo Provincial para as visitas feitas por Frei Jaboatão ⁶⁹⁷ .
1753-1754	Bloco da portaria do Convento de São Francisco de Olinda é edificado ⁶⁹⁸ .

⁶⁸⁸ GABRIELLI, C. M. M. (2009). *Capuchinhos Bretões no Estado do Brasil: estratégias políticas e missionárias (1642-1702)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, p. 77.

⁶⁸⁹ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁹⁰ LINS, E. de A (2008). "A vida temporal e espiritual das Casas Franciscanas em face aos estatutos da província de Santo Antônio do Brasil". FERREIRA-ALVES, N. M.. *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras. I*. Porto: CEPESE, p. 95.

⁶⁹¹ VIDE, D. S. M. de (1707). *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes, p. V.

⁶⁹² SANTO, Frei Cosme do Espírito (1709). *Estatutos da Província de Santo Antônio do Brasil*. Lisboa: Oficina de Manoel & Joseph Lopes Ferreyra.

⁶⁹³ CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2008). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial*. FERREIRA-ALVES, N. M. Os franciscanos no mundo português: Artistas e obras I. Porto: CEPESE, p. 18.

⁶⁹⁴ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 233.

⁶⁹⁵ OLIVEIRA, M. A. R. de (2003). *O Rococó Religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, p. 166.

⁶⁹⁶ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 233.

⁶⁹⁷ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, p. 2.

	1761	Publicação do “ <i>Novo orbe seráfico brasílico</i> ” pelo Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão ⁶⁹⁹ .
	19 de maio de 1769	Eleição do quinto papa franciscano, Papa Clemente XIV (Giovanni Vincenzo Antonio Ganganelli).
	22 de setembro de 1774	Morte do quinto papa franciscano, Papa Clemente XIV (5 anos, 4 meses e 3 dias).
Séc. XIX	24 de janeiro de 1808	Chegada da Família Real Portuguesa no Brasil.
	1817	O Convento de São Francisco de Olinda é ocupado por militares ⁷⁰⁰ .
	7 de setembro de 1822	Independência do Brasil.
	1837	Olinda perde o título de capital de Pernambuco para Recife.
	16 de junho de 1846	Eleição do sexto papa franciscano, Papa Beato Pio IX (Giovanni Maria Mastai-Ferretti).
	1858	Reimpressão do “ <i>Novo orbe seráfico brasílico</i> ” pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ⁷⁰¹ .
	3 de dezembro de 1859	D. Pedro II realiza visita ao Convento de São Francisco de Olinda ⁷⁰² .
	7 de fevereiro de 1878	Morte do sexto papa franciscano, Papa Pio IX (31 anos, 7 meses e 22 dias).
	20 de fevereiro de 1878	Eleição do sétimo papa franciscano, Papa Leão XIII (Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci-Prosperi-Buzzi).
	1881	Completa reedificação da torre sineira do Convento de São Francisco de Olinda que encontrava em péssimo estado de conservação ⁷⁰³ .
1885	Falecimento do último frade menor do Convento de São Francisco de Olinda, levando ao encerramento de suas atividades ⁷⁰⁴ .	

⁶⁹⁸ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 62.

⁶⁹⁹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense.

⁷⁰⁰ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 63.

⁷⁰¹ JABOATÃO, Fr. A. de S. M. (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense.

⁷⁰² AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 63.

⁷⁰³ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 63.

	1894-1901	Primeiros frades menores, de origem alemã, chegam ao Convento de São Francisco de Olinda e reiniciam suas funções conventuais ⁷⁰⁵ .
Séc. XX	20 de julho de 1903	Morte do sétimo papa franciscano, Papa Leão XIII (25 anos e 5 meses).
	4 de agosto de 1903	Eleição do oitavo papa franciscano, Papa São Pio X (Giuseppe Melchiorre Sarto).
	20 de agosto de 1914	Morte do oitavo papa franciscano, Papa São Pio X (11 anos e 16 dias).
	3 de setembro de 1914	Eleição do nono papa franciscano, Papa Bento XV (Giacomo della Chiesa).
	22 de janeiro de 1922	Morte do nono papa franciscano, Papa Bento XV (7 anos, 4 meses e 19 dias).
	6 de fevereiro de 1922	Eleição do décimo papa franciscano, Papa Pio XI (Ambrogio Damiano Achille Ratti).
	22 de julho de 1938	O Convento de São Francisco de Olinda é tombado pelo IPHAM ⁷⁰⁶ .
	10 de fevereiro de 1939	Morte do décimo papa franciscano, Papa Pio XI (17 anos e 4 dias).
	1944-1949	Primeiro ciclo de restauros do Convento de São Francisco de Olinda ⁷⁰⁷ .
	1950-1956	Segundo ciclo de restauros do Convento de São Francisco de Olinda ⁷⁰⁸ .
	28 de outubro de 1958	Eleição do décimo primeiro papa franciscano, Papa São João XXIII (Angelo Giuseppe Roncalli).
	1962-1975	Terceiro ciclo de restauros do Convento de São Francisco de Olinda ⁷⁰⁹ .

⁷⁰⁴ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 64.

⁷⁰⁵ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 64.

⁷⁰⁶ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 71.

⁷⁰⁷ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 73.

⁷⁰⁸ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 73.

⁷⁰⁹ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 73.

	3 de junho de 1963	Morte do décimo primeiro papa franciscano, Papa São João XXIII (4 anos, 7 meses e 6 dias).
	Década de 1980	Quarto ciclo de restauros do Convento de São Francisco de Olinda ⁷¹⁰ .
	1982	O centro histórico da cidade de Olinda é inserida na lista da UNESCO ⁷¹¹ .
	1990-2005	Quinto ciclo de restauros do Convento de São Francisco de Olinda ⁷¹² .

⁷¹⁰ AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 73.

⁷¹¹ UNESCO. *Historic Centre of the Town of Olinda*. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/189/>. Acesso em 28 de junho de 2017.

⁷¹² AGUIAR, B. C. de (2009). *Autenticidade e verdade: o processo de conservação do convento de Nossa Senhora das Neves*. Recife: Dissertação de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, p. 73.